



MINHA VIDA

A HISTÓRIA DE DUAS FAMÍLIAS







EKKEHART TAMUSSINO

MINHA VIDA

A HISTÓRIA DE DUAS FAMÍLIAS

2021





© Ekkehart Tamussino 2021

Ekkehart Tamussino

Pesquisa e texto

Elisabeth Seraphim Prosser

Organização do texto

Tratamento de imagens

Tradução para o português

Prof. Romeu Rössler Telma

Revisão da tradução

Redação final da versão brasileira

Elfriede Ehlert

Revisão do texto em alemão

Caroline Schroeder

Projeto Gráfico

Richard Braun

Capa

Fotografias: acervo do autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tamussino, Ekkehart

Minha vida : a história de duas famílias /

Ekkehart Tamussino ; tradução Elisabeth Seraphim

Prosser. -- 1. ed. -- Curitiba, PR : Ed. do Autor, 2021.

Título original: Mein Leben

Bibliografia

ISBN 978-65-00-19902-4

1. Biografias 2. Famílias 3. Genealogia I. Título.

21-60775

CDD-920

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Apoio: E. Tamussino & Cia. Ltda.





Agradecimentos

Este livro, com as histórias das duas famílias dos antepassados, os “von Poschenburg-Okròtny” e os “Tamussin(o)”, eu o dedico à minha família Tamussino, à minha esposa, Helga, aos meus filhos, filhas, netos e netas, para que eles, futuramente, possam conhecer mais da vida dos seus antepassados, de suas lutas e suas dificuldades, mas também de suas alegrias, realizações e sucessos. Que seja um incentivo para as novas gerações, ficando o ensinamento de que nada se ganha com facilidade, nem hoje, nem no futuro. A vida é uma eterna luta, a qual se deve travar com alegria e esperança!

Meus agradecimentos aqui vão para:

Roswitha Tamussino que me cedeu a cópia escrita por minha mãe logo após a 2ª Guerra Mundial, e que foi preservada em sua casa;

Ursula Jutta Katharina Tamussino, que me cedeu vários documentos dos nossos avôs;

Thomas Michael Tamussino, que me recebeu de braços abertos em Mödling, mostrando a empresa Thomas Tamussino Eisenkonstruktionen GmbH, tal como ela atualmente se encontra após 153 anos de existência. Presenteou-me com o livro “Oben Drauf”, publicado pela empresa e que discorre sobre construções antigas e modernas com o emprego de aço e alumínio;

Ingo Knut Gunnar Tamussino, meu irmão, que me ajudou com vários relatos sobre os nossos pais;







Enrico Agostinis, que me presenteou com o seu livro “Le anime e le pietre”, o qual relata tudo sobre as famílias de Colina desde o século XVII;

Elisabeth Seraphim Prosser, que me ajudou tanto na organização do texto, como na preparação das imagens e na tradução para o português;

Casal Pastor Ehlert, que fez a revisão final do texto em alemão;

Karin Matz, que me ajudou com a revisão final da tradução do texto para o português;

Richard Braun, pelo seu trabalho da capa externa do livro;

Caroline Schroeder, pela organização e finalização da parte gráfica deste livro, e

Prof. Dr. Romeu Rössler Telma, pela revisão da tradução e pela redação final da versão brasileira.

Agradeço ainda a todos que porventura não mencionei e que me ajudaram, me dando força para poder concluir este trabalho, que levou alguns anos até chegar a este final.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Meus agradecimentos especiais, no entanto, vão para minha querida esposa Helga Tamussino, que por mais de quarenta anos está compartilhando sua vida comigo, tanto em momentos felizes, quanto naqueles mais tristes ou difíceis, e sempre me incentivou a escrever este livro. Nos tempos agitados de hoje, conheço poucos casais que podem olhar para trás e constatar uma coexistência tão harmoniosa, compreensiva e de respeito mútuo como a nossa. Obrigado Helga por você existir na minha vida!





Sumário

| | |
|-----|--|
| 13 | INTRODUÇÃO |
| 17 | 1. A História da família von Poschenburg-Okròtny |
| 69 | 2. A História dos di Tamosis e dos Tamussin, até os Tamussino |
| 72 | Seguindo as pistas dos Tamussin |
| 83 | Partindo dos di Tamosis aos Tamussin e aos Tamussino |
| 92 | Nossas pesquisas familiares sobre os Tamussin da Itália do século XIX |
| 101 | Como meu bisavô foi de Collina por sobre as montanhas até Kärnten |
| 107 | 3. Meus avós e meus pais |
| 109 | Meu avô, Thomas Johann Tamussin(o) |
| 114 | Minha avó, Gabriele Krickl Tamussino |
| 116 | Tio Fritz (Friedrich Ludwig Tamussino), irmão do meu pai |
| 127 | Stephan Victor Thomas Tamussin(o), meu pai |
| 136 | Meu avô, Ladislaus Julius von Poschenburg-Okròtny |
| 143 | Flora Wilhelmine Auguste von Poschenburg-Okròtny, minha avó |
| 148 | Minha mãe, Hedwig Flora Maria Tamussino |
| 155 | 4. Praga, fuga para a Áustria e minha juventude |
| 157 | Mudança de Rostock para Praga |
| 161 | Os últimos dias em Praga |





- 163 A fuga de Praga para Viena
167 Meus tempos de escola em Mödling
178 Escola Técnica de Hotelaria e estágio (1952-1954)
- 181 5. Experiência profissional e pessoal (andanças de solteiro)**
- 183 Minhas primeiras experiências profissionais (1954)
185 Bad Gastein, Semmering e Viena (1954-1955 e 1957-1958)
191 Düsseldorf (1955)
195 Suíça (1956-1958)
195 *Zurique*
198 *Lausanne*
205 Novamente Bad Gastein e Viena (1957-1958)
207 Scheveningen, Holanda (1958)
210 Berlim (1958-1959)
215 Outra vez Lausanne (1959)
217 De novo Berlim (1959-1960)
217 Badenweiler (1960)
- 221 6. Chegada ao Rio de Janeiro e primeiro emprego (1960)**
- 223 No começo, no Rio de Janeiro
229 Hotel Ouro Verde, Rio de Janeiro (1960-1964)
- 237 7. Chegada à empresa Henrique Gomma (1964) e nova família no Brasil**
- 239 A empresa Henrique Gomma e o início da minha nova família
241 O nascimento de Stefan e Tatiana
244 De volta a 1968
246 Primeiros anos na empresa Henrique Gomma (de 1965 em diante)
251 KRETZTECHNIK e ADR-Advanced Diagnostic Research
255 COOK Inc.





| | |
|-----|--|
| 259 | 8. Uma Nova Fase Da Minha Vida: Helga e a Empresa E. Tamussino |
| 261 | Como conheci Helga (1979) |
| 263 | A família de Helga |
| 271 | Michaela |
| 272 | A aquisição da empresa Gomma-Tamussino e sua mudança para E. Tamussino |
| 275 | 9. A grande crise dos anos 1980 e novos produtos |
| 279 | A criação da fábrica de aparelhos de raios-X |
| 295 | 10. Fogo e recomeço (1992-1993) |
| 298 | Fogo |
| 300 | MEDRAD |
| 303 | 11. Nossa mudança para Curitiba (1993) e o crescimento da Empresa E. Tamussino & Cia. Ltda. |
| 308 | Como Helga e eu nos decidimos por Curitiba |
| 315 | 12. Sobre a matriz e as nove atuais filiais da empresa |
| 317 | A matriz, no Rio de Janeiro (1959) |
| 320 | A filial nº 1: São Paulo (25 nov. 1979) |
| 322 | A filial nº 2: fábrica no Rio de Janeiro (4 dez. 1980); e após a filial Curitiba, Paraná (1994) |
| 323 | A filial nº 3: Recife, Pernambuco (8 nov. 2000) |
| 324 | A filial nº 4: Porto Alegre, Rio Grande do Sul (25 nov. 2004) |
| 324 | A filial nº 5: Belo Horizonte, Minas Gerais (22 fev. 2013) |
| 324 | A filial nº 6: Florianópolis, Santa Catarina (23 jul. 2013) |
| 325 | A filial nº 7: Brasília (Capital Federal) (20 out. 2014) |
| 325 | A filial nº 8: Ribeirão Preto, São Paulo (início de 2020) |
| 325 | A filial nº 9: Salvador, Bahia (início de 2020) |
| 327 | Feliz e bem! |





| | |
|------|---|
| 329 | 13. A Schlaraffia® e a AMIG |
| 332 | O que é a Schlaraffia®? |
| 332 | Como é fundado um novo Reino? |
| 334 | A fundação da Schlaraffia® Curitibana (1994) |
| 341 | A Associação Pró-Memória da Imigração Germânica, AMIG (2008) |
| | |
| 345 | 14. Outros acontecimentos, um olhar para o futuro (meus filhos e meus netos) |
| 349 | Nossa vida em Curitiba |
| 351 | Minha alegria maior |
| 352 | Stefan, Renata, João Viktor e Beatriz |
| 355 | Tatiana, Marcelo, Rodrigo e Thiago |
| 358 | Michaela e Bernardo |
| 360 | Toda a família Ekkehart Tamussino |
| | |
| 363 | 15. Por que o Brasil? |
| 366 | Este registro |
| | |
| 367 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS |
| | |
| 368 | ANEXO: Árvores Genealógicas das famílias Poschenburg-Okròtny e Tamussino |







Introdução

Minha Vida ou "Por quê o Brasil?" Histórias da família de Ekkehart Tamussino

Ekkehart Helmut Gunter Tamussino,
1938, nascido em Rostock, Alemanha

*Eu dormia e sonhava, que a vida seria alegria;
Eu acordei e vi, que a vida era dever!
Eu trabalhei e vi: o dever era alegria!*

Rabindranath Tagore
(filósofo indiano)

A reconstituição de uma história de vida já é, em si, um imenso desafio, considerando que se necessita retroagir os pensamentos e lembranças em sessenta, setenta ou até mais anos. No entanto, eu não quero apenas escrever as minhas memórias, mas decidi ampliar o escopo deste projeto para incluir, também, informações, legados e escritos de origens diversas, tanto familiares, quanto aquelas advindas de pesquisadores e historiadores. É, portanto, uma abordagem que engloba não só uma retrospectiva pessoal, como, também, pesquisas, relatos, transcrições de outros membros das famílias aqui retratadas, acompanhadas de esforços pessoais de visitas, contatos, entrevistas e pesquisas efetuadas em diferentes momentos, e que formam um conjunto bem mais abrangente do que um simples relato de recordações. Obviamente, procurarei ser o mais objetivo possível, deixando claro que este projeto já o venho desenvolvendo desde que completei sessenta e seis anos de idade, quando lancei um olhar para a trajetória já percorrida, e decidi condensá-la em um livro, dedicado à





minha posteridade. Mais que um livro de memórias, é o livro da história da minha vida.

A maior parte do seu conteúdo se baseia em informações, tanto sobre a família Poschenburg-Okròtny quanto sobre a família Tamussin(o), as quais obtive na Áustria e na Itália, através de contatos pessoais e de visitas „in loco“, sempre que praticável. Foram inseridos, também, depoimentos e lembranças de outros membros das duas famílias. Além disso, sempre que disponíveis, foram adicionados documentos e fotografias.

Eu, Ekkehart Helmut Gunter Tamussino, nasci em 11 de maio de 1938, em Rostock, Mecklenburg, Alemanha, então sob o regime do chamado III Reich. Como assim, Alemanha, se meus pais eram austríacos? É aí que começa a história. Meus pais se conheceram em Baden, perto de Viena, enquanto trabalhavam na Companhia Nacional de Seguros de Saúde. Quando o movimento nacional-socialista começou na Áustria – eles ainda eram muito jovens – decidiram filiar-se ao NSDAP – Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou National Sozialistische Deutsche Arbeiter Partei, o qual foi proibido logo depois, em 1933, no governo do Chanceler Federal Schuschnigg, com a subsequente perseguição aos membros do partido. Em consequência, meus pais tiveram que fugir para a Alemanha, praticamente da noite para o dia. Chegando lá, primeiramente registraram-se como refugiados políticos. Direcionados para a cidade de Rostock, no norte da Alemanha, lá logo conseguiram trabalho e lhes foi concedida a cidadania alemã. Lá permaneceram por alguns anos, ao longo dos quais nasceram, em 17 de janeiro de 1937, meu irmão, Ingo Knut Gunnar Tamussino e, um ano e quatro meses depois, este autor, eu, Ekkehart Helmut Gunter Tamussino.

Depois de alguns anos em Rostock, nos mudamos para Praga por volta de 1941, onde nasceu, em 5 de abril de 1945, minha irmã, Ilonka Claudia Diana Tamussino.

Ao término da guerra, a família voltou para Mödling, na Áustria, cidade onde meu pai havia nascido e onde, depois, vivi minha época de escola e de formação. Depois de concluir meus estudos na Escola Técnica de





Hotelaria, trabalhei na Áustria, Alemanha, Holanda e Suíça (1954-1960).

Minha decisão em aceitar uma proposta de ir para o Brasil, por um ano, 1960, somente contribuiria para modificar totalmente minha vida, e de forma muito positiva. A principal razão pela qual eu aceitei essa proposta, era a chance de economizar, no mínimo, os custos do primeiro ano letivo na École Suisse de L'Hotellerie, de Lausanne – uma vez que eu desejava melhorar minha formação profissional e não queria, de modo nenhum, continuar trabalhando como garçom. Na época, eu não tinha a menor ideia de que as coisas tomariam um rumo completamente diferente, a partir do momento em que eu assinasse o contrato para trabalhar no Hotel Ouro Verde, no Rio de Janeiro, como garçom bilingue, ou "Chef de Rang".

Em 1964, comecei a trabalhar na empresa Henrique Gomma & Cia. Ltda. Comecei como simples funcionário do escritório, mas um ano depois, já era procurador e sócio cotista. Ao longo dos dezesseis anos seguintes, fui comprando, gradualmente, a empresa, até me tornar seu único proprietário e mudar o seu nome para o atual E. Tamussino & Cia. Ltda. Voltarei a escrever sobre isso mais adiante.

Mas, antes de contar sobre a minha própria trajetória, quero retratar tanto as histórias da minha família materna quanto da paterna, as quais tive a sorte de descobrir a partir de felizes coincidências.

O primeiro capítulo deste livro relata a história da família Poschenburg, nome este que foi posteriormente alterado para Poschenburg-Okròtny. Esta modificação foi oficializada graças à concessão do título de "Barão von Poschenburg-Okròtny" ao meu avô, que era Tenente Coronel do Império Austro-Húngaro. Infelizmente, os documentos relacionados a esta titulação foram provavelmente extraviados no final da Primeira Guerra Mundial. Minhas investigações junto aos Arquivos de Guerra e do Estado, em Viena, não tiveram sucesso até o momento.

O segundo capítulo conta a história da família Tamussin (sem o "o" no final) e dos ancestrais, dos "di Tamosis", os quais já haviam se estabelecido em Collina, no norte da Itália, perto da fronteira austríaca, entre os séculos XIV e XV. Recebi pessoalmente essas informações de atuais





moradores de Collina.

O terceiro capítulo versa sobre meus avós, sobre os quais sei muito pouco, pois quase todos já haviam morrido antes de eu nascer, e meus pais. Conheci somente minha avó, Flora Wilhelmine Auguste von Poschenburg-Orkròtny, com quem tinha um bom contato, a qual veio a falecer em 1970.

Mais adiante, escreverei sobre nosso tempo em Praga e sobre a fuga para a Áustria no final da guerra. Em Mödling, meus pais reconstruíram uma nova vida e, lá, nós os três filhos, passamos nossos anos de infância, escola e adolescência. Na sequência, passarei a relatar minha experiência profissional no setor hoteleiro em diferentes cargos e cidades na Europa.

Finalmente, descrevo minha chegada ao Rio de Janeiro, meu primeiro emprego no Brasil, no Hotel Ouro Verde, e, mais tarde, sobre minha nova experiência como empresário na firma Henrique Gomma, o que me proporcionou uma reviravolta de 180 graus.

Os últimos capítulos destacam a evolução e a posterior mudança de nome da empresa Henrique Gomma para E. Tamussino & Cia. Ltda. e o seu crescimento exponencial, nas décadas de 1970 e 1980, e até os dias atuais. Relatarei, ainda, sobre atividades sociais e culturais, tais como a fundação da Schlaraffia® em Curitiba, em 1994 – uma confraria de homens de língua alemã, com sede em Berna, na Suíça, dedicada à arte, à amizade e ao humor; e, ainda, a liderança na criação da AMIG – Associação Pró-Memória da Imigração Germânica, em 2008). Para finalizar, comentarei sobre alguns eventos mais recentes, bem como farei registros pontuais e atualizados sobre minha família.

Esta minha história, eu a dedico aos meus três filhos: Stefan Viktor Thomas Tamussino, Tatiana Tamussino Ferreira e Karen Michaela Tamussino e também aos meus hoje cinco netos – Rodrigo Tamussino Roll, João Viktor Bompert Tamussino, Thiago Tamussino Ferreira, Beatriz Bompert Tamussino e Mathias Tamussino Soares – para que eles e seus descendentes possam ler e preservar, para o futuro, o respeito por suas origens e o conhecimento sobre quem eram seus antepassados.





1

A história da Família von Poschenburg-Okròtny







1. A história da família von Poschenburg-Okròtny

A história da família von **Poschenburg-Okròtny** foi resgatada e copiada por minha mãe, Hedwig Flora Maria Tamussino, nascida Poschenburg-Okròtny, a partir de um original então ainda existente, com uma máquina de escrever, pouco depois do final da Segunda Guerra Mundial. Este autor, ou seja, eu mesmo, Ekkehart Tamussino, encontrei essa cópia em Mödling, Áustria, no apartamento de Roswitha Tamussino, ex-esposa do meu irmão Ingo, junto ao espólio do meu falecido pai Stefan Tamussino, e a trouxe para o Brasil. O original (em três vias), havia sido escrito de próprio punho, e assinado pelos irmãos Major Karl Poschenburg-Okròtny, Major Viktor Poschenburg-Okròtny e pelo meu avô, o Tenente Coronel Ladislaus Poschenburg-Okròtny, em Viena, aos de 27 de setembro de 1919.

Ao final do texto, os três irmãos fizeram uma declaração na qual se comprometeram a deixar suas respectivas vias com seus filhos primogênitos, instruindo-os a procederem da mesma maneira na sequência, e assim indefinidamente, para que estas vias fossem passadas de geração em geração. Estes deveriam proteger e preservar, com todo cuidado, esta história, mantê-la com dignidade e repassá-la com toda exatidão e preservando a fidelidade para com a verdade, de acordo com as memórias dos demais membros da família. Infelizmente, como pude constatar depois, este compromisso acabou não sendo mantido.





1. Brasão da família von Poschenburg-Okròtny, com o lema "Sem medo e fiel".





O nome Okròtny aparece em muitos documentos com acento grave, sem acento ou com acento agudo. Neste livro, optei pelo acento grave, pois assim ele aparece grafado nos documentos originais e no brasão da família.

Segue o texto mencionado, com a história da família Poschenburg-Okròtny, copiada do original sem correções ou modificações. Chama a atenção o lema "Furchtlos und Treu" – Destemido e Fiel.

*De acordo com a tradição, a linhagem dos **von Poschenburg** deve sua origem à dos cavaleiros de **Eynenpurgh** (Eynenburg), os quais tinham propriedades no Baixo Reno. A casa dos Eynenburg em **Aachen** é considerada, historicamente, como a casa de origem desta linhagem de cavaleiros, que já no século XIII era assim denominada.*

*A sequência genealógica começa com **Gerhard, Senhor de Eynenburg**, que viveu no início do século XIV. Seu neto, **Gerhard**, herdou o castelo situado à beira do rio Lahn e o domínio deste nome, perto do final do século XIV, por intermédio de sua esposa, **Jutta von Landscron**. Ele e seu descendente se denominavam, a partir de então, **Senhores de Eynenburg e Landscron**. Como último aparece **Conrad**, no ano de 1511.*

*Na região de Nassau, eles adquiriram, mediante matrimônio, o **Castelo Hohenfels** (na Comarca de Nastätten) e aparecem mais tarde como co-herdeiros do **Castelo Langenau**, também perto de Nassau. A linhagem estava presente na região de Nassau, Köln e Dietz até 1463, mas, segundo outras fontes, só deve ter se extinguido na primeira metade do século XVI.*

O brasão mostra uma área vermelha com um travessão direito amarelo na diagonal, ladeado em cima e em baixo por três losangos, respectivamente. Por volta de 1400, este escudo foi dividido em quatro partes, com Landscron em vermelho e uma coroa real amarela. O elmo mostra seis penas de galo pretas e capas vermelhas e amarelas.



O **Castelo Langenau**, perto de Nassau, era originalmente a casa da linhagem de cavaleiros com o mesmo nome, no período entre 1244 até 1613. Por volta de 1350, eram os senhores de **Neu-Langenau** e o **Castelo Hohenfels**, perto de **Nastätten**, bem como do castelo de **Lahneck**, perto de **Braubach**, o de **Laurenburg**, perto de **Dietz** e o de **Hadamar**. Além disso, possuíam direitos de administração sobre bens imóveis em **Bergnassau**, e os mesmos direitos sobre os de **Dietz**, em comum com os de **Nomborn**, perto de **Walmerode**, bem como o direito de cobrança pelo uso de terras e de participação nas produções de Nassau.

Alguns membros da família também eram senhores do castelo em **Montabaur** e vassalos de **Colônia (Köln)**, bem como serviçais dos **Condes de Alpeck-Werdenberg**.

Com **Philipp Andreas von Langenau**, que em 1599 pertencia à classe de cavaleiros de Trier, a linhagem se extinguiu. Após sua morte, em 1613, a casa da família passou aos **von Eltz**, depois aos **Wolff-Metternich** e, no início do século XIX, aos **Mariott**. Nessa ocasião foi transformada em uma casa para prestação de assistência em emergências. Por último, antes de 1907, passou para a **Condessa Von der Gröben**.

O brasão dos **von Langenau** mostra, sobre escudo vermelho, um travessão prateado na diagonal, ao qual **Daniel von Langenau** adicionou, em 1350, uma cruz formada por âncoras no canto superior esquerdo, que **Henne von Langenau**, em 1432, carregava com um colarinho de torneio azul. No elmo temos dois chifres vermelhos, entre os quais encontra-se um ramo de palmeira ou uma pinha branca. As coberturas do elmo são brancas e vermelhas.

Conta-se que um parente próximo dos **von Eynenburg**, de nome **Posch** (se este era um nome próprio ou um nome de linhagem, não é possível saber) viveu como órfão de pai e mãe em **Eynenburg** e ali foi adotado e educado como filho por um membro da linhagem dos **Eynenburg**. Além disso, casou-se, possivelmente, com alguém dessa linhagem e, mais tarde, unificou os dois nomes e os brasões.

Como primeiro portador do nome da nova linhagem, aparece **Wilfrid Posch von Eynenburg**, o qual presumivelmente morreu em torno





de 1400, no Castelo Langenau, perto de Nassau.

Maiores detalhes sobre ele e seus descendentes diretos não são conhecidos. Em torno de 1530, é mencionado um descendente do anteriormente citado **Gerhard**, denominado **Poscheynn-purgh**, que deve ter sido casado com **Elsa von Besserer**, a qual morreu em Ulm.

A mesma teve sua origem em uma antiga linhagem suábia, que anteriormente fazia parte da classe de cavaleiros independentes, com sede em Ulm e que tinha posses nos outrora cantões de cavaleiros, **Högau** e **Danúbio**.

Na sequência genealógica da linhagem, é mencionado documentalmente **Georg von Besserer**, senhor da **Fortaleza Bussmangshausen** (Bussmannshausen), por volta do ano de 1212. **Walter e Werner von Besserer** são citados em documentos do **Mosteiro Salmannsweiler**, em 1268 e 1293, em **Ulm**, e **Heinrich von Besserer**, em 1296, em um título de doação do **Mosteiro St. Michael**. Este, pelo que se sabe, era filho de **Heinrich von Bussmannshausen**, contemporâneo do citado **Georg von Besserer** e teve quatro filhos, com os quais a família se dividiu em quatro linhas principais e outras linhas secundárias. Todas elas se extinguíram no século XVI, com exceção da linha principal dos **Otto**, em **Schürpflingen**, de cujo ramo descende **Eitel Eberhard von Besserer**, o qual, após a extinção das linhas secundárias, uniu novamente sob seu domínio a totalidade dos bens da linhagem.

Os **Besserer** foram **Prefeitos de Ulm e Duques de Württemberg**. Como membro da administração da cidade [Geheimrat], **Eitel von Besserer** construiu, em 1540, o **Castelo** e as **Termas Obertalfigen**, que ele transformou em fideicomisso¹ e, a partir deles, a família assumiu o nome **Besserer von Talfigen**.

¹ Fideicomisso: estipulação testamentária em que o testador constitui uma pessoa como legatário ou herdeiro, mas impõe que, uma vez verificada certa condição, deverá transmitir a outra pessoa, por ele indicada, o legado ou a herança; substituição, *fideicomissória*).





O **Imperador Karl V** concedeu à família, em 29 de outubro de 1552, em **Diedenhofen**, uma carta de perdão, na qual foram confirmados, renovados e aperfeiçoados seu brasão e sua antiga origem nobre.

A linhagem foi elevada à categoria dos **Barões**, desde 1817 na Baviera, e em **Württemberg**, desde 1837. O brasão da família dos **Besserer** mostra, no escudo preto, um caneco de prata com forma antiga, o qual também servia como ornamento do elmo. As coberturas do elmo são em preto e branco.

Presume-se que **Karl**, filho de **Gerhard**, morreu no ano de 1580. Ele era casado com **Gertrude Landschad von Steinach**. Ela era descendente da antiga linhagem de cavaleiros do Reno de mesmo nome, cujo patriarca, que era de Meissen, serviu no Bispado de Worms e recebeu o **Castelo Steinach** à beira do **Neckar** como feudo, a partir do qual seus descendentes passaram a usar este nome. **Heinrich Bleickard von Landschad**, administrador do Principado de Kurpfalz, ou Palatinado, morreu em 1396. **Hans**, falecido em 1531, ocupou o mesmo cargo e foi **Conde** do **Castelo** perto de **Altze**, e anteriormente **Prefeito de Durlach**. Com relação aos demais descendentes, **Hans**, **Christof** e **Johann**, entre outros, foram senhores feudais de castelos, administradores do Principado de Kurpfalz, bem como, juízes.

No século XIII a linhagem ocupava, os quatro castelos em **Neckarsteinach**.

Bligger Landschad von Steinach era um temido "cavaleiro selvagem", que não obedeceu nem mesmo à convocação imperial para defender a si mesmo perante o tribunal do reino. Foi condenado ao exílio, onde morreu no ano de 1300, mas sua culpa se estendeu aos seus filhos órfãos. O mais velho, **Ulrich**, expiou a culpa do pai em combates vitoriosos contra os sarracenos em 1344, alçou o velho nome a grandes honras e morreu em 1396, no **Castelo Steinach**. Conta-se que, em combate contra os sarracenos, ele abateu um rei pagão, pelo que o Imperador lhe permitiu que usasse no elmo uma cabeça coroada





de ouro, enquanto o brasão anterior continha duas trombas de elefante no elmo.

Ulrich e seu irmão **Dietrich** foram os fundadores de duas linhas genealógicas principais. A do primeiro extinguiu-se em 1462 e a do último em 1571, com **Eberhard**. Mas florescia ainda uma linha secundária, fundada por **Johann II**, bisneto de Dietrich, a qual se dividiu em três linhas com os filhos do fundador.

Destes ramos o mais novo se extinguiu em 1615, o mais velho em 1645 e o do meio em 1 de novembro de 1653, com a morte de **Friedrich Landschad von Steinach**.

A renovação do nome e do brasão na **Saxônia**, no ano de 1822, não tem ligação com a antiga linhagem.

O brasão dos **Landschad von Steinach** mostra em um escudo dourado, uma harpa de Davi preta com nove cordas e, no elmo, a cabeça de um bárbaro coroado, cujos longos cabelos e barba pendiam dos dois lados do escudo, no lugar das não existentes capas pendentes do elmo.

Os quatro castelos em **Neckarsteinach** se situam em penhascos íngremes do lado oposto da aldeia **Dilsberg** e são denominados: **Vorderou Landschadenburg** [Castelo da Frente ou Castelo Landschad], **Mittelburg** [Castelo do Meio], **Hinterburg** [Castelo de Trás] e **Burg Schadeck** [Castelo Schadeck], sendo este último chamado de "Ninho das Andorinhas". Os dois primeiros castelos ainda eram habitáveis em 1900 e estavam em poder do **Senhor Von Dorth**; os demais estão em ruínas.

Wilfrid, filho de **Karl Landschad von Steinach**, viveu em torno de 1600 e era casado com **Frieda von Warthausen**. Ela era descendente da linhagem de cavaleiros de **Württemberg** de mesmo nome, cuja árvore genealógica se iniciou com **Adalbert von Warthausen**, em 1129. O castelo de mesmo nome, a casa de origem da linhagem, se situava no lugar do atual castelo, ao norte de **Biberach**, em **Württemberg**.





A família se extinguiu em 1584. De acordo com outras fontes, a linhagem floresceu de 1108 a 1584.

Parece que os membros da família portavam vários e diferentes brasões. É mencionado um escudo dividido diagonalmente; o campo inferior, dourado, está vazio e o campo superior, preto, mostra duas adagas cruzadas, com as pontas apontadas para baixo. Outros brasões mostram três figuras semelhantes a cetros cruzados, que se repetem nos elmos.

*O filho de **Wilfrid, Gerhard**, nasceu em 1581. O ano de seu falecimento é desconhecido. Sua esposa era **Berta von Langenau**. Ela era descendente da linhagem de mesmo nome, cuja história já foi mencionada em ligação com a linhagem dos **Eynenburg**. O castelo de origem da linhagem era o castelo de mesmo nome no **Lahn**, próximo a **Nassau-Obernhof**.*

*Conta-se que **Eberhard**, o irmão de Gerhard, tombou em **Lützen** no ano de 1632, em combate contra os suecos.*

***Wilfrid** – o filho de Gerhard, nascido em 1561 – morreu em 1673. Era casado com **Jutta Schwabe**, de origem desconhecida, sobre a qual não se dispõe de nenhum dado mais detalhado. O filho de ambos, **Egon**, que aparece como Poschenpurg, participou dos combates contra os turcos e morreu como herói, na luta às portas de Viena, no ano de 1683. Sua esposa era **Margarete**, da linhagem **Hoheneck**, que tinha domicílio na aldeia pastoral de **Hoheneck** e pertencia à antiga nobreza suábia. **Hoheneck** fica na Comarca de **Ludwigsburg**, em **Württemberg**. Na verdade, o nome da linhagem era **Hacken von Hoheneck** e já havia sido mencionado no ano de 1203.*

De acordo com von Hefner, a linhagem masculina deve ter se extinguido no ano de 1436, mas, segundo outros cronistas, isso só ocorreu no século XVII.

***Wilfrid**, irmão do anterior, falecido em 1684, teve uma morte heróica em combate contra os turcos, na Hungria.*





Gottfried, filho do irmão mais velho **Egon**, caído em combate em 1683, nasceu em 1664 e morreu em 1713. Sua esposa foi **Marie von Steinach**. Após a morte dela, ele se casou com **Marie Schönbichler**, de origem desconhecida. Deste casamento não houve filhos. Não se sabe de que família dos Steinach descendia sua primeira esposa, já que havia várias famílias com o mesmo nome. Da linhagem dos **Landschad von Steinach** ela não podia descender, uma vez que na época esta já estava extinta.

Do casamento com **Marie von Steinach** nasceu um filho, **Friedrich**, o qual se apresentava como **Poschenburg** e que morreu em 1750. Ele era casado com **Ulrike Schweniger**, de família desconhecida. Deste matrimônio, nasceu um filho, **Egon**, em 1710 e falecido em 1750, presumidamente em **Meissen**. Parece que lá conheceu a polonesa **Wanda Okròtny von Stojanow**, na época em que os Príncipes da Saxônia eram, ao mesmo tempo, Reis da Polônia (**August II**, de 1697 a 1733, e **August III**, de 1733 a 1763). **Wanda** descendia da linhagem nobre de Schlachtzizen da região de **Komionka**, na **Galícia**. Não são conhecidos maiores detalhes sobre ela.

O brasão dos **Okròtny** mostrava, em um escudo azul, a cabeça fendida de um tártaro, raspada até onde se erguia um tufo de cabelos. Na cabeça rachada estava enfiado um sabre curvo, ou cimitarra, em diagonal, com o punho de ouro voltado para baixo. A cabeça fendida aparece também no elmo.

Deste casamento nasceu em 1745 um filho. Lamentavelmente, seu pai **Egon** morreu apenas cinco anos depois, em 1800, após o que **Wanda** retornou à sua terra natal, a Polônia, com seu filho pequeno. Ali ele foi educado de acordo com os costumes poloneses; entrou no Exército Polonês em 1765, como oficial e assumiu o nome de sua mãe **Okròtny von Stojanow** – passando a usar exclusivamente a este. Ele se casou com uma polonesa de origem nobre, **Olga von Janowski**, de linhagem registrada em 1782. O brasão dos **Janowski** é um escudo azul contendo uma cruz patriarcal de prata e, no elmo, há cinco





penas de avestruz. Deste matrimônio nasceu, em 1784, um filho, **Ladislaus**. Também este foi criado em ambiente polonês, tornou-se oficial e participou ativamente da revolta de 1826, razão pela qual foi perseguido pelos russos e destituído do seu título de nobreza, e por ser considerado criminoso político, teve que fugir e emigrar para a Galícia.

Ali ele acabou se casando com **Malvine von Medlachowski**, da baixa nobreza polonesa do século XVII, com posses em **Lemberg**, cujo brasão se desconhece. Ela lhe deu quatro filhos (três meninas e um varão) e morreu em Lemberg, em 1849. Quanto a **Ladislaus**, depois de sua fuga ele teve que viver nas mais modestas condições, como funcionário público, vindo a morrer já no ano de 1834, em **Stojanow**, na região de Lemberg, onde foi sepultado.

Seus filhos foram:

Malvine, cujos dados de nascimento e morte são desconhecidos. Ela foi casada com um senhor da família **von Malachowski**, uma antiga linhagem da nobreza polonesa, mencionada pela primeira vez em 1671 e que aparece nos registros da nobreza da Galícia em 1782. No brasão, **um Grifo prateado (Gryf)** – uma figura heráldica com cabeça de águia e garras de leão ou pantera – e coberto de ouro, sobre um escudo vermelho. Não são conhecidos maiores detalhes sobre a família **Malachowski**.

Alvonsine, que foi casada com o Engenheiro de Mineração **Klamuth**, posteriormente Diretor do Departamento de Minas, de cuja união não descenderam filhos. **Klamuth** adquiriu o direito de prospecção de ouro em Ruda e Valicera, em **Siebenbürgen**, mas enfrentou dificuldades financeiras. Quis transferir esse direito de prospecção para seu cunhado **Ladislaus**, irmão de sua esposa – na verdade, nosso pai, nascido em 1853 – o que este, todavia, rejeitou, levando em conta os custos e os riscos inerentes. Então, **Klamuth** foi com sua esposa para a **Galícia** e para **Czernowitz** e o contato com a família perdeu-se totalmente, pelo que ela, dali em diante, foi tida como desaparecida.





Karoline, sobre a qual não existem quaisquer dados, e

*Ladislau*s, meu bisavô, nascido em 2 de fevereiro de 1833 e falecido em 1894, em **Strojanow**, na região de **Zloczow**. Perdeu o pai quando tinha um ano e meio de idade. Concluiu o Ensino Fundamental na terra natal e o Segundo Grau em Lemberg, em 1849, ano em que deixou a casa dos pais e entrou como voluntário no Batalhão Imperial e Real de Defesa Montês Ruteno-galiciano – pelo qual participou, como Cabo, da campanha contra a Hungria. Em 20 de janeiro de 1850, dispensado com certificado, retornou a **Stojanow**, mas não encontrou mais sua querida mãe entre os vivos – ela havia morrido durante sua ausência e ali foi enterrada. Por isso, sem pátria, apresentou-se voluntariamente no dia 1º de abril de 1850 ao Imperial e Real 17º Regimento de Infantaria da Fronteira, 2º Romeno, o qual, em 24 de janeiro de 1851, se transformou no Imperial e Real Regimento de Infantaria de Linha nº 50. Promovido a Segundo Sargento em 16 de novembro de 1851 e Primeiro Sargento em 11 de dezembro de 1854, participou em 1854 e 1856 da ocupação do leste da Romênia com a corporação **Corronini** e, depois, com o regimento transferido para a **Lombardia**, em várias guarnições. Ele sempre falava especialmente bem da guarnição de Milão, e com grande entusiasmo a respeito do **Marechal Conde Radetzky**, o qual era endeusado em todos os lugares. Em 20 de abril de 1859, foi nomeado Subtenente; durante a campanha, em 1859, foi designado para o Destacamento de Defesa Costeira, tendo sido promovido a Segundo Tenente em 16 de maio de 1865. Desde então, esteve presente nas mais diversas atividades nas tropas e nas guarnições em **Kärnten**, e principalmente como Adjunto do Comandante do 3º Batalhão Independente em **Rovigo, Udine, Belluno, Treviso, Verona, Mantua, Peschiera e Veneza**. Em **Klagenfurt**, foi durante alguns meses Oficial Intendente responsável pelo abastecimento e teve, como ele mesmo contava, a grande honra de usufruir de uma relação muito cordial com o **Príncipe Imperial Arquiduque Heinrich Rainer**, o qual, igualmente, havia sido designado para lá. Este senhor, da mais



alta nobreza, contraiu mais tarde casamento com aquela que viria a ser a **Baronesa Waideck**. Deste proeminente protetor ele recebeu como recordação um valioso sabre, o qual atualmente se encontra em poder de Karl, o mais novo de nós, três irmãos.

Em **Klagenfurt** ele também chegou a se relacionar socialmente com o revolucionário húngaro, **General Goergey**, que lá vivia em exílio desde 1849, cujas histórias ele gostava de escutar, e ao qual aprendeu a estimar muito como ser humano. Em razão da sua atuação como Adjunto do General, durante seu serviço na guarnição de Verona, na região de Veneza, teve a prazerosa oportunidade de travar quase que diariamente um estreito contato tanto para assuntos particulares quanto de ofício, com o General **Ritter von Benedek**, mais tarde Marechal de Campo na guerra de 1866 na Boêmia. A admiração por este notável homem, do qual nosso pai não se cansava de falar, beirava à paixão. Promovido, no regimento, a Primeiro Tenente em 1º de julho de 1866, participou da campanha junto ao exército de ocupação de Veneza e, após a evacuação da Lombardia, foi transferido para **Viena e Preßburg** em 1867, em 1868 para **Klausenburg**. Em 1869 foi destacado para **Karlsburg**, sendo que nesta última guarnição permaneceu até o fim de 1876 e nela passou, possivelmente, os melhores anos de sua vida.

Ali, servindo como Oficial Adjunto de Comarca do Imperial e Real Regimento de Infantaria de Linha nº 50, foi professor de equitação para oficiais de infantaria e, isto, devido ao seu habilidoso domínio da arte equestre, sendo que esta qualificação aparece em especial destaque nos relatórios. No dia 20 de outubro de 1871, casou-se, em Karlsburg, com a senhorita **Marie Perwulliew**, nascida em 1844 e falecida em 1910. Sobre sua esposa e nossa mãe, sua vida conjugal e sobre seus filhos haverá um relato detalhado, mais adiante, junto às informações sobre nosso pai.

Ladislaus conquistou um amigo de alta posição e protetor na pessoa do então **Bispo de Siebenbürgen, Fogarassy**, e chegaram ao





ponto de tratar-se pelo amigoso "você". Tornou-se organizador de todos os eventos sociais dos camaradas na caserna de oficiais em Karlsburg, além do que era regente do coro de uma associação de canto, formada por muitos dos seus colegas, graças ao seu grande talento musical, sobre o qual será relatado detalhadamente mais adiante. Tanto o então regente da pequena orquestra do regimento, **Léhar** - pai do famoso compositor vienense - quanto o então igualmente membro da "banda de música" do regimento e mais tarde mundialmente famoso compositor **Komzak**, eram seus melhores amigos. **Komzak** acabou se casando com a filha do Coronel Reichard, em cuja casa hospitaleira **Ladislau**s veio a conhecer e amar sua futura esposa.

No dia 1º de novembro de 1876, foi promovido a Segundo Capitão e no dia 1º de janeiro de 1877, foi transferido para o Comando Militar em **Hermannstadt** e designado para a Direção dos Assuntos Especiais do Exército e da Seção de Pessoal do Oficialato. Nestas funções, nas quais **Ladislau**s alcançou a patente de Primeiro Capitão, em 1º de novembro de 1878, foi transferido para a Central do Exército em 1º de julho de 1879. Em 1º de novembro de 1892, recebeu as insígnias de Major, função na qual permaneceu até seu falecimento, em 10 de fevereiro de 1894.

Na descrição da sua irrepreensível carreira militar, **Ladislau**s foi, desde 1879, considerado, mesmo no contexto externo, como sendo "merecedor preferencial de promoções" e "digno de preferência". Numa época em que não se procedia de forma tão magnânima na distribuição de condecorações e insígnias de honra, já que só existiam as de maior grandeza, **Ladislau**s tinha recebido como condecorações apenas a Medalha de Guerra e a Insígnia pelos Serviços de Segundo Oficial. Mas, em compensação, obteve por escrito, nos anos de 1869, 1871, 1874, 1876 e 1878, os maiores elogios do Comando Militar de **Hermannstadt**. Em 1886 foi condecorado com a Cruz de Reconhecimento Militar, a qual, na época, era concedida muito raramente. Esta condecoração lhe foi conferida em função dos





trabalhos de preparação para a mobilização das tropas, os quais planejou de forma espetacular, diante da iminente e prenunciada guerra contra a Rússia. No entanto, não houve oportunidade para que a alegria e o orgulho de ver-se condecorado com esta insígnia efetivamente acontecesse.

*Ladislaus teve a oportunidade de conhecer em detalhe vários países e muitas pessoas durante seus quarenta e quatro anos de efetivos serviços prestados - especialmente até 1870 - por causa da extremamente movimentada vida de soldado, e pela dificuldade de deslocamentos diante da reduzida rede ferroviária austríaca. Teve, assim, muitas oportunidades de conhecer lugares e pessoas. Eram-lhe muito familiares as regiões da **Galícia, Steiermark, Kärnten, Krein, Lombardia e Veneza, depois a Hungria** – e destes lugares especialmente **Siebenbürgen** – e mais adiante, a **Romênia**. Além disso, ele dominava perfeitamente sete línguas em razão dessa escola prática e mediante o autodidatismo: alemão, francês, italiano, polonês, ruteno, romeno e húngaro.*

Outros momentos interessantes desta honrada vida estão contidos nas lembranças sobre sua atuação como pai de família. Cedo demais foi levado pela morte. Quando da mudança do comando da Corporação Imperial e Real LII (antigo Comando Militar nº 52) para o recém-construído prédio oficial em Hermannstadt, ele contraiu uma infecção em seu ouvido médio, causada pela umidade gerada pelo fato de a obra ainda não estar bem seca. Como a infecção não foi diagnosticada em tempo - dado o limitado nível da medicina na época – e agravado pelo fato de ser, ali, uma área de fronteira, a infecção evoluiu para uma meningite, à qual o nobre homem sucumbiu.

Já doente, e movido pelo espírito da carreira militar e em função dos seus feitos, ele pretendia pleitear para si a outorga de um título de nobreza, mas morreu antes de poder concretizar este plano.

A desolada mãe e nós, seus filhos, o trasladamos ao cemitério





militar em Hermannstadt para o descanso eterno, e a lápide em sua sepultura traz a seguinte inscrição:

*Você partiu rápido. –
Você nos deixa órfãos, na mais profunda dor!
Mas um consolo permanece no pobre coração:
Haverá um reencontro.*

*Sua esposa, **Maria**, filha do Imperial e Real **Major Timotheus Perwuljew** (sobre este herói, veja no final desta crônica) e de **Rosa Coresco von Ohaba**, filha de um proprietário de terras, nascida no dia 14 de novembro de 1844, em Karansebes, no Banat, veio para Hernals (Viena), onde, com pouco mais de dez anos, frequentou o Instituto de Educação, destinado a filhas de oficiais, o qual concluiu com mérito em todo decurso. Por obra da providência divina, ela era regamente dotada de todas as qualidades e vantagens de uma natureza nobre e feminina, e era um orgulho deste nobre estabelecimento modelo.*

*Ela era uma exímia desenhista e pintora com giz pastel, aquarela e óleo, especialmente talentosa, sendo que parte destas obras de arte ainda se encontra conosco. Como muitas vezes nos contava com orgulho, havia também alguns quadros seus expostos em uma galeria de arte em Londres, durante sua estada no Instituto. Era uma mestra no trabalho manual feminino. Naquela época, era costume que as alunas do Instituto honrassem anualmente sua mais alta protetora, a imortal **Imperatriz e Rainha Elisabeth** – Sissi – com um presente feito pessoalmente. Foi conferida a **Marie** a honra de tecer um conjunto completo de renda (imitação do conjunto de rendas de Bruxelas) para Suas Altezas os Príncipes, razão pela qual ela foi apresentada à Imperatriz, quando então recebeu dela o distinto agradecimento e reconhecimento. Como recordação deste trabalho laborioso, porém magnífico, **Marie** teceu para si uma pequena amostra daquela renda, a qual guardou até o fim da vida, em honra à Imperatriz, e que se*



encontra agora em poder de nossa irmã **Karoline**.

Boa cantora e pianista magistral, ela arrebatou muitas vezes a admiração de nós, seus filhos, com sua execução primorosa – mesmo quando, mais tarde, por força de suas muitas obrigações de mãe e de dona de casa, não tinha mais condições de praticar regularmente. Falava tão bem francês quanto alemão, sua língua materna.

*Depois da sua saída de Hernal, e seguindo os costumes da época, muito embora não tivesse necessidade disso, foi tomar conhecimento do mundo, empregando-se em casas de gente fina. Desse modo, ela foi primeiro para Raab, como dama de companhia da **Baronesa Nagy** e, depois, para uma família de proprietários de terras, **Dezsán von Hanzen**, na região de **Temesvarer**. Ali vivenciou um interessante fato, o qual nos contou repetidas vezes. A propriedade na qual a família costumava ficar durante o verão era bastante isolada, numa estepe, e a região era frequentada com assiduidade por bandidos e ciganos nômades.*

*O mais temido bandido desta região, naquela época, era um certo **Rozsa Sandor**, chefe de um grande bando, o qual praticava a desordem de modo meio comunista, roubando dos ricos e distribuindo a renda dos saques altruisticamente entre os pobres. De acordo com ela, por isso que Rozsa Sandor era cercado de lendas e mitos: para os pobres e para as mulheres, era um ídolo. Já para os ricos, era um fantasma terrível. E aí daquele que ousasse enfrentá-lo!*

*Assim, por ocasião do jantar, os **Dezsán e Marie** estavam no aconchegante círculo familiar, ceando, quando o criado, pálido de susto, precipitou-se para dentro da sala, com a notícia de que Rozsa Sandor e seus homens haviam acabado de apejar dos cavalos no pátio e que ele pedia para si e seu bando refeição e alojamento. Mas garantia, no caso de recepção amistosa, que ninguém seria tocado num só fio de cabelo e que nada do proprietário seria levado. Mas, se porventura, alguém tentasse denunciá-lo junto às autoridades, todos seriam mortos e a propriedade seria sacrificada às chamas.*





Não havia outra alternativa, a não ser levar a sério as ameaças dos bandidos e recepcioná-los amigavelmente. Durante toda a noite foram preparados guisados e assados, e a cozinha e a despensa foram liberadas generosamente. O próprio Rozsa participou do círculo familiar e, conta-se, comportou-se em todos os aspectos como um cavalheiro, de tal forma que o medo por ele se transformou em simpatia. Seu pessoal se entretinha com a criadagem e, ao primeiro raio de sol da manhã, despediu-se com as mais gentis palavras de agradecimento e da forma mais galante. Lançou-se sobre seu cavalo e saiu a galope sobre o campo com seus companheiros, como a noiva ao vento, acenando com o chapéu por um longo tempo. Ele cumpriu sua palavra: nem uma agulha faltou na casa.

Dezsán era aparentado com o **Coronel Reichard**, Comandante de Artilharia da **Fortaleza Karlsburg**, e esta família seria, agora, o próximo destino de **Marie**. As duas filhas e o filho do casal moravam em uma casa muito hospitaleira, na qual muitos outros, também o **Primeiro Tenente Okrótny** e, por conseguinte, **Komzak**, o regente da banda de música do Regimento de Infantaria nº 50, frequentavam de forma amistosa. Logo formar-se-iam dois casais: **Marie Perwuljew e Ladislaus Okrótny** – bem como **Olga** e o **senhor Komzak**. Essa relação de amizade duraria ainda vários anos, pois neste ínterim **Komzak** tornou-se mundialmente famoso e tinha se estabelecido em Baden, Viena – enquanto **Marie**, mais tarde como viúva desolada, teve que mudar-se, em 1899, de Hermannstadt para Viena, com os filhos ainda desamparados. Ainda ali as famílias continuaram a visitar-se mutuamente.

Após a morte do ardentemente amado marido, em 1894, **Marie definhava** cada vez mais. Na época, os três filhos estavam designados como oficiais em guarnições estrangeiras e a filha mais velha havia se casado em 1898, tendo ido morar em Viena. Assim, ela, que ainda morava em Hermannstadt, separada de todos os seus parentes e apenas com as duas filhas desamparadas, as menores **Gisela** e



Karoline, resolveu mudar-se igualmente para Viena, como há pouco mencionado.

Lamentavelmente, a concretização da decisão tomada por parte desta mulher, que dependia apenas de si mesma, aconteceu muito apressadamente e, portanto, acarretou muitos prejuízos. As duas casas foram vendidas por preços defasados; os móveis – entre eles algumas antiguidades muito valiosas – a rica biblioteca, as muitas partituras e manuscritos musicais de nosso pai – inclusive todas as suas composições – dois preciosos violinos, sendo um deles um genuíno Amati e o piano, tudo isto foi vendido a preço vil, tendo a mudança sido realizada no outono de 1899.

Uma forte inflamação nos olhos provocada em consequência do esforço excessivo dos longos anos dedicados aos finos bordados, levou esta incansável e diligente senhora a ficar impedida, por recomendação médica, de realizar qualquer trabalho, leitura etc., tendo que ficar sempre em uma sala semi-escura ou com óculos de lentes pretas, que a protegiam da luz, praticamente sem ter o que fazer, a não ser mergulhar em seus pensamentos. Isso acelerou o declínio do seu corpo e da sua alma e, em 24 de fevereiro de 1910, a boa mãezinha dormiu suavemente e passou deste para um mundo melhor. Para o descanso eterno, trasladamos seus restos mortais para o Cemitério Central de Viena (Conjunto 74, Ala 50, Túmulo 1).

O casamento de nossos pais foi o mais feliz e exemplar que se possa imaginar. Sobre nossos pais e sobre o seu casamento poderíamos escrever vários volumes, pois eram duas personalidades nobres que se completavam inteira e plenamente, representantes dignos de suas linhagens. A união de vinte e três anos teve muitos momentos de felicidade e de sol radiante, mas também muitos outros de aflição, preocupação e sofrimento.

Apenas os momentos mais importantes, os extraordinários, foram selecionados para, de um lado, não ultrapassar o escopo desta





crônica e, de outro, para estabelecer um bem merecido memorial de nossos bons e bravos pais, legado para todas as gerações futuras.

*Nosso pai **Ladislau**, um patriarca no mais pleno e belo sentido da palavra, tinha um caráter sério, era correto, probo, incansavelmente ativo, raramente vaidoso, cheio de bondade no coração e de nobre formação espiritual. Com sacrifício altruísta, dedicava toda a sua força somente ao bem da família. Sua leal companheira, a esposa ideal, mãe e dona de casa, fielmente ficava ao seu lado. Sem temer privações, este nobre casal conseguiu, apesar de terem casado sem a então costumeira caução de casamento, educar todos os seis filhos em alto nível e fazer deles respeitáveis homens de posição. Os pais viviam apenas para os seus filhos e estes se desenvolveram na sua casa própria e no lar saudável, com íntimo amor para com os pais e irmãos. Criamos para nós um mundo próprio, vivíamos apenas uns para os outros, e não ocorria que a família Okròtny se visse representada isoladamente: ou todos estavam lá ou nenhum deles. Assim, entre nós, era praticado um bonito e patriarcal sentido de família, o qual nos foi legado, de tal forma que, já como pessoas maduras – mesmo que estejamos espalhados por todos os pontos cardeais –, estamos ligados uns aos outros com o mesmo sentido de pertencimento familiar.*

Nosso pai era um entusiasta da literatura e da música: possuíamos uma biblioteca abrangente e universal, além de valiosos instrumentos, dos quais nosso pai dominava de forma quase virtuosa os seguintes seis: violino, violoncelo, violão, cítara, piano e trompa. Na composição ele era perfeito. Escreveu uma grande quantidade de partituras, não publicadas, de variados gêneros (mas seu ponto forte eram os oratórios e a música sacra), os quais, lamentavelmente, – como mencionado anteriormente – se perderam por ocasião da mudança para Viena. Apenas uma Polka, transmitida de ouvido, se fixou em nós, a qual o filho Ladislau transcreveu em notas musicais para a posteridade e anexou a esta crônica.





Todos os dias havia música: nosso pai ao violino, com acompanhamento ao piano pela nossa mãe, naturalmente, fazia parte do programa cotidiano. Nossos pais se submeteram também ao árduo esforço de ensinar música a todos os filhos, bem como a língua francesa, que em casa era falada tão correta e fluentemente quanto o alemão. A versatilidade no conhecimento de línguas deste culto senhor já foi destacada anteriormente.

*Nossos pais viveram os primeiros cinco anos de casamento em felicidade e satisfação em **Karlsburg**. Três filhos (**Ladislaus, Marie e Friedrich**) já tinham nascido, quando, no final de 1876, aconteceu sua transferência para o Comando Militar em **Hermannstadt**. A viagem, na época, tinha que ser feita por meio de carruagem, o que estava ligado a inúmeros riscos. Nosso pai recebeu a ordem de se deslocar imediatamente, de tal forma que todo o ônus da mudança, inclusive com os filhos, ficou a cargo da nossa mãe. A viagem, da qual nossa mãe nos contou inúmeros incidentes alegres e sérios, se realizou na carruagem do correio e com o veículo de transporte que a seguia, contendo caixas e móveis. Naturalmente, nos foi dada também uma escolta armada. Tem-se uma estranha sensação ao ler as cartas do nosso pai e da nossa mãe, hoje em poder de seu filho Viktor, sobre esse "velho, bom tempo". Nelas, nosso pai dá orientações e estabelece normas de conduta para a mudança, mostrando sua preocupação e carinho.*

*Em **Hermannstadt**, onde a família gozava de grande prestígio e onde nossa vida familiar era proverbial e exemplar, nossos pais se sentiam muito bemquistos, entre os probos alemães de **Siebenbürgen**. Em função disso, nosso pai adquiriu, em 1881, o direito de cidadania local e comprou, na ruela de **Poschen**, as duas casas situadas lado a lado, de n^{os} 26 e 28, ligadas nos fundos por um imenso quintal – lugar muito apreciado para as brincadeiras da época áurea de nossa infância. Este nome, **Poschen**, não está, de nenhuma forma, associado*





ao nosso nome de família – já que a ruela foi assim nominada em honra a um Prefeito de Hermannstadt do século XVIII, de nome Poschen. Nosso pai havia apenas chamado nossa atenção para a coincidência entre os dois os nomes.

O montante principal do dinheiro para a compra das casas proveio de um ganho de loteria, graças à visão que nosso pai teve em um sonho. É que, quando ainda era oficial solteiro, em Karlsburg, lhe apareceu em sonho sua saudosa mãe, a qual ele havia deixado em 1849, quando ainda criança, e que nunca mais chegou a ver. Em sonhos, ela o acariciou e lhe fez entender que estaria aparecendo somente esta única vez e não mais, mas que queria ajudá-lo. Ela lhe repetiu várias vezes e de forma insistente três números, com os quais ele deveria jogar na loteria, aplicando absolutamente todo o seu dinheiro, no esquema “Terno secco”. Isto ela inculuiu de forma tão enfática, que ele acordou



2. Hermannstadt, Siebenbürgen, Banat, hoje Romênia, sede da administração regional da Monarquia Imperial e Real Austríaca, onde meu avô exerceu suas funções militares e viveu, com sua família, no final do século XIX.





com a vivacidade da imagem e, como não tinha ao alcance da mão na sua mesinha de cabeceira nenhum outro material para escrever – e rindo de si mesmo – anotou os ditos números com um palito de fósforo queimado, sobre uma caixa de tabaco.

Ao amanhecer, deu com os olhos nos números e o sonho lhe veio à memória. A impaciência em tentar sua sorte na loteria tomou conta dele. Lamentavelmente, era fim de mês e todo o seu dinheiro vivo perfazia um Gulden de prata, o qual ele arriscou. Os números foram sorteados um após outro, na ordem certa, e ele ganhou o valor de 10.000 Gulden, para aqueles tempos, uma verdadeira fortuna.

No que diz respeito à casa nº 26, era ela uma construção medieval de estilo interessante, cheia de cantos e corredores, com um inusitado desperdício de espaço, ambientes misteriosos e aterrorizantes etc., próprios do estilo construtivo da época. Situada numa encosta muito íngreme, o primeiro piso ficava de frente para a ruela Poschen e, contra a rocha, se apresentava um segundo andar, de estilo antigo, com telhado alto, de tal forma que neste lado oferecia um aspecto similar ao de um castelo. A casa havia servido como palco para a apresentação de uma lenda popular saxônica, uma espécie de história de Fausto, na qual o seu proprietário, vários séculos antes, interpretava o papel principal, de Titz Schemel.

Conta-se que este teria feito um pacto com o diabo e teria enterrado dentro da casa, mais especificamente no porão, grande quantidade de tesouros. Incentivado por um membro do Conselho da Prefeitura de Hermannstadt, nosso pai realmente mandou realizar escavações no porão, abrir buracos nas paredes etc., os quais não revelaram tesouros, mas sim o fato de que a casa tinha paredes duplas, com um espaço entre elas de mais ou menos meio metro, nas quais se escutava nitidamente o barulho ensurdecido da água. Ninguém ousava descer nesta garganta, pois tochas que eram baixadas em cordas apagavam-se imediatamente a poucos metros de profundidade,





de tal forma que nem ao menos pôde ser constatado quão profundo, na verdade, seria esse espaço ôco artificial, se e o que ele abrigava e de onde provinha aquele barulho de água. Alguns fragmentos de armas medievais e uma bíblia velha e muito danificada foram encontrados por ocasião destas buscas e – até onde a memória alcança – doados ao museu de Hermannstadt.

Em 1882, certa noite (terça-feira de carnaval), os famigerados assaltantes Kleeberg e Marlin – mais tarde executados em Hermannstadt – puseram fogo nas escadarias de madeira que davam para o quintal das duas edificações, para aproveitar a confusão decorrente do incêndio e assim poderem arrombar e saquear. As labaredas subiam a grandes alturas, as janelas do longo corredor coberto de vidro, da casa nº 26, se transformaram em escombros, além do que o próprio corredor também já tinha se incendiado e havia o grande perigo de que toda a armação do telhado fosse tomada pelo desenfreado elemento.

Assim, antes de tudo, tinha-se que proceder à extinção das chamas, focalizando o centro da localização do incêndio. Sobre o telhado foram lançados fortes jatos d'água, arremetidos pelas mangueiras de incêndio, que inundaram totalmente o sótão, provocando a destruição de muitos bens ali depositados e causando terríveis prejuízos.

Mas, o que mais profundamente lamentamos, é a perda de um pequeno baú contendo documentos, esboços, correspondências antigas etc., os quais por sua vez estavam guardados numa mala maior neste sótão, e que, em parte pelo fogo e em parte pela água, foram completa e irrecuperavelmente destruídos.

Por causa das muitas mudanças de um lugar para outro, e em razão das guerras das quais nosso pai participou, já havia sumido, mesmo antes do incêndio, a maior parte dos documentos de família, por motivos explicáveis e inexplicáveis. Agora, porém, o resto – que se imaginava estar guardado no lugar mais seguro – foi definitivamente



*perdido, em razão da torpeza de pessoas más e pelos ardis do destino; e, com isso, ficamos privados da possibilidade de exigir, posteriormente, eventuais compensações pecuniárias pelos nossos direitos. Assim, após a morte do nosso pai, temos em mãos somente uma tabela com anotações feitas por ele de próprio punho, contendo a árvore genealógica da família, que estava guardada em sua escrivaninha e cujo original encontra-se em poder de nosso irmão do meio, **Viktor**, o que, lamentavelmente, não é válido como documento. Todo o restante desta crônica se deve às narrações de nosso pai, transmitidas especialmente ao filho mais velho, **Ladislau** – pois nós, os outros filhos, éramos ainda muito jovens – em que frisava nossa descendência da nobreza alemã e contava detalhes, narrativas estas que nós agora levamos por completo ao papel, para preservá-las do esquecimento e deixa-las consignadas para o futuro.*

O que nosso pai viveu, em sua vida tão cheia de realizações e privações, como ele agiu e lutou abnegada e altruisticamente em favor do Imperador, da pátria e da família, isto só nós, seus filhos, podemos avaliar e honrar, pois o que ele, em comunhão com nossa corajosa mãe, nos legou em relação ao amor à pátria de origem, à índole alemã, a tudo de bom, nobre e belo na vida, é uma herança pela qual não existem palavras de agradecimento.

Esta união e este casal exemplares merecem, por parte de todas as gerações vindouras, a lembrança e a admiração inextinguíveis!

Honras perenes à sua memória!

Deste casamento nasceram quatro filhos e quatro filhas, dos quais vivem atualmente três filhos e três filhas, a saber:

*1) **Ladislau (Julius Verius Franz)** [meu avô], nasceu em 22 de junho de 1872 em **Karlsburg**, prematuro de sete meses e batizado emergencialmente por correr perigo de vida. Ele concluiu a Escola*





Fundamental em Hermannstadt, o Ensino Secundário na Escola Militar Imperial e Real em Kaschau, a Escola Superior Militar Imperial e Real em Weißkirchen, Morávia, e a Academia Militar Imperial e Real em Viena Neustadt, de onde foi designado, no dia 18 de agosto de 1892, já como Segundo Tenente, para o Regimento de Infantaria Imperial e Real Friedrich Wilhelm, Grãoduke de Mecklenburg-Strelitz nº 31, estacionado na cidade de Hermannstadt.

*Em 1894-1895 foi nomeado Ajudante de Ordens do Comandante da 12ª Corporação e General em Comando em Hermannstadt, **Theodor Gal-Gotzy de Galantha**. Frequentou, de 1895 a 1897, a Escola de Guerra Imperial e Real em Viena, instituição na qual, no dia 1º de maio de 1898, foi promovido a Primeiro Tenente e onde teve a honra de ser novamente colega de turma de sua Alteza Imperial e Real, o Ilustríssimo Senhor **Arquiduque Josef Ferdinand** – junto com o qual já havia usufruído do privilégio de concluir a Escola Superior Militar e a Academia Militar como colega de ano e de turma do mesmo Príncipe Imperial.*

*Nos anos 1898 a 1909, exerceu a função de professor de geografia militar e de história bélica na Academia Militar Theresia e, nos anos de 1901 a 1903, foi simultaneamente educador e instrutor do então visitante **Príncipe Luis de Orleans e Bragança**. Em 1º de novembro de 1905, foi promovido a Capitão e no dia 18 de agosto de 1908 foi condecorado com a Medalha de Mérito Militar na Faixa Vermelha, pelo excelente trabalho realizado nas áreas de ensino e educação.*

*De 1909 a 1913, incorporado à 6ª Divisão do Imperial e Real Ministério de Guerra, em Viena, como oficial da área de planejamento, ele conseguiu frequentar nove semestres na Faculdade de Filosofia da Universidade Imperial e Real de Viena (geografia, história, filosofia), com diploma de frequência, e escreveu um *Manual de Ensino e Aprendizado de Geografia em três volumes*, o que foi introduzido como obra obrigatória para estudo em todas as Escolas Militares de Formação de Cadetes.*



Em 1º de maio de 1913, seguiu-se sua transferência para o Imperial e Real Regimento de Infantaria Barão von Joelsen nº 93, deixando ele, assim, seu posto de Comando no Ministério de Guerra.

*De junho de 1913 até o final de 1915, voltou a ser novamente professor e arquivista na Academia Militar Theresia, tendo sido promovido a Major em fevereiro de 1915. Em janeiro de 1916, foi como Comandante do Imperial e Real Batalhão de Reservistas nº 22 para o cenário de guerra russo (para **Maniewice** e para **Stochod**); depois, em março de 1916, como Comandante do Batalhão de Retaguarda nº 505, para **Kowel e Macijow**. Após vários meses de ações meritórias (com menções de louvor por escrito do Comando Superior do Exército e do Chefe do Estado-Maior por excelentes serviços prestados frente ao inimigo). Foi, em seguida, chamado para assumir a função de Professor e de Comandante Substituto na Escola Imperial e Real Superior Militar, em **Preßburg**, onde, no dia 18 de agosto de 1917, foi promovido a Tenente Coronel e condecorado pelos relevantes serviços prestados durante a guerra, com a Medalha de Bronze de Mérito Militar, na Faixa da Cruz de Mérito Militar.*

Da queda da monarquia até junho de 1919, lecionou novamente na "deutsch-österreichischen Staatsstiftungs-Realschule" Escola secundária estatal alemã-austriaca, anteriormente conhecida como Academia Militar Theresia. Na mesma data, prestou em Viena o exame público para a função de professor de estenografia, o qual concluiu com mérito. Recebeu, a seguir, a ordem de sua transferência para o Arquivo de Guerra, em Viena, em razão do traslado do Arquivo de Viena Neustadt e da abrangente e preciosa biblioteca de mais de 30.000 volumes, função na qual ele permaneceu.

*Apaixonado caçador e zelador das áreas selvagens, tinha com estas funções uma ligação muito próxima com o **Duque de Madri, Dom Jaime de Bourbon, no Castelo Frohsdorf**, perto de Viena Neustadt.*





Também era talentoso e produtivo como pintor e desenhista – quase todos os quadros em sua moradia eram criação própria (óleo, aquarela, bico de pena) – era ainda muito bom pianista e exímio citarista. Nos seus anos de juventude, era um exímio dançarino, um bom ginasta e um igualmente qualificado cavaleiro.

*Em 1899, ele adquiriu a cidadania austríaca e o direito de moradia em **Sollenau**, na **Baixa Áustria**, e no ano de 1908 lhe foi conferida, pela cidade de Viena Neustadt, a autorização para permanência ali.*

*No dia 19 de julho de 1906, casou-se em Viena Neustadt com **Flora Effenberger** [minha avó] (nascida em 30 de junho de 1887), a filha do Imperial e Real Guarda Florestal **Wilhelm Effenberger** e de **Hedwig**, nascida **Lange**, filha do proprietário de um feudo em **Görlitz**, na Silésia, de cuja união proveio em 10 de julho de 1907 uma filha de nome **Hedwig** [minha mãe].*

*2) **Viktor (Theodor Anton Karl Leopold)**, nascido em 30 de janeiro de 1878, em Hermannstadt, concluiu nessa cidade o Ensino Fundamental. Foi então para para a Escola Militar Imperial e Real de Nível Médio, em Kaschau e, depois, para a Escola Imperial e Real de Infantaria para Formação de Cadetes, em Hermannstadt, a qual ele concluiu com grande sucesso, sendo então designado Cadete Substituto de Oficial do Regimento de Infantaria Barão von Joelsen nº 93, em Olmütz, no qual ele serviu até a queda da monarquia. É, desde então, Major do Exército no serviço público alemão-austríaco para assuntos militares.*

No dia 1º de novembro de 1897, foi promovido no Regimento a Segundo Tenente; em 1º de novembro de 1901 a Primeiro Tenente; em 1º de novembro de 1911 a Capitão; e no dia 1º de agosto de 1917 a Major, coincidindo que ele tivesse a rara felicidade de servir ininterruptamente neste regimento feudal, no qual também os



*Príncipes Imperiais, os **Arquidukes Josef Ferdinand** e o irmão deste, **Ferdinand**, serviam como oficiais.*

*O primeiro, com o qual nosso irmão mais velho **Ladislau** frequentou a Escola Militar, como mencionado, liderou durante o período de 1904 a 1908, como Coronel, o Comando do Regimento Imperial e Real de Infantaria nº 93. Ele distinguiu **Viktor** com especial consideração e favor, como o atestam inúmeras trocas de cartas e outras recordações. Desde então, Viktor mantinha contato contínuo, por escrito e pessoal, com seu mais alto protetor, em cuja companhia ele e seu irmão Karl, repetidamente e por longos períodos eram hóspedes do Príncipe Imperial, seu eminente pai, o **Arquiduke Ferdinand IV**, último **Grãoduke da Toscana**, na sua Residência Imperial em Salzburg e na mansão do Arquiduke em Linz, situada na Rua Lessing, nº 4. No verão de 1904, **Viktor** frequentou o Curso de Instrução na Escola Imperial e Real de Tiro das Forças Armadas, em Bruck a.L. De 1905 a 1906 cursou a Escola Imperial e Real da Corporação de Oficiais, em Olmütz.*

*Apaixonado por equitação e exímio cavaleiro, seu maior desejo era poder passar para a cavalaria, mas este desejo não se realizou, já que servir na cavalaria era muito dispendioso. Em parte, devido à sua habilidade na arte da equitação, **Viktor** conquistou o prestígio de sua excelência o Marechal Tenente de Campo **Karl Freiherr von Mertens**, antigo General da Cavalaria e atual Comandante da 5ª Divisão das Tropas de Infantaria, em Olmütz. O referido Marechal, solteiro e de muitas posses, mandou, por seu Comandante de Regimento, o **Coronel Johann Tarbuk von Sensenhorst**, levar a Viktor a proposta de adotá-lo, com todos os direitos e, na sequência, nomeá-lo Comandante da 6ª Corporação e General Comandante em Kaschau. Ele queria ainda levá-lo consigo como Ajudante-de-Ordens. **Viktor**, porém, recusou as duas propostas.*

***Viktor** foi designado para ocupar postos em diferentes guarnições de paz, entre outras, de 1896 a 1901 em Schönberg, na Morávia, de*





1903 a 1908 novamente em Olmütz, de 1908 a 1910 em Jägerndorf, a seguir, por seis meses em Krakau e arredores, de 1910 até a partida para a linha de frente em Schönberg, Morávia e, finalmente, a partir de janeiro de 1917, em **Viena**.

Na guerra mundial de 1914 a 1918, **Viktor** atuou até maio de 1915 como Adjunto do Batalhão de Reserva e Supervisor de Mobilização, assim como, Comandante de um Batalhão de Logística em Schönberg, Morávia. Em seguida, foi Adjunto do Regimento da Linha de Frente, período em que participou de quarenta e duas batalhas e combates – entre eles, algumas que duraram várias semanas ininterruptas – travados tanto no cenário de guerra russo, como também da quarta batalha de Isonzo, na Itália. Certa vez (no dia 9 de julho de 1915, em Targowica, em Polna, próximo a Ottynia, na Galícia) foi ferido no pé; contudo, movido por sentimentos de dever de soldado, deixou de registrar-se como doente, razão pela qual o ferimento não foi protocolado. Foi, por isso, condecorado "por comportamento valente diante do inimigo" com a Cruz Terceira de Mérito Militar, com a Condecoração de Guerra e Espadas, e com a Medalha de Bronze de Mérito, na Faixa da Cruz de Mérito Militar e Espadas, assim como com a Cruz das Tropas de Karl.

Pelo mesmo motivo, lhe foram conferidas também, no dia 1º de julho de 1916, a Medalha de Prata de Mérito Militar, na Faixa da Cruz de Mérito Militar com Espadas e, no dia 17 de junho de 1916, pela elevada distinção, até mesmo a Ordem Terceira da Coroa de Ferro, com a Condecoração de Guerra e Espadas. Mas ele não teve a satisfação de ver, sobre seu peito de herói estas duas últimas condecorações.

Em especial, a petição para a concessão da Ordem da Coroa de Ferro, havia sido formulada pessoalmente pelo Comandante do Regimento, Coronel Rudolf Klein, no dia 17 de junho de 1916, e tinha o seguinte teor, conforme o texto original:





Nos difíceis combates de 5 a 10 de junho de 1916, na Região Alta de Czarny-Potok, em Dobronoutz, o regimento, devido a circunstâncias táticas, estava posicionado em diversas unidades. Tanto a condução da batalha e quanto as questões administrativas estavam imensamente difíceis e, ainda mais, com as linhas telefônicas sendo destruídas inúmeras vezes pelo incessante fogo da artilharia inimiga.

*Para conseguir a harmonia e manter a unidade do regimento, o **Capitão Okrótny**, mesmo sob o mais forte tiroteio e com sacrifício pessoal, teve que intervir pessoalmente e repetidas vezes, na retirada ordenada pelo comando em 10 de maio, o que foi especialmente difícil e somente possível ao colocar em risco sua própria vida. Em grande parte, é graças a ele que o regimento pôde ser reunido em meio ao mais forte fogo inimigo e ocupar, novamente, a posição de retaguarda em Bojanczuk, bem como o regimento ter conseguido chegar em Kuczurnik, ordenadamente, na noite de 10 de junho, em condições de entrar em ação.*

Em 21 de novembro de 1916, adoentado pela dilatação do coração e com distúrbios estomacais de origem nervosa, devido à longa e responsável prestação de serviços na linha de frente, ele foi removido para trás da linha de combate, não sendo mais considerado apto a prestar serviço nesta linha. Permaneceu, por isso, em serviços administrativos no Escritório da Direção Geral do Imperial e Real Ministério da Guerra e, após a queda da monarquia, foi transferido para o Registro de Protocolos do Ministério da Guerra em liquidação. Passou a trabalhar, a partir de 1º de janeiro de 1919, no estabelecimento da Secretaria de Estado Alemão-Austriaco para assuntos do Exército, posto no qual ele ainda se encontra.





Viktor herdara dos pais, também o bom ouvido e a predileção pela música, embora não a praticasse pessoalmente, mas em compensação era excelente cantor, com uma voz de barítono agradável e macia, bem como um praticante e amante entusiasmado da canção popular alemã.

Escreveu, ainda, algumas obras de poesias líricas e exaltações em prosa, as quais ele não deixa publicar. Viktor é, antes de tudo, um adepto fanático da literatura e da cultura alemãs, um especial entusiasta do passado alemão e da época dos cavaleiros, assim como um admirador ardoroso do seu muito amado povo alemão.

Às suas tendências artísticas pertencem ainda uma maravilhosa escrita e o magistral domínio da caligrafia artística.

*No dia 18 de julho de 1914, pouco antes do início da Guerra Mundial, casou-se com **Marianne Gedon**, nascida em 18 de julho de 1891, em Ostrau, na Morávia, filha de um atacadista, comerciante e proprietário de imóveis chamado **Karl Gedon** e de sua esposa **Marie**, nascida **Roschek**, filha do engenheiro e arquiteto **Roschek**, na igreja católica em Ostrau, na Morávia. Deste matrimônio nasceu, em 7 de julho de 1915 – no dia em que **Viktor** estava justamente em intenso combate contra os russos – um filho de nome **Viktor (Karl Ladislaus Franz Josef Wilhelm)**, em Schönberg, Morávia (Vila Barczek, Ruela Neuwelt, nº 38).*

*Lamentavelmente, **Marianne** – uma pérola entre as mulheres – abatia-se cada vez mais de saudade, medo e preocupação pelo amado marido em campo de batalha, a tal ponto que seu corpo enfraquecido e sem resistência, como consequência de um resfriado, sofreu uma inflamação dos rins, à qual a querida mulher sucumbiu em 11 de janeiro de 1918. No dia 18 de janeiro de 1918 seus restos mortais foram colocados no jazigo da família dos seus pais, em Schönberg, Morávia, no Cemitério Católico, para a paz eterna.*

Um casamento como este, mais feliz e exemplar do que as mais belas palavras possam expressar – um breve sonho apenas – foi



assim dilacerado pelo terrível poder do destino; o céu ganhou um de seus melhores anjos, a terra um coração muito doente e nela foi abandonado um menino de ouro, fruto do mais profundo amor, órfão, tão só Órfão de mãe!

*No ano de 1901, **Viktor** e seu irmão **Karl** adquiriram o direito à cidadania austríaca pela obtenção do direito de moradia na comunidade alemã **Paulowitz**, em **Olmütz**. Como esta comunidade, após a queda da monarquia austríaca, acabou ficando para o Estado Tcheco, ambos emigraram para **Viena**, há muito tempo sua segunda pátria, onde, em novembro de 1918, adquiriram o direito de moradia.*

*3) **Karl (Josef Franz)**, nascido no dia 10 de dezembro de 1879 em **Hermannstadt**, frequentou a Escola Fundamental Alemã, quatro séries do Ensino Médio e, ali mesmo, a Escola Imperial e Real de Cadetes, sendo nesta última, no dia 18 de agosto de 1897, designado como Representante Cadete-Oficial do Regimento Imperial e Real de Infantaria Friedrich Wilhelm, Grãoduke de Mecklenburg-Strelitz, nº 31, em Hermannstadt.*

No dia 1º de novembro de 1898, promovido a Segundo Tenente, estava com o regimento que havia sido deslocado para o Sandschak Novibazar, em Boljanic, Gotovusa e Plevlje, nas barreiras de controle na fronteira de Montenegro e no Serviço de Manutenção e Segurança da linha Sarajewo-Plevlje.

*Do outono de 1901 até a primavera de 1902, no Batalhão da Estação Complementar Regional, em **Hermannstadt**, foi novamente deslocado com o regimento no qual permaneceria até outono de 1907, para **Karlsburg**, onde foi promovido a Primeiro Tenente já em 1º de maio de 1903.*

Uma coincidência peculiar do destino fez com que lhe fosse designada como moradia a mesma casa, em Karlsburg, na qual havia morado seu pai, no período que vai do casamento deste (1871) até sua mudança para Hermannstadt, na qual ele tinha vivido os momentos





mais felizes da sua jovem união e na qual os três filhos mais velhos: **Ladislau** (nasc. 1872), **Marie** (nasc. 1873) e **Friedrich** (nasc. 1874) vieram ao mundo.

No verão de 1904, ele concluiu o Curso de Instrução na Escola de Tiro do Exército em **Bruck a.L.** No outono de 1907, foi enviado para frequentar a Escola de Oficiais da Corporação Imperial e Real, em Hermannstadt; em 1º de maio de 1908, graças à ação do eminente protetor do seu irmão Viktor, sua Imperial e Real Alteza o **Arquiduque Josef Ferdinand**, foi transferido do então Comando do Regimento do Imperial e Real Regimento de Infantaria nº 93, para o mais alto regimento, em **Olmütz**. Do outono de 1908 até 1910 foi Adjunto na Escola de Oficiais da Corporação em Olmütz. Simultaneamente, onde foi, durante meses, Oficial Geral de Brigada do Comando da 9. Brigada de Infantaria. Em seguida foi mandado para a Escola de Cadetes da Infantaria, em Viena, onde ficou até setembro de 1913, para fins de estudos na Faculdade de Filosofia da Universidade Imperial e Real de Viena (história, germanística, geografia), quando então foi designado como Professor na Escola Imperial e Real de Cadetes da Infantaria, em **Praga**.

Quando da mobilização, em 1914, foi transferido para o Regimento de Infantaria Imperial e Real Heinrich, Príncipe da Prússia nº 20, participou dos combates iniciais da Guerra Mundial como Comandante de Campo da Companhia, com este regimento, no cenário de guerra russo até a ofensiva próxima a **Lublin**, onde, no dia 27 de agosto de 1914, em Borzechow (sudoeste de Lublin), foi atingido seriamente por um pesado fogo de granadas e quase completamente soterrado. Por essa razão, sofreu um colapso nervoso persistente (com manifestações de paralisia nas duas pernas), pelo que perdeu para sempre a possibilidade de servir na linha de combate.

Consequentemente, dedicou-se outra vez a lecionar na Escola Imperial e Real de Cadetes da Infantaria até a queda da monarquia, pelo que foi condecorado, em 1916, com a Medalha de



Bronze de Mérito Militar, na Faixa da Cruz de Mérito Militar e, em 1918, por comportamento corajoso perante o inimigo, com a Cruz Terceira de Mérito Militar, juntamente com a Condecoração de Guerra e Espadas e, depois, ainda, com a Cruz das Tropas de Karl e com a Suprema Medalha para os Feridos em Guerra. Em 1º de maio de 1918, foi promovido a Major.

Após a queda da Monarquia Austro-Húngara, trabalhou primeiro no Registro de Protocolos do Ministério da Guerra em liquidação, em Viena; foi requisitado em 1º de janeiro de 1919 pelo Departamento de Estado Alemão-Austríaco para Assuntos do Exército, juntamente com seu irmão Viktor, onde ele está a serviço até agora.

*Karl era muito doentio e franzino quando criança, motivo pelo qual foi designado pelo nosso pai para a classe clerical. Com a ajuda pessoal do seu amigo, o já anteriormente mencionado **Bispo de Siebenbürgen**, de nome **Fogarassy**, estava sendo planejada, para ele, a ida para o Germaneum, em Roma, na verdade um instituto para formação sacerdotal. As lágrimas de Karl, o qual não queria saber absolutamente nada deste plano, e que sempre quis se tornar oficial, acabaram sensibilizando o coração da nossa mãe, ainda em tempo antes da iminente partida e, graças à intercessão dela junto ao nosso pai, ele evitou uma profissão para a qual não tinha nenhuma vocação.*

Karl concluiu todas as escolas e todos os cursos que fez durante a sua vida, sempre com muito sucesso. Após o término da Escola de Oficiais da Corporação, ele poderia ter sido designado, sem exame de admissão algum, para ser admitido na Imperial e Real Escola de Guerra, em Viena, o que, no entanto, ele não chegou a implementar. Como seus irmãos, ele tinha o dom musical, dominava muito bem o violino, cujos fundamentos nosso saudoso pai lhe havia ensinado, além do piano e da cítara.

Ele também se dedicava à literatura em devaneios poéticos e escreveu alguns textos – não publicados – sobre história, sua matéria





preferida. Era intelectualmente muito bem dotado, e direcionado em alto grau para tudo o que se refere às artes e sempre se mostrou aberto para tudo o que é bom e belo. Como seu irmão, **Viktor**, era um ardente entusiasta da cultura e do modo de ser alemão em todas as suas formas: a língua, a arte, a literatura, a história e os costumes. **Karl** estava familiarizado com qualquer área do conhecimento, era modesto, especialmente bondoso e fielmente afeiçoado aos familiares. Ele era o elo de ligação entre todos os membros da família.

Nos seus anos de juventude, foi um aplicado e bom esgrimista, um entusiasmado ciclista, jogador de tênis, mas acima de tudo um exímio e apaixonado cavaleiro. Quando havia sido recém promovido a Segundo Tenente, era seu grande desejo passar para a cavalaria, assim como o do seu irmão Viktor, com o qual ele sempre cultivou a mais íntima fraternidade e uma ligação muito cordial. Contudo, a concretização deste ideal, como no caso do seu irmão, Viktor, não foi possível e ficou prejudicada.

O padrinho de batismo de Karl era o Capitão Imperial e Real do Regimento de Infantaria nº 54, **Josef Halva**, um solteiro afortunado e sem parentes, que repetidamente afirmava querer designar Karl como seu único herdeiro. Mas, nos melhores anos de sua vida, a morte alcançou **Halva** subitamente, vítima de um ataque de coração e, como não foi encontrado um testamento escrito, e como, de outro lado, a lista das oito testemunhas prescritas em lei para a validade legal de um legado transmitido oralmente não estava completa, foi perdida a considerável herança (50.000 Gulden), que foi recolhida por razões de Estado. (Na verdade, amigos se dispuseram voluntariamente a prestar o juramento como testemunhas do testamento oral de Halva em favor de Karl, cujos requerimentos, apesar do esforço de persuasão, fracassaram por causa da exagerada honestidade do nosso pai).

Com o mais alto protetor, **General Coronel Arquiduque Josef Ferdinand**, o relacionamento por escrito e pessoal, belo e honrado era



constante, sobre o qual existem diversas comprovações. Karl, assim como Viktor, era frequentemente hóspede daquela alta autoridade tanto na Residência Imperial em Salzburg quanto na mansão do Arquiduque, em Linz, cidade em que o Príncipe Imperial era o Comandante da Brigada na guarnição local e Chefe das Tropas de Infantaria da 3ª Divisão.

Com referência à obtenção da cidadania austríaca e do direito de moradia em Paulowitz, mais especificamente, Viena, já se fez menção quando falamos sobre o Viktor.

4) **Marie**, nascida em 22 de novembro de 1873 em Karlsburg, frequentou em Hermannstadt a Escola do Convento das "Irmãs Misericordiosas" e das "Ursulinas". Quando do término do seu curso nesta última (11 de novembro de 1881), uma porta no segundo andar deste antiquíssimo prédio se fechou de repente – a fechadura tinha um segredo –, de tal forma que ela não conseguiu mais abri-la. Os gritos de medo da criança, que estava sozinha no recinto, se esvaneciam nas espessas paredes. Assim, Marie, desesperada, subiu à janela e pulou para as profundezas, atingindo a calçada rústica de pedras arredondadas, e saindo, como por milagre, inteiramente incólume. Isso ocorreu, provavelmente, porque o ar se prendeu no seu casacão, um tanto grande para o seu tamanho, feito para servir até quando ela tivesse crescido, o que se transformou para ela num paraquedas salvador. As devotas freiras, que viram nisto um assombroso milagre, mandavam rezar todos os anos uma missa em comemoração ao acontecido. Se esta tradição sobreviveu não se sabe, mas, em todo o caso, ela persistiu, com certeza, enquanto a família morou ali (1899).

Marie, como filha mais velha, era naturalmente o orgulho dos pais e foi educada em tudo o que uma mulher deve aprender, seja nas artes domésticas seja nas coisas elevadas do espírito. Sua boa voz de soprano era conhecida em Hermannstadt e muitas vezes ela cantava





solos, acompanhada do órgão ou com acompanhamento instrumental, em missas solenes na igreja católica principal.

Em Hermannstadt, onde as diferenças de nacionalidade entre os "saxões de Siebenbürgen", administrados pela Hungria, e os romenos já se faziam notar, despertou-se em **Marie** – certamente influenciada e estimulada pela educação e mentalidade familiar – uma grande preferência pelo povo de origem, a admiração pelas maneiras, costumes e cultura germânicas.

Agir de acordo com essa ideia no seu lugar de origem e naquele momento era impossível e, além do que, ela era muito jovem, na época. Porém, quando ela, por meio de seu casamento, chegou a Viena, manteve ativamente suas relações com os muitos alemães de Siebenbürgen que ali se encontravam, e ouvia os lamentos e os "gritos de socorro" dos conterrâneos oprimidos. Assim, filiou-se à Associação para a Manutenção da **Cultura Alemã na Hungria**, cuja sede central era em **Viena**. Graças às suas qualidades, logo foi elevada a Presidente do grupo das mulheres dessa associação, em cuja posição de honra ela ainda hoje se encontra ativa. Por essa razão, teve o privilégio de estreitar suas relações com grandes batalhadores da causa alemã, como parlamentares etc. e como, por exemplo, o mundialmente famoso escritor, poeta e político suábio-húngaro **Adam Müller Guttenbrunn**, do qual ela recebeu algumas lisonjeiras palavras sobre seu trabalho.

No dia 10 de outubro de 1898, casou-se em Hermannstadt com o Capitão da Reserva e Inspetor da Rede Ferroviária Noroeste da Áustria, **Karl Welleba** (nascido em 26 de julho de 1862 e falecido em 17 de junho de 1913, em Viena, na função de Inspetor Chefe). Deste casamento nasceu a filha **Sophie**, em 13 de agosto de 1899, falecida em 30 de março de 1919. Ela foi aluna do Instituto de Educação para Filhas de Oficiais de Hernal, em Viena. Pai e filha jazem na paz eterna, no mausoléu da família, situado no Cemitério Central de Viena (Lote 79, Rua 34, nº 64).





5. **Gisela** nasceu em 5 de maio de 1881, em **Hermannstadt**, onde, mais tarde, concluiu todos os cursos de sua formação escolar. Ela se casou no dia 8 de fevereiro de 1902, em Viena, com **Leopold Stucklik** [ou Stuchlik?], Inspetor Chefe da Rede Ferroviária Noroeste da Áustria (nascido em 3 de julho de 1874) de cujo casamento vieram ao mundo dois meninos:

Leopold, nascido em 27 de dezembro de 1902, em **Viena**, e
Franz, nascido em 4 de outubro de 1906, em **Viena**.

6. **Karoline**, nascida em 13 de outubro de 1882, em **Hermannstadt**, foi a última das irmãs a casar, razão pela qual ela assumiu a tarefa de cuidar e apoiar nossa boa mãe até a sua morte, com muito sacrifício e altruísmo, pelo que também aqui lhe são devidos nosso mais profundo agradecimento e a perpetuação do cumprimento do seu difícil dever como filha.

No ano de 1910, ela passou com mérito no Exame Federal da Língua e da Literatura Francesas. Casou-se logo depois, no dia 6 de agosto de 1910, em Viena, com **Ferdinand Sittauer**, então Adjunto da Rede Ferroviária Austríaca (nascido em 18 de maio de 1883, em **Osterau**, na Morávia).

Em função de uma difícil operação no baixo ventre a que Lotte teve que se submeter em 1912, o extremamente feliz casal não teve filhos, o que é de se lamentar muito, pois ela foi uma esposa exemplar e certamente seria, da mesma forma, uma mãe modelar, dedicada à família de coração e alma.

7. **Friedrich**, nascido em 1º de fevereiro de 1875 em **Karlsburg**, faleceu em 21 de dezembro de 1876, em **Hermannstadt**.

8. **Stefanie**, nascida em 26 de dezembro de 1876 e falecida em 1º de fevereiro de 1877, em **Hermannstadt**. Os últimos irmãos





nominados estão sepultados em um mesmo túmulo, no Cemitério Católico Romano, em cuja lápide lê-se a inscrição:

*Aqui neste jardim de rosas
Nossos pais querem aguardar
Pais queridos, não chorem
Estamos diante do semblante de Deus!*

Mais algumas palavras sobre nossos pais, mais especificamente, sobre o pai da nossa mãe.

***Timotheus Perwuljew**, o pai de nossa mãe, foi Major austríaco e combateu, em 1849, com muita coragem, na guerra contra os húngaros, pelo que ele foi condecorado pelo **Imperador Nikolaus I**, com a Ordem Terceira de Santo Estanislau. (O respectivo decreto original se encontra em poder de **Karl**, o mais novo de nós, os três irmãos).*

*Sua esposa, **Rosa Coresco von Ohaba**, era filha do proprietário de terras **Karl Coresco von Ohaba** e ambos eram bem afortunados, tinham em Karansebes duas casas e um considerável terreno. Outros dados já conhecidos podem ser depreendidos da árvore genealógica, mas atos de guerra deste interessante e irrequieto homem merecem ser transmitidos com especial destaque.*

*A descrição mais eloquente sobre ele é aquela feita pelo Marechal Tenente de Campo **Barão Schmerlin** e está preservada no Arquivo de Guerra, no Fascículo 1868, nas "Descrições Individuais e Listas dos Oficiais do Regimento de Fronteira Imperial e Real nº 12 e do Setor de Administração de Fronteiras", no qual está escrito, textualmente, o que segue:*

***Timotheus Perwulliew** participou do combate de 1848-1849, na Batalha de Lippa, onde foi ferido, como Tenente Local comandando um batalhão de 12.000 homens. Além disso, protegeu as cidades*





*Lugos e Fakset das angústias da guerra, razão pela qual foi recomendado pelo **Comitê de Lugos** e depois pelo **Conselho de Guerra de Temesvar**, mediante relatório de 27 de janeiro de 1849, para promoção a Capitão extra carreira.*

No dia 10 de fevereiro de 1849, ele apreendeu, depois de três quartos de hora de luta, quinze carros de pão dos rebeldes, sendo que se possui uma confirmação escrita sobre todos estes feitos.

*De acordo com atestados de Generais e Oficiais do Comando Geral que temos em mãos, ele capturou um espião dos rebeldes, construiu um hospital para as tropas deslocadas para Krassóer Comitatche, equipou vários outros hospitais e o centro de transportes de Hermannstadt com os utensílios necessários e cuidou da provisão de alimentos. Uma campanha de doação por ele promovida, conseguiu 6.000 Gulden e várias centenas de cartucheiros e calçados. Também, por meio de confisco, reabasteceu, em parte, com gêneros alimentícios a **Fortaleza Arad** e, finalmente, atuou como mensageiro e informante em importantes assuntos. Foi feito prisioneiro de guerra em **Siebenbürgen**, oportunidade em que foi ferido duas vezes e ele mesmo comprou sua liberdade.*

*Pelos bons serviços prestados às Tropas Imperiais Prussianas, recebeu a Ordem Terceira de Santo Estanislau e foi recomendado para receber a Ordem Terceira da Coroa de Ferro, dentro do espírito do elevado decreto do Ministério da Guerra, de 4 de fevereiro de 1850, pela comissão reunida sob a chefia do senhor General Major **Barão Zeisberg**, com o propósito de identificar os indivíduos que mais se destacaram nos feitos de guerra em **Siebenbürgen**. Além disso, o Marechal Tenente de Campo Barão Schmerling escreveu sobre o comportamento dele diante do inimigo: "bravo e forneceu a prova de que juntamente com a coragem pessoal ele sabe agir com prudência".*





Se ou quando ele recebeu a Comenda da Coroa de Ferro, naquele tempo uma rara e elevada condecoração, não se pode saber. Mas uma coisa se depreende da mencionada descrição: é que ele, após o prazo de um ano, não tendo ainda recebido a promoção para Capitão e nem a Ordem da Coroa de Ferro, queixou-se acerca disso diretamente junto à Sua Majestade. – Esta queixa foi encaminhada para o Imperial e Real Ministério da Guerra, Repartição 10, a qual resolveu punir, com somente catorze dias de prisão militar, a este bravo oficial por muitas vezes testado diante do inimigo, "apenas em consideração ao seu grande mérito, apesar de ele ter se excedido e arvorado a si direitos, e por ele já ter se queixado outras vezes sobre chefias".

*No ano de 1851, "por ter servido muitos anos e ter sido um excelente oficial com a espada em punho", em vez da elevação à classe da nobreza austríaca, pediu permissão para usar um antigo título de nobreza russo, sob a referência especial da Ordem de Santo Estanislau, a qual ele fez por merecer e recebeu, na Hungria, na luta contra os rebeldes. O pedido lhe foi negado, sob a alegação de que não lhe seria permitido o porte de "título de nobreza estrangeiro", porém sugerindo que ele, após a obtenção da Ordem da Coroa de Ferro, teria a oportunidade de requerer, de acordo com os estatutos, o título hereditário de Cavaleiro da Áustria. Aparentemente amargurado com este tratamento, o meritório herói de guerra se retirou da vida pública, mas conseguiu, pelo menos, que, em agradecimento pelos seus muitos serviços prestados, os estudos de todos os seus sete filhos, em diferentes instituições, fossem custeados pelo Estado, por ordem de **Sua Alteza o Imperador Franz Josef I.***

Timotheus Perwuliew foi um oficial imbuído de lealdade e fidelidade ao Imperador e à pátria, eficiente e confiável, um velho e destemido guerreiro que não conhecia subterfúgios, somente o ataque direto. Esta última qualidade não lhe trouxe, no entanto, proveito algum, antes, ao contrário, mais dano e julgamentos desfavoráveis.





Na vida particular, era um grande jogador de cartas e ele, inicialmente afortunado, dono de imóveis de valor, bem como de duas casas em Karinsebes e de outros bens mais, mais tarde o levou ao ponto de desperdiçar seu respeitável patrimônio em banquetes e jogatina e não deixou nenhum tostão como herança para os filhos.

*Por nossa iniciativa, foi concedido a nós, irmãos, pela competente autoridade municipal, em **março de 1918**, o direito de usar o antigo nome de família **Poschenburg**, com acréscimo do nome **Okròtny**, como nome civil duplo. Apoiados no direito de reivindicação de **elevação à classe da nobreza**, conquistado por nosso falecido pai no campo de batalha e graças ao seu longo tempo de serviço como oficial, bem como considerando os nossos próprios méritos diante do inimigo na Guerra Mundial, apresentamos em agosto de 1918 à **Sua Majestade, o Excelentíssimo Imperador e Rei Carlos I, da Áustria**, um requerimento para que fosse concedida a nós a admissão para a Classe de Nobreza Austríaca, o que foi assinado por ele.*

*Como lembrança da nossa antiga propriedade na terra saxônica em **Siebenbürgen**, solicitamos neste mesmo ato a permissão para usar o atributo nobiliárquico "**von Hohensachsenstein**".*

Pouco tempo antes desta mais alta concessão a respeito da nossa petição e da outorga do nosso título de nobreza, sucedeu, no final de outubro de 1918, a queda do Estado Austro-Húngaro e a abdicação do Imperador e de sua casa, motivo pelo qual o requerimento não pôde mais ser encaminhado a alguma solução. O requerimento, juntamente com todos os documentos, foi apresentado no dia 25 de setembro de 1918 ao Imperial e Real Ministério do Interior, sob nº 1931/A, recebeu no mais alto Gabinete da Chancelaria de Sua Majestade o nº 17579/162, no dia 3 de setembro de 1918 e, após a queda, foi arquivado no departamento que trata de assuntos da nobreza do Ministério do Interior, onde se encontra até a atualidade.





*Sua Alteza Imperial e Real, o Ilustríssimo **General Coronel Arquiduque Josef Ferdinand**, o mais distinto, e por nós já várias vezes mencionado, grande protetor, tio de Sua Majestade o **Imperador Karl I**, dignou-se juntar a seguinte lisonjeira carta de recomendação ao nosso requerimento para a outorga do título de nobreza, cujo original se encontra em poder do nosso irmão **Viktor** e contém textualmente o seguinte:*

Eu atendo com muito prazer o pedido que me foi formulado pessoalmente pelo Major Viktor Poschenburg-Okròtny, para dar parecer sobre o requerimento à sua majestade, em meu poder, porque todos os três postulantes da nobreza me são pessoalmente conhecidos e porque eu pude, no decorrer de muitos anos, formar um juízo conclusivo, especialmente sobre os dois irmãos Viktor e Karl. Os dois últimos nominados oficiais, que na paz – quando eu era Comandante do Regimento de Infantaria nº 93 – me eram subordinados nesta corporação, eram, tanto no que se refere ao serviço quanto fora dele, dois oficiais exemplares, cujo ardente amor pela pátria, a infatigável dedicação ao trabalho, a índole extremamente discreta e a raríssima mentalidade positiva fundamentaram, em grande parte, não só a plena estima de todos os seus superiores, mas também a simpatia e a afeição dos seus camaradas.

Se as brilhantes qualidades mencionadas, juntamente com os méritos adquiridos na guerra e na paz, já permitem de toda a consideração especial dos proponentes ao título de nobreza, como justificativas suficientes, acredito que eu possa recomendar, especialmente e ainda mais convicto, o requerimento dos irmãos ao mais alto dignatário,



como sendo uma petição formulada como última vontade do pai, cujo direito de elevação de classe, em todo o caso, já lhe havia sido concedido, em razão dos quarenta e três anos de prestação de serviço militar, mas que, em consequência da sua morte, não pôde ser concretizado.

Os proponentes à nobreza vivem em situação financeira muito boa e contam, levando-se em consideração o conjunto de todos os seus valores individuais, sem dúvida, entre os mais destacados oficiais do Comando Geral do Exército.

Resumindo, meu julgamento é que, dos requerentes, em todos os aspectos, só conheço o melhor e, sendo assim, os considero, em todos os âmbitos, dignos da solicitada honraria. O despacho do requerimento à Sua Majestade, com este parecer, segue por minha ordem.

Viena, 20 de agosto de 1918
Arquiduque Josef Ferdinand
General Comandante

Epílogo

Com isto, nós, os três irmãos, encerramos este trabalho, do qual produzimos apenas três exemplares manuscritos originais, destinados à linhagem de cada um de nós, filhos homens: Ladislaus, Viktor e Karl – e, como prova da autenticidade, apusemos nossas assinaturas de próprio punho em cada um deles.

Nós determinamos:

1) Que a obra original de cada linhagem seja guardada com zelo pelo mais velho de cada qual, seja mantida inalterada e que lhe seja dada continuidade pelo mesmo da forma mais exata e fiel à verdade,





em comum acordo com os demais membros mais velhos daquela linhagem, isto é, pelos outros integrantes da família.

2) Se o sênior de uma linhagem ainda for menor de idade, deve o sênior de toda a família administrar e complementar a crônica dessa linhagem até que aquele atinja sua maioridade (não antes de seu vigésimo ano de vida). O sênior de toda a família, porém, ao mesmo tempo e através desta, fica autorizado a cuidar e manter sob o seu controle este trabalho realizado então pela mulher mais velha daquela linhagem (caso ela seja maior de idade).

Caso uma linhagem não tiver descendente do sexo masculino, naturalmente a obrigação de honra e a manutenção das anotações de família em seu poder caberão à descendente feminina da linhagem (de acordo com a geração), mas tão somente enquanto não existir um descendente masculino. Se este novamente se fizer presente, aplique-se o estabelecido no ítem 2).

Casos polêmicos nesta questão sempre serão decididos pelo mais velho de todos os parentes, a cuja sentença é devida submissão absoluta. Contudo, deve valer como norma, que o exemplar da crônica herdado seja mantido sempre como propriedade da linhagem correspondente: Ladislaus, Viktor e Karl, e que por isso pode apenas temporariamente chegar à situação dos ítems 2) ou 3), e sem direito de propriedade por outra linhagem.

Se uma linhagem se extinguir totalmente, recai o original desta para o sênior de toda a família e, novamente, decide o sênior sobre seu destino como propriedade ou quase como objeto de posse.

Solicitamos a todos os membros da família e, principalmente, aos mais velhos, isto é, aos administradores da crônica, que mantenham nossa tradição em elevado apreço em todos os tempos, que cuidem com vivo zelo pela sua continuidade escrita e oral, que infundam nas crianças esse germe, esse propósito e esse modo de pensar lhes seja inculcado desde a mais tenra idade e inclusive com o leite materno,





narrando e ensinando o respeito e a compreensão humana frente às pessoas, as alegrias e os sofrimentos, as virtudes e os vícios de seus antepassados, de forma que, anos mais tarde, não só saibam de sua origem, mas também aprendam a extrair dela o que de bom devem imitar daqueles que os antecederam e o que de ruim devem evitar.

Somente assim será despertado, estimulado e mantido o espírito de família. O que com isto nós – os autores destas linhas – na verdade queremos alcançar é:

O sentimento profundo de pertencimento à família, a união cordial e forte nos dias bons e ruins, a compreensão mútua, a indulgente tolerância de uns para com os outros, mas, acima de tudo, ajuda e apoio com todas as forças na necessidade e na infelicidade.

Esta era e é nossa posição e queremos que nossos filhos e que os filhos dos nossos filhos – onde quer que o destino os venha a espalhar, mundo afora – venham a dominar estes nobres princípios da forma mais amorosa, íntima e profunda, para proveito de cada um e para o benefício de toda a estirpe.

*Assim, também é nosso desejo, que a família toda, com vistas a se manter de alguma maneira o contato quando de separação geográfica, permaneça em comunicação com todas as linhagens ao menos por escrito e, para este propósito, pelo menos uma vez por ano, a saber: no dia **19 de janeiro**, na festa do aniversário do nosso **mais velho antepassado, Wilfried** – dar-se o sinal de lembrança recíproca por meio de carta registrada (não cartão postal).*

Como a rigorosa vigilância destes procedimentos passa a ser obrigação do sênior de cada família, nós ora o incumbimos de não poupar esforços para promover, ocasionalmente, encontros de família, nos quais a participação, sempre que possível, de todos os parentes (pelo menos dos adultos) é dever de família.

Isto posto, transmitimos estas linhas à posteridade, para que compreenda o conceito de "família" de forma tão ideal como nós o





*fazemos. Esperamos que ele seja mantido por nossas futuras gerações em ainda mais alto grau, para a felicidade, benção e bem-estar da grande família **POSCHENBURG!** – Que Deus faça isso acontecer!*

Viena, 27 de setembro de 1919.

Major Karl Poschenburg m.p.

Major Viktor Poschenburg m.p.

Coronel Ladislaus Poschenburg m.p.

(m.p. - manu propria = de próprio punho)



Depois que redescobri esta crônica familiar, continuei com minhas pesquisas. Nesse meio tempo, recebi dos Arquivos de Estado de Viena, em 2006, uma cópia completa do relatório da carreira militar de meu **avô Ladislaus** e de seus dois irmãos **Karl e Viktor Poschenburg-Okròtny**.

Infelizmente, sei muito pouco sobre o período entre 1919 – quando a declaração acima foi escrita e, certamente, assinada – e 1941, quando Ladislaus morreu. Ele foi enterrado no cemitério da cidade de Viena, mas, quando fiz algumas pesquisas por lá, em 2006, me disseram que a sepultura havia sido limpa em 2001, porque não havia ninguém responsável por ela. Infelizmente, eu estava cinco anos atrasado para descobrir ainda mais coisas e para cuidar do túmulo do meu avô.

Tentei juntar aqui tantas informações quanto possível, anotando as datas e os fatos que encontrei nas cópias do Arquivo do Estado, para diminuir um pouco essa lacuna.

Também sei pouco sobre os dois irmãos **Viktor e Karl Poschenburg-Okròtny**. **Karl**, o irmão mais novo – a crônica não mostra isso claramente – aparentemente nunca se casou e não deixou filhos. Também não sei onde ele viveu e morreu.

Viktor teve um filho com o mesmo nome, **Viktor**, que serviu como soldado na Segunda Guerra Mundial e sobreviveu. Dizem que ele se casou





durante a guerra (o nome da sua esposa não me é conhecido), mas não deixou filhos. No final da guerra, ele foi prisioneiro na Rússia, de onde voltou depois de dois anos. Segundo as histórias de minha mãe, algumas semanas depois de voltar, ele foi fazer um passeio de moto com a esposa, quando ambos morreram em um acidente. Quando o pai **Viktor** soube disso, queimou a crônica da família em um ato de revolta – um livro escrito à mão, com todos os dados copiados, antes, por minha mãe, como mencionado. O que aconteceu com os outros dois originais (ver explicação dos três irmãos acima), infelizmente ainda não consegui saber.

Como a história escrita da família Poschenburg-Okròtny termina aqui, tentei continuar pesquisando para descobrir se há descendentes desta família. Verificou-se que minha tia-avó, **Gisela Okrótny**, se casou com o Sr. Leopold Stuchlik (Stucklich?) em **Viena**. Aparentemente, esse casamento permaneceu sem filhos. Além disso, Leopold Stuchlik recebeu, da Administração Provincial de Praga, em 1944, o direito de mudar o sobrenome de Stuchlik para Poschenburg.

A Magistrada Katja Maria Chladek, genealogista da Chancelaria de História e de Pesquisas Genealógicas-Históricas, em Viena, enviou-me informações sobre o destino dos irmãos Leopold e Franz Stuchlik, existentes nos Arquivos do Estado em Praga.

Leopold Stuchlik, nascido em Trebie em 3 de julho de 1874 e casado com Gisela Okrotna, em Viena, em 8 de fevereiro de 1902, declarou Praga como sua residência e morou, com sua família, na casa nº 309 em Praga-Dejvice, em 1922; a família viveu, em 1931, na casa nº 191, na cidade velha de Praga. Leopold Stuchlik era Oficial do Estado e trabalhou como Inspetor das Ferrovias Federais.

Em relação a **Leopold**, nascido em **Viena** em 27 de dezembro de 1902, recebi as seguintes informações: ele tinha sua própria





*página no Registro de Cidadãos de Praga, contendo as seguintes informações: Casou-se com **Maria Mala** em 26 de dezembro de 1931, em **Praga-Podoli**, nascida em 26 de setembro de 1908 em Kralovske Vinohrady (agora parte de Praga). Eles moravam na casa nº 277 em Praga-Podoli. Em 29 de fevereiro de 1944, Leopold recebeu da Administração Provincial o direito de mudar o sobrenome de Stuchlik para Poschenburg. Não há filhos de Leopold Stuchlik-Poschenburg no registro de cidadãos de Praga.*



Não encontrei outras informações sobre a família Poschenburg-Okròtny.

Após uma história tão longa e movimentada como esta, da família von Poschenburg-Okròtny, percebo que sou, atualmente, o único integrante masculino desta família com descendentes. Felizmente, pude pesquisar, redescobrir muitos fatos e, por meio deste livro, transmiti-los aos meus filhos e netos. Eu ficaria feliz se algum deles pudesse, um dia, continuar esta crônica.

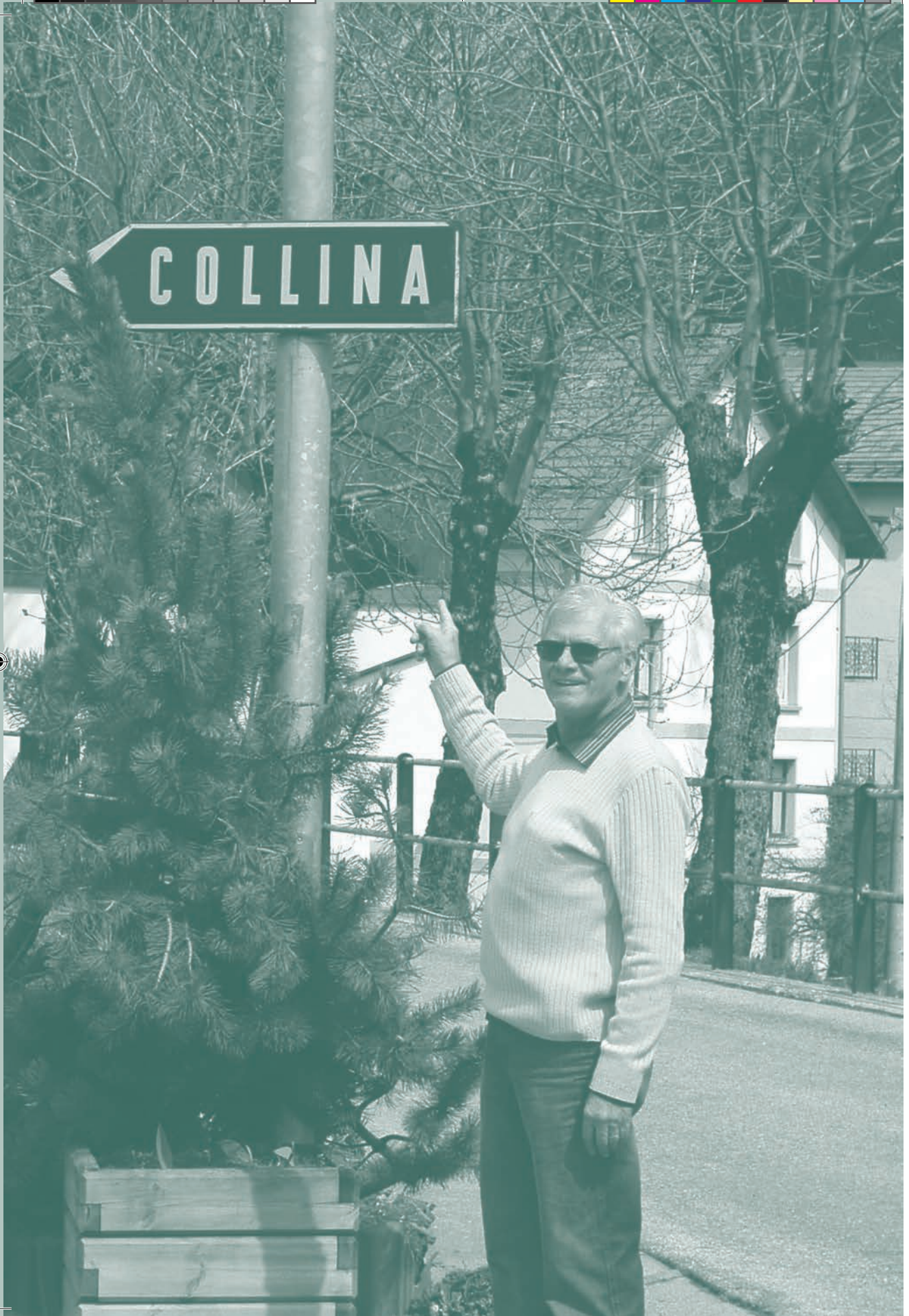






2

A história dos di Tamosis e dos Tamussin, até os Tamussino





2. A história dos di Tamosis e dos Tamussin, até os Tamussino

Até o início do ano 2000, eu tinha poucas informações sobre a família Tamussino. Em função disto, viajei à Itália e à Áustria, para fazer algumas pesquisas.

Investigar o passado de uma família que tem mais de oitocentos anos de história é um trabalho árduo e demorado, que demanda muito tempo e dedicação. Além do que, moro no Brasil desde 1960, portanto, há sessenta anos. Fazer pesquisas na Europa a partir daqui é, pois, ainda mais difícil e complexo. Comecei no início do século XXI, aproveitando a ocasião de uma reunião da Confraria Schlaraffia², chamada Allschlaraffia[®], que se realizou no norte da Itália, mais precisamente em Merano.

Uma semana antes do encontro, Helga e eu fomos de carro de Milão, via Bérgamo, até Collina. Pernoitamos em Bérgamo e fui à Biblioteca Nacional para ver se havia alguma evidência do brasão da família "di Tamosis". Isso, porque tenho uma cópia deste brasão, no qual se pode ler: "**1458 Leonardo Di Tamosis Dela Cita Di Bergamo Cavalier**". Este mesmo brasão eu vi na parede de uma casa em Collina e fotografei (veja mais adiante). A história de como meu bisavô foi de Collina para Kärnten (Caríntia) e, depois, para

² A Confraria Schlaraffia[®], ou simplesmente Schlaraffia[®], é uma agremiação mundial de homens praticantes da língua alemã, com sede em Berna, na Suíça, dedicada à arte, à amizade e ao humor.





Viena foi narrada por meu tio Ernst Tamussino (irmão de meu pai) e está inserida em anexo. Outro primo (de segunda geração) preparou a árvore genealógica da família, que também está incluída, como Anexo, no final deste livro.

Seguindo as pistas dos Tamussin

Entre final de abril a meados de maio de 2006, minha esposa Helga e eu fizemos uma viagem ao norte da Itália, onde, em Merano, teríamos um compromisso nos dias 29,30 de maio, conforme mencionado acima. Assim, aproveitei essa oportunidade e planejei uma viagem a *Collina* e arredores, tanto para conhecê-la como também para obter mais informações sobre nossos ancestrais, os **Tamussin** e os **di Tamosis**. Até



3. No caminho para Collina, em meio aos Alpes , neste trecho denominados Gailtaler Alpen, ou Karnische Alpen.





essa data, eu não tinha contato com ninguém dali.

O caminho para Collina nos levou de Milão a Bérghamo, e de lá até Cortina D'Ampezzo, para então chegar em Forni Avoltri, onde meu bisavô, Thomas Anton Sottocorona (mais tarde Tamussin) foi registrado. Daí, seguimos para Collina, o local de seu nascimento e onde viveu com os pais. O seu nascimento, conforme o registro, foi em 10.05.1825 em Timau, perto de Paluzza.

A viagem nos conduziu de Milão a Bérghamo, onde paramos por dois dias. Fiz pesquisas na biblioteca da Cidade Velha de Bérghamo, mas não consegui encontrar nada naqueles antigos Livros de Registro dos Antepassados que me pudesse levar aos di Tamosis. Nenhum dos livros existentes, contendo todos os brasões e sobrenomes familiares antigos menciona este sobrenome, assim como também não havia brasões que fossem nem ao menos parecidos com aquele que eu procurava. Ao invés disso, havia nesses livros muitas referências às famílias **Tomasi, di Tomasis, Tommasin** etc. e seus respectivos brasões de armas. Seria oportuno notar, ainda que di Tamosis, provavelmente, significa "**Aquele que descende de Thomas**".

De Bérghamo nós seguimos para Auronzo, via Cortina d'Ampezzo, onde nos hospedamos em um hotel por duas noites. Como não sabíamos se haveria outra opção de acomodação em Collina, achamos mais seguro ficar em Auronzo. Além disso, já era fim de tarde, começando a escurecer.

Na manhã seguinte, saímos bem cedo, para dispormos do máximo tempo possível. Passamos por Santo Stefano, San Pietro e Sappada até chegarmos em **Forni Avoltri**. Ali, primeiro tivemos que obter melhores informações, porque **Collina** nem ao menos constava do nosso mapa rodoviário. Eu tinha acabado de estacionar meu carro perto da igreja principal (na verdade, existe apenas uma), quando Helga me chamou e me mostrou uma pousada alpina, situada ao lado da igreja de **Forni Avoltri**. Trata-se de uma casa de três andares bastante grande, com um





4. A igreja de Forni Avoltri, com a Pousada Sottocorona ao fundo (provavelmente já pertenceu à família Sottocorona), em Forni Avoltri, norte da Itália.





café e um restaurante no térreo e, em cima, escrito em letras bem grandes, "Albergo Sottocorona". Entramos e perguntei ao homem atrás do balcão se seria possível falar ali com um(a) Sottocorona. Ele disse "um momento, por favor" e logo depois veio uma mulher saindo da cozinha, dizendo que ela não era da família Sottocorona, mas sim a atual proprietária da pousada. Seu nome, infelizmente, não lembro mais.

Essa senhora foi muito simpática quando expliquei a ela, em minha mistura de italiano, português e espanhol (que ela, porém, entendeu bem), o que eu queria ali. Ela não apenas nos mostrou o caminho exato para Collina, como também ligou para uma Sra. Sottocorona em Forni Avoltri, a qual não se dispôs a entrar em contato conosco, porém nos indicou o Sr. Nelio Toch, em Collina, que, segundo ela, **saberia tudo sobre Collina e seus habitantes**. Finalmente, já tínhamos pelo menos um nome como ponto de partida em Collina.



5. Memorial aos soldados de Collina, tombados nas duas Guerras Mundiais.





6. Ekkehart, na entrada de Collina.



7. Ekkehart, no cemitério, com casas de Collina ao fundo.





A jornada continuou, cada vez mais para o alto das montanhas. Já havíamos deixado para trás as Dolomitas e dirigíamos ao longo dos Alpes Carintianos. Fomos de Forni Avoltri, via Collinetta, para Collina, um caminho de quase sete quilômetros. Quando chegamos a **Collina**, fomos primeiramente para o cemitério, o qual está repleto de túmulos dos Tamussin e dos Sottocorona.

De volta ao vilarejo, procurávamos por alguma alma viva, pois as ruas estavam desertas. Era final de abril, estava relativamente frio (cerca de cinco a dez graus positivos) e pouco antes do meio-dia.

Finalmente, vimos uma senhora mais velha andando pela rua. Perguntei a ela se conhecia o Sr. Nélio Toch, ao que respondeu afirmativamente. Estava prestes a nos mostrar a casa dele, quando viu três homens em frente a uma moradia em reforma e disse: "Lá, ali está ele", e apontou para um senhor que devia ter cerca de sessenta anos. Mais que depressa, fui me apresentando, porém, ele, como um típico homem da montanha, mais retraído, não demonstrou emoção alguma. Quando tentei explicar que eu era um Tamussino do Brasil e que gostaria de entrar em contato com um ou outro Tamussin em Collina, ele nos mostrou duas casas onde morariam alguns Tamussin. Uma delas era de um pai junto um filho, mas eles não estavam ali naquele momento, pois tinham ido almoçar. Então, fomos na direção da outra que ele havia apontado, onde conhecemos uma mulher chamada Tamussin, que estava prestes a entrar na casa. Tratava-se de uma senhora mais velha, não exatamente receptiva, a qual, depois de alguns minutos, se desculpou alegando ter que cuidar do marido doente, entrou e fechou a porta.

Estávamos voltando, quando o Sr. Toch veio na nossa direção com um pequeno livro na mão, que nos mostrou e nos informou que teria sido escrito por um Sr. Enrico Agostinis, igualmente de uma antiga família local, no qual se encontram relatos sobre todas as famílias de Collina e suas respectivas casas. Quando perguntei se este livro poderia ser comprado





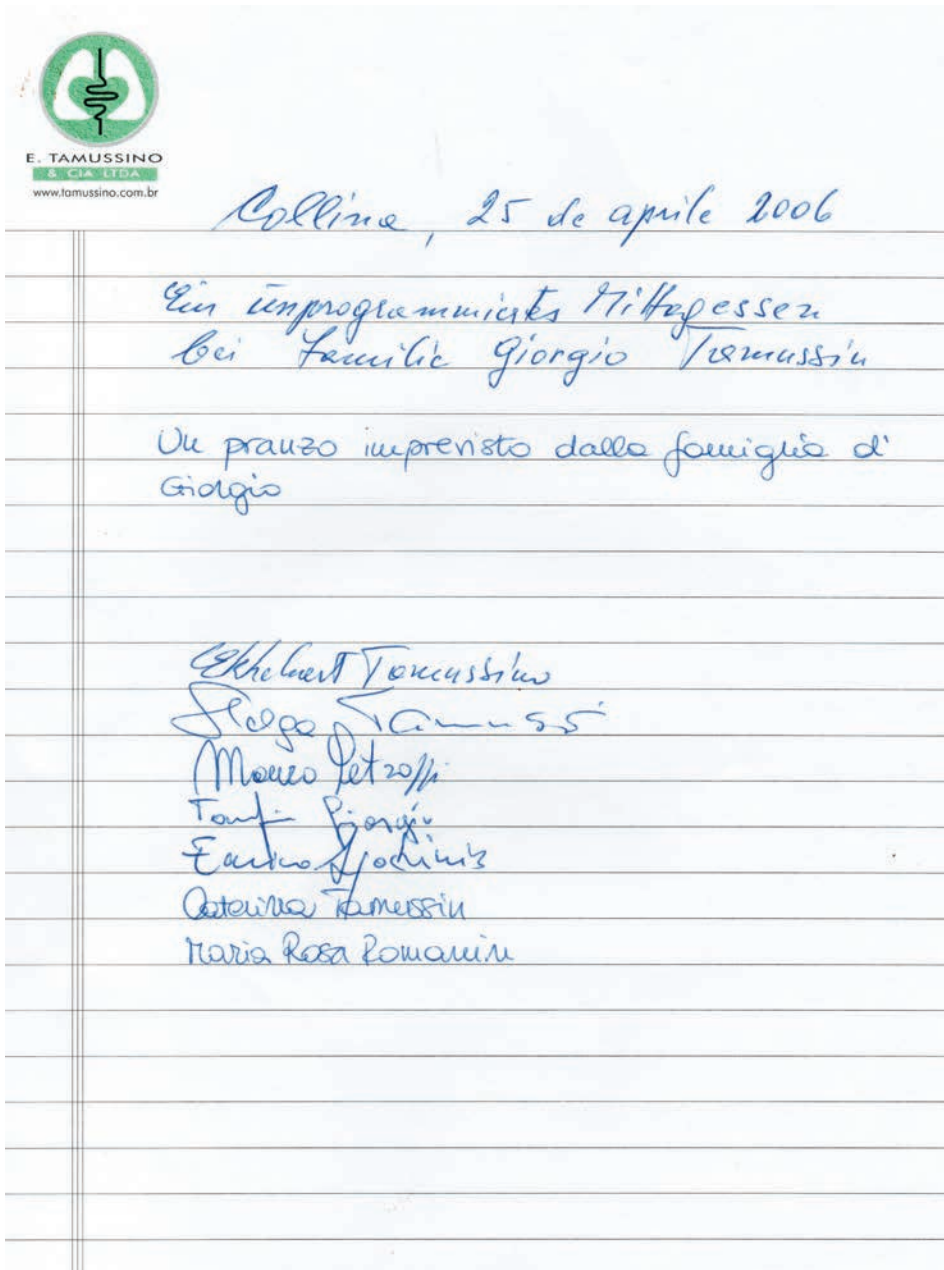
em collina, ele respondeu que "não". Porém, considerou que o mesmo poderia estar disponível em alguma livraria em Abruzzo, mas ele não tinha certeza disso.

Enquanto ainda conversávamos, pensando que talvez pudesse comprar o seu exemplar, uma jovem senhora de cerca de trinta e cinco anos se aproximou e perguntou se éramos nós que estávamos procurando os Tamussin, o que confirmamos. Ela se apresentou, então, como **Catarina Tamussin**. Ela morava do outro lado da rua e nos convidou para entrar e tomar um copo de vinho. Finalmente, agora o gelo havia sido quebrado! Imediatamente ela se dispôs a ligar para o Sr. Enrico Agostinis, para descobrir se ele poderia nos informar onde se poderia comprar o livro. E, vejam só, embora esse senhor morasse em Milão, ele acabara de chegar a Collina na noite anterior (que coincidência!) e imediatamente ela o convidava para também vir à casa dela a fim de juntar-se a nós para tomar um copo de vinho!



8. Vista de Collina, com a cadeia de montanhas ao fundo.





9. Em visita à família Giorgio Tamussin, em 2006, com as assinaturas dos presentes.





A partir daí, as perguntas iam e vinham, tanto com Catarina, que fala bem o alemão e o inglês, quanto com Enrico, que fala inglês muito bem, resultando em uma comunicação muito animada. Os pais de Catarina, **Giorgio Tamussin** e **Maria Rosa Romanin** só falam italiano. Por último, fomos todos convidados para almoçar – e, naturalmente, havia espaguete! Ao final, o Sr. Enrico Agostinis me deu de presente o livreto (Catarina lhe havia sugerido que trouxesse um exemplar, além de um CD, no qual estão listados todos os nomes e as datas das famílias de Collina, desde 1602, no entanto com algumas lacunas. Em consequência, eu teria agora muito o que fazer para examinar tudo isso.

Nestas preciosas fontes já encontrei referências aos nossos bisavós, assim como aos pais deles. Algumas partes deste livreto, com a história dos Tamussin, foram traduzidas do italiano para o alemão, e constam do presente relato, às páginas 84 a 91.

Foi mais que uma coincidência, que Enrico Agostinis estivesse presente naquele mesmo dia. Catarina Tamussin também teria viajado dois dias antes para o Nepal, onde ela – uma alpinista apaixonada – planejava escalar uma montanha com oito mil metros de altitude, mas a viagem foi adiada devido a agitações populares no Nepal. Realmente, tantas coincidências de uma só vez são raras, ou devo chamá-las de providência? Tiramos inúmeras fotos e tentaríamos permanecer em contato com ambos para, eventualmente, obter mais informações.

No livro, que eu só conseguia ler muito devagar, uma vez que está escrito em italiano e ainda não sou tão proficiente nesse idioma, consta, também, a história do início da família, da forma como havia sido transmitida por meio da tradição oral. Nesse meio tempo, já mandei traduzir o livro.

De Collina, voltamos para Abruzzo e de lá, no dia seguinte, fomos para Merano, onde passamos uma semana inteira em função de um encontro da Schlaraffia®. Àqueles que não conhecem Merano e Bozano, só posso recomendar essas duas cidades. São duas cidadezinhas encantadoras e com





10. Brasão da família di Tamosis, datado de 1315.





11. O brasão da família di Tamosis Dela Cita Di Bergamo, 1458.





pessoas extremamente agradáveis e prestativas, sendo que a maioria também fala alemão pois a região fazia parte do antigo Tirol do Sul, que pertencia à Monarquia Imperial e Real Austro-Húngara até o fim da Primeira Guerra Mundial. Isto, sem falar nos arredores – que proporcionaram uma ótima experiência para nós dois! Chegamos a subir até as geleiras onde o Ötzi (múmia natural de homem europeu, da idade do cobre) foi encontrado e também para a Geleira de Sulden, onde se diz ser possível esquiar durante o ano todo.

Enfim, chegamos novamente a Curitiba e, como já mencionado, passamos a analisar lenta e criteriosamente os documentos.

Partindo dos di Tamosis e Tamussin até aos Tamussino

Consegui dois brasões diferentes dos di Tamosis, os quais talvez possam trazer algumas revelações. (pgs. 81 e 82)

O primeiro, datado de 1315, é de **Lionardo di Tamosis** e foi acidentalmente descoberto e fotografado por meu primo Fritz Tamussino, durante uma visita sua a Collina nos anos 1950. O brasão estava no verso de um quadro na casa de um Tamussin.

No brasão de armas se lê: "**Lionardo Di Tamosis Dela Zitta Di Bergamo Cavalier. Arma Di Tamosis**". Infelizmente, as informações escritas à mão sob a figura são indecifráveis.

Um segundo brasão, que recebi do meu irmão Ingo Tamussino, é datado de mais de cem anos depois, 1458, e tem praticamente a mesma redação, mas refere-se a **Joanes di Tamosis**, provavelmente um descendente direto de Lionardo. Também a figura e o escudo retratados são quase idênticos.

O interessante é que Helga e eu descobrimos uma casa, em Collinetta, que pertence a uma família Tamussin, na qual estão pintados, na parede da frente, esses dois brasões dos **di Tamosis**, com **Leonardo e Giovanni** e com as datas de 1315 e 1458, o que coincide com nosso brasão da família





no qual é citado **Joanes di Tamosis**, igualmente datado de 1458. Apenas um dos dois poderia ter sido o fundador da Collina, pois há um interregno de 143 anos entre estas datas. Note-se que **Joanes** e **Giovanni** se referiam, provavelmente, à mesma pessoa, já que naquela época, os mesmos nomes eram usados em diferentes variações, mas têm o mesmo significado.

O porquê da diferença de 143 anos entre as duas datas e qual a relação entre Leonardo e Giovanni não pode mais ser comprovado. Pressupomos que poderia tratar-se de avô e neto, mas essas conjecturas não são comprováveis.

A seguir, estão publicadas partes do livro de Enrico Agostinis, **As almas e as pedras**³ no qual é mencionada a família Tamussin. As seções mostradas aqui, traduzidas do italiano, estão nas páginas 1 a 45 do original.



12. Vista frontal de uma casa em Collina, com a pintura retratando os fundadores da cidade e com os dizeres: Cavalieri Bergamaschi Fondatori di Collina, Leonardo & Giovanni di Tamosis, 1315-1458" (2006).

³ AGOSTINIS, Enrico. *Le anime e le pietre. Storie e virte di case e casate, di uomini e famiglie Piccolo grande zibaldone della villa di Culina in Cargna*. Milão: Sagep, 2001.





AS ALMAS E AS PEDRAS

*Uma história sobre as casas e os nomes das famílias
da vila de Collina, na Cárnia, Itália*

Enrico Agostinis

Este interessante relato examina a história dos habitantes da vila de Collina, na região dos chamados Alpi Carnici, ou Gailtaler Alpen, próximos à região das Dolomitas, no extremo norte da Itália, partindo da época provável de sua fundação, que remonta a inícios do século XIII (1200).

Com relação ao início dessa história, o autor – embora sem comprovações de crônicas ou registros da referida época – mas com base em seus próprios pressupostos, recorre, ainda assim, a fatos históricos e também a documentos jurídicos, que comprovam desavenças sobre "Dízimos", que na época equivaliam aos impostos.

Este material permite destacar três distintos acontecimentos, os quais podem ter incentivado os fundadores da comunidade a deixar as terras em que viviam originalmente, para assentar-se em lugar muito mais íngreme, de acesso difícil e inóspito (embora não muito distante do lugar de origem), como era a área de Collina, um pequeno vale situado aos pés da imensa montanha Cogliàn, na época chamada Culiàn.

A primeira hipótese do autor, como sendo motivo determinante da migração, aponta para a pobreza das jovens famílias, que não possuíam bens móveis ou imóveis. A segunda é que pode ter havido uma invasão de gafanhotos por alguns anos seguidos, que teria destruído as plantações da região, jogando as populações em ainda maior carestia e no desespero. A terceira e talvez decisiva razão da migração (ou da fuga de povoados situados em lugares mais acessíveis e climaticamente mais favoráveis), pode ter sido a ameaça da peste proveniente do oriente, a qual assolou a Europa entre os anos de 1195 e 1196, e que chegara à Itália já em 1195.





A área de Collina não lhes era desconhecida, pois durante o verão, os mesmos habitantes e fundadores do povoado costumavam levar o gado para pastar nestas terras altas e já haviam instalado algumas "malgas" e "stavoli".⁴

Essas pastagens somente podiam ser alcançadas no verão, pois durante o inverno a neve e o frio tornavam o território absolutamente inacessível. Apesar disso, as três famílias de fundadores da vila de Collina fugiram das suas vilas de origem que, por estarem situadas mais embaixo, em lugares mais favoráveis à vida, também resultavam mais expostas ao perigo dos gafanhotos e da peste.

Muito provavelmente foram estes os fatores que deram ânimo aos nossos supostos heróis para que arriscassem - com suas mulheres, filhos e alguns animais - o assentamento em um vale tão distante e inóspito, a fim de buscar refúgio em um local em que aqueles mesmos elementos que o tornavam inabitável, também possibilitassem nova vida e segurança, alcançando-as apesar das alturas e dificuldades.

A suposta mudança deve ter acontecido no mês de abril de **1196** e os fundadores de Collina teriam sido **Osualdo** e sua esposa **Sabata**, grávida de cinco meses, e sua mãe **Agnese**, com seus filhos **Odorico** e **Maddalena**; **Leonardo**, com sua esposa **Marianna** e seus filhos **Anna**, **Caterina**, **Lenardo** e **Giovanni**; **Pietro** e sua esposa **Margarita**, irmã de Sabata e filha de Agnese, com seu filho **GioBatta**. Trouxeram consigo cinco vacas, três bezerros e seus poucos pertences.

O assentamento e a vida na minúscula comunidade cresceram de geração em geração e, quando aconteceu a primeira contagem das "almas" e "das pedras" (censo das pessoas e das casas), no ano de 1602, a vila de Collina contava já com cerca de cento e cinquenta "almas" e aproximadamente trinta "pedras". Pelo menos, este foi o resultado de

⁴ Malga é um terreno plano onde o gado pode pastar e se costuma construir um estábulo, onde também pode morar o pastor. Stavolo é um estábulo para proteção apenas do gado, capaz de abrigar também o feno para sua alimentação.





uma conta aproximada, que se baseou na indicação de trinta lares/famílias contados, estimando-se uma média de cinco pessoas por família.

*Este território, desbravado e povoado pelos pioneiros, está dividido, desde os primórdios, em dois níveis, primeiramente denominados **Collina Parva** e **Collina Magna**, enquanto o conjunto continuou sendo denominado apenas como **Collina**. Em tempos mais recentes, foram usados também os nomes **Collina** e **Collinetta**, ou, ainda, **Collina Bassa** e **Collina Alta**, porém a localidade toda continua a chamar-se simplesmente **Collina**. [...]*

Quando

*A memória e a tradição da casa **Tamussin** (uma das famílias mais antigas e mais numerosas da vila) apontam para o fato de que que Collina teria sido fundada por dois dos antepassados da família, **Leonardo** e **Giovanni di Tamussin**. Ambos teriam sido **Cavaleiros da cidade de Bérgamo**, conforme consta da imagem que decora a entrada da **Casa Macócol**, na chamada **Collinetta**. Apesar de ser uma versão mais aceitável, esta posição quanto à fundação da vila não é unânime. Extraímos, para tanto, um trecho do livro *A cidade de Forni Avoltri com sua gruta de Avanza*.⁵*

*Alguns afirmam que certos **di Tamosis, Leonardo** e **Giovanni**, ambos cavaleiros em Bérgamo, teriam sido perseguidos pelos mandatários de Milão e que, por isso, teriam se refugiado naqueles bosques, o primeiro no ano de 1315 e, o segundo,*

⁵ Este trecho está citado na Tese de Doutorado de G. Scarbolo, que tinha, entre suas várias fontes, um pequeno livro de L. Grignani, *Cividale*, publicado pela Tipografia G. Zavagna, em 1868. Eu não encontrei este livro para minha consulta direta.





em 1458, onde teriam erguido, também, a primeira casa (uma defasagem de 143 anos decorrida entre esses dois "fundadores"?). [...]

A absoluta homofonia e homoetnia (entre Collina e a região circundante) permitem supor uma origem estritamente consanguínea (?) da população dos colonos. Na verdade, e com um pouco de imaginação, tratar-se-ia de gente que, com base familiar ou de pequenos núcleos, estaria ainda relacionada ao Canal de Gorto, pressionada pelas razões já apresentadas, o que descreveremos melhor a seguir. Se esta hipótese tiver fundamento, resulta óbvio entender a razão pela qual os colonos que tinham um bom conhecimento e familiaridade com o território, tenham privilegiado o assentamento permanente no pequeno vale do Fulin, estreito e de difícil acesso, e por quê não se mudaram para o vale de Sappada o qual, situado um pouco adiante e com clima melhor, seria muito mais favorável para o cultivo.

Por isso, o assentamento originário de Collina pode ser situado, intuitivamente, dentro de um arco temporal de cento e cinquenta anos, portanto, entre 1050 e 1200, aproximadamente. [...]

Por quê?

*Paradoxais – mas nem tão extremadas – são as premissas e reais condicionadoras da emigração – **de** Collina, acontecida em tempos mais recentes, que seriam as mesmas que determinaram a primeira imigração **para** Collina. [...]*

Também o perfil dos emigrantes é muito diferente, porém compatível com as mudanças da história e dos tempos.

Na época a que este relato se refere, por volta do ano de 1500, uma descrição verossímil de um migrante típico poderia ser a seguinte: homem, adulto, o qual, em determinadas estações do ano, principalmente entre outubro e maio, se desloca para o exterior: para a Estíria, a Caríntia ou para a Eslovênia, a fim de ali exercer o ofício de vendedor ambulante.





No decorrer dos séculos, o perfil do migrante vai mudando e se diversifica, até tornar-se irreconhecível. A partir do século XIX, passa a incluir não apenas as mulheres, mas até mesmo núcleos familiares inteiros e se diversifica em diferentes profissões ou atividades tais como trabalhadores braçais, camponeses, pedreiros, costureiras, empregadas domésticas. Mudam também os destinos geográficos da emigração: aos destinos tradicionais na Europa Central, acrescentam-se agora as Américas, a Austrália e, principalmente, o norte da Itália; muda também a duração: de anual ou sazonal para permanente e até mesmo definitiva. [...]

Esta abrangente pesquisa levou à reconstituição de todos os núcleos familiares – mais de 600 – oriundos das 30 principais famílias de Collina, cobrindo geração por geração e um período de tempo de mais de 4 séculos: é a alma de Collina através da sua História e do conjunto das suas almas. [...]

As almas: homens e famílias, fontes estatísticas

Foram copiadas e organizadas todas as ocorrências disponíveis em registros de época sobre nascimentos, mortes e casamentos, exatamente como aparecem nos escritos das respectivas paróquias – começando na de San Giovanni di Frassenetto e, depois, na paróquia de San Michele di Collina – do ano de 1594 até o ano de 2000. [...]

Até finais do ano de 2000, o total dos indivíduos da população somava 5.528, assim definidos: 2.245 nascimentos; 1.948 mortes; e 1.335 casamentos. [...]

Alguns dos sobrenomes examinados aparecem repetidas vezes nos registros, o que demonstra uma certa continuidade da presença destes sobrenomes na vila. No processamento estatístico, os dados relativos a cada sobrenome são considerados individualmente, desde que identificados sem erro e confirmados como residentes na vila, apesar de isso nem sempre significar que haja algum parentesco entre eles. Em outras palavras, o total de registros com o sobrenome



del Fabbro, por exemplo, resulta da soma dos registros de várias famílias homônimas, não necessariamente ligadas por vínculo de parentesco recente ou remoto, mas que tenham sido mencionadas em épocas diversas. [...]

Em toda a Itália, aparecem na lista telefônica da Telecom vinte e cinco Tamussin. Destes, dezesseis (ou seja, 65% do total) se encontram em Friuli e dez deles (42% do total) residem no município de Forni Avoltri (município a cuja administração pertence Collina); sendo que, destes dez, nove (38% do total), estão em Collina. E isto basta! Em outras palavras, Collina, com seus menos de cem habitantes (ou seja, 0,00017% da população italiana), abriga 38% de todos os Tamussin da Itália. Mesmo se não soubéssemos – mas, no entanto, sabemos – que também os outros dezesseis Tamussin da Itália são originários de Collina ou descendentes de colinenses. Mesmo apenas esses 42% dos Tamussin presentes em Friuli já justificariam a atividade frenética de nossos neurônios. [...]

Quadro analítico das famílias

Mesmo sem considerar algumas variações (na prática, cada sobrenome apresenta mais de uma variante) nos registros, todos os sobrenomes são identificáveis de maneira inequívoca. [...]. Em outras palavras, os Tamussin são e ficam os mesmos, sem que possam ser confundidos com os Mazzocoli ou os Toch ou ainda outros, com os quais possam ter-se miscigenado. Este princípio vale para todos os sobrenomes analisados [...]

Tamussin (1602-1999) [datas da primeira e da última menção nos registros], 726 [número total de presenças nos registros], 13,1% [porcentagem em relação ao total das presenças (frequência)], 87 [número total de núcleos familiares reconstituídos].

Em segundo lugar no número de presenças, logo depois da família Barbolan, os Tamussin pertencem, naturalmente, ao grupo dos fundadores; aliás, a tradição da casa Tamussin afirma que Collina foi





*realmente fundada por dois dos antepassados da família, conforme relatado anteriormente. Mencionada nos registros da cidade a partir de 1602 (um filho de **Leonardo di Tamosis** teria nascido naquele ano), a família Tamussin ainda hoje está presente e numerosa em Collina. [...]*

*Além da grafia atual e definitiva de **Tamussin**, constam nos registros toda uma série de variantes: o já citado **di Tamosis**, que frequentemente se transforma em **di Tamossis**, **Tamusinus**, **Tamossino**, **Tamossin**, etc. Trata-se, no entanto, de uma clara e única origem: todos os Tamussin italianos (e provavelmente também os que vivem no exterior) podem ser relacionados a Collina, no que diz respeito à sua origem. Mas, infelizmente, não está bem clara a etimologia do nome.*

*Uma origem patronímica de **Tommaso** (nome bem pouco citado na genealogia familiar) não parece convincente. Pode-se arriscar uma relação com o latim Tamisium = setaccio = peneira – que, no dialeto local, se transforma em "temios" e, no dialeto friulano, "tamês". Deve-se notar, sem que isto, contudo, esclareça muito, a semelhança com dois topônimos locais: Temós e Devör Tamoso.*

As casas – "as pedras" – com as quais Tamussin apresenta uma relação são numerosas: Macòcol (117); Zilio (119); Guan di Jeffo (111), em Collina Pequena; Betàn (246); Bráido/Men di Jacom (231); Ricòt/Jefo (236); Bièlo/So(T)Tuto (244); Zirco (239); Muaro (240); Murit (255); Cogu (210); Marc (219); Bortul (226) e Páur (230), em Collina Grande [pode-se ler sobre essas casas no livro de Agostinis].



Para terminar este trecho retirado da publicação de Enrico Agostinis, devo mencionar que fiquei feliz por ter descoberto este livreto, pois, através dele, consegui coletar muitos dados que me eram desconhecidos. Particularmente interessante é o fato de que tantos **Tamussin** tenham vivido em **Collina** e ainda estarem vivos, o que seria, por si só, um incentivo para voltar para lá mais uma vez.





Nossas pesquisas familiares sobre os Tamussin da Itália no século XIX

As pesquisas e as memórias do meu tio Ernst (irmão mais novo de meu pai Stefan) remontam até meu trisavô Pietro, na Itália, e terminam com Thomas Johann Tamussino, meu avô, em Mödling. Este relato do tio Ernst sobre sua investigação data dos anos de 1982-1984.

Meu plano de escrever, não propriamente uma história de família, mas “estórias” sobre os Tamussino, é antigo. Todos os meus irmãos já faleceram. Sou o último daquela geração que ainda pode se lembrar do período anterior a 1914, ainda que sejam apenas esparsas lembranças do tempo de infância que possam ser rememoradas. Mas, junto comigo, a memória de muitos ancestrais se perderia e meus filhos e netos não teriam a menor ideia sobre suas origens. Não saberiam nada sobre meus pais e irmãos, muito menos sobre os bisavós; não saberiam quem foi a “Kathi-Tant” e nada sobre minha prima Johanna, a qual representa, para mim, a encarnação da bondade e da generosidade humanas. Acho que eles não merecem isso, porque todos, todos os que pertencem a este tronco familiar, o moldaram e transmitiram suas características para a sua descendência. Diante disso, tentarei preservar algumas dessas coisas do esquecimento e contar “histórias” sobre os Tamussino; nem sempre engraçadas, mas sempre verdadeiras, na minha verdade subjetiva, mesmo porque não conheço outra.

Por fim, quero cumprir o postulado imposto ao homem, segundo o qual, para poder considerar sua vida realizada, precisa gerar um filho, construir uma casa e escrever um livro. Não me foi concedido um filho, mas minhas três perfeitas filhas certamente o contrabalançam. Quanto a construir casas – eu era muito bom nisso – pois construí três. Falta ainda o livro: este deverá tomar forma nas páginas, a seguir.

Minha intenção, de começar a escrever as “Histórias da Família





Tamussino", há três anos atrás, era sincera; mas, como costuma acontecer frequentemente, a execução se afasta do plano original, o qual passa a não ser cumprido. Um grave revés de saúde, após uma bem sucedida cirurgia na coluna e, quase um ano depois, uma desagradável trombose na perna me forçaram a retornar ao hospital por muitas semanas e, além disso, mais algumas dificuldades físicas de todo o tipo não facilitaram minha vida e acabaram desperdiçando meu tempo. A preparação e a implementação do cuidadosamente planejado retorno a Köln – para perto de duas de minhas três filhas e de cinco dos meus seis netos – me custaram o resto do meu tempo e esforço. Nesse meio tempo, me encontro agora com 79 anos, no início de nossas tão ansiadas férias na amada Wolkenhaus, e firmemente decidido a, finalmente começar verdadeiramente o meu relato. Espero que ainda me sejam suficientes as forças e o tempo restantes, para que eu possa transmitir pelo menos as impressões mais importantes da saga dos Tamussino aos nossos descendentes.

Os antepassados na Itália

*A história rara e cheia de aventuras da família Tamussino, que, na verdade, se chama Tamussin - sobre isso se falará adiante – começa com um lendário **Peter Tamussin**, de **Collina**, em Friuli (Veneto), acerca do qual não são conhecidas nem as datas de nascimento nem as de morte, personagem este que era meu bisavô [bisavô do tio Ernst, portanto meu trisavô]. Conforme a árvore genealógica elaborada por Enrico Agostinis ele teria nascido em 1802 e falecido em 1863.*

*Nascido por volta de 1800 ou um pouco antes, ele passou a vida inteira em Collina e foi, supostamente, sacristão. Não sei em que bases esta alegação se fundamenta, mas ela vive nas minhas memórias de infância! Seu filho, meu avô [**Thomas Anton**], que morreu muito antes de eu nascer (em **Langenwang**), deve ter tido conhecimento disso e contado para os seus filhos e para os numerosos tios e tias que completavam a família de meus pais. Estes relatos nós, crianças,*



ouvíamos curiosas, quando nos sentávamos, à noite, ao redor da única lâmpada sobre a mesa grande, enquanto "o fio era tecido". Nesse sentido, foi especialmente rica a época da Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918. Eu deveria ter, então, entre nove e treze anos e ainda lembro de algumas coisas.

Essa grande mesa de jantar retangular, ao redor da qual nove pessoas se reuniam, antes da Primeira Guerra Mundial o pai, a mãe, a tia Kathi, a prima Hanni e mais cinco crianças, foi transformada, mais tarde, na grande mesa de desenho de meu irmão Hermann; também eu trabalhei nela enquanto estudava na Faculdade Técnica.

Peter Tamussin, de quem tudo se originou, não passa de uma sombra irreal; nada sabemos sobre ele – mas temos uma carta dele para o meu avô, em alemão, provavelmente não escrita por sua mão, mas ditada a um "escrevente". Vamos falar sobre isso mais tarde. A família vem, pois, de Collina – e ainda existe até hoje. Onde fica Collina?

Quando se viaja para o sul, partindo de Kärnten e se ultrapassam os Kärnischen ou Gailtaler Alpen por sobre o Plöckenpass (a 1360 m de altitude) – hoje a fronteira entre Itália e Áustria – alcança-se primeiramente Flecken Timau, uma ilha linguística alemã no Tischwang Italiano, onde meu avô teria nascido; depois, se chega à pequena cidade de Paluzza, em cuja igreja paroquial ele foi batizado.

Delá, parte uma pequena estrada que leva para o oeste e novamente para o norte, e, na encosta da montanha, ei-la: – Collina! O mundo literalmente termina ali. (NOTA: Helga e eu visitamos a vila em 2006 e também encontramos a família Tamussin). Hoje, obviamente, este "ninho" se transformou tanto em uma vila turística no verão quanto, certamente, o paraíso dos esquiadores no inverno. Mas, quais teriam sido as características e condições desse lugar, naquela época em que a família Tamussin – Tamosis – saiu de Bérgamo e foi para lá em busca de refúgio, há centenas de anos atrás? Sobre isso, também se verá mais tarde.

A Província de Veneza, em cuja parte norte se situa Collina, fez parte da Áustria de 1815 a 1866, quando teve que ser cedida ao recentemente criado reino da Itália, em decorrência da derrota





austríaca na guerra contra a Prússia e demais partes conflitantes.⁶ Nessa ocasião, também a cidade de Veneza foi perdida, embora os austríacos continuassem vitoriosos contra os italianos, então aliados dos prussianos, em Custoza (Arquiduque Albrecht) e Lissa (Almirante Tegetthoff). O fator decisivo para esta mudança foi a batalha perdida contra a Prússia em Königgrätz (Boêmia). A "gorjeta" para a Itália, anteriormente definida, foi desta vez toda a região do Vêneto.

A Áustria não teve que ceder territórios à Prússia, mas teve que deixar a "Confederação Alemã", que a partir de então seria presidida pela Prússia. O rei da Prússia (Wilhelm I) gostaria de ter entrado em Viena com seu exército vitorioso, mas Bismarck conseguiu impedir essa humilhação. No entanto, os prussianos chegaram a Marchfeld, sendo que um maestro da banda militar, chamado Piefke, os recebeu com música e foi muito aplaudido. Desde então, os prussianos são chamados de "piefkes" pelos austríacos!

*Ao tempo em que meu avô, **Thomas Anton**, ainda garoto, cruzou os Alpes em direção a Klagenfurt, Collina ainda era território austríaco. Não é mais possível comprovar com certeza se a família era de origem alemã e se o menino Thomas Anton falava também o italiano. De qualquer forma, meu avô, depois de sua "travessia alpina", nunca mais retornou à sua pátria, Collina. Ao se tornar homem adulto, não sabia falar italiano, não sabia ler e só aprendeu a escrever seu nome bem mais tarde na vida. A propósito, onde deveria ele tentar aprender isso? Ele foi aprendiz do Sr. Gridl, com quem aprendeu a desenhar um*

⁶ Nota de Ursula Tamussino: A Província de Vêneto (como parte do Reino Lombardo-Veneziano) tornou-se parte do Império Austríaco após o Congresso de Viena. Em 1848-1849, com o Marechal de Campo Radetzky, os austríacos foram vitoriosos contra o exército de Piemonte-Sardenha (Mortara, Novara, Custoza), mas tiveram que se render aos piemonteses, aliados da França (Napoleão III), em 1859 (Radetzky já estava morto). Napoleão III recebeu Savoia e Nice pela ajuda aos italianos – Bismarck chamou isso de "Trinkgeldpolitik", isto é, "política de gorjetas". A Lombardia teve que ser cedida, os regentes dos pequenos estados de Parma (Bourbon), Toscana e Modena (Habsburg) foram depostos e seus países anexados ao emergente Reino da Itália.





Lehrbrief

Nachdem der **Thomas Unterbiehler**, 20 Jahre alt, von **Colin** in **Italien** gebürtig, katholischer Religion, König, bey dem **Ignatz Gridl** hiesigen **Schlosser- & Meister der Schlosser** Profession durch 3 Jahre, nämlich vom **15. März 1840** bis **1. Oktober 1843** erlernt, sich während der Lehrzeit die für einen Gesellen erforderlichen Professionskenntnisse eigen gemacht, eine gute Aufführung bewährt, und auch die zur Freysprechung gesetzlich vorgeschriebenen Pflichten in Betreff des Christentums und Wiederholungs-Unterrichtes erfüllt hat, so wurde derselbe am **1. Oktober 1843** auf die **Schlosser** Profession frey, und zum Gesellen gesprochen, und ihm gegenwärtiger **Lehrbrief** ertheilt, damit er künftig als Geselle bey dieser Profession arbeiten könne.

Zu dessen Bekräftigung dieser Lehrbrief von dem obrigkeitlichen **Herrn Innungs-Commissär**, den beiden **Mittelsvorstehern** und dem **Lehrherrn** unterfertigt, dann mit dem **Innungs-Siegel** versehen worden ist.

Klagenfurt am **19. Juny 1845.**

Anton Pommern
Magistral-Cocopavitor
und Innungs-Commissär
der bürgerl. Schlosser.



Obervorsteher der bürgerl. Schlosser.

Ignatz Gridl

Untervorsteher

Meister und Lehrherr *Ignatz Gridl*

13. Certificado de Conclusão de Curso de Aprendizado do meu bisavô Thomas Anton Sottocorona Tamussin, emitido em Klagenfurt, Steiermark, Áustria, 1845.





pouco e, mais que tudo, a trabalhar com serralharia e ferraria. (Ursula Tamussino).

Recebi da minha prima Ursula Tamussino uma cópia do Certificado de Maestria – uma espécie de certificado que comprova a conclusão do período de aprendizado de meu bisavô no ofício de serralheiro. (Ver pg. 96)

*Mas, voltemo-nos, mais uma vez, para o menino **Thomas Anton**, que deixou Collina e se tornou o progenitor dos Tamussino de Mödling. Ele nasceu aos 10 de maio de 1825 como filho de **Katharina Sottocorona**, solteira, de Collina, ocasionalmente nas proximidades de **Timau (Tischlwang)** e foi batizado em Paluzza. Seu nome era, pois, **Sottocorona** e não **Tamussin**, como era seu pai (como de costume, não mencionado no seu certificado de batismo). Também não se sabe se seu pai era solteiro, na época, e só se casou com **Katharina Leonardi**, também de Collina, após o nascimento de seu filho Thomas Anton, ou se ele era fruto de alguma aventura romântica. De qualquer forma, meu bisavô, **Thomas Anton**, ficou sendo chamado **Sottocorona** por muitos anos e foi aceito por seu instrutor Gridl, em Klagenfurt, com esse sobrenome. Não se sabe se foi por iniciativa dele – ou se foi das autoridades locais a germanização deste nome para Unterbichler. O original do Certificado está disponível.⁷*

*A decisão de deixar a terra natal de Collina e atravessar para o outro lado da montanha foi, provavelmente, determinada pelas relações familiares pouco claras. O pai, **Peter Tamussin**, não se casara com a mãe de seu filho, mas se casou ou já estava ligado a **Katharina Leonardi**. A estreita convivência das famílias na pequena comunidade da vila poderia não ter sido muito agradável. Assim, meu avô **Thomas Anton Sottocorona** veio ainda criança, provavelmente com sua mãe, para **Kärnten [Caríntia]** e tornou-se aprendiz de serralheiro*

⁷ "Unterbichler" não está totalmente correto, porque "sotto corona" significa "sob a coroa" ou "sob a coroa de flores"; portanto, o nome deveria ter sido traduzido como "Unterkroninger" ou "Unterkränzler".





em Klagenfurt. Todos os outros ramos das famílias **Sottocorona**, **Leonardi** ou **Tamussin** ainda vivem em Collina ou lá estão enterrados. O cemitério o atesta.

Como sabemos tudo isso? Se meu avô [Thomas Anton], quando do registro de nascimento de seu filho Thomas Johann (meu pai) nasceu, menciona como seus pais (**Peter Tamussin** e **Katharina**, nascida **Leonardi**, ambos de **Collina**) perante as autoridades, isso deve ser verdade. No entanto, como no seu certificado batismal consta **Sottocorona**, ele só poderia ter adquirido o nome **Tamussin** mediante adoção posterior. Porém, não há documentos sobre isso.

Entretanto, algumas não estão corretas, aqui. **Thomas Anton** nem era filho de **Katharina Leonardi**, mas de **Katharina Sottocorona**. Uma "adoção" parece muito improvável, e quando poderia ter acontecido? Thomas Anton nunca voltou ao seu local de nascimento. Como aprendiz de serralheiro, ele ainda era chamado Sottocorona; e foi somente em **Mödling** que ele passou a se denominar pelo nome de seu pai biológico, **Tamussin(o)**. Minha teoria é que ele adotou o nome por vontade própria, mas é claro que isso pode estar errado! Talvez Thomas Anton tenha pedido (ou mandado pedir) a permissão de seu pai por escrito – mas tudo isso são apenas hipóteses, pois faltam documentos.

O ramo desta família que se transferiu para Mödling e que veio de Collina chamava-se, de qualquer forma, Tamussino. Quando o "o" foi adicionado também é desconhecido. Se a causa disso foi algum tipo de erro de leitura no livro batismal, ou se o senso comum demonstrou que Tamussino soaria melhor, ninguém sabe. A família já era tão conhecida com o "o" que todos os documentos, incluindo um passaporte, foram emitidos sem nenhum documento comprobatório e, é claro, com "o". Foi somente quando terminei meus estudos na Faculdade Técnica de Viena, que a diferença entre o certificado batismal, naturalmente correto (sem o "o") e o de uso corrente se transformou num grande problema.





Em 1931 somente conseguiria meu diploma, se estivesse satisfeito com o sobrenome Tamussin, ou teria que submeter uma solicitação de mudança de nome. O tempo era curto, os meus irmãos não podiam ser consultados sobre isso a curto prazo; então eu decidi pelo "o", o que ainda era mais barato para mim como estudante. Mais tarde, no Terceiro Reich, meus irmãos mais velhos gastaram muito dinheiro, uma vez que as autoridades alemãs super precisas haviam notado a diferença, é claro, e também tiveram que providenciar uma mudança de nome. Agora, finalmente, todos os Tamussino da Áustria são chamados assim – mediante autorização legal. Meu pai me disse que seu avô Thomas Anton realmente adicionou o "o" porque "soava melhor"!

Entretanto, a mudança definitiva de nome não foi oficializada no Terceiro Reich, mas apenas mais tarde, na recém-criada República da Áustria, quando recebemos novos passaportes. Deve ter sido em 1947 quando, de repente recebi um passaporte como "Tamussin"! Muito desagradável! Só então meus irmãos Thomas, Hermann e Stefan decidiram legitimar o "o" – o que lhes custou 2000 xelins por cabeça, o que representava, na época, muito dinheiro! Também me lembro que naquela época se reclamou muito do "Ernstl", que tinha resolvido o caso com tanta antecedência (e de forma tão barata)!

Como uma pequena anedota, posso adicionar a seguinte experiência.

Quando da comemoração de aniversário do famoso professor de mecânica Dr. Hans List, em Graz – há cerca de vinte anos atrás – 1964 – depois do jantar, sentei-me à mesa com muitos professores universitários, dentre os quais um físico interessado em linguística comparada. Quando fomos apresentados, ele anotou meu nome com exatidão e, durante a noite, perguntou de onde eu vinha, porque Tamussino não seria, decisivamente, "Kölsch". Então citei Mödling e Friuli e ele quase me agrediu: "O senhor vai me desculpar, mas isso não pode estar certo! Ou o senhor vem de algum outro lugar, ou o seu nome



não é Tamussino, mas Tamussin". Portanto, queridos leitores, tenham cuidado com as falsificações. Os cientistas descobrem tudo. Além disso, a história é sempre reescrita porque as fontes esparsas são avaliadas de maneira nova e diferente a cada geração e, portanto, as conclusões também podem resultar diferentes.

Esta minha opinião foi considerada correta e foi confirmada pelo professor de história moderna em Graz, Dr. Alexander Novotny, de Mödling, o qual havia sido meu colega de classe no Ensino Médio.

*Ernst Tamussino,
junho de 1984*

Aqui terminam as anotações manuscritas do tio Ernst. Infelizmente, ele não conseguiu mais prosseguir com suas memórias.



14. Tio Ernst Tamussino e sua esposa, Tia Minni (Tia Wilhelmine).





Obviamente, aquele professor estava absolutamente certo; eu também fui advertido, na Universidade de Viena, de que algo estava errado com **Tamussino**. Se o final fosse italiano, então teria que ser com "i"! Existem até alguns **Tamussini** no cemitério de Collina. Nomes que terminam em "in" são comuns na região do Vêneto. Como exemplo, o último Doge de Veneza (deposto por Napoleão, em 1797) se chamava Ludovico Manin.

Tudo isso me contou Tio Ernst, que foi quem por primeiro se ocupou da história da família Tamussino.

Sobre o Tio Ernst e Tia Minni continuarei meus relatos mais adiante.

Em 1995, Fritz e Hilde Tamussino, bem como Thomas e Ingrid Tamussino estiveram em Collina e se encontraram com vários Tamussin, como comprova o documento a seguir, contendo as assinaturas de todos os participantes daquele evento.

Como meu avô foi parar em Kärnten – Caríntia, Áustria – saindo de Collina e transpondo os Alpes

As razões pelas quais um "Cavaliere di Tamosis" tivesse que refugiar-se em Collina, em algum momento dos séculos XIV ou XV, (o ano de 1315 está perenizado no brasão de armas), já não podem mais ser determinadas. As datas, de 1315 e 1458, estão inscritas tanto nos dois brasões, quanto no painel da fachada da casa em Collina. Conforme o tio Ernst mencionou certa vez, na opinião dele isso só poderia ter acontecido por duas razões: ou ele era um perseguido político e/ou religioso e fugiu para esconder-se, ou então, num lance mais rocambolesco e bastante comum, na Idade Média, e digno daquelas sagas tão decantadas, raptou a filha de algum italiano influente e refugiou-se, com sua amada, naquelas montanhas inacessíveis. Outra possibilidade poderia ter sido uma fuga dos Cavaliere di Tamosis da peste, que na época dizimou uma grande parte da população da Europa. Mas tudo isto são apenas suposições, hoje não mais comprováveis.



Incontro delle famiglie
 Tamussino) nel luogo di
 origine - COLLINA,
 il 27 Agosto 1995

Luigiino Tamussino
 Giovanni Tamussino
 Amedeo Tamussino
 Bruno del Rejas
 Sotto Corona Diene
 Tamussino Irma
 Tamussino Lilia
 Altker Bonacola
 Amisio Tamussino
 Miquel Tamussino
 Miquel Tamussino
 Tamaso Tamussino
 Caterina Tamussino
 Insula Tamussino

Fritz e Hilde Tamussino
 De Hans Gaetano
 +
 Angelina e Francesca
 Tamussino Tamussino
 Sergio Tamussino
 Giorgio Tamussino
 Marcelino Tamussino
 Luna A. Tamussino
 Alfred E. Tamussino
 Forster T.
 Margherita Tamussino
 Onofio
 Tamussino 14.8.1995
 delio 2012
 Elizabeth Pulpe

15. Este foi um encontro de família, “nos passos dos Tamussin”, em Collina, 1995.



O que é certo, de acordo com as histórias do Tio Ernst, é que nosso bisavô transpôs as montanhas juntamente com sua mãe, para o outro lado das mesmas, acabando em Kärnten, na Áustria da Monarquia habsburguesa. Nascido ilegítimo, foi, com ela, uma **Sottocoronna**, em busca de novo futuro, o que alcançou com seu aprendizado como serralheiro.

Na próxima página, consta a Certidão de nascimento e Batismo de Thomas Anton Sottocorona (Tamussin), filho de Katharina Sottocorona, minha trisavó, emitida em Paluzza e atestada em Forni Avoltri, Dita certidão foi traduzida do latim, ou do italiano, para a língua alemã.

Ainda com referência ao nosso bisavô e avô, é importante mencionar que depois do seu aprendizado em Kärnten, Thomas Anton – meu bisavô, portanto - aparentemente empreendeu sua viagem de Aprendiz, de Klagenfurt, via Graz para Viena, a fim de, finalmente, completar sua formação como Mestre, provavelmente em Mödling, nas proximidades da capital austríaca.

Ali, ele fundou sua serralheria e ferraria artística, denominada Thomas Tamussino, a qual subsiste até hoje como Fábrica Thomas Tamussino e continua, já na sexta geração, a ser administrada pelo primogênito – o qual sempre terá que ser denominado Thomas, em função dos dispositivos familiares.

Em 2020, a empresa comemorou seus 163 anos de existência!

Na casa onde a Fábrica Thomas Tamussino funciona até hoje, morava também meu avô Thomas Johann Tamussino. A família habitava o primeiro andar, sendo que o escritório e a fábrica ficavam no andar térreo. A Rua Thomas Tamussino foi assim renomeada depois da II Guerra Mundial em homenagem a ele, que havia exercido o cargo de prefeito de Mödling.

A cidade de Mödling celebrou seu milênio em 1903. Ela aparece em documentos medievais pela primeira vez em 903, como "Medililha" e, isso, em um documento de Passau.





Zum Nachweis der arischen Abstammung stempelfrei.

Beglaubigte Übersetzung
aus der lateinischen Sprache von (bis) bzw. italie-
nischen in die deutsche Sprache.

75 Centesimi.

1 Lire Stempelmarke,
durch Schrift entwertet.

(Der unterfertigte Pfarrer bezeugt, dass THOMAS ANTON, natürlicher Sohn der Katharina, Tochter des Leonhard SOTTOCORONA, aus Collina in der Pfarre Frusenetti, zufällig auf dem Lande in Timan in der Pfarre St. Daniel zu Paluzza* geboren und am gleichen Tage nach dem Ritus der katholischen Kirche durch den h. Jakob Doroteo, damals Kaplan von Paluzza, getauft wurde.

Aus der hl. Taufe hoben ihn Thomas Primus von Timan und Dominika, Tochter des Josef Plozner, ebenfalls aus Timan.

Urkund desseu

Gegeben zu Paluzza, im Mai 1846.

F.P. Cristophorus Romano e.h.
(Pfarrer)

* am 10. Mai 1825

Rundstampiglie:
Pfarre des hl. Daniel
zu Paluzza.

Der Gemeindeausschuss von Forni Avoltri bestätigt,
dass diese Abschrift in allem mit dem Originale übereinstimmt,
das sich in dem hiesigen Archiv unter den Geburtsakten befin-
det und der obgenannte Thomas Anton Sottocorona-Tomasini auf
Blatt 61 des Konskriptionsverzeichnisses der Fraktion Collina
eingetragen ist.

Forni Avoltri, am 24. März 1856.

L.S. der Gemeinde Forni Avoltri.

Die Deputierten:
Zwei Unterschriften m.p.

16. Certidão de Nascimento e de Batismo de Thomas Anton Sottocorona (Tamussin), atestada como autêntica no Município de Forni Avoltri e traduzida para o alemão a partir do original em latim ou italiano.



Na época, o bispo responsável pelos corais e administrador das catedrais, Madalwin, recebeu do também Bispo Burchard, em regime vitalício, o Feudo que o mesmo havia recebido do Bispado de Passau, como propriedade, a qual abrangia tanto determinadas regiões da Baviera, quanto outras que se situavam para além do Wienerwald, onde também estava localizada Medililha.

Aqui termina a história, dos Tamussin e dos Tamussino. Quem sabe, um dia, se encontre algum outro membro da família que a continue e a transmita por escrito.



17. Renata Bompert Tamussino, Ekkehart Tamussino e Ilonka Tamussino, em frente à filial da Serralheria e Ferraria Artística Thomas Tamussino, na Fleischgasse, n° 3, em Mödling, 2008.





18. O edifício da Fábrica Thomas Tamussino, na Rua Thomas Tamussino, nº 4.





3

MEUS AVÓS E
MEUS PAIS





3. MEUS AVÓS E MEUS PAIS

A epopéia do meu bisavô Thomas Anton Tamussino, começa com sua saída de Collina Grande, norte da Itália e a transposição, a pé, dos Alpes, em direção a Kärnten, ou Caríntia, na Áustria. Em Klagenfurt aprendeu o ofício de serralheiro, transferindo-se para Steiermark, onde se firmou na profissão, constando, entre seus muitos trabalhos, sua contratação para fazer a cruz do túmulo do relativamente famoso escritor Peter Rossegger. De Steiermark transferiu-se para Mödling, onde fundou a Serralheria e Ferraria Artística Thomas Tamussino. Seu filho, Thomas Johann Tamussin(o), é que era meu avô.

Meu avô, Thomas Johann Tamussin(o)

Thomas Johann Tamussin(o), o "o" só veio depois, nasceu em 10 de janeiro de 1862, em **Mödling**. Ele assumiu e deu continuidade ao negócio do pai: uma serralheria, na Enzersdorfer Straße, e o expandiu.

Além de assumir a Serralheria e Ferraria Artística, ele chegou, também, ao cargo de **Prefeito** de **Mödling**, durante a monarquia dos Habsburgos, o que demonstra que ele era um homem muito interessado politicamente.

Seu mandato abrangeu o período de 1911 a 1918, portanto, uma época muito difícil pois a partir de 1914, explodiu a Primeira Guerra Mundial. Após as eleições para o Conselho Municipal, em 19 de julho de 1911, os





19. Meu avô,
o Prefeito de Mödling,
Thomas Johann Tamussino.



20. A Prefeitura de Mödling, cidade na qual meu avô, Thomas Johann Tamussino,
foi Prefeito de 1911 a 1918.





simpatizantes da etnia alemã assumiram a administração municipal da cidade e Tamussino desempenhou o cargo de Prefeito até 1918, época na qual teve que impor sua liderança diante das lutas internas do seu partido. Seu mandato acabou sendo dividido em duas partes, completamente diferentes. Até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, Mödling experimentou um tempo de desenvolvimento e progresso. Durante a guerra, no entanto, ocorreu a estagnação da economia, o que conduziu a uma rápida decadência.



21. Do livro *Mödling, Landschaft, Kultur und Wirtschaft*, 1975, página 46. Da esq. para a dir., em cima: Johann Nehammer, Alois Specht, Jakob Thoma. Segunda fila: Jakob Schafhauser, Thomas (Johann) Tamussino e Ferdinand Buchberger.



N. 4894 1916.



haben mit Allerhöchster Entschliebung

am 22. Dezember 1916

dem Bürgermeister in Wödling

Thomas Tamussino

des

Ritterkreuz

des

Kaiserlich-österreichischen Franz Joseph-Ordens

Allergnädigst zu verleihen gesucht.

Was hiermit bezeugt wird.

Wien, am 30. Dezember 1916.

Von Seiner k. u. k. Apostolischen Majestät
Obersthofmeisteramt:

22. Esta Cruz de Cavaleiro da Ordem Imperial Austríaca de Franz Joseph foi outorgada a Thomas (Johann) Tamussino, em 30 de dezembro de 1916.



Em abril de 1918, o **Prefeito Thomas Johann Tamussino** decidiu renunciar, juntamente com todo o Conselho da Cidade. Isso pode ser lido na edição do livro publicado por ocasião do Centenário da elevação, de vila para cidade, de Mödling, 1875-1975, nas páginas 72 a 74 (seu nome já está registrado nesta edição com o "o"). O nome Thomas Tamussino aparece nas páginas 172, 174 e 228. Na página 46, na seção de fotografias do mesmo livro consta, também, uma sua foto, na parte central da segunda fila.

Tamussino foi também o chefe da Guilda dos Serralheiros, Vice-Presidente da Cooperativa Especializada [dos Serralheiros] da Baixa Áustria e Viena e deputado junto ao Parlamento Estadual.

Durante o seu mandato, a rede de esgotos foi ampliada e a iluminação a gás foi instalada em quase todas as ruas e ruelas da cidade. Nesse contexto, também deve ser mencionada a assinatura de um contrato com a usina Maria Enzersdorf, para o fornecimento de gás por um prazo de cinquenta anos.

A Cruz de Cavaleiro, cujo Decreto é apresentado na sequência, foi concedida, pelo Imperador Franz Joseph, ao meu avô Thomas Anton Tamussino como reconhecimento por seu desempenho no mandato como Prefeito de Mödling.

Em 2018, quando estive novamente em Mödling por dois dias, visitei o túmulo de meus pais e a prefeitura da cidade. Ali, recebi do funcionário responsável o mais recente livro sobre a história de 1.100 anos de Mödling⁸, no qual meu avô Thomas Anton Tamussino é mencionado seis vezes e meu Tio Thomas Tamussino (irmão do meu pai), uma vez.

Meu avô teve a oportunidade de mudar o nome da família por meio de sua atividade política e, de acordo com seu desejo, o Tamussin original se tornou o nome atual, **Tamussino**.

Ele morreu em 1 de novembro de 1926.

⁸ WALDNER, Ilse e Georg. *1100 Jahre Mödling – Die Geschichte einer Stadt*. Editor: Cidade de Mödling, 2003. O nome Thomas [Johann] Tamussino aparece nas páginas 40-41 e 51.





Minha avó, Gabriele Krickl Tamussino

Gabriele Josefina, nascida Krickl, veio ao mundo em 29 de dezembro de 1864, em Viena, casou-se com Thomas Johann Tamussino, e morreu em 2 de maio de 1918.

Seis filhos nasceram deste casamento: primeiro os gêmeos Fritz e Thomas Johann; Hermann; uma filha, Gabriele (Elli), que morreu de meningite aos cinco anos de idade; Stefan (meu pai); e Ernst.



23. Meus avós: Thomas Johann e Gabriele Tamussino.





Segundo meu irmão, Ingo Tamussino, ela era conhecida por sua excepcional beleza, possuindo cabelos muito compridos em cor vermelho-escuros e que iam até o chão, no que ela copiava a popular Sissi, a Imperatriz Elisabeth.

Nada mais se sabe sobre minha avó Gabriele Josefine Krickl Tamussino, pois ela faleceu muito cedo, supostamente porque não conseguia superar a morte prematura de sua única filha, e a do seu filho mais velho, Fritz, que havia tombado na frente de combate.

Depois de sua morte, todas as crianças foram criadas pela irmã do meu avô, Katherina e a sobrinha Johanna.



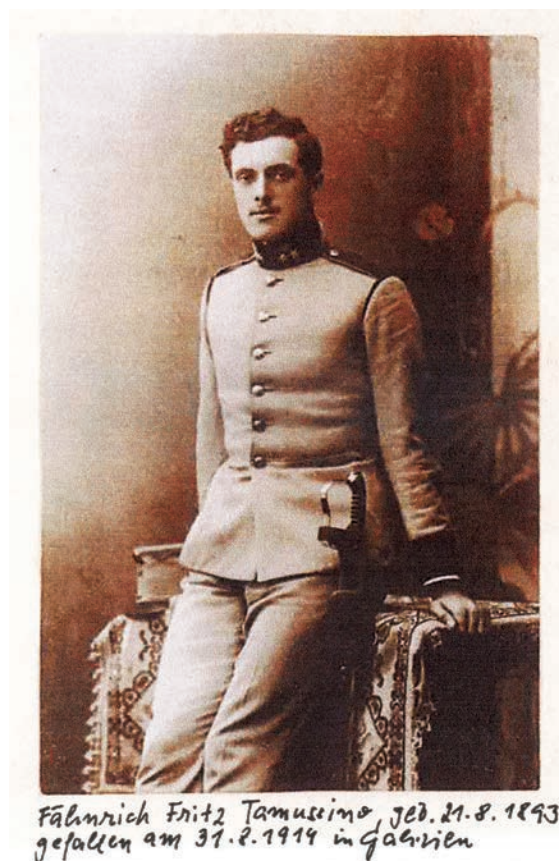
24. Meus avós, Thomas Johann e esposa Gabriele e seus cinco filhos: da esq. para a dir., em pé: minha avó Gabriele, nascida Krickl; ao lado dela, Thomas e Hermann; sentados, na frente: Ernst; meu avô Thomas Johann; Stefan (meu pai); e Fritz.





Tio Fritz (Friedrich Ludwig Tamussino), irmão do meu pai

Quando o sucessor designado ao trono, Arquiduque **Franz-Ferdinand**, foi morto juntamente com sua esposa no atentado em Sarajevo, em 1914, deu-se o início da Primeira Guerra Mundial. O Ministério da Guerra pediu, numa primeira convocação, que os voluntários se apresentassem, e os jovens da época consideravam ser uma honra lutar pela pátria. Assim, muitos dos estudantes foram para o exército, inclusive nosso **Tio Fritz**, que estudava Arte, em Graz. O trem em direção ao front partiu de Graz,



25. Alferes Fritz Tamussino, nascido em 21.8.1893 e que tombou em 31.8.1914, na Galícia.





e toda a família foi para lá para despedir-se do voluntário Fritz, o qual foi nomeado Porta-bandeira, ou Alferes.

A seguir, as recordações do meu Tio Ernst sobre seu irmão Fritz.

Tio Fritz, Alferes do Exército Imperial e Real, tombou heroicamente na frente de combate, logo nos primeiros dias da guerra, em Stanimierz, perto de Przemyslany, na Galícia, hoje Polônia, em 31.8.1914. Em sua memória, seu pai, Thomas, na época Prefeito de Mödling, mandou colocar no túmulo da família uma cruz de madeira sobre uma grande pedra, já que seu corpo nunca foi achado e identificado. Provavelmente, ele encontrou seu local de descanso final em uma vala comum, em algum lugar no leste da Polônia.

Aparentemente, ele possuía um senso de humor crítico, o que pode ser constatado em seus excelentes desenhos. Estas são as únicas caricaturas remanescentes de Fritz, nas quais ele fazia pouco caso dos inimigos.

Abaixo estão quatro caricaturas desenhadas por Fritz, provavelmente criadas em 1912. Trata-se, certamente, de uma crítica bem-humorada às condições do então Exército Imperial e Real.



26. Caricatura de Fritz Tamussino, com título em latim, “*Sumus de vagantium ordine laudando*”.





27. Caricatura de Fritz Tamussino, com título em alemão, “Die sieben Schwaben”.



28. Caricatura de Fritz Tamussino, com título em alemão, “Der Krampus von 1912” (Knecht Ruprecht, personagem do imaginário popular).





29. Caricatura de Fritz Tamussino, com título em alemão, “Montenegrischer Generalstab”.



30. Caricatura possivelmente de Fritz Tamussino, com título em dialeto austríaco “Ratzelmocha ziaq o!”, que significa “Ratzelmocha, saia daqui!”.

Na página 44 do livro *1100 Jahre Mödling – Die Geschichte einer Stadt*, escrito por Ilse e Georg Waldner⁹, é mencionado que o Alferes Fritz Tamussino morreu na Galícia, durante a guerra. Na página 45, há uma caricatura. Pode-se supor que esta também seja de autoria de Fritz, uma vez que foi publicada no mesmo contexto. Este desenho tem as mesmas cores e o tema é muito semelhante ao das suas outras caricaturas. Lamentavelmente, este desenho não está assinado.

⁹ WALDNER, Ilse e Georg. *1100 Jahre Mödling – Die Geschichte einer Stadt*. Editor: Stadtgemeinde Mödling, 2003.





Aqui se pode notar o lado alegre do artista Fritz Tamussino. Infelizmente, ele queria defender sua terra natal durante a guerra, o que fez com que sua breve vida terminasse tão cedo. A seguir, uma cópia do diário escrito por Fritz durante seu curto serviço militar, no início da Primeira Guerra Mundial, copiado pelo Tio Ernst:

*À noite, ultimato apresentado à Sérvia por Giesl
(Barão Giesl, enviado austríaco para Belgrado)*

Sexta-feira, 24

Grande emoção e inquietação

Sábado, 25

6h da tarde, fim do prazo, 6h30, rumores de paz (Dr. Schürff)

No teatro – no segundo intervalo, ficamos sabendo pelo Dr. Rauch a respeito do rompimento das relações diplomáticas.

Contatos – Partida do Barão Giesl – até meia hora no Zwierschütz (café)

Domingo, 26

De manhã com Ferry Haager, que já preparou tudo.

Ferry convocado à 1h30, Cabo Cadete, Batalhão 8

À noite, os pais vindos de Langenwang vão para casa

Segunda-feira, 27

5h30, convocação

Comprar coisas em Viena pela manhã

À tarde, fazer as malas, visitas de despedida – minha mãezinha, meu pai!

6h10 para Viena com Thomi

Na estação de trem do sul, aglomeração terrível dos oficiais de reserva

7h20 partida, Heil Thomi!

Trem lotado – Em Graz 11h30 da noite

Sem alojamento, chuva – escoteiros – hotéis superlotados





Quartéis superlotados

*Reservistas dormiram em massa nas salas de espera da estação de trem
(Depois, fomos, pela Hungria, em direção à Galícia, e ao
campo de batalha)*

Agosto, 1914

Sexta-feira, 21 (aniversário de 21 anos de Fritz)

Anunciado exercício dos batalhões, às 6h dispensar companhia

*A caminho do alojamento do Capitão, manter-se pronto para marchar,
trem para Pietniczany, esperar lá.*

*Fui chamado às 9h para apresentar-me ao Primeiro Tenente Pimmer –
de carro para Cernica*

*Buscar correspondência – belo presente de aniversário – ansioso por
cartas – nenhuma lá...*

*De volta às 11h45 – batalhão já em marcha – rapidamente dispensado e
reconvocado, marcha de 11h45 (sem almoço) até às 10h45 da
noite – à espera da ponte móvel sobre o Dniester...*

Sábado, 22

*Em ninho miserável, relativamente bem alojado, dormi até 2h45, alarme
às 4h30 – russos invadiram a fronteira com a Galícia...*

Segunda-feira, 24

*1h da noite, batalhões em marcha – toda a divisão se desloca para
sudeste, parece que para defesa diante de nova incursão de forças
inimigas.*

*– 6h de marcha, depois descanso – ainda hoje será o batismo de
fogo – seja como Deus quiser.*

*Adeus, queridos. Se estas forem as últimas linhas que
escrevo aqui, então agradeço a vocês, meus mais amados pais,
por todo seu infinito amor e bondade.*

E a você, meu querido Thomi, eu te saúdo por tua vida futura.

Seja para nossos pais conforto e apoio!

E agora partimos para uma feliz caçada!

Não envergonharei o honrado nome do meu pai!

Ou não volto, ou voltarei como homem de honra.





*Com Deus, pela Áustria e pela honra do povo alemão! Amém.
Avanço na floresta – 8º. Batalhão de Caçadores na nossa frente... vi Ferry
Haager...*

Quarta-feira, 26

O que o dia de hoje vai me trazer? ...

Ouvi o troar de canhões, parece que ainda muito longe...

*Nossos comandantes estão febris de tão nervosos, mas eu estou calmo –
marcha até às 5h, depois, 1h30 de descanso na vila.*

A batalha já está diante de nós – ribombar de canhões –

6h45 saída em marcha – batalhão em formação de semicírculo – avanço.

*Do inimigo nada se vê – às 9h em um terreno alto, 1h de repouso na
formação em semicírculo...*

*Então soube pelo Tenente Stary que o batalhão russo avançava do alto à
nossa frente – Capitão notificado – perdeu a cabeça.*

O 1º Pelotão da 4ª Companhia do Sargento Heiss ataca – eu o sigo –

*Avanço rápido e desimpedido – Heiss sobe para o alto, estou à sua direita
em um barranco não muito íngreme, lá em baixo uma ravina...*

O texto agora está quase ilegível.

*A tropa parece ter se aventurado demais no avanço e parece ter perdido a
conexão com sua própria gente. Nenhum momento de descanso, fogo de
metralhadora de dia e de noite, sem mantimentos, absolutamente nada.*

Quinta-feira, 27

*Minha mochila e as marmitas das tropas carregadas no canhão de defesa
foram perdidas. Não tenho mais roupa e não comi nada nem de dia e
nem de noite – batalhão terrivelmente deprimido.*

*Nossa Companhia perdeu 100 homens, entre mortos, feridos e
desaparecidos –*

*Capitão Schücker, Segundo Tenente Koran, Primeiro Tenente Berger
mortos; – Segundo Tenente Sablatnigg, Cadete Jessek, Capitão Hirtl,
Primeiro Tenente Schober, Alferes Walcher feridos; Cadete Ramer,
Segundo Tenente Zedinger desaparecidos; ... Comandante Higi da
Companhia... e eu os únicos subalternos no batalhão!*





Descansamos em uma vila na estrada (Zlowita). Estou terrivelmente exausto – novamente sem refeição – nada para comer, exceto um pedaço de pão e algumas ameixas.

Sexta-feira, 28

Obtivemos uma posição permanente na borda de uma floresta. Na linha de fogo Companhias 2 e 3, Seção de Reserva 4. Nos enterramos na floresta. De novo sem almoço.

Fiquei lá em cima até às 5h, depois desci para a vila (Stanymirz)

Sábado 29

Cedo, violento fogo de artilharia – à nossa frente fortes posições de artilharia – nossa artilharia conseguiu, ontem, deter o avanço dos russos e lhes causou pesadas perdas. Esperamos por aqui a 14ª Corporação para prosseguir de novo. – Espero que a gente possa expulsar logo esses porcos asiáticos em breve de volta – talvez eu venha a ser atingido hoje, como já ocorreu com tantos bravos camaradas.

Se isto está determinado para mim, então quero cair vitorioso...

Encontrei Ferry (Haager) e conversei com ele por longo tempo.

Ele me ajudou com roupa. Também ele já esteve em batalha, onde presenciou coisas terríveis. Também ele já está cansado dos horrores da guerra ... Somente ao cair da noite os russos entraram atirando. Logo Stanymirz estava em chamas...

Avançamos (por marcha de 8h) durante uma noite muito escura e por uma floresta muito densa, quando perdi meu sabre e fui transferido para a borda da floresta, nas trincheiras. Fogo violento a noite toda...

À nossa direita e à nossa frente, aldeias em chamas. Bem no meio da noite

apareceu um Major...sozinho! Totalmente exausto e muito tenso. Contou que o seu batalhão foi arrasado pelo inimigo. Depois de curto descanso entre

nós, voltou com cobertura. Então os defensores civis retrocederam.

A noite foi terrível.

...Pessoas já muito nervosas. Elas se vêm abandonadas e ficam revoltadas. O fogo da artilharia começa às 5 da manhã. À nossa frente





já todos de volta.

Inimigos por toda parte! Eu com minha tropa de cerca de 30 homens sozinho (perdi 9 homens no combate na floresta), Primeiro Tenente Higi à direita do MgA com a tropa Moritz. Uma linda oração na manhã de domingo!

Domingo, 30

Aqui terminam as anotações do meu irmão Fritz, o qual, naquele dia, teve a morte dos heróis.

(Copiado por Ernst Tamussino)

Ursula Tamussino (filha do meu tio Hermann) também escreveu sobre isso:

Tio Ernst extraiu os registros do original, notado em estenografia, o que deve ter sido uma tarefa muito árdua.

Ao lermos a parte final, tem-se a impressão de que aquelas tropas destacadas para aquela secção do front austro-húngaro foram literalmente "abandonadas". Elas não tiveram chance alguma contra o "rolo compressor russo" que "avassalava" a fronteira!

Embora os registros não sejam muito abrangentes, eles trazem à luz e destacam o caráter e o conceito de honra de Fritz: o amor pelos pais e pelo irmão gêmeo Thomi, o compromisso pela "honra à Áustria e ao povo alemão – contra os porcos asiáticos". Na família Tamussino pensava-se, apesar do nome italiano, de modo "nacional alemão" e pouco se consideravam as outras nações do estado multiétnico (principalmente a Boêmia e a Hungria).

O mencionado Ferry Haager sobreviveu à guerra e mais tarde tornou-se companheiro de montanhismo de meu pai, Hermann Tamussino, por muito tempo.

(Ursula Tamussino)





Para encerrar, recebi as seguintes informações do meu irmão, Ingo Tamussino, que também se interessa pela história da família Tamussino.

*Tio **Thomas Stefan Tamussino**, nascido em 21 de agosto de 1893 e falecido em 17 de janeiro de 1968, casou-se com **Helene Gantner**. Seu pai, Thomas Johann, meu avô, deixou a empresa [a serralheria e ferraria artística] para o seu filho mais velho, Thomas, que desde então foi preparado para assumi-la. O desenvolvimento da serralheria foi interrompido pela Segunda Guerra Mundial e, somente após o fim da guerra, em 1945, e após a paz, em 1955, foi possível um novo começo. Tio Thomas também teve que ir para o front como soldado e só voltou do cativeiro na Rússia depois de muito tempo. O mesmo aconteceu com seu filho Thomas, que foi forçado a entrar para o exército quando adolescente. Felizmente todos voltaram!*

A continuação desta geração foi:

***Thomas Stefan**, que teve que estudar serralheria para assumir a empresa. **Hermann** estudou arquitetura e construiu, entre outras obras, a piscina coberta em Mödling. Por ser um leitor entusiasmado de Karl May, ele deu ao seu filho o nome de Winnetou.*

*Nosso pai, **Stefan**, começou estudando Comércio Internacional, do que ele não gostou, e mudou então para Ciências Políticas, que ele concluiu até o primeiro exame oficial. Como o irmão mais novo, **Ernst**, estudava Engenharia Mecânica, porém a grande inflação e a incerteza política não garantiriam o sustento da família, nosso pai deixou seus estudos e conseguiu um emprego na Companhia de Seguro de Saúde, em Baden.*

*Lá ele conheceu nossa mãe, **Hedwig Flora Maria Okrótny**. Com seu irmão, ele combinou que lhe conseguiria o dinheiro para que terminasse seu curso de Engenharia, e quando o tivesse finalizado e ganhasse dinheiro, devolveria o dinheiro ao nosso pai. É por isso que, depois da guerra, o tio Ernst sempre nos enviava pacotes de comida e roupas usadas da Alemanha para Mödling.*





Nos anos pré-guerra, que trouxeram incerteza política e econômica, cada um dos quatro irmãos teve que se cuidar, enquanto a serralheria e ferraria artística permaneceu nas mãos do tio Thomas Stefan, o mais velho.

O legado do nosso avô Thomas Johann foi dividido de tal maneira que meu tio Thomas Stefan ficou com a fábrica e o escritório da serralheria em Mödling, Fleischgasse, nº 3 e as propriedades foram distribuídas para os outros filhos, mas foram vendidas durante o período da inflação e cada um ficou com sua parte em dinheiro. Langenwang ficou na família, com o tio Thomas, porque ninguém a queria. Ele assumiu os custos de manutenção, mas disponibilizou esta casa para uso como lugar de férias da família, o que ainda hoje está em vigor. Atualmente, a casa está sendo cuidada e usada por Karl Tamussino, filho de Fritz (Friedrich Ludwig Thomas Tamussino), meu primo.



31. Da esq. para a dir.: os irmãos Hermann, Stefan, Thomas Stefan e Ernst Tamussino, ca. 1965.





32. Três Tamussinos: Stefan Viktor Thomas Tamussino (esq.), Thomas Ludwig Tamussino (meu primo, no meio) e Thomas Stefan Tamussino (meu tio, à dir.).

Na página ao lado, uma foto dos quatro irmãos, filhos de Thomas Johann e Gabriele Tamussino, tirada provavelmente nos anos 1960.

Esta foi, provavelmente, a última vez que os quatro irmãos se encontraram em Mödling.

Até então, era tradição na família, que o primogênito se chamasse sempre Thomas. Atualmente, isso está criando dificuldades para saber de qual Thomas se trata. A imagem acima é um bom exemplo!

Stephan Victor Thomas Tamussin(o), meu pai

Meu pai, **Stephan Victor Thomas Tamussin(o)** – na certidão de nascimento o nome aparece sem o "o" – nasceu em 12 de maio de 1902, em Mödling, perto de Viena, Baixa Áustria, e morreu em 4 de janeiro de 1970, igualmente em Mödling. Filho de **Thomas Johann Tamussino** e **Gabriele**





Josefine Tamussino, nascida **Krickl**, veio ao mundo na casa dos pais, na Bahnstrasse, nº 4 (mais tarde renomeada para Rua Thomas Tamussino).

A seguir, a certidão de nascimento de meu pai, **Stephan Victor Thomas Tamussin(o)**, reemitida em 13 de novembro de 1963.

Meu pai, Stefan Victor Thomas, depois de terminar o Ensino Médio, ingressou na Universidade de Viena para estudar Comércio Internacional. Depois de um ano, ele mudou para Ciências Políticas, até passar no primeiro exame estatal, mas não concluiu o curso. Nos dias de estudante, nosso pai fundou, com amigos e irmãos, a Corporação Acadêmica C! Gothia,



33. Meu pai, Stefan Victor Thomas Tamussin(o), ca. 1935.





E 1

Geburtsurkunde

(Pfarramt St. Othmar Mödling Jahr: 1902 Reihe-
zahl: 162)

----- Stephan Victor Thomas T a m u s s i n -----
ist am 12. Mai 1902 -----
in Mödling, Bahngasse 4. ----- geboren.
Vater: T a m u s s i n Thômas Johann, kath. Schlosser und Haus-
besitzer hier, geb. am 10. Jänner 1862 in Mödling.
Mutter: Gabriele geb. K r i c k l, kath. geb. am 29. Dezember
1864 in Wien VI. -----
Änderung der Eintragung: -----

Mödling, den 13. November 19 02

Dr. Max von Schmittmann
p.d. Pfarrer *AS*


Amtlicher Vordruck der bischöflichen Kurien von Wien und Eisenstadt im Wiener Dom-Verlag. Bestell-Nr. 6. — Nachdruck verboten.

34. Certidão de Nascimento de Stephan Victor Thomas Tamussin(o).





6

Kirchliche Vermerke: Gestionszahl: 1186/63 (Erz-) Diözese: Wien
 Postort des Pfarramtes: Mödling
 Umseitig Beurkundete(r) hier r.-k. getauft am 8. Juni 1902
St. Othmar Mödling Tom.: 27 Fol.: 194
 Vater, geboren am _____ in _____
 Eltern des Vaters: Thomas Tamussin und der Maria geb. Kramer.
(richtig Tamussin)
 Mutter, geboren am _____ in _____
 Eltern der Mutter: Stephan Krickl und der Theresia geb. Walter
 Baptizans: Coop. Joseph Gratl
 Pate(n): Maria Krebs v. Sturmwall und Victor Krebs. Mödling
 Anmerkungen: _____


 Datum: 13. November 1963 Stadler Konrad
 Pfarrer

Raum für nachträgliche kirchliche Vermerke, wie Empfang des Sakramentes der Firmung, kirchliche Trauung des (der) umseitig Beurkundeten:

Ehe geschlossen am 23. Dezember 1946 Pfarre St. Othmar Mödling
 mit Flora Hedwig Poschenburg. (30/305)



 Das Gericht bestätigt, daß diese von der Partei angefertigte Abschrift - Photokopie mit der aus 4 Bogen bestehenden mit 5 3 gesammelten Urschrift beglaubigten Abschrift - übereinstimmt.
 Bezirksgericht für ZRS, Graz
 Neukogasse 2
 am 22. Dez. 1963
Benedict
2015

35. Certidão de nascimento com casamento de Stefan Victor Thomas Tamussino e Hedwig Flora Maria von Poschenburg-Orkötöny emitida pela Secretaria da Paróquia St. Othmar, Mödling, em 24 de agosto de 1929 (documento emitido em 13 de novembro de 1963).



uma associação estudantil ativa e conservadora, na qual chegou a ocupar posições de liderança.

A situação econômica cada vez mais difícil, na Áustria, com inflação galopante, tornou necessário encontrar um emprego para prover sua manutenção diária. Com base em seus certificados universitários, ele conseguiu ingressar na Companhia de Seguro de Saúde do Estado, em Baden, perto de Viena, onde conheceu sua futura esposa **Hedwig Okrótny**, a qual, mais tarde, modificou seu nome para **Hedwig Poschenburg-Okrótny**, e que também trabalhava nesta empresa, em Baden.

Nossos pais passaram férias juntos em Ragusa, hoje Dubrovnic, e esse



36. Minha avó, Flora, em visita aos meus pais, Hedwig e Stefan, em Stralsund, Alemanha.





foi o começo de uma longa vida conjugal. Eles se casaram em 24 de agosto de 1929, em Mödling. Alguns anos depois, minha avó, a Senhora Baronesa, visitou meus pais em Rostock. A foto na página anterior foi tirada em Warnemünde, perto de Stralsund.

Foi um período muito turbulento, no qual Adolf Hitler fundou e organizou o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), em toda a região de língua alemã. Com a promessa "Dinheiro, trabalho e fim da inflação", ele rapidamente encontrou seguidores e iniciou sua escalada ao poder.

Nosso pai, como muitos outros, ingressou no NSDAP e ajudou a organizar o partido na região de Viena e da Baixa Áustria. Como o então governo austríaco de Schuschnigg via esse partido como um perigo, ele foi banido, seus membros perseguidos e, vários deles jogados na prisão. Os austríacos foram proibidos de deixar o país. Quem o fizesse, apesar da proibição, estaria sujeito a perder a cidadania austríaca.

Mesmo assim, não restou aos nossos pais outra alternativa senão fugirem para a Alemanha, onde ele e sua jovem esposa, nossa mãe, foram levados para um centro de acolhimento de refugiados políticos na Baviera. Pelo fato de pertencer ao partido, em curto espaço de tempo recebeu ofertas de emprego. Isso aconteceu ainda antes de a Áustria ter sido anexada à Alemanha. Enquanto isso, ele se tornou cidadão alemão, já que sua cidadania austríaca lhe foi retirada quando fugiu da Áustria, e ambos haviam se tornado apátridas, sendo classificados como refugiados políticos na Alemanha.

Nestas circunstâncias, eles foram parar em **Rostock**, onde meu irmão, **Ingo Knut Gunnar Tamussino**, nasceu em 17 de janeiro de 1937 e, um ano depois, em 11 de maio de 1938, nascia eu, **Ekkehart Helmut Gunter Tamussino**.

Graças às suas qualificações de liderança e ao seu talento organizacional, nosso pai rapidamente se firmou na Alemanha, tendo sido inicialmente





contratado para trabalhar na fábrica de Aviões Heinkel. De lá, ele foi para a fábrica de aeronaves Bachmann e, finalmente, tornou-se sócio da fábrica de peças de aeronaves Scholz & Co. em Praga-Vizotschan, no então Protektorat Böhmen-Mähren, como se passou a chamar a Tchecoslováquia desde sua anexação à Alemanha em 1938. Como resultado de seu trabalho na indústria aeronáutica, militarmente importante, ele tornou-se uma pessoa indispensável para o governo e, por isso, felizmente, não precisou servir



37. Meu pai, Stefan, com Ekkehart à esquerda e Ingo à direita, perto de Rosstock, 1939.





no exército. De qualquer maneira, nosso pai não era amigo dos assuntos militares e de tudo o que dissesse respeito aos soldados. Nossa irmã **Ilonka Claudia Diana Tamussino** nasceu em **Praga**, em 5 de abril de 1945.

Na página 2 de sua certidão de nascimento, fica claro que meu pai nasceu como Tamussin. Pelo atestado de óbito, pode-se ver que ele também morreu como Tamussin. Porém, sua certidão de casamento foi emitida como Tamussino!



38. Meus pais, Hedwig e Stefan, com a filha, Ilonka, 1951-1952.





G 1

STERBEURKUNDE

(Standesamt Mödling, Niederösterreich Nr. 16/1970)
 ----- Stephan Victor Thomas TAMUSSIN -----
 ----- Angestelltenpensionist, röm.kath., -----
 wohnhaft ----- Mödling, Fleischgasse 3, -----
 ist am ----- 4. Jänner 1970 ----- um 02 Uhr 00 Minuten
 in ----- der Wohnung tot aufgefunden worden. ----- verstorben.
 Der Verstorbene war geboren am 12. Mai 1902 -----
 in ----- Mödling, Bahngasse 4, -----
 (Standesamt - Pfarramt Sankt Othmar ----- Nr. 1902/162)
 Vater: Thomas Johann Tamussin, -----

 Mutter: Gabriele Tamussin, geborene Krickl, -----
 ----- beider letzter Wohnort Mödling. -----
 Der Verstorbene war nicht verheiratet verwitwet nach Hedwig Flora
 ----- Tamussin, geborene -----
 Maria Poschenburg-Okrötay. -----
 Eine Zwischenzeile eingefügt. -----

Mödling, den -5. Jänner 1970
 Der Standesbeamte
 In Vertretung: *Prinzel* (A.Ob.Rev.)

Bundes-Verwaltungsabgabe S 6.- eingehoben, Juxta Nr. 65
 HD 3902
 GH

39. Certidão de óbito de Stephan Victor Thomas Tamussin(o), reemitida em 5 de janeiro de 1970, pelo Cartório de Registros de Mödling.





Meu avô, Ladislaus Julius von Poschenburg-Okròtny

O pai de minha mãe e meu avô **Ladislaus Julius [von Poschenburg-] Okròtny**, nasceu em 22 de junho de 1872, em Karlsburg, Siebenbürgen (atual Romênia) e, aparentemente, morreu em 1941.

Ele se casou com Flora Wilhelmine Auguste Effenberger.

A história dos von Poschenburg-Okròtny está publicada aqui separadamente (ver o capítulo 1 deste livro) e foi copiada do original por minha mãe no período pós-guerra, pois do contrário teria sido perdida. Encontrar esta cópia foi uma feliz coincidência, já que toda a história da



40. Meu avô, Tenente Coronel Barão Ladislaus Julius von Poschenburg-Okròtny, com seu cavalo.





família dos Okròtny – a qual foi, depois renomeada para **Poschenburg-Okròtny** – e, finalmente, conforme o decreto do último imperador austríaco, Karl, oficializado como **von Poschenburg-Okròtny**. Foi através deste texto que tomamos conhecimento de que meu avô, **Ladislaus Julius von Poschenburg-Okròtny**, tinha sido elevado ao status nobiliárquico de **Barão**. Infelizmente, o decreto referente a essa concessão foi perdido, mas deve estar arquivado em algum lugar do antigo „Reychsarchiv“ – o Arquivo do Império, em Viena. O original da história da família, de acordo com o que contou minha mãe, consistia em um volumoso livro encadernado, manuscrito, em alemão gótico e com muitas fotografias e desenhos. Infelizmente, este original foi queimado no período pós-guerra.

O que aconteceu foi o seguinte: depois que meu avô Ladislaus morreu, aparentemente em 1941 (não tenho documentos dele), e sem filhos do gênero masculino, essa crônica de família deve ter passado para o segundo filho, **Viktor Poschenburg-Okròtny**, então Major aposentado do Exército



41. Ladislaus e Flora von Poschenburg-Okròtny (meus avós) a cavalo.





Imperial e Real. Seu único filho, também chamado **Viktor**, serviu como Soldado ou Oficial na Segunda Guerra Mundial à qual ele sobreviveu, acabou em cativeiro russo no final da guerra, mas teve a incrível sorte de ser libertado depois de dois anos e de ter retornado para a Áustria. Seu pai ficou tão feliz com sua volta, que comprou para ele uma motocicleta, com a qual, algum tempo depois, o filho Viktor foi passear com sua jovem esposa. Infelizmente, tiveram um acidente fatal nesta viagem, mas desconheço detalhes a respeito, O fato é que, quando o pai Viktor foi informado dessa catástrofe, foi acometido de um surto de ira e desespero, em meio ao qual acabou jogando o livro da história da família no fogo, já que não tinha outros filhos do sexo masculino para quem deixá-lo, segundo determinava a tradição da família. Portanto, se minha mãe Hedwig não tivesse copiado o texto naquela máquina de escrever, eu não teria hoje a possibilidade de transcrever todos esses dados e informações na presente biografia.

Meu avô recebeu seu título de Barão pouco antes do final da Primeira Guerra Mundial. Quando exatamente e por que não sei, mas, de acordo com meu irmão **Ingo**, que é um ano e quatro meses mais velho que eu, o motivo da outorga do título de nobreza deve ter sido o fato de que **Ladislaus Julius Okrótny**, Coronel do Imperial e Real Exército da Áustria e, em tempos mais recentes, instrutor na Academia Militar de Viena Neustadt, teve entre seus alunos o último Imperador austríaco, Karl. Portanto, o Coronel Ladislaus era, nessa condição, professor da Academia Militar. Não tenho outras informações sobre ele, pois faleceu em 1941, quando eu tinha apenas três anos de idade. (Em 2005, pude fazer minhas primeiras pesquisas em Viena e foi quando encontrei a transcrição de nossa crônica da família Poschenburg). Pude realizar mais algumas pesquisas na Academia Militar de Viena Neustadt, que foi fundada pela Imperatriz Maria Theresia, em 1751, para se tornar a "casa dos cadetes da nobreza". Também descobri, por intermédio de dois Oficiais, que, segundo os documentos, meu avô passou apenas pouco tempo ali.

Estive em Viena Neustadt com meu filho Stefan Viktor Thomas, em





novembro de 2013, e pude visitar a Academia Militar Theresia, graças aos contatos e interferência de um amigo da Schlaraffia®, também Coronel e professor de lá, que havia se aposentado recentemente, mas que ainda tinha acesso livre à Academia.

As instalações da atual Academia Militar, são muito amplas. O edifício havia sido completamente destruído na Segunda Guerra Mundial (março de 1945), mas já em 1946 a reconstrução havia começado.

Conforme mencionei acima, em 2013, visitei a Academia Militar em Viena Neustadt com meu filho Stefan. Alguns amigos da Schlaraffia® tornaram possível essa visita. Recebemos muitas explicações detalhadas, incluindo informações sobre meu avô, o Coronel **Ladislau Julius Poschenburg-Okròtny**. Na Academia, o "von" não está incluído no seu nome. Também é interessante que o nome "Poschenburg" não apareça nos registros de sua carreira militar. Somente nos registros feitos durante a Primeira Guerra Mundial é que o nome duplo aparece pela primeira vez: Poschenburg-Okròtny. Assim, devo presumir que este lhe foi devolvido juntamente com seu título de nobreza. Eu deliberadamente digo devolvido, porque é possível ler na história da família Poschenburg-Okròtny, que a mesma já havia sido nominada pela primeira vez em 1200 d.C. como **Posch** e, depois, em algum momento, tornou-se **Poschenburg**.



42. Academia Militar em Viena Neustadt.





O Coronel **Ladislau Julius Okrótny**, nascido em 22 de junho de 1872, em Karlsburg, Unteralbenser, Siebenbürgen, mais tarde assumiu o nome de **Ladislau Julius von Poschenburg-Okrótny**.

Aqui estão mais algumas informações que recebemos da curadora do museu da dita Academia, Sra. Listmayr, sobre nosso avô. Como ela disse, não há documentos adicionais em Viena Neustadt.

Okrótny Ladislau, Segundo Tenente, foi promovido a Primeiro Tenente em 1 de maio de 1896, no Regimento de Infantaria Grãoduke Friedrich Wilhelm de Mecklenburg-Strelitz, nº 31, e frequentava, paralelamente, o 2º ano da Escola de Guerra. O seu pai, que tinha o mesmo nome que ele, chegou ao posto de Major do Exército e morreu como tal em Hermannstadt, em março de 1894.

Okrótny Ladislau, filho do então Capitão de mesmo nome, nascido em 22 de junho de 1872 em Karlsburg, Siebenbürgen, ingressou na Escola Militar em Weißkirchen, na Morávia, em 1889. Formou-se como Segundo Tenente de Infantaria no regimento Grãoduke Friedrich Wilhelm de Mecklenburg-Strelitz nº 31.

Há uma obra em três volumes: "*Die Theresianische Militärakademie zu Wiener Neustadt und ihre Zöglinge von der Gründung der Anstalt bis auf unsere Tage*" ["A Academia Militar Theresia em Viena Neustadt e seus alunos, desde sua fundação até os nossos dias"], de Johann Svoboda, em cujo volume 2, página 840, está citado um Okrótny Ladislau, o qual teria sido aluno da Academia e que teria dado baixa em 1892. No volume 3, página 137, ele já aparece como Primeiro Tenente e frequenta a Escola de Guerra.





Depois de saber de tudo isso, penso que Ladislaus Julius von Poschenburg-Okròtny estava ativo na Academia Militar havia já há algum tempo. Primeiro como aluno e depois como instrutor.

Como mencionado, eu não conheci meu avô **Ladislaus** (ele morreu em 1941). Redescobri a sua história e a da família **Poschenburg-Okròtny** em Mödling, na casa da minha ex-cunhada Roswitha Tamussino, e a incorporei a esta minha história.

Depois de morar por mais de vinte e cinco anos no Rio de Janeiro, Brasil, ingressei na Schlaraffia® no Rio (mais sobre a Schlaraffia® nos capítulos finais desta biografia) e descobri durante uma conversa com meu irmão Ingo – ele já morava naquela época em São Paulo – que o nosso avô Ladislaus Julius von Poschenburg-Okròtny também havia sido um Schlaraffiano.

Como eu sabia que nos últimos anos de sua vida ele morava em Baden, perto de Viena, escrevi para a Schlaraffia® em Baden (chamada *Aquae Thermae*) e obtive uma resposta imediata, dizendo que ele havia sido membro (dela,) de 1919 a 1938. Em 1938, a Schlaraffia® acabou sendo banida na Áustria e na Alemanha pelo NSDAP.

Depois de mais pesquisas da minha parte, descobri que ele, Ladislaus – como Oficial do Exército Imperial e Real – entrou para a Schlaraffia® em Preßburg (hoje Bratislava), em 1917; no mesmo ano, foi promovido a *Junker Laczi*¹⁰ e, um ano depois, a **Cavaleiro Attalus, o Geschichtsverdreher** [o Distorcedor de Histórias]. De Preßburg, ele foi transferido para Viena Neustadt e de lá para Baden, perto de Viena.

Recebi a cópia a seguir, extraída de um antigo arquivo da Schlaraffia *Aquae Thermae* (Registro de Associados anno Uhu 66/67, páginas 204 a 207). Aproximadamente no meio da página 205, encontra-se o nome que

¹⁰ *Junker* é a segunda etapa na Schlaraffia®, estruturada de acordo com o estado medieval. O primeiro nível é Escudeiro (*Knappe*), o segundo o Lanceiro (*Junker*) e o terceiro o Cavaleiro (*Ritter*). *Laczi* é um apelido para Ladislaus.



ele recebeu na Schlaraffia®, Attalus, e o seu nome profano. Este Registro de Associados Anno Uhui 66/67 corresponde aos anos profanos de 1925-1926!

204 79. Suerina — 80. Aquae Thermae

Proßlein der Ahnenverächter. (Büche Berthold, Schauspieler am Landestheater, Jahnstr. 6.)
Reinold der Gezähmte, Geh. Finanzrat, Hof. Ob. (Schwarz Otto, Steuer-Obersekretär a. D., Mueh b. Rabensteinfeld.)
Sport der Scheinbar Abstinente, Frhr. v. Kranftöder auf Rummelshaulen. (Bötscher Friedrich, Kaufmann, Augustenstr. 8.)
Timpe der ausgeblasene Aerophonist, Wiell. Geh. Betriebsrat, F. (Kaufmann, Kammermusiker, Dr. Moor 50.)
Trüffelstübchens, Dörschläuchling, Hof. O-R. (Stoppel Karl, Hofchauspieler a. D., Werderstr. 35.)
Vio mit dem phänomenalen Daumenaufsatz, Hofrat, Magister der Schönen Künste, Ob. (Häbchen Karl, Kammermusiker, Koonstr. 16.)
Walt-Abba-Ni auf der Funkenweide, B. (Walter Rudolf, Postinspektor, Anhaltstr. 11.)
Wildenstein der grüne Hissulaner, Md. (Drescher August, Telegraphensekretär, Burgstr. 36.)
Zahnbadt der Schmerzlosliebende, Baron Stillfried, Ob. Dir. (Oberdahlhof Gustav, Zahnarzt, Marienstr. 6. T 734.)


Junker und Knappen:
Wilhelm. (Witense Wilhelm, Kaufmann, Friedrichstr. 17.)
Hermann. (Pignitz Hermann, Beamter, Pfaffenstr. 1.)

Fahrende:
Frankiert ohne Straßporto. (Menning Alfred, Postsekretär, Schwaan.)
Kreiser der Mitternächtlige. (Reiser Emil, Kapellmeister, Berlin.)
Miremi die Nibelungenströme. (Zünger Peter, Kammermusiker a. D., Dettelsbach am Main.)
Nir der Wiederholte. (Pennarini Alois, Kammerlänger, Reichenberg i. B.)
Peer Ghnt der gepornete Kremsstiesel. (Wachenbuben Wilhelm, Regierungs-Baummeister a. D., auf Reisen.)
Renatus der Besugte. (von der Elb Richard, Telegrapheninspektor, Hamburg.)
Schmalhand der uhversal geharnischte Rundreiter. (Brenner Hans, Ingenieur, Berlin O 31, Frankfurter Allee 16.)
„Sehr nett“ der Abend. (Seebach Paul, Konzertänger, Berlin.)
Knappe: Nr. 124. (Krämer Max, Konzertmeister, Leipzig.)

Ehren-Ritter:

| | |
|--------------------------------|----------------------------------|
| Dehast (Praga). | Recurs (Praga). |
| Edstein (Rostockienis). | Ell (Berolina). |
| Enoch (Büttana). | Eschin-Esclin (Bessabia). |
| Illing (Brema). | Mellleichen (Hammonia). |
| Platin (Hammonia). | Vitus (Bisontia). |

80. Aquae Thermae (Baden b. Wien)

| | | |
|-------------------------------------|---|--|
| Blau-rot-gelb 12. 10. 26. Vinzia |  | Carl Guido Schwarz Kaiser-Karl-Pl. 13 |
| Schwefelburg (Wasserg. 17) | | M. A. a. Sippig.: Schlaraffia |
| Dienstag, 8 ¹ . | | |

Würendenträger:
Die Nirvana der Große, Reichsrath vom dünnen Stein, Graf von Soria Maria.
 Hof. O-R. (Jocham Rudolf, Dr., Erster Staatsanwalt in Wiener-Neustadt,
 Baden, Flammgasse 23.)

43. Cópia de um antigo volume da Schlaraffia Aquae Thermae (nº 80) 1925-1926, páginas 204-207 em Baden, perto de Viena, no qual meu avô von Poschenburg-Okròtny está listado como Cavaleiro Attalus, der Geschichtsverdrehen [o Distorcedor de Histórias].

- OJ** **Stribler der Publiciste**, Graf v. Furiolo, Fchr. v. Bloquenz, Viconte Grinivor, Gougraf von Weichselburg, Reichsmatritelgraf, Fürst, Dr. rer. schlaraf., Eb. O-R. 3. (Prager Gustav, Dr., Weichselgasse 15. T 1061 VI.)
- OK** **Mordammer der Würgemeister**, der allzeit Unbetroffene, Kaufritter von, Consul ohne Charakter mit den Eiteln auf der Olah und in der Poulis, Reichs-Kentienprofos, Graf von Quell und Letze, Reichsfürst von der Postergelle, Eb. O-R. (Haas Leo, Dr., Kurarzt, Franz-Joseftring 30. T 999/IV.)
- R** **Podolant der Giftmischer**, Vater des Reiches, Graf von Garbol, Reichsfürst, Marschall vom Ed. Hohet, Herzog, EM, ED, EB, EB, EPB, EE, Ea, Eb. Arf. O-R. II, Eb-R. (Schwarz Carl Guido, emer. Apotheker, Kaiser-Carpl. 13. T 134, Landschaftsapotheke.)
- M** **Flamario der lustige Cassua**, Reichschr. v. Sanitas, Edler v. Coakheim, R. (Pfannl Fritz, städt. Beamter, Wilhelmring 28.)
- J** **Pepicel der Augenauswischer**, Edler v. Helental, Fchr. v. Oull, O-R. (Zausig Josef, Dr., Augenarzt, Frauengasse 5. T 531.)
- Ed** **Koball der Landschaftliche**, Fürst, Viconte, Sc. Wechselng, Finanzminister, Rader, O-R. (Ketter Ernst, Fachlehrer, Wallergasse 1.)
- E** **Sildo der Wechselstellige**, Reichsritter Kunigunde, Fchr. Lenz von Hildach. (Lashis Eduard, Asseluranzbeamter, Wilhelmring 28. T 954/II.)

Echthafte Ritter:

- AbderafabryBoirmettblamibophtolinochromosaftrabibabumbodiprafiewitsh** **der Einsidige**, Reichs-Kindser. (Schemmel Rud., Privatbeamter, Weichselg. 15.)
- Alf-neder der Mädimustlus mit dem Musentuf.** (Hochbaum-Schmid Ladislaus, Dr., Oberarzt im Sanatorium Gutenbrunn. T Sanat. Gutenbrunn 388.)
- Alt-Hundling der Ahuparagraph**, F. (Sögger Oskar, Dr. jur., Verteidiger, Antonsgasse 20. T 949/IV.)
- A** **Ruach will'L** (Keller Fritz, Leiter der Länderbantfiliale, Franzensring 19.)
- Altalus der Geschichtsverdreher**, Fchr. v. Leppball, Obergespan auf und ab der Gernergasse, L. (Poschenburg-Otrodind Ladislaus, Regierungsrat, Oberst d. R., Gernerg. 47.)
- William der Gesundheitschmeichler**. (Maliva Edmund, Dr., Universitäts-Dozent, Abt.-Chef im Sanatorium Esplanade, Helenestr. 23. T 533.)
- Vajan vom Meere**. (Vondi Albert, Kaufmann, Grabeng. 6a.)
- Barol der Bauerredner**, Baurat. (Schmidt Robert, Gemeinderat, Architekt u. Stadtbauemeister, Elisabethstr. 11. T 97.)
- Vataballamont der larios assimilierte Plattenbruder**, Reichschr., Edler v. Wba. (Brühmayer Hermann, Kunsttellerbesitzer, Komzalg. 4. T1091/IV.)
- Bergler der Stachliche**. (Lahmann Gustav, Prof. d. Staatsergieb.-Anstalt, Erbskirchen b. Baden.)
- Brahmsburi von der Petersille**. (Orlik Julius, Rittm. u. Hausbef., Sportplatz.)
- Cariso von der Plomb**, Fchr. v. d. Goldplombe u. Drohobocz, Eb. Rfch. O-R. (Dorfner Maximilian, Dr., Zahnarzt, Kaiser-Karpl. 19. T 247.)
- Dadl der XIII. der Radierbus**. (Markart Franz, akad. Maler, Böslauerstr. 9.)
- Dragotto der Kofelenfürst**, Edler von Ottodrag. (Henn Otto, Oberlieutenant i. P., Breuerstr. 3. T 979/II.)
- Febris von Papatacci**, Emir v. Fragdad, Dr. rerum schlarafficarum, Professor, Sc. Examineng, O-R. E-R. (Zauslig Sigmund, Dr., Generalstabsarzt i. P., Franzensring 27. T 385.)
- Franzku die Kanalie**, Edler von Prahlungen, Korporal und Kanalkliffimus, Hfn. (Schönwald Franz, Oberinspektor, Weichselg. 15. T 1061/VI.)
- Furiolo der Hilputaner**, Graf v. Stribler, Primas, Maestro, Eb. O-3, R. (Wismann Karl, Musikdirektor, Welzerg. 13.)
- Furdinot der Bauernschred**, Md. (Lischka Franz, Steuerverwalter, Marchenstr. 13.)
- Hall ohne Gall**. (Ritter von Gersiel Gustav Friedrich, Dr., Augenarzt, Pratinerstr. 5. T 916/VI.)
- Heilquell der Febrile**. (Fischer Franz Xaver, Apothekenbesitzer, Antonsgasse 4. T 1115/II.)
- Hieroglyph der Haremswächter**, Graf Sans-Krit, Fürst von Hinterindien, Graf von Schani, O-R. (Reichelt Hans, Dr. phil., Universitätsprofessor in Graz, Bergmannstr. 10. Wohn.: Baden b. Wien, Weisburgstr. 10.)
- Hippogrph der Ritschenpoet**, Baron, L. (Reichelt Franz, Ing., Wofferg. 47.)
- Kratehl der Durchlöcherle**, Sc. Benedolenz, Herzog, Fürst, EPB, Arf. (Sufmann Josef, Schauspieler und Regisseur i. P., Friedrichstr. 37.)



A descoberta de que meu avô também havia sido um Schlaraffiano, deu-me uma sensação de identidade e proximidade entre nós, ainda que, infelizmente, eu não o tivesse conhecido pessoalmente.

**Flora Wilhelmine Auguste von Poschenburg-Okròtny,
minha avó**

Minha avó, **Flora Wilhelmine Auguste von Poschenburg-Okròtny** (nascida **Effenberger**), nasceu em 30 de junho de 1887, em Bovec (Flitsch)



45. Minha avó, Baronesa Flora Wilhelmine Auguste Okròtny (Von Poschenburg-Okròtny).





no distrito de Tolmein, região costeira da atual Eslovênia, perto da fronteira austríaca de Kärnten.

Ela era uma mulher muito interessante e resoluta, e não apenas se sentia extremamente honrada por poder usar o "von" antes do nome, como fazia questão de ser chamada Senhora Baronesa. Apesar de todos os títulos de nobreza terem sido banidos após o fim da monarquia dos Habsburgos, nossa avó era conhecida e referida como Baronesa por todos, até o fim de sua vida. Ela amava cavalos e era uma entusiasta amazona.

Ainda lembro bem dela, já que nós, crianças, passávamos nossas férias de verão em seu apartamento na Kaiser Franz Joseph Ring, nº 41, em Baden, perto de Viena (Baixa Áustria), no período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial.

Lá aprendi a nadar. Mesmo tendo participado de várias aulas de natação em Mödling, eu ainda tinha medo de nadar em águas mais profundas sem bóia. Até que um dia, em Baden, fui sozinho à piscina pública – eu deveria ter onze ou doze anos – e, como muitas outras vezes, comecei a nadar onde eu ainda podia ficar de pé. De repente, eu queria fazer uma pausa e percebi que não tinha mais chão debaixo dos meus pés. Como eu era tímido demais para pedir ajuda, continuei nadando e, vejam só! Eu havia perdido o medo das águas profundas!

Muitos anos depois, quando descobri através do meu irmão Ingo que meu avô Ladislaus também era um Schlaraffiano, escrevi para a Schlaraffia® em Baden, perto de Viena. Ao confirmarem isso, me enviaram também uma carta manuscrita de um antigo membro (Sasse) da Aquae Thermae, na qual informava que havia conhecido minha avó Flora Wilhelmine Auguste, como paciente. Ele era ginecologista e já tinha 93 anos quando me escreveu. Infelizmente, nesse meio tempo ele faleceu, assim não pude conhecê-lo pessoalmente. Seu nome na Schlaraffia® era Ritter Hormon, am Schneideweg. Seu nome profano era Dr. Hermann Trenner e ele morava na Kaiser Franz-Ring, nº 2, em Baden, perto de Viena, na mesma rua em que moravam meus avós.



Esta é a curta carta que o Cavaleiro Hormon (Ginecologista) me escreveu:

R. Attalus,

70.12. a.U. 727

Zu Hause ich seit 1926 = ~~1938~~
~~mit dem~~ ~~Wahl~~ ~~der~~ ~~Disziplin~~ ~~Per. der~~
der Klausur mit dem Nationalsozialismus 1938
weiter ich ihn aus dem Leipzig ~~und~~ ~~gleichzeitig~~ ~~Stahel~~
Soweit ich mich erinnern kann, war er ein Figur
nicht besonders groß, Stämmig, wegen seiner
lustigen Vorträge (in eingetragenen oberdeutschen
Dialekt) sehr beliebt.
Aus seinem Privatleben ist mir erinnerlich,
das er verheiratet war mit einer von 3 Schwestern
in ihrem Hause Jermeyose 49. (Nebenbei auch
ungarisch Freundinnen. Von diesen Schwestern
waren 2 meine Patientinnen, die heute eine
schreibende Tochter, also sein Nichte.
Sie hat Hedi Krieger war ein sehr bekannte

Schneepelerin = auch Filster ("Eckhart" ungeliebt, und
dann die Frau des mit dem Starckenberg-Heim mehrere
bekannte Patronenfabrikanten Maude (Freund von
Graf Starckenberg), sie war als Kind noch meine Patientin).
Sie ist ungeliebt = wegen Maude - nach 1938 emigriert
und lebt, wie ich erst jetzt erfährt, eigentlich in Amerika
Von R. Attalus habe ich nach Neugründung - nach der Verheiratung
nichts mehr gehört.

a. H. Rt. Hormon
(im 93 Lebensjahr)

46. Carta do Cavaleiro Hormon sobre o Cavaleiro Attalus, para Ekkehart Tamussino, recebida em 10.12. Anno Uhu 127 (data profana: 10 de dezembro de 1986).



A seguir, uma tentativa de decifrar sua escrita:

Eu o conhecia [ao meu avô Ladislaus] desde o ano 1926. Após a dissolução da Schlaraffia pelo Nacional-Socialismo em 1938, o perdi de vista e acredito que morreu em 1938.

Pelo que lembro, não era particularmente alto, era corpulento e, por causa de suas palestras engraçadas (em alemão, com sotaque húngaro e tcheco) era muito bem-quisto.

Da sua vida particular, lembro-me que ele era casado com uma das três irmãs da casa na Germangasse, nº 49 [...]. Duas dessas irmãs eram minhas pacientes, uma tinha uma filha muito bonita. O nome dela era Hedi (ou Hali?) [Hedwig]. Kiesler era uma atriz muito conhecida, também uma estrela de cinema ("Ekstase", supostamente) e depois tornou-se a esposa do conhecido fabricante de cartuchos Starhemberg-Heim [...] Mandl (amigo do Conde Starhemberg), também era minha paciente quando criança. Por causa de Mandl ela deve ter emigrado depois de 1938 e, como acabei de saber, vive em algum lugar da América.

Sobre o Cavaleiro Attalus, não ouvi mais nada dele depois da recriação [da Schlaraffia®] – após a era nazista.

Assinado:

a.H. Cavaleiro Hormon

(aos 93 anos de idade)

Após a morte de Ladislaus, minha avó **Flora Wilhelmine Auguste** teve um companheiro chamado Otto Barocka (nascido em 4 de novembro de 1894), com quem viveu por muitos anos, até a morte dele em 1960. Eles não se casaram, provavelmente porque, caso contrário, minha avó teria perdido a pensão do Tenente Coronel Ladislaus, o que é compreensível quando se pensa no difícil período pós-guerra. Lembro muito de Otto



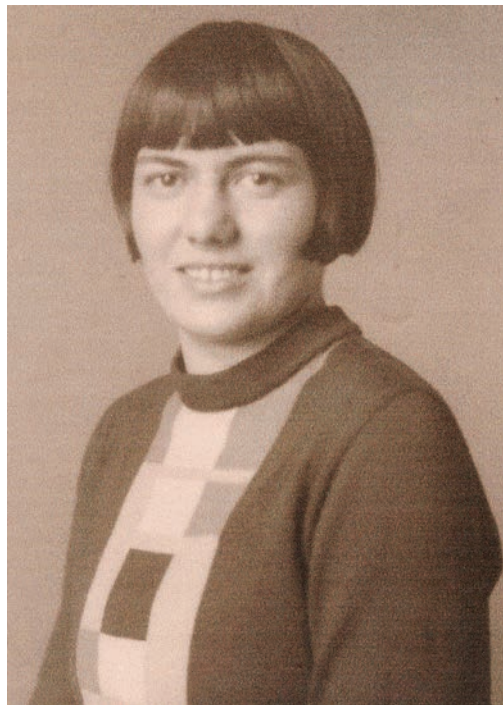


Barocka, contador de profissão; era uma pessoa querida e gentil, de saúde um tanto frágil. Ele sempre trabalhava em casa, onde fazia a contabilidade para vários clientes. Morreu de leucemia em 3 de agosto de 1960, em Baden, Baixa Áustria.

Ela viveu até 1970, quando morreu, em Baden, perto de Viena, aos 83 anos. Minha avó era uma personagem muito resoluta e alegre.

Minha mãe, Hedwig Flora Maria Tamussino

Minha mãe, **Hedwig Flora Maria Tamussino**, nascida **Poschenburg-Okròtny**, filha do Tenente Coronel **Ladislau Julius** e **Flora Wilhelmine Auguste von Poschenburg-Okròtny**, nasceu em 10 de julho de 1907, em Viena Neustadt, Baixa Áustria, Lange Gasse, nº 7.



47. A jovem Hedwig Flora Maria Poschenburg-Okròtny Tamussino (ca. 1930).





Geburtsurkunde

(Theres.Milit.Akad. Wr. Neustadt, Jahrgang 1907, Fol.135, BZ.4)

----- Hedwig Flora Marie O k r ò t n y -----

ist am 10. J u l i 1907 -----

in Wiener Neustadt, Lange Gasse Nr. 7 ----- geboren.

Vater: Ladislauus Julius Okrótny, Hauptmann und Lehrer an der
k.u.k. Theresianischen Militärakademie in Wr. Neustadt, geboren
am 22. Juni 1872 in Karlsburg, Unter-Albenser, Komitat Siebenbürgen.

Mutter: Flora Wilhelmine Auguste Okrótny, geborene Effenberger,
geboren am 30. Juni 1887 in Bovec (Flitsch) Bezirk Tolmein,
Küstenland. -----

Anderungen der Eintragung: Zufolge Erlasses des k.u.k. KM.Abt.9 Nr.20108
Wien, 1. Juli 1918: "Die k.k. niederösterreichische Statthalterei hat
mit Erlaß Zl. XIII-23951 vom 16. Mai 1918 diesem Kindesvater Ladislauus
Okrótny, nachmaligem Oberstleutnant und seinen ehelichen Nachkommen
die Änderung des Zunamens Okrótny in Poschenburg - Okrótny bewilligt."

W i e n , den 21. November 19 63

Der Referatsleiter:



Kammerböck

Die Vorgenannte wurde am 18. Juli 1907 in der Kapuzinerkirche in
Wr. Neustadt nach römisch-katholischem Ritus getauft. -----

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

Verwaltungsabgabe
S. 2. entrichtet



48. Certidão de nascimento de Hedwig Flora Maria Poschenburg-Okrotny Tamussino.

Nr.: 2564

Land: Niederösterreich

Erauungsfchein

Auszug aus dem Erauungsbuch der evangelischen Pfarrgemeinde Augsb. Bek.



Band III, Seite 93, Zahl 13

| | | | |
|-------------------------------------|--------------------|--|----------------------|
| Name des Erauenden | | Walther Stökl, Pfarrer | |
| Ort der Erauung | | Mödling, Evang. Kirche | |
| Zeit (Jahr, Monat, Tag) der Erauung | | Eintaufendneuhundert zwanzigstem 24. (zwanzigvier) August 1929 | |
| des Bräutigams | Name und Charakter | Stefan Viktor Thomas Tamussino, Beamter | |
| | Eltern | Thomas Johann Tamussino u. Gabriele, geb. Krickl | |
| | Geburtsort | Mödling ✓ | |
| | Heimat-gemeinde | Mödling ✓ | Stand ledig |
| | Geburtszeit | 12. Mai 1902 ✓ | Religion evang. A.B. |
| | Wohnort | Mödling-Fleischgasse 3. | |
| der Braut | Name und Charakter | Hedwig Flora Maria Poschenburg-Okròtny, Beamtin | |
| | Eltern | Ladislau Poschenburg-Okròtny u. Elna Wilhelmine Margarethe, geb. Effenberger | |
| | Geburtsort | Wiener Neustadt | |
| | Heimat-gemeinde | Wiener Neustadt | Stand ledig |
| | Geburtszeit | 18. Juli 1907 | Religion evang. A.B. |
| | Wohnort | Baden, Gernergasse 47. | |
| Zeugen (Name, Charakter, Wohnort) | | Christian Krickl, Jurist, Mödling, Rich. Wagnerstr. 6. Hans Wachter, Beamter, Brunn a. Geb., Wienerstr. 4 | |

Anmerkung:

Urkund dessen die amtliche Fertigung:

Evangelisches Pfarramt Augsb. Bek. Mödling

den 20. November 19 36

J. W. Müller
Pfarrer



Druck und Verlag der Buch- und Steindruckerei J. Wimmer, Einz. - Erauungsfchein. - Lager-Nr. 688.

50. Certidão de casamento de Stefan Victor Thomas Tamussino e Hedwig Flora Maria (von) Poschenburg-Okròtny.



Acima, à pg. 150, certidão de nascimento e batismo de **Hedwig Flora Maria Okrótny** (mais tarde **Poschenburg-Orkòtny**). Foi emitida pelo Ministério Federal do Interior, Departamento 9, Ref. 9/M, em Viena.

Como mencionado, meus pais se conheceram no trabalho (na Companhia de Seguros de Saúde, em Baden, perto de Viena). Eles se casaram em 24 de agosto de 1929, em Mödling.

Sei muito pouco sobre os primeiros dias do casamento dos meus pais. Até onde sei, minha mãe não estava mais trabalhando em Rostock. Após o nascimento de meu irmão Ingo e meu, um ano depois, ela passou a se dedicar integralmente a nós, seus filhos. Devem ter sido bons momentos para toda a família. Infelizmente, o início da guerra destruiu essa vida idílica. Com a mudança para Praga, eles puderam levar uma vida relativamente tranquila por quase quatro anos, até que tiveram que fugir do Exército Vermelho, de Praga para Viena.



51. Meus pais, Hedwig e Stefan Tamusino, em Mödling, em 1949, por ocasião do novo casamento, agora católico.





Depois da guerra, e durante a prisão de meu pai, o então padre católico em Mödling que havia sido colega de escola dele, ajudou muito minha mãe, trazendo-nos batatas e outros alimentos, salvando-nos assim da fome. Ao voltar, quando nosso pai quis agradecer ao amigo e padre, ele apenas disse: "Você não precisa me agradecer, você agora só precisa tornar-se católico!". Então meus pais se casaram pela segunda vez – agora, na Igreja Católica.

Assim, o casal Stefan Victor Thomas Tamussino e Hedwig Flora Maria Poschenburg (sem Okròtny) casou-se novamente em 23 de dezembro de 1946, na Paróquia de Sankt Othmar, em Mödling. O documento foi publicado pela Igreja Paroquial Católica Romana desta cidade.

Na certidão de nascimento de Hedwig Flora Maria, acima, pode-se ler que, de acordo com o Decreto de 16 de maio de 1918, linha XIII-23951, o sobrenome Okròtny foi aprovado pela província após a mudança para



52. Ekkehart (sentado), Ingo e Ilonka com nossa mãe, Hedwig, no campo.





Poschenburg-Okròtny. Infelizmente, não há mais nenhum descendente do sexo masculino com este nome, de mais de setecentos anos.

Deste casamento, como mencionado, nasceram três filhos: **Ingo Knut Gunnar** (17 de janeiro de 1937), **Ekkehart Helmut Gunter** (11 de maio de 1938) e **Ilonka Claudia Diana** (5 de abril de 1945).

Inicialmente o período de Rostock foi muito calmo e agradável, mas, com o início da guerra, a insegurança tornou-se cada vez mais evidente, devido ao bombardeio constante. Como resultado, meus pais decidiram se mudar para Praga, depois que meu pai recebeu uma interessante oferta de emprego por intermédio de um amigo de Berlim, Erich Scholz.





4

Praga, fuga para a Áustria e minha juventude



Richard Tamussino



habers
rer
laire
сца





4. Praga, fuga para a Áustria e minha juventude

Após o início da Segunda Guerra Mundial, meus pais começaram a procurar um novo lugar para ficar, já que os subúrbios de Rostock estavam sendo fortemente atingidos por bombardeios inimigos desde 1940. Um dia, mais um bombardeio estava em andamento e meus pais nos levaram, ao Ingo e a mim, (Ilonka nasceria mais tarde, em Praga), para nos refugiarmos no porão. Na verdade, isso não constituía proteção suficiente, mas funcionava como uma espécie de segurança psicológica. No dia seguinte, constatamos, horrorizados, que a casa vizinha à nossa havia desaparecido e, em seu lugar, restou, somente, uma enorme cratera.

Conforme já mencionado, por um feliz acaso, meu pai recebeu de um amigo de Berlim a oferta para que assumisse a administração de sua fábrica em Praga. Esta foi a razão pela qual nos mudamos para Praga no final de 1940 ou no início de 1941.

Mudança de Rostock para Praga

Na viagem de Rostock para Praga (1940?), passamos por Baden, perto de Viena, onde minha avó Flora Wilhelmine Auguste von Poschenburg-Okròtny morava. Lá, meu irmão Ingo e eu fomos vacinados contra escarlatina, mas, infelizmente, o lugar em que eu recebi a vacina, na minha coxa, infeccionou. Em poucos dias, a inflamação piorou a tal ponto que





acabei sendo internado em um hospital de Baden. O médico que me atendeu ligou para minha mãe e disse a ela que teria que amputar minha perna para salvar minha vida, porque eu tinha intoxicação no sangue. Segundo o que ouvi, minha mãe não concordou com isso, e resolveu lutar por uma solução diferente. Não sei se foi o mesmo médico ou se foi outro, mas, de qualquer maneira, fui submetido a um tratamento especial: perfuraram minha coxa no local da infecção e, assim, abriram um canal através do qual o pus era sugado lentamente e a cura pôde ocorrer de dentro para fora. As duas grandes cicatrizes podem ser vistas ainda hoje na minha coxa direita. Mediante este procedimento, tanto eu quanto minha perna fomos salvos.

Ainda me lembro bem, após a operação, minha mãe se sentou na minha cama e me trouxe um brinquedo. Era uma pequena fonte, com um homem sentado à sua beirada. Quando eu virava a manivela para um lado, muitos peixes saíam da lagoa e desapareciam na boca do homem (provavelmente era um pescador). Se eu girasse a manivela para o outro lado, o homem cuspiam os peixes na fonte. Não sei quanto tempo fiquei no hospital, presumo que foram várias semanas. Depois, fiquei com minha avó por mais de um mês, até minha recuperação. Enquanto isso, meus pais e meu irmão Ingo viajaram para Praga e só me buscaram em Baden depois que eu estava completamente curado.

Lembro-me muito bem de **Praga**. Morávamos em uma casa grande, com dezesseis cômodos diferentes e com uma grande escadaria que conduzia para o primeiro andar. Nosso apartamento tinha vista para um parque do qual a casa fazia parte. Ela pertencia, supostamente, ao Príncipe de Fürstenberg (veja a foto a seguir, que tirei alguns anos atrás, quando visitei Praga), e ficava na Wallensteingasse, nº 10, Cidade Velha, logo abaixo do Hradschin, o castelo símbolo de Praga.

Certa vez, vi da janela meu irmão Ingo, brincando na beira de um chafariz, no parque. Ele havia ganhado um pequeno barco à vela em seu aniversário e queria fazê-lo navegar ali. O barco escapou de seu alcance e ele não conseguia mais pegá-lo. Tentou trazê-lo de volta para a beirada,





53. A casa na Wallensteingasse, n° 10, em Praga, onde moramos, no primeiro andar, de 1941 a 1945.



54. O jardim na frente da casa em Praga, com o chafariz no qual Ingo caiu certa vez.





lançando jatos de água com a mão, mas, durante essa tentativa, acabou caindo no chafariz. Não sei qual era a profundidade, mas certamente parecia ainda mais fundo pois ele tinha seis ou sete anos de idade! No entanto, como por milagre, ele saiu por conta própria. Ele deve ter pego impulso no chão e chegado à beira do chafariz, onde pode sair da água e correr para casa. Acho que era fevereiro ou março e ainda estava muito frio. Por acaso, minha mãe havia visto o incidente da janela e correu o mais rápido que pôde para o chafariz e, desesperadamente procurou pela criança na água, sem sucesso. Já desacorçada, ela se virou em direção à casa e viu o Ingo parado na entrada, totalmente encharcado. Ela não o havia visto quando saiu correndo da casa tal qual uma flecha, para socorrer o filho. Felizmente, "tudo está bem quando acaba bem", mas acho que Ingo foi punido adequadamente – ou será que não? De qualquer forma, provavelmente ele não teve mais permissão para, sozinho, deixar o veleiro navegar naquele chafariz.

Também devo ter feito muitas travessuras, mas, quem não faz isso quando criança? Ainda lembro vagamente que, quando um brinquedo do Ingo quebrava, nossa babá me culpava (algumas vezes com razão, outras não), "me delatava" para minha mãe e eu era punido por isso. Geralmente a punição era uma boa surra.

Ingo e eu passamos os anos em Praga de forma tranquila e alegre. Da guerra não notávamos nada, pois Praga foi declarada uma cidade artística (hoje Patrimônio da Humanidade) e, portanto, foi poupada do bombardeio por todos. Isso preservou esta bela cidade com seus prédios históricos e seus tesouros artísticos (eu a visitei algumas vezes, mais tarde, quando adulto). Como minha mãe costumava dizer: para ela, Praga era **a cidade mais bonita do mundo**. Devo dizer, no entanto, que ela não conheceu o Rio de Janeiro!

Eu quase não notei nada da guerra. As únicas duas lembranças que tenho são de quando um ataque foi anunciado e tivemos que ir a um abrigo





antiaéreo novamente. Lembro-me de ver da janela do nosso apartamento uma longa fila de pessoas carregando inúmeras pastas e arquivos, correndo de um Ministério próximo para o abrigo antiaéreo. O abrigo estava no interior da montanha, logo abaixo do Hradschin, o símbolo de Praga. O Hradschin é um castelo que foi usado e habitado pelos Imperadores do Sacro Império Romano Germânico desde o século XVI. Além disso, existe uma magnífica catedral interligada ao castelo. Ele abriga uma das maiores, senão a maior biblioteca da história antiga alemã. Pode-se ficar maravilhado com livros de 900 a 1000 anos, verdadeiras relíquias. Visitei o castelo e a biblioteca duas vezes.

A outra lembrança é de uma batalha aérea, entre combatentes das duas potências em guerra, logo acima de nossa casa. Lembro-me de olhar os aviões pela janela, voando no ar de um lado para o outro, atirando um contra o outro. Felizmente, nenhum foi atingido, pois poderiam ter colidido com a nossa casa ou até mesmo com o Hradschin.

Os últimos dias em Praga

Meus pais esperaram demais para fugir de Praga. Quando a guerra estava perdida havia já há algum tempo, eles pensaram, talvez, que seriam os americanos que entrariam na cidade (eles já estavam a cerca de 50 km). Infelizmente, não foi esse o caso, porque o exército americano parou apenas para esperar até que o exército russo chegasse a Praga vindo pelo norte e, depois, continuasse a sudoeste, em direção à Alemanha, e ao sul, em direção à Áustria. Assim que os russos chegaram, os americanos recuaram.

É claro que meus pais não poderiam saber que, na Conferência de Yalta, de 4 a 11 de fevereiro de 1945, a Alemanha e a Áustria já haviam sido repartidas entre as quatro potências vencedoras e que os países indiretamente participantes ou ocupados também foram distribuídos entre os países vitoriosos. Assim, no norte, Polônia, Estônia, Lituânia, Letônia;





no sudeste Sudetenland¹¹, Checoslováquia, Hungria, Iugoslávia, Romênia, Ucrânia e grande parte da Alemanha passaram a ser controladas pela Rússia e a elas foi imposto o regime comunista. Holanda, Bélgica, Itália e Grécia permaneceram no Ocidente e foram lentamente democratizadas.

Então, tivemos o "prazer" de assistir à entrada do exército russo na cidade de Praga. Ainda posso vê-los diante dos meus olhos, da nossa janela, enquanto marchavam em frente à Blinden-Anstalt¹² um bloco amarelo de edifícios, que podia ser visto de nosso apartamento. Assim que Praga ficou sob o domínio russo, deram liberdade de ação aos guerrilheiros tchecos, os quais se diziam combatentes pela liberdade, para tomarem conta da cidade e do país, trazendo insegurança e passando a capturar todos os habitantes de língua alemã, perseguindo-os sem distinção, muitas vezes estuprando as mulheres (como também faziam os russos). Atiravam nos homens, os matavam violentamente ou os transportavam para trabalhos forçados nas minas.

Nós, minha mãe, Ingo, eu e nossa irmã **Ilonka Claudia Diana Tamussino**, que nasceu naquele final de guerra em Praga em 5 de abril de 1945 – ou seja, um mês antes do fim da guerra, que terminou em 8 de maio de 1945 – fomos levados a um campo de concentração, localizado numa escola. Nos trancaram em uma sala de aula com cerca de cem outras mulheres e crianças. Deitamos como sardinhas em lata na sala que normalmente teria espaço para, talvez, trinta ou quarenta alunos. Para nosso azar, Ingo e eu pegamos uma coqueluche, o que só tornou as coisas ainda mais difíceis em um espaço tão pequeno. Para nossa mãe, realmente não foi fácil. Ilonka tinha que ser alimentada. Não sei se mamãe pôde amamentá-la, mas certamente não por muito tempo. Ela "foi autorizada" a

¹¹ Sudetenland: território que hoje pertence em parte à República Tcheca e em parte à Polônia.

¹² Hoje Prager Blinden-Erziehungs-Anstalt, isto é, Instituto de Educação para Cegos de Praga.





lavar as fraldas da minha irmã no vaso sanitário. Pelo que me lembro, não tínhamos quase nada para comer e, para o bebê Ilonka, ofereciam à minha mãe café preto em vez de leite.

Meu pai foi levado a outro campo, cuja localização era desconhecida para nós, destinado apenas a homens. Ele teve a sorte de ter sido reconhecido por um amigo austríaco e logo libertado. É possível que esse amigo também estivesse preso lá. Papai era austríaco de nascimento e, embora tivesse emigrado para a Alemanha nos anos 1930 e ingressado no NSDAP, pelo que eu saiba, ele nunca foi politicamente ativo. Neste sentido, ele não podia ser acusado de nada, nem se poderia incriminá-lo a esse respeito.

Graças a esses relacionamentos do nosso pai, tivemos a oportunidade de arriscar nossa fuga de Praga para Viena, com apenas três malas, pegando um trem de carga (vagões de gado). Naquele momento, era esta a única rota de fuga e com chances muito reduzidas de sobrevivência. Tínhamos exatamente vinte e quatro horas para sair do nosso apartamento e pegar o trem. Tudo o que meus pais haviam amealhado com seu trabalho foi deixado para trás. Apenas as coisas mais importantes para sobreviver foram rapidamente colocadas em três malas. O trem consistia apenas de vagões para gado, com o piso coberto de palha, sobre o qual podíamos nos sentar e deitar.

A fuga de Praga para Viena

Com tantos combatentes guerrilheiros e tantos soldados do exército russo andando pelas redondezas, era muito perigoso avançar. Na maioria das vezes, o trem circulava à noite e, durante o dia, parava em algum lugar protegido – por exemplo, em uma floresta. Um dia, o trem parou cedo de manhã e veio a mensagem: "Desembarquem todos!". Quando alguém perguntou o que estava acontecendo, a resposta foi: "os trilhos haviam sido explodidos por guerrilheiros e não era possível continuar a viagem". Teríamos que andar cerca de cinquenta quilômetros a pé





para pegar o próximo trem, que sairia de um determinado local às 18h. Tínhamos que ir depressa. Pela minha estimativa havia ali, em movimento, aproximadamente, entre quinhentos e mil refugiados.

Meu pai tinha que carregar duas malas (uma cheia de comida e outra com qualquer coisa que tivesse algum valor, como um corte de tecido inglês, algumas joias etc.). Tudo o que meus pais conseguiram socar nas malas em tão pouco tempo foi levado. Uma terceira mala foi colocada sobre o carrinho onde minha irmãzinha estava deitada e era empurrado pela nossa mãe. Meu irmão e eu tínhamos que carregar a bolsa de mamãe, cada um por uma alça, até que ela ficou pesada demais para nós e a deixamos simplesmente na estrada. Por sorte, nossos pais notaram isso a tempo e acabaram nos convencendo de que tínhamos que continuar a carregá-la.

No caminho, frequentemente encontrávamos soldados russos, que só sabiam dizer uma coisa: "Uhra, Uhra", isto é, "relógio, relógio", que era o que eles mais gostavam. Como meu pai tinha dois relógios Ômega de bolso, ele entregou um deles a um amigo, o contador da fábrica, que também veio conosco no trem de refugiados, mas que não tinha filhos. Ingenuamente, ele passou a usar o relógio de forma ostensiva em seu colete, com a corrente para o lado de fora, para que todos vissem o que carregava. E assim, o relógio logo foi parar nas mãos do primeiro russo que encontrou e lhe falou "Uhra".

Chegamos à estação da tal cidade (não lembro o nome), mas só vimos as luzes traseiras do trem que partia, pois chegamos alguns minutos atrasados. Suponho que já estávamos em solo austríaco, porque na Tchecoslováquia, certamente, teriam tentado nos emboscar, capturar ou mesmo matar. Hoje posso apenas imaginar o desespero que se abateu sobre meus pais.

Não lembro mais quantas horas ou dias demorou para que pudéssemos pegar um novo trem; mas, depois de sete dias, conseguimos chegar, finalmente, a Viena.

Lá algum tempo depois, ficamos sabendo que haviam sido organizados mais dois trens com fugitivos a partir de Praga para Viena. Um deles havia





partido antes do nosso e outro, depois. Conforme relatos posteriores, nenhum dos dois chegou jamais ao seu destino, desconhecendo-se seu paradeiro e a sorte dos seus ocupantes.

Quando desembarcamos em **Viena**, no Nordbahnhof, tínhamos que seguir, ainda, para Mödling, onde meu pai nasceu, cidade esta que ficava a cerca de trinta quilômetros de distância, no extremo sul da cidade. Era, na época, o 24º distrito de Viena. Hoje, Mödling é um município independente e pertence à Baixa Áustria. Não havia meios de transporte para lá, pois tudo estava destruído. Cerca de 45% da cidade de Viena haviam sido arrasados na guerra, em parte por bombardeios e em parte pelos últimos combates entre o exército russo e as unidades do exército alemão, que ainda haviam permanecido.

Andamos outros trinta quilômetros em meio a uma cidade destruída, em parte ainda queimando e fumegante. Vimos bondes virados nas ruas, tanques atingidos por tiros, alguns ainda envoltos em fumaça por terem sido incendiados e ruínas para onde quer que olhássemos. Aparentemente, a cidade foi abandonada aos russos somente após violentos combates.. Ao sul de Viena, quando finalmente chegamos a **Mödling**, a destruição já não era tão grande. A impressão que se tinha é que por ali não houve combates de rua.

Mödling é um assentamento medieval, com mais de mil anos de história e cujo nome teria sido mencionado pela primeira vez em 903 d.C. em um documento de Passau, em que aparece como "Medilihha": Na época, o bispo responsável pelos corais e provedor das catedrais, Madalwin, recebeu do também Bispo Burchard, o Feudo que o mesmo havia recebido do Bispado de Passau, como propriedade vitalícia, sendo que a mesma abrangia tanto determinadas regiões da Baviera, quanto outras que se situavam para além do Wienerwald, onde também estava localizada Medilihha e Slivinihha. Portanto, situadas além das regiões de influência carolíngia.

Assim que chegamos a Mödling, meu pai nos conduziu à casa de Thomas Stefan, seu irmão mais velho. Este era o herdeiro da Serralheria





55. Alt-Mödling, fotografia encontrada no livro *Mödling, Landschaft, Kultur und Wirtschaft*, 1975. Em 2003, Mödling festejou seus 1.100 anos de fundação.



56. Placa comemorativa por ocasião do 1.100º aniversário da cidade de Mödling. “A cidade no coração da Europa”.





e Ferraria Artística Thomas Tamussino, fundada por meu bisavô Thomas Anton Tamussino. A casa era grande e ficava no andar acima dos escritórios e das salas da fábrica; portanto, seria um lugar perfeito para ficarmos por um curto período, até que pudéssemos encontrar algo definitivo para nós.

Meu tio Thomas Stefan, que era Oficial do exército, ainda não havia retornado da guerra. Entretanto, sua esposa, Tia Leni, que estava em casa, nem mesmo se abalou para abrir a porta para nós. Ela simplesmente olhou pela janela do primeiro andar e se limitou a perguntar: "O que vocês querem aqui?" Meu pai tentou explicar que havíamos fugido de Praga, e que tínhamos acabado de chegar e precisávamos de um lugar para ficar, porque estávamos totalmente exaustos. Ela nem desceu para nos receber, muito menos nos ofereceu descanso ou algo para nos refrescarmos; simplesmente fechou a janela, de modo ostensivo, enquanto nos recomendava que procurássemos a tia de meu pai, **Katharina Tamussino**, a qual talvez pudesse nos receber.

A tia **Kathi, Katharina Tamussino**, era irmã do meu avô Thomas Johann Tamussino, solteira e morava sozinha em um apartamento de três quartos na Fleischgasse, nº 3, no centro de Mödling. Ela efetivamente nos acolheu.

Meus tempos de escola em Mödling

Quando a mãe do meu pai, Gabriele nascida Krickl, morreu relativamente cedo, em 1918, aos 52 anos, havia sido minha tia-avó Katharina quem passou a cuidar dos quatro filhos dela: Thomas, Hermann, Stefan e Ernst. Mas, agora, Tia Katharina tinha envelhecido (tinha já 79 anos) e estava um tanto estranha, "ranzinza", como diriam os vienenses. No entanto, só o fato de ela ter acolhido a nós cinco, meus pais e os três filhos, é algo realmente digno de crédito e jamais deverá ser esquecido.

Tia Katharina ficou com um quarto para ela e nós fomos autorizados a usar os outros dois. Pouco tempo depois, em 1946, ela morreu, aos oitenta





anos, e acabamos ficando com aquele apartamento, que era alugado de uma senhora chamada Nacke. Era um prédio antigo, certamente com mais de cem anos, com um banheiro (toilete), mas sem instalação para tomar banho. Para nos banharmos, uma vez por semana tínhamos que ir, a família inteira (!) até a piscina municipal de Mödling. Esta piscina, um prédio coberto de dois andares, foi construída pela municipalidade de Mödling, na época em que meu avô tinha sido o prefeito, baseando-se nos projetos do Tio Hermann Tamussino (irmão de papai), que era arquiteto. Ele havia projetado, também, o novo quartel dos bombeiros voluntários da cidade. Pode-se ver ainda hoje uma pintura na entrada do prédio, onde aparece seu rosto no canto inferior direito.

Os anos de **1945** a **1949** foram talvez os piores pelos quais meus pais tiveram que passar. Os invernos de 1946-1948 foram os mais frios do século. Não tínhamos nada para comer e nem para vestir adequadamente, e muito menos para nos aquecer.

Papai foi preso duas vezes pelos austríacos. Pela primeira vez em 1º de julho de 1945, por supostamente ter sido delatado por alguém, sobre o fato de ter pertencido ao Partido Nazista, (o que era verdade, mas quase todas as pessoas haviam pertencido ao partido); contudo, nada conseguiu ser provado contra ele e assim ele não pôde ser incriminado, exceto pelo fato de ter viajado ilegalmente da Áustria para a Alemanha, em 1934. Assim, acabou sendo libertado em 11 de junho de 1946.

Na segunda vez, foi preso quando viajava comigo para Viena, para visitar um amigo que lhe havia prometido doar algumas solas de couro para alguns sapatos meus e do meu irmão Ingo, que já estavam gastos. Antes da reestruturação da Áustria, quase todo mundo precisava, de alguma forma, praticar alguns pequenos contrabandos para sobreviver, pois praticamente não havia comércio normal e, menos ainda, um trabalho ou um emprego regular. A única coisa que se conseguia eram cupons de alimentos, os quais, no entanto, não eram suficientes para alimentar uma família de cinco pessoas. Alguém deve ter nos delatado, pois nós dois fomos presos na porta





(eu tinha apenas nove anos) e levados para uma delegacia onde tivemos que esperar durante horas. Ainda me lembro que, enquanto esperávamos, papai fumou uma quantidade enorme de cigarros; mas, exteriormente, manteve-se com uma aparência calma.

Depois de algum tempo, ele foi levado para a prisão e eu fui conduzido para casa em um jipe, pela polícia. Quando lá chegamos, os policiais reviraram o apartamento inteiro para encontrar alguma evidência contra papai, mas não tiveram sucesso. Não havia nada. Apesar disso, meu pai só foi absolvido três semanas depois. Mas, devido a este incidente infeliz, continuaram a investigar papai e o antigo processo de 1946 foi retomado, do qual constava sua partida ilegal da Áustria em 1934, bem como foram anexadas as informações que ele deu na Alemanha para obter uma autorização de residência e trabalho. Assim, ele foi preso novamente em 27 de novembro de 1948, para investigação, e libertado somente em 22 de junho de 1949.

Durante esse período de quase seis meses e meio, aconteceu ainda o seguinte episódio: papai foi entregue pelos austríacos aos russos e colocado em uma sala com tabaco até o teto. Este tabaco, ele o deveria colocar em sacos de cinquenta a sessenta quilos, os quais seriam, depois, retirados pelos russos. De vez em quando, papai conseguia subtrair um saco de juta vazio, que minha mãe levava para fora durante alguma de suas visitas. Em casa, ela desmanchava os sacos e, com esses fios, tricotava meias longas para nós, crianças, porque não tínhamos calças compridas para vestir.

Era um inverno terrivelmente frio, com temperaturas caindo até vinte graus abaixo de zero. Mesmo assim, eu não queria usar aquelas meias de jeito nenhum, pois elas ficavam coçando e irritando a pele, especialmente na parte de trás dos joelhos. Mas, como mamãe nos forçava a vesti-las, eu fazia de conta que iria usá-las. Mas, mal eu saía de casa, como por exemplo a caminho da escola, parava na primeira esquina e rolava as meias até abaixo do joelho, pois não aguentava a coceira. Em contrapartida, eu preferia passar frio, o qual me deixava com os joelhos roxos.





57. Ekkehart, Ilonka e Ingo com a nossa mãe, Hedwig, nos anos 1949-1950.





Papai também conseguia desviar um pouco do tabaco com que tinha que trabalhar; ele enchia as calças de tres quartos, que terminavam nas meias abaixo dos joelhos, e passava o conteúdo para mamãe quando de suas visitas. Ela conseguia trocar o tabaco, que na época valia ouro, por comida e, dessa maneira, conseguiu manter a nós, seus filhos e a si mesma, vivos. Um velho amigo da época escolar de papai, que havia estudado Teologia e que se tornou Padre Católico em Mödling, nos ajudou trazendo sacos cheios de batatas enquanto nosso pai estava preso. Depois que a guerra terminou, papai teve que passar por um "processo de desnazificação", além do que lhe foi imposta uma proibição temporária de trabalho!

Mas, graças aos seus muitos relacionamentos, ele acabou entrando em contato, entre outros, com o Sr. Turnauer, um judeu austríaco, que havia recebido como indenização de guerra a Fábrica de Tintas "Peter Stoll", em Neu-Mödling, e procurava pessoas inteligentes para fazer dinheiro a partir dela. Este senhor, por sua vez, tinha suas próprias ligações e pelo



58. Passeio escolar em Mödling: sou o primeira em pé à esquerda.





59. Ilonka (Gogo) e Ekkehart, no quintal da casa em Mödling.





menos conseguiu empregar oficialmente nosso pai como trabalhador auxiliar, porque ele não recebia permissão de trabalhar num cargo melhor ou ganhar mais do que determinada quantia. Apesar de tudo, após 1949, começou para todos nós uma nova vida.

Embora mamãe descendesse de uma antiga família católica, papai, de alguma maneira havia conseguido convencê-la a que se casassem na Igreja Evangélica Luterana. Afinal, durante o regime de Hitler, todos os cidadãos foram declarados "crentes em Deus", mas sem necessariamente pertencer a uma religião. Papai contou certa vez que, quando sua sogra perguntou por que motivos ele insistia tanto em se casar de qualquer maneira na Igreja Evangélica, ele respondeu: "para que eu possa me divorciar mais facilmente, se necessário". A partir de então, por justa razão, a amizade com sua sogra acabou!

Uma dramática realidade se constatou em razão da ausência do nosso pai, em consequência do que vivíamos em grande pobreza que, o que teve efeitos negativos especialmente em Ilonka, ainda quase um bebê, causando-lhe sérios problemas de saúde.

No verão de 1949, papai foi finalmente libertado e, a partir de então, ele foi deixado em paz. O processo contra ele acabou sendo arquivado. Eu até encontrei uma cópia deste processo, por acaso, em 2005, na casa de Roswitha (segunda esposa de Ingo). De toda forma, finalmente, papai poderia se ocupar da reconstrução de nossas vidas. Nesse primeiro período do pós-guerra, mamãe teve que nos sustentar sozinha, por mais de um ano e meio, a nós, seus três filhos, esfomeados, já que papai estava na prisão. Trabalhar ela não podia, pois tinha que cuidar da nossa irmãzinha Ilonka, então ainda um bebê. A única coisa que ela ainda tinha eram algumas joias e as coroas tchecas que eles trouxeram, as quais ela ia vendendo no mercado negro e, desta forma conseguia alguns mantimentos e o essencial para sobrevivermos. Como ela suportou e conseguiu levar tudo isso em frente é, para mim, até hoje, um mistério.





Devido à falta de uma alimentação adequada, de vitaminas e acima de tudo à falta do leite, o que teve por consequência a ausência de cálcio, Ilonka ficou gravemente doente e acabou desenvolvendo o raquitismo, o que deixou seus ossos moles e sem resistência. Embora ela já tivesse começado a andar quando tinha cerca de dois anos, ela acabou desaprendendo a fazê-lo porque havia permanecido deitada no hospital por um longo período – na verdade, por mais de um ano. Certa vez, quando mamãe levou Ilonka a um médico, isto deve ter sido em 1946 ou 1947, ele lhe disse literalmente: "O que você quer com essa criança? Ela não vai sobreviver nem três dias!", tão magra ela estava. Outro médico – mamãe não desistiu – mandou que minha mãe conseguisse cálcio, a única maneira de salvar Ilonka. Não sei como nossa mãe fez isso, mas de alguma forma ela conseguiu o cálcio, cuidou de Ilonka e salvou sua vida. Não é à toa que mamãe não aguentou psicologicamente essa tensão constante e acabou se refugiando no álcool.

Parece que, quando se chegou ao ano de 1949, ano em que se implementou a Reforma Monetária e a vida começava a melhorar lentamente outra vez, mamãe talvez já não tivesse mais forças para lutar contra esse mal. Papai tentou de tudo para detê-la, mas não pôde fazer nada. Durante o dia, ele tinha um emprego fixo – pois trabalhava para a empresa Peter Stoll – e por isso não tinha como controlar o consumo de álcool dela.

A essa altura, nosso pai, que já havia voltado a ter condições plenas de trabalho, passou a atuar como representante dessa empresa onde, gradualmente, foi melhorando. Apesar disso, ele nunca mais pôde alcançar o padrão de vida que tinha antes e durante a guerra. Tínhamos o suficiente para sobreviver. O que mais se poderia querer? Afinal, estávamos vivos e, portanto, tínhamos que nos contentar com isso.

Depois de concluir o Ensino Fundamental, Ingo cursou o Ensino Médio e depois foi para a Faculdade Técnica de Mödling, onde se especializou como Engenheiro Têxtil em fiação e na tecelagem de tapetes. Quanto a mim, eu deveria frequentar a Academia do Comércio de Viena depois de concluir o Ensino Médio em 1952. Até já havia passado no exame de admissão com





sucesso, quando meu pai mudou de ideia e decidiu me enviar para a Escola Técnica de Hotelaria de Viena para que, como ele disse, eu pudesse ter a chance de sair de Viena e da Áustria. Naquela época, em 1952, a Áustria, assim como também a Alemanha, era ocupada pelas quatro potências vencedoras da guerra, a Inglaterra, a França, a Rússia e os EUA, e dividida em quatro zonas. Viena, a capital, também foi dividida em quatro áreas ocupadas. Como nós morávamos na zona de ocupação russa, só podíamos nos deslocar entre uma zona a outra com uma permissão especial.

Aqui, devo mencionar que, devido à nossa fuga de Praga, com exceção dos documentos de identidade de meus pais (passaportes), não havíamos trazido nenhum documento conosco. Na Áustria, fomos inicialmente declarados "refugiados apátridas"; depois, isso foi mudado e fomos denominados "estrangeiros". Ainda tenho este documento (como lembrança), assim como uma carteira de identidade – minha Carteira de Identidade para Estrangeiros e Apátridas – sem a qual ninguém estava autorizado a ir da zona de ocupação russa para outra, em Viena. O referido documento de identidade foi emitido em 17 de janeiro de 1952, em quatro idiomas: alemão, inglês, francês e russo, com muitos carimbos e, na última página, com a autorização de residência na Áustria "até novo aviso", emitida apenas em 29 de setembro de 1953, quando eu já tinha quinze anos de idade.

A seguir, incluo uma cópia da minha primeira carteira de identidade, emitida pelas quatro potências ocupantes de Viena: Rússia, Inglaterra, França e EUA. Nota-se que o meu nome Ekkehardt está escrito errado, inclusive a minha assinatura, pois o correto é Ekkehart (sem o "d").

Por volta de 2006, viajei para Mödling com Ilonka e com meu filho Stefan. A cidade mudou pouco nos últimos sessenta anos, como se pode ver nas fotos.

Embora tenha vivido pouco mais de dez anos em Mödling, não posso dizer que eu tenha uma ligação mais estreita com esta cidade, talvez porque aqueles foram os anos mais difíceis do pós-guerra (privação, fome, frio etc.).





| | |
|--|--|
| Christian and family name: <u>Ekkehard TAMUSSINO</u> | Nom et Prénom: <u>Tamussino Ekkehardt</u> |
| Place and date of birth: <u>Rostock, 11 mai 1938</u> | Lieu et date de naissance: <u>Rostock, le 11 mai 1938</u> |
| Citizenship: <u>non éclairci</u> | Nationalité: <u>non éclaircie</u> |
| Unmarried, married divorced, widowed: <u>non</u> | État (célibataire, marié, divorcé, veuf [ve]): <u>célibat.</u> |
| Profession: <u>élève</u> | Profession: <u>élève</u> |
| Address: <u>3 Fleischmarkt Wiedling</u> | Domicile: <u>Wiedling, Fleischm. 3</u> |
| Size: <u>160 cm</u> | Taille: <u>160 cm</u> |
| Countenance: <u>normal</u> | Visage: <u>normal</u> |
| Eyes: <u>bleu</u> | Couleur des yeux: <u>bleu</u> |
| Hair: <u>brun</u> | Couleur des cheveux: <u>brun</u> |
| Distinguishing marks: <u>moche</u> | Signes particuliers: <u>autres</u> |
| Place and date of issue: <u>Vienna 17 Jan 1952</u> | Lieu et date de la délivrance: <u>Vienna 17 Janv. 1952</u> |
| Signature of officer in charge: <u>Schwarz</u> | Signature du Service compétent: <u>Schwarz</u> |

| | |
|---|--|
| Имя и фамилия: <u>Эккхардт Тамуссино</u> | |
| Место и день рождения: <u>Росток 11 мая 1938</u> | |
| Гражданство: <u>невыяснено</u> | |
| Состояние (хол., жен., разв., вдов.): <u>хол.</u> | |
| Профессия: <u>ученик</u> | |
| Место жительства: <u>Медлинг, Fleischmarkt 3.</u> | |
| Величина тела: <u>160 см.</u> | |
| Лицо: <u>круглое</u> | |
| Цвет глаз: <u>голуб.</u> | |
| Цвет волос: <u>каштан.</u> | |
| Собственные приметы: <u>нет</u> | |
| Место и число выдачи: <u>Вена 17 января 52</u> | |
| Подпись чиновника выданного удостоверение: <u>Schwarz</u> | |



Mas, agora, depois de novas visitas em que pude renovar meus contatos com os familiares que atualmente vivem lá, passei a ver a cidade de modo completamente diferente.



61. Ekkehart e Ilonka em Mödling, em 2012. Ao fundo, a Igreja de Santo Othmar.

Escola Técnica de Hotelaria e estágio (1952-1954)

Diante da decisão do meu pai, de me matricular para a Escola Técnica de Hotelaria de Viena, em 1952, e depois de passar no exame de admissão, a frequentei e concluí com sucesso, em 1954.

Durante o curso, após o primeiro ano, nas férias, meu pai conseguiu para mim um estágio no hotel de um seu amigo, o Sr. Carl von Pohnstingl, o Hotel Bichlhof, em Mallnitz, Kärnten, onde fui contratado como aprendiz de garçom (*Kellner-Volontär*), de 15 de junho a 20 de setembro de 1953.

Em algum momento, papai eu e incorremos em um erro, pois o que certamente não sabíamos era que o aluno teria, após a formatura, que continuar na atividade em que tivesse feito seu estágio durante as férias entre os dois anos letivos, o que aconteceu em 1953. E por isso tive que





continuar trabalhando na profissão de garçom.

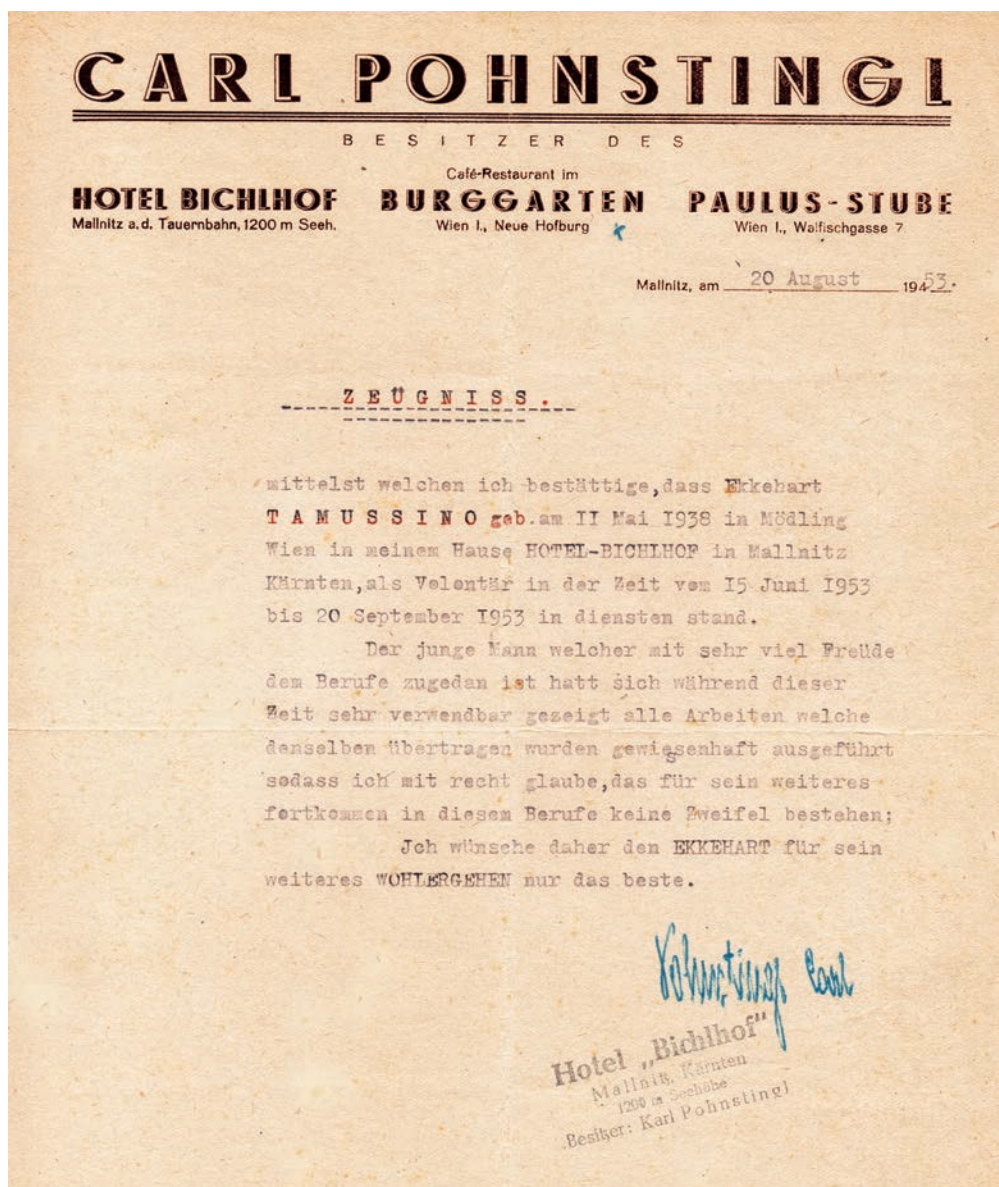
Foi uma época muito boa, mesmo que, ao trabalhar por temporada, eu não tivesse nenhum domingo livre ou um dia de folga. Aprendi muito, apesar de que minha atividade, durante as duas primeiras semanas, ter sido mais braçal, como arrumar a quadra de tênis, tirando as ervas daninhas, raspando a areia e polvilhando-a de novo. Eu também tinha que limpar os sapatos do chefe, Sr. von Pohnstingl, todas as manhãs – ele tinha uns trinta pares. Na ocasião, decidi, um dia, possuir também trinta pares de sapatos, mas hoje tenho que limpá-los eu mesmo, e não tenho tantos assim!

Com os meus hóspedes eu estabeleci desde logo um ótimo relacionamento, fazendo amizade com alguns deles. Frequentemente eu acompanhava um ou outro em caminhadas durante minhas poucas horas livres (à tarde, entre as 14h30 e as 18h) e podia conversar com eles sobre qualquer assunto. Com um deles, o Sr. Abraham Blok, da Holanda, mantive uma estreita correspondência até sua morte (ele alcançou noventa e dois anos), o que trouxe muitos benefícios para ambos, com a troca de ideias e experiências.

A maioria dos passeios, porém, eu os fazia sozinho, pois enquanto meus colegas dormiam, à tarde, eu ia para as montanhas. Certa vez, no meio do verão, fui colher mirtilos, os quais ainda hoje gosto muito de comer. Assim, subi até cerca de 1.500 ou 1.800 metros de altitude e encontrei uma grande área com essas deliciosas frutinhas. Eu tinha uma lata comigo, que logo enchi até aproximadamente três quartos. Como o tempo havia passado rapidamente e eu tinha que começar meu trabalho às 18h, tive que me apressar e comecei a descer a montanha o mais rápido possível. Tomei alguns atalhos, ou seja, em vez de seguir aquele caminho normal mas tortuoso, decidi descer cortando caminho por um atalho. De repente, tropecei, provavelmente em uma raiz de árvore escondida, enquanto a lata com os mirtilos escapou da minha mão e rolou alegremente encosta abaixo. Ao achá-la, novamente, constatei que só havia pouquíssimos mirtilos no seu fundo. Uma grande decepção tomou conta de mim, por ter sido tão



descuidado. No hotel, cobri com um pouco de açúcar as frutinhas restantes e as degustei com prazer. Quem sabe, esse episódio tenha me ajudado a evitar uma dor de estômago? Pois certamente eu teria "devorado" todas aquelas frutas de uma só vez!



62. Certificado do Hotel Bichlhof, 1953.



5

Experiência profissional e pessoal (andanças de solteiro)







5. Experiência profissional e pessoal (andanças de solteiro)

Em 1954, concluído meu curso técnico, começou uma nova fase da minha vida. Tive que construir sozinho minha vida profissional, que começou na Áustria e me levou ao Brasil. Desde os idos da Idade Média até o século XIX, era comum que, após seus primeiros estudos e aprendizado, o jovem fizesse sua "Gesellenwanderung", isto é, como formado na profissão escolhida, tivesse várias experiências profissionais em outras cidades e em diferentes empregos, autênticas "andanças de recém formado (oficial de profissão)", para então, depois de dois anos, tornar-se "Mestre" em sua profissão.

Minhas primeiras experiências profissionais (1954)

Depois de concluir com êxito a Escola Técnica de Hotelaria, em junho de 1954, iniciei meus primeiros passos na vida profissional. Trabalhei em Bad Gastein, Viena, Düsseldorf, Zurique, Lausanne, Berlim, Scheveningen/Holanda, novamente em Lausanne, outra vez em Berlim e, finalmente, em Badenweiler, perto de Mühlheim, em Baden, Sul da Alemanha.





Em Badenweiler fui *stellvertretender Oberkellner* (maître substituto)¹³, o que era uma oportunidade rara para os meus então vinte e dois anos. Todos os meus empregos foram exercidos exclusivamente em hotéis cinco estrelas, aspecto ao qual me mantive sempre atento, para poder apresentar somente as melhores referências.

Nos períodos intermediários entre uma temporada e outra, que geralmente duravam de seis a oito semanas (ou seja, abril/maio e outubro/novembro), eu procurava um emprego de curta duração para não precisar ficar em casa. Do contrário, geralmente ocorriam conflitos entre minha mãe e eu, o que por sua vez influenciava no seu consumo de álcool.

Certa vez, aceitei um emprego como garçom no **Aeroporto de Schwechat**, em **Viena**, na baixa temporada de 17 de abril a 18 de maio de 1955. A única coisa que havia ali, naquela época, além de uma sala de embarque, era uma lanchonete. O proprietário ou arrendatário havia

¹³ Como a carreira de garçom nos países de língua alemã é estruturada de maneira mais detalhada que nos países de língua portuguesa – na qual se emprega a palavra *garçom* para a maioria dos diferentes cargos desta profissão –, apresenta-se aqui um quadro dos termos usados neste livro com seu significado. Manteve-se o termo original na tradução.

| | |
|-----------------------------------|---|
| <i>Kellner-Lehrling</i> | Aprendiz de garçom |
| <i>Jungkellner</i> | Garçom iniciante (junior) |
| <i>Commis de Rang</i> | Garçom ajudante do garçom chefe |
| <i>Commis de Bar</i> | Ajudante do Barman |
| <i>Commis d'Etage</i> | Garçom que atende o serviço de quarto de um ou mais andares |
| <i>Wein Commis / Wein Kellner</i> | Garçom que serve os vinhos à mesa |
| <i>Demi-Chef de Rang</i> | Garçom subchefe no serviço às mesas |
| <i>Chef de Rang</i> | Garçom chefe do serviço às mesas |
| <i>Chef d'Etage</i> | Garçom chefe do serviço de quarto de um ou mais andares |
| <i>Stellvertreter Oberkellner</i> | Maître substituto |
| <i>Oberkellner</i> | Maître, chefe dos serviços do restaurante |





perdido uma perna durante a guerra. Também o sapato dele eu tive que limpar todas as manhãs! Quando terminava, ele estendia a muleta com o comentário: "O outro sapato também!". Ele se referia à parte inferior da muleta, de borracha preta.

Todos os dias, eu via os aviões decolarem, o que despertou em mim o desejo de viajar para terras distantes, isto é, conhecer outros países. E isso nunca mais iria me abandonar. Embora não houvesse aviões a jato no tráfego aéreo de passageiros naquela época, pois escrevia-se o ano **1955**, sempre fui fascinado por voar. Se eu não pudesse me tornar piloto, queria um dia, pelo menos, poder voar como passageiro.

Então, por exemplo, ainda quando estava estudando na Escola Técnica de Hotelaria, trabalhei nos feriados de fim de ano, de 23 de dezembro de 1953 a 4 de janeiro de 1954 (Natal e Ano Novo) no Südbahnhotel, em Semmering, ao sul de Viena, como *Weincommis* (garçom que serve os vinhos às mesas) e, depois, de 16 a 19 de abril de 1954 (férias da Páscoa). Depois, outra vez, de 8 a 12 de abril de 1955 e de 27 de maio a 5 de junho de 1955, novamente como *Weincommis* e *Jungkellner* (garçom iniciante) no mesmo hotel.

Bad Gastein, Semmering e Viena (1954-1955 e 1957-1958)

Em **Bad Gastein**, trabalhei em dois verões de **1954** e **1955**, e em dois invernos, de **1954** e **1955** e depois, novamente, entre **1957** e **1958**, e isto em dois hotéis diferentes. No primeiro verão, foi no **Hotel Elisabethpark** e, em seguida, durante dois verões e um inverno no **Grand Hotel de l'Europe**, primeiro como *Commis de Rang* (garçom ajudante do garçom que serve às mesas) e, finalmente, como *Chef d'Étage* (garçom chefe do serviço de quarto de um ou mais andares), onde fiquei até 14 de setembro de 1955.

Ainda lembro bem de um episódio: meu amigo, Peter Müllner (nós nos formamos juntos na Escola Técnica de Hotelaria e depois trabalhamos





no mesmo Grand Hotel de l'Europe, em Bad Gastein), recebeu duas garrafas de conhaque de seus pais; era Natal e nosso primeiro período natalino longe de casa. Ambos fomos contratados como *Commis de Rang* para a temporada de inverno. Depois que nosso expediente na noite de natal terminou, nos retiramos para o nosso quarto, o qual compartilhávamos com cinco colegas, num total de sete! As camas estavam colocadas em semicírculo, cada um de nós pegou seu copo de escovar os dentes e a primeira garrafa de conhaque (não era um conhaque francês legítimo, mas um austríaco de boa qualidade!) ia de cama em cama. Quando esta ficou vazia, meu amigo Peter abriu a segunda. Já não sei mais, se vi o final da segunda garrafa, pois caí para trás e adormeci.

Na manhã seguinte, acordei com os pensamentos surpreendentemente claros e sem dor de cabeça, mas me vi na minha cama sem os lençóis e sem pijama. Indignado, acordei meus colegas de quarto para descobrir o que estava acontecendo, quando começaram a rir e me mostraram um balde no corredor do banheiro, cheio com minhas roupas de cama e pijama, tudo sujo de vômito. Então eles disseram que um dos colegas acordou à noite quando me escutou passar mal enquanto eu dormia. Para minha sorte, ele ouviu isso e acordou os outros. Um me colocou sentado e me segurou e outro trouxe um balde no qual eu pude vomitar. Se o colega não tivesse acordado, eu teria facilmente sufocado, pois adormeci em um sono que mais parecia um desmaio. De qualquer forma, não conseguia me lembrar de nada. Desde aquele evento, durante mais de quarenta anos, não consegui nem ao menos suportar o cheiro de um conhaque sem sentir arrepios.

Ainda lembro bem do inverno em Bad Gastein. Nos meus horários livres, eu geralmente passeava na neve profunda. Uma vez, em 1958, enquanto eu servia no Grand Hotel de l'Europe, foi realizado em Bad Gastein o Campeonato Mundial de Esqui. Naquela época, o esquiador de *downhill* mais conhecido e mais bem-sucedido era um austríaco chamado Toni Sailer. No meu tempo livre, à tarde, fui muitas vezes às encostas das montanhas para assistir àquele espetáculo.





Queria muito ter aprendido a esqui naquela época, mas meus ganhos não eram suficientes para o equipamento necessário. O único esporte de inverno que eu podia pagar era o de patinar no gelo. Isso eu havia aprendido sozinho, alugando patins na pista de gelo pública e dando minhas voltas tarde da noite. O aluguel não era caro e, assim, eu podia me conceder esse prazer.

No Grand Hotel de l'Europe, tínhamos um *Oberkellner* (o maitre, chefe dos serviços do restaurante, nosso chefe), a quem chamávamos de "condutor de camelos", porque ele literalmente nos tratava como camelos. Nós, os *Commis de Rang*, levávamos a comida para o salão de jantar.



63. "Banner" do Campeonato Mundial de Esqui em Bad Gastein, 1958, quando trabalhei como *Commis de Rang* no Grand Hotel de l'Europe.





A cozinha ficava no térreo e o restaurante para os hóspedes, no primeiro andar. Então tínhamos que levar os pratos de comida sobre uma bandeja para cima, com passos rápidos. Era uma escada larga, dividida em três partes. Só que o nosso "condutor de camelos" ficava parado na segunda parte (curva) e aqueles que não andassem depressa levavam um soco nas costas. Ai deles, se deixassem cair algo – pois aí a coisa ficaria ainda mais feia. Nem meu amigo Peter nem eu deixamos cair algo, pois não queríamos dar a ele essa satisfação.

À noite, depois de todos os hóspedes terem sido servidos, em geral por volta das 22h e depois de fechado o restaurante, tínhamos que lavar e secar todos os copos usados. Enquanto isso, o *Oberkellner* (o tal “condutor de camelos”) e os *Chefs de Rang* (para quem levávamos a comida a fim de que servissem as mesas) ficavam sentados confortavelmente em uma mesa comprida, bebiam vinho e nos observavam a trabalhar. Ao terminar, “tínhamos” que sentar e beber com eles. Eu não estava acostumado a beber álcool em maior quantidade e logo ficava levemente bêbado, até que um colega me aconselhou a tomar uma colher de azeite, acompanhando-a com uma fatia de pão um pouco antes dos encontros – o que me ajudaria a tolerar melhor o vinho. A partir de então nunca mais tive problemas. Nosso “condutor de camelos” perseguia ainda mais aqueles que não aguentassem a parada e os perseguia ainda mais durante as tarefas no dia seguinte.

Embora esse trabalho de estação durasse, em média, três meses sem um dia de folga, tenha sido árduo – hoje isso seria inconcebível – este foi um período agradável, o qual apreciei muito. Especialmente, porque, como um jovem curioso e cheio de iniciativas (eu tinha apenas dezesseis a dezessete anos quando comecei a trabalhar), sempre usei meu tempo livre para conhecer o entorno. Na maioria das vezes, eu saía sozinho, porque meus colegas preferiam descansar à tarde durante o seu tempo livre. Caminhei por muitas montanhas e as explorei tanto quanto minhas folgas permitissem. Infelizmente, naquela época, eu ainda não podia ficar um dia ou mais após o término de cada temporada para conhecer um pouco melhor a região,





pois teria que alugar um quarto em alguma pensão ou hotel e esse dinheiro eu não podia gastar. Eu queria economizar, em primeiro lugar, para ajudar em casa e, em segundo, para minha futura viagem à Alemanha, para onde eu muito desejava ir.

Provavelmente pela influência de meu pai, que sempre enfatizava a Alemanha como sendo nossa pátria, mesmo ele tendo nascido na Áustria, meu maior objetivo era conseguir um emprego na Alemanha. Para isso eu precisava, antes de tudo, de um passaporte. Naquela época, ainda não havia na Áustria, um consulado ou uma embaixada alemã que pudesse emitir tal documento. A Áustria não havia recuperado totalmente sua independência – o que só aconteceu no verão de 1955, após a assinatura do Tratado de Paz entre as quatro potências vitoriosas, em Viena, no Palácio Belvedere – e muito menos a República Federal da Alemanha que, apesar de já criada, ainda não estava em condições de estabelecer relações diplomáticas com outros países.

Mesmo assim, insisti neste objetivo e busquei obter, com a ajuda de meu pai, um "Documento Provisório de Viagem", no lugar de um "Passaporte para Cidadãos Alemães Apátridas", o qual foi emitido em 14 de fevereiro de 1955. Quanto a isso, devo mencionar que estava pensando até mesmo em entrar para a Legião Estrangeira, na França, porque soube que, depois de dois anos de serviço nessa Legião, eu teria direito, automaticamente, à cidadania francesa; afinal, eu continuava "apátrida". Felizmente, isso não precisou acontecer, pois com meu novo documento de viagem realizei meu sonho e fui de trem para a Alemanha em **29 de setembro de 1955**. O único carimbo neste documento comprova que eu atravessei a fronteira para a Alemanha naquele mesmo dia, em Passau.

A seguir, consta o documento do meu primeiro passaporte provisório para pessoas apátridas ou de cidadania não definida. Agora já com o meu nome correto só com um "t" no final.

Quando cheguei à Alemanha, finalmente pude me sentir como um verdadeiro cidadão alemão!





Photograph — Photographie — Lichtbild

Holder — Détenteur — Inhaber



Signature of holder: *Robert F. ...*

Signature of wife:

Wife — Épouse — Gattin

4

This document, if properly visaed, is valid for travel to :
 Ce document, muni des visas appropriés, est valide pour se rendre en :
 Vorbehaltlich der erforderlichen Sichtvermerke ist dieser Reiseausweis gültig für:

Africa, Austria, Belgium, Denmark, France and the French Union, Greece, Iceland, Italy, Liechtenstein, Luxembourg, Netherlands, Norway, Portugal, Republic of Ireland, Saar, Spain, Sweden, Switzerland, Turkey, United Kingdom of Great Britain, Northern Ireland and the British Commonwealth, the Western Hemisphere.

Afrique, Autriche, Belgique, Danemark, France et Union Française, Grèce, Islande, Italie, Liechtenstein, Luxembourg, Pays Bas, Norvège, Portugal, République d'Irlande, Sarre, Espagne, Suède, Suisse, Turquie, Royaume Uni de Grande Bretagne, Irlande du Nord, et le Commonwealth Britannique, l'Hémisphère Occidental.

Afrika, Österreich, Belgien, Dänemark, Frankreich und die Französische Union, Griechenland, Island, Italien, Liechtenstein, Luxemburg, Niederlande, Norwegen, Portugal, die Republik Irland, Saargebiet, Spanien, Schweden, Schweiz, Türkei, Vereinigtes Königreich von Grossbritannien, Nordirland und das Britische Commonwealth, die Westliche Hemisphäre.

Valid to :
 Valable jusqu'au : **13 FEB 1957**
 Gültig bis zum :

Issued at :
 Délivré à : **VIENNA**
 Ausgestellt in :

On : **10 FEB 1955**
 Le :
 Am. **COMMISSION FOR GERMANY**

Robm

5

IMPORTANT — AVIS — WICHTIG

The document is NOT VALID unless it has been signed by bearer on page 4.
 Ce passeport N'EST VALABLE que s'il est signé par le titulaire à la page 4.
 Dieser Reiseausweis ist ohne Unterschrift des Inhabers auf Seite 4 UNGÜLTIG.

Bearer's address :
 Adresse du Titulaire :
 Adresse des Inhabers :
Mödling, Fleischgasse 3

PERSONS TO BE NOTIFIED IN CASE OF DEATH OR ACCIDENT :
 PERSONNE A PREVENIR EN CAS D'ACCIDENT :
 PERSON, DIE IM TODES- ODER UNGLÜCKSFALLE ZU BENÄCHTIGTEN IST :

See Notes on Inside back cover.

ALLIED HIGH COMMISSION FOR GERMANY
HAUTE COMMISSION ALLIÉE POUR L'ALLEMAGNE
ALLIIERTE HOHE KOMMISSION FÜR DEUTSCHLAND

Temporary Travel Document in lieu of passport for German Nationals

Titre de voyage provisoire tenant lieu de passeport pour personnes de nationalité allemande

Vorläufiger Reiseausweis an Stelle eines Passes für deutsche Staatsangehörige

Number :
 Numéro : **Nº 0755682**
 Nummer :

This document contains 28 pages.
 Ce passeport contient 28 pages.
 Dieser Reiseausweis enthält 28 Seiten.

1



| DESCRIPTION—SIGNALEMENT PERSONENBESCHREIBUNG | | DESCRIPTION—SIGNALEMENT PERSONENBESCHREIBUNG | |
|--|---|---|--|
| | Holder Détenteur Inhaber | | Wife Épouse Ehefrau |
| Name: Nom: | <i>TAMUSSINO</i> | Height: Taille: | <i>165</i> cm |
| Familiename: | | Größe: | |
| Christian Names: Prénoms: | <i>Ekkehart</i> | Hair: Cheveux: | <i>Braun</i> |
| Vornamen: | | Haarfarbe: | |
| Place of Birth: Lieu de Naissance: | <i>Rostock/Mecklbg.</i> | Eyes: Yeux: | <i>blau</i> |
| Geburtsort: | | Augenfarbe: | |
| Date of Birth: Date de Naissance: | <i>11. Mai 1938.</i> | Visible distinguishing marks: Signes particuliers: | |
| Geburtsdatum: | | Unveränderliche Kennzeichen: | <i>keine</i> |
| Nationality: Nationalité: | German Allemande | CHILDREN — ENFANTS — KINDER | |
| Staatsangehörigkeit: | Deutsch | Name(s) Nom(s) Name(n) | Date of Birth Date de Naissance Geburtsdatum |
| Residence: Lieu de Résidence: | <i>Mödling</i> | | Sex Sexe Geschlecht |
| Wohnort: | | / | |
| Occupation: Profession: | <i>Kellner</i> | | |
| Beruf: | | | |
| Accompanied by Accompagné de In Begleitung von | <input checked="" type="checkbox"/> Children under 15 years Enfants de moins de 15 ans Kinder unter 15 Jahren | | |
| See page 3 — voir page 3 — siehe Seite 3 | | | |
| 2 | | 3 | |

64a-c. Passaporte para Apátridas, emitido em 14 de fevereiro de 1955, com o qual pude viajar para a Alemanha.

Düsseldorf (1955)

Finalmente, eu havia alcançado o meu maior desejo, na época, que era poder viajar para a Alemanha e conseguir os documentos necessários para obter a cidadania daquele país. O primeiro passo foi escrever para a prefeitura em Rostock, para pedir uma cópia da minha certidão de nascimento. Dito e feito! Depois de algumas semanas, recebi uma carta com a certidão, em anexo. Enfim eu poderia solicitar à República Federal da Alemanha um atestado de residência e, depois, um passaporte.

Afinal, eu já tinha recebido e aceitado a oferta de um emprego como *Commis de Rang* no **Park Hotel Düsseldorf**, onde começaria a trabalhar





65. O Park Hotel Düsseldorf, na Königsallee, esquina com o Corneliusplatz, 1909.



66. Ekkehart no Schwanensee, em Düsseldorf, Alemanha, 1956. Essa era minha aparência no início de 1956, quando estava trabalhando em Düsseldorf.





em **1 de outubro de 1955**. Este hotel pertencia, já naquela época, assim como ainda pertence, ao grupo de hotéis Steigenberger Hotelgesellschaft.

Fiquei no Park Hotel até 30 de abril de 1956. Lembro bem, por exemplo, que uma vez servimos a um grupo maior, cujo convidado especial era Hans Albers, na época um famoso cantor de canções de marinheiro. Fiquei muito orgulhoso de poder servi-lo pessoalmente. Além disso, durante esse período, pude completar meus documentos como cidadão alemão, solicitar um novo passaporte e, assim, circular livremente pela Europa, sem maiores impedimentos.

Recordo também que, durante esse tempo em Düsseldorf, aluguei um quarto na casa da Sra. Vollminghoff, na Schwanensee, nº 5. Essa Sra. Vollminghoff, uma viúva de guerra, realmente "cuidou" de mim e nos entendemos muito bem. No entanto, lá eu só podia tomar banho uma vez por semana, no meu dia de folga, e isso era feito assim: na cozinha havia uma enorme banheira, sobre a qual havia uma grande tábua de madeira que, durante a semana, ficava coberta com um pano e servia como aparador e mesa de apoio. No dia do banho, a banheira ficava exposta, a água era aquecida no fogão a gás e adicionada à água fria que já havia sido colocada na banheira, para que eu, enfim, pudesse entrar para me lavar. Como eu aguentava ficar uma semana inteira sem tomar banho, mesmo sendo inverno, até hoje eu não sei. Mas isso era normal naquela época (e ainda é hoje, em certas regiões). Não foi diferente em Mödling com meus pais. Uma vez por semana, íamos à piscina coberta, onde podíamos tomar uma ducha e nadar.

Mas, voltando à Sra. Vollminghoff: ela era uma mulher miudinha, gordinha, adorável e típica da Renânia, acho que sem filhos. Por muitos anos, de onde quer que eu estivesse trabalhando, mantinha, com ela, uma ativa correspondência. Uma vez por semana, quando meu dia de folga caía em um sábado ou domingo, ela chegava e perguntava: vamos fazer um bom café hoje? Naquele tempo, em 1955, isso era um luxo caro e raro. Para essas



A. STEIGENBERGER HOTELGESELLSCHAFT K. G. a. A



Park Hotel
DÜSSELDORF

Zeugnis

Es wird bescheinigt, daß

Herr Ekkehart T a m u s s i n o

geb. am 11.5.1938 in Rostock

im PARK-HOTEL vom 1.10.1955 bis 30.4.1956

als Commis de Rang

beschäftigt gewesen ist.

Während dieser Zeit haben wir Herrn Tamussino als einen ordentlichen und gewissenhaften jungen Kellner kennengelernt, der seinen Dienst zu unserer Zufriedenheit ausgeführt hat. Wir wünschen ihm für seinen weiteren Lebensweg alles Gute. Sein Austritt erfolgte auf eigenen Wunsch.

Park - Hotel

Die Hotelleitung

E.MAYR, Direktor

Düsseldorf, 14. Mai 1956

67. Certificado do Park Hotel, Düsseldorf, Alemanha, 1956.



ocasiões, ao sair do trabalho, eu trazia dois pedaços de bolo que comprava no caminho de casa e passávamos uma tarde agradável com café, o que ambos apreciávamos muito. Meu salário mensal naqueles tempos era, em média, de DM 280,00 a 300,00 (Marcos Alemães), incluindo as gorjetas!

Em Düsseldorf, tive a primeira oportunidade de conhecer melhor meu tio Ernst Tamussino (irmão do meu pai) que morava perto de Köln. Ele me visitou algumas vezes com sua esposa, tia Minni [Wilhelmine Frick], (veja foto número 014, à pg. 100), e também fui algumas vezes à casa deles, em Köln. Meu primo Fritz (Friedrich) Tamussino (filho de Thomas Stefan Tamussino) também me visitou uma vez em Düsseldorf, quando ele tinha negócios a resolver por lá. Tanto meu tio quanto meu primo foram sempre muito gentis e atenciosos para comigo.

Düsseldorf, além de tudo, marcou o início dos meus compromissos no exterior, os quais começaram em 1955.

Suíça (1956-1958)

Como havia planejado, eu queria e consegui meu primeiro emprego na Suíça. Este foi meu passo inicial para concluir e implementar meu curso na Faculdade de Hotelaria de Lausanne. Queria, principalmente, me aperfeiçoar na profissão e poder subir de garçom para a atividade administrativa e, se possível, à gerência. Minha história de vida mostra, no entanto, que as coisas iriam acontecer de maneira muito diferente!

Zurique

A partir de Düsseldorf, procurei e encontrei um emprego – novamente como *Commis de Rang* e *Commis de Bar* (ajudante do garçom que serve às mesas e ajudante do Barman) – no **Hotel Baur au Lac**, em **Zurique**, onde



SCHWEIZER HOTELIER-VEREIN
SOCIÉTÉ SUISSE DES HÔTELIERS

ZEUGNIS **CERTIFICAT**

Der Unterzeichnete bezeugt hiemit, dass der Inhaber des Gegenwärtigen
L. soussigné atteste que le porteur du présent certificat

Herrn Ekkehart T a m u s s i n o

vom } 1. Mai 1956 } bis 26. Februar 1957
a servi du } au


als } Commis de rang & Commis de Bar
en qualité de }

in unserem Dienste gestanden ist.
dans établissement.

Herr Tamussino hat sich sowohl durch seine Leistungen wie
Betragen unsere volle Zufriedenheit erworben. Wir können
ihn in jeder Hinsicht empfehlen.

Zürich den 26. Februar 19 57
le

HOTEL BAUR AU LAC

Unterschrift: 
Signature: G. Rey, Direktor.

68. Certificado do Hotel Baur au Lac, Zurique, 1957.



fiquei de **1 de maio de 1956** a **26 de fevereiro de 1957**. *Commis de Rang* era, como mencionado, o garçom que trazia as comidas para o restaurante, as quais seriam servidas à mesa pelo *Chef de Rang*. A meu pedido, fui transferido para o bar do hotel como um *Commis de Bar*, pois, além do restaurante, muitas vezes eu tinha a chance de fazer um serviço à tarde no terraço do hotel, onde a alta sociedade de Zurique se reunia para tomar café e comer bolo, geralmente nos finais de semana. Havia até uma orquestra para que, quem quisesse, pudesse dançar.

Tenho ainda outras boas lembranças do meu tempo em Zurique. No início, o trabalho no hotel era bastante árduo, pois tínhamos que servir o café da manhã das 6h às 10h, depois outra vez das 12h às 15h e à noite, das 18h às 22h ou mais, até que os últimos hóspedes do hotel tivessem saído. Uma vez por semana, em geral aos sábados, havia chá de dança no terraço do hotel, quando eu tinha que trabalhar durante todo o dia, mas tinha a noite livre. Além disso, eu tinha ainda um dia de folga por semana (um luxo inusitado para mim), o qual eu passava, no verão, nadando ao ar livre no Lago Zurique ou, então, pedalando pelas redondezas. Para isso, alugava uma bicicleta por um dia e fazia meus passeios. Por exemplo, para a cidade de Zug, ou, como certa vez, circudei o lago inteiro, um trajeto que perfaz mais de cinquenta quilômetros. O inverno de 1956-1957 foi particularmente frio; recorro temperaturas de menos 20 graus Celsius e ainda mais baixas. No entanto, continuava a fazer meus passeios e caminhadas nos meus dias livres, mesmo no frio congelante.

Certa vez, caminhei pelo Hausberg, uma montanha perto de Zurique no frio gelado. Estava nevando muito, mas isso não me impediu de caminhar até o topo da montanha. Uma vez lá em cima, pude admirar um mar de nuvens abaixo de mim sob um sol maravilhoso, com alguns picos brancos de montanhas projetando-se ao longe por entre um "tapete" de nuvens.





Uma pequena história contada por meu chefe e barman, no tempo em que trabalhei no bar do hotel: ele, que na época já era bastante idoso e que trabalhava no Hotel Baur au Lac havia décadas, serviu durante a guerra um professor alemão que vivia ali. Ele era um famoso cirurgião pulmonar que, perseguido pelo regime nazista, fugiu para a Suíça. Retornou a Berlim após a guerra, onde morreu em 1951. Mas, o que ninguém sabia, era que ele, já de manhã, ao ser-lhe servido um bule de chá, este, na verdade, não continha chá, mas champanhe. Em seguida ele se encaminhava para o hospital para atender aos serviços de cirurgia. Isso, obviamente, ninguém podia saber, pois nós, os garçons, estávamos vinculados ao sigilo. Somente depois de sua morte, muito tempo depois, é que se pôde falar sobre isso.

Zurique foi minha primeira "estadia no exterior", o que foi muito divertido, me proporcionou novas experiências e me permitiu conhecer melhor os costumes e o espírito dos suíços. Naquela época, ela já era uma cidade muito liberal e, dizia-se entre colegas, que no parque no Lago de Zurique os viciados em drogas se encontravam e se injetavam. Eu nunca me interessei por drogas, mas fumava muito dos 19 aos 32 anos. Isso, até eu decidir deixar o cigarro, de um dia para o outro. Cheguei a fumar até sessenta cigarros por dia!

Zurique, meu primeiro compromisso no exterior, foi um período interessante e informativo, no qual aprendi, inclusive, alguma coisa do "Schwyzerdütsch" – o dialeto alemão falado na Suíça!

Lausanne

Em 26 de fevereiro de 1957, saí do meu emprego em Zurique, porque já havia aceitado uma nova posição – novamente como *Commis de Rang* e *Commis de Bar* – no **Hotel Beau-Rivage Palace**, em **Lausanne**, onde eu deveria começar em **1º de março de 1957**. Como se pode ver, não tirei





férias durante esse período, ou seja, desde que comecei meu trabalho no Park Hotel, em Düsseldorf, em 1º de outubro de 1955, até 15 de setembro de 1957, quando deixei Lausanne, uma vez que eu assumia uma nova posição num intervalo de dois dias entre um trabalho e outro.

Lausanne foi particularmente importante para mim por duas razões: primeiro, porque eu queria melhorar meus conhecimentos de francês (afinal, tive aulas de francês por dois anos, na Escola Técnica de Hotelaria em Viena); e, segundo, porque meu maior desejo e objetivo era frequentar o curso da Faculdade de Hotelaria em Lausanne e continuar minha formação profissional. Para conseguir isso, eu teria que economizar muito para pagar os dois anos do curso e, além disso, teria que ser fluente em francês. A Faculdade de Hotelaria de Lausanne é até hoje a mais prestigiada da Europa e eu queria, de qualquer maneira, cursá-la para, finalmente, distanciar-me do ofício de garçom. No entanto, essa Faculdade era (e ainda é) uma das mais caras da Europa e, para cursá-la, eu teria que, primeiro, economizar o dinheiro necessário.

Depois de três anos, portanto, até 1960, eu já era fluente em francês, mas só tinha conseguido economizar o suficiente para cobrir os custos do primeiro ano de faculdade, e sem levar em conta a quantia necessária para a acomodação e a alimentação. Mesmo assim, mantive vivo esse projeto por muitos anos, até que, no Brasil – como relatarei mais tarde – pude, por um feliz acaso, mudar minha atividade profissional para a área empresarial.

No Hotel Beau-Rivage, como já mencionado, fiquei durante o primeiro verão como *Commis de Rang* e *Commis de Bar*. Preferi trabalhar no bar novamente, onde eu tinha mais contato com os hóspedes e mais tempo livre no decorrer do dia. Em compensação, trabalhava mais à noite, até que o último hóspede deixasse o bar do hotel. Pude conhecer e atender muitos hóspedes importantes nesse período, como, por exemplo, o Príncipe Rainier de Mônaco e sua linda esposa Grace Kelly, ou o Rei Saud, da Arábia Saudita, que sempre andava pelo bar com seus guarda-costas (meia dúzia





de homens fortemente armados), mas que não bebiam álcool. Isso lhes era estritamente proibido pela fé islâmica.

Nesse período, conheci também estudantes que estavam acomodados em um internato conhecido internacionalmente, para aprender francês. Eram moças e rapazes de famílias muito ricas de todo o mundo, enviados pelos pais à Suíça por um ano ou mais, para esse fim. Muitas vezes eu os encontrava à noite, principalmente em bares, onde ouvíamos jazz e procurávamos "resolver os problemas do mundo". Com esse grupo, falávamos apenas em inglês, o único idioma que todos, uns mais outros menos, dominavam, já que todos vinham de diferentes países, como Argentina, África do Sul, Noruega e até mesmo dos Bálcãs etc. Todos nós tínhamos, primeiro, que aprender francês, eu no meu trabalho e meus amigos no colégio interno. Como resultado, aprendi a falar muito bem não só francês, mas também inglês, o que me seria muito útil no futuro.

Como eu tinha as manhãs de folga, pois meu trabalho começava por volta do meio-dia e ia até tarde da noite, eu passava meu tempo na quadra de tênis, com um colega, para aprender esse esporte. Eu não tinha um professor de tênis, mas meu colega me ensinou alguns princípios básicos e depois me aprimorei neste esporte e me tornei um jogador de nível médio. Além disso, queria provar a mim mesmo, que podia ser mais do que apenas um garçom; afinal, eu tinha como hobby um esporte que, na época, era praticado quase que exclusivamente pela elite.

Durante meu segundo verão em Lausanne, comprei uma motocicleta da marca Lambretta. Passei no teste de motorista e, a partir de então, conseguia me movimentar melhor e atingir distâncias maiores nos meus dias de folga. Um dia, estava planejando visitar o Engadin – que é um vale alpino situado no leste do cantão dos Grisões, na Suíça) região conhecida por suas belezas naturais. Saí de manhã cedo, no meu dia de folga, armado com minha câmera fotográfica, carteira de motorista e passaporte, para o caso de ser parado pela polícia. Passei por Sion e Sierre e então "mergulhei"





na paisagem montanhosa.

Por volta do meio-dia, me deparei com uma bela casa, que se revelou ser um restaurante. Como já era hora do almoço, parei, sentei-me à mesa e fiz meu pedido. Quando a garçonete saiu, eu quis pegar o mapa, que guardava no bolso de trás da calça, para me orientar e saber onde eu estava. Para minha grande surpresa, o mapa estava lá, mas minha carteira, que deveria estar no mesmo bolso, havia sumido.

O que fazer? Eu estava, neste momento, sem dinheiro! Então chamei a garçonete e pedi que cancelasse meu pedido, explicando, ao mesmo tempo, o que havia acontecido. Assim, sentei-me outra vez na minha Lambretta percorri o mesmo caminho sentido inverso, esperando, com um pouco de sorte, encontrar minha carteira caída na estrada. Também voltei até um lugar onde havia parado no caminho e consultado o mapa. Ali minha carteira poderia ter escorregado do bolso da calça. Mas, infelizmente, não encontrei nada. Então, continuei meu retorno em direção a Lausanne.

Minha câmera fotográfica e o passaporte estavam em uma maleta que havia prendido com um forte elástico, no dispositivo de bagagem da Lambretta. Depois de um tempo, olhei para trás e fiquei horrorizado ao descobrir que também tinha perdido a maleta! Voltei novamente um longo trecho, igualmente sem sucesso. Nas duas vezes, fui à delegacia mais próxima e registrei as perdas. Então continuei, sempre com cuidado e devagar. Aos poucos a minha gasolina estava acabando. Estava a cerca de dez quilômetros de Lausanne, quando o tanque ficou vazio.

Parei no primeiro posto, contei minha aventura e perguntei se poderia me "emprestar" dois litros de gasolina. O frentista, um jovem, não se deixou persuadir e eu tive que seguir em frente. Logo depois, avistei um segundo posto e, novamente, contei minha história. Desta vez, havia uma garota, uma garçonete, que acreditou em mim. Até ofereci meu relógio como garantia, mas ela disse que minha promessa de voltar em dois dias e pagar os dois litros era crível e aceitável. Eu nunca vou esquecer isso.





Mas esse meu dia de má sorte ainda não havia terminado: eu havia enchido, então, o tanque da Lambretta com dois litros de gasolina e consegui ir para casa – morava na ala dos funcionários do Hotel Beau-Rivage. Mas eu não havia percebido que, na última curva antes de chegar ao hotel, por menos de um quilômetro, havia cascalho fino espalhado. E, embora eu dirigisse no máximo a quarenta quilômetros por hora, derrapei e caí! Felizmente, não havia tráfego e, assim, pude me levantar rapidamente, mas, oh, que susto!: notei um sangramento intenso no meu antebraço direito, que imediatamente enxarcou de vermelho minha camisa branca.

Como meu acidente aconteceu bem na frente de outro posto de gasolina, um homem atravessou a rua para me ajudar e perguntou se eu estava bem. Enfim, me sentia mais ou menos bem, mas meu braço sangrava muito. Fiquei um pouco atordoado, mas tentei ligar a Lambretta, o que consegui. Então, em vez de ir para o hotel, decidi dirigir até a cidade para um pronto socorro, a fim de tratar meu braço. Quando cheguei ao primeiro semáforo vermelho da cidade e quis frear, notei que o pedal do freio não estava mais funcionando. Além do meu braço machucado, também havia torcido dois dedos da mesma mão (acho até que o dedo mindinho estava quebrado), assim, eu não podia acionar o freio de mão com a mão direita, eu só conseguia mexer muito de leve o polegar e o indicador. Então, como estava dirigindo muito devagar, consegui parar o veículo com os pés no chão.

Felizmente, o hospital estava muito próximo; então, deixei minha Lambretta na rua e caminhei até a sala de emergência. Eles me fizeram alguns pontos no braço para fechar o ferimento, colocaram um curativo e me deram uma injeção, acho que foi contra tétano. Hoje não lembro mais como cheguei em casa; provavelmente fui de táxi, porque naquele dia eu não queria mais dirigir motocicleta alguma! (Acabei vendendo a Lambretta uma ou duas semanas depois.)





E então aconteceu o seguinte: em casa, me deitei imediatamente, pois só naquele momento tive uma reação a todos os incidentes do dia. Mas, quando quis me levantar para comer, tudo ficou preto e eu não conseguia ver absolutamente nada. Presumo, hoje, que foi uma reação à injeção que tomei no hospital. No entanto, essa situação me manteve na cama e longe do trabalho por quase uma semana. Só então eu estava pronto para voltar às minhas atividades.

Não pude, porém, cumprir minha promessa de pagar a moça pelos dois litros de gasolina que ela me emprestou. No primeiro dia em que me senti bem novamente, subi na Lambretta (eu já havia mandado reparar o defeito do freio) e fui até o posto, a cerca de dez quilômetros do hotel. Perguntei sobre a garota que havia me ajudado tanto e soube que ela havia deixado o emprego havia uma semana. Eu nunca descobri se ela foi despedida ou se pediu demissão. Até hoje, sinto-me culpado por não ter cumprido minha promessa, mesmo tendo tido apenas uma maré de azar.

Para encerrar a história, cerca de uma semana depois, recebi um telefonema da polícia dizendo que minha maleta com a câmera e o passaporte haviam sido encontrados e que eu poderia buscá-los. Fiquei extremamente feliz de ter meu passaporte de volta. Depois de um mês, recebi outra ligação, dizendo que minha carteira também havia sido encontrada e que eu poderia ir à polícia buscá-la. Recuperei a carteira com o valor total – dentro dela havia algumas centenas de francos. O policial apenas me informou que pagou 10% do valor como recompensa à pessoa que a localizou. E exatamente este valor estava faltando. Essa é a Suíça. No entanto, tenho dúvidas se é esse o caso ainda nos dias atuais.

A seguir, incluo o Certificado de Lausanne, como *Commis de Rang* e *Commis de Bar*.

Deixei Lausanne em **26 de setembro de 1957** para, depois de dois anos no exterior, passar minhas primeiras férias mais longas em Mödling e ver novamente meus pais e irmãos.





SCHWEIZER HOTELIER-VEREIN
SOCIÉTÉ SUISSE DES HÔTELIERS

Leugnis  *Certificat*

..... bezeug, daß
nous attestons que

..... *Monsieur Etkehard TAMUSSINO*

vom *1 Mars 1957* bis *15 Sept. 1957*
a servi du au

als *Coumis de rang et Coumis de Bar*
en qualité de *(2 mois)* *(4 mois 1/2)*

in Dienste gestanden ist
dans *son* établissement

M. Tamussino nous a donné entière satisfaction par son travail et sa conduite. Il est consciencieux et capable et nous pouvons le recommander. M. Tamussino nous quitte libre de tout engagement.

Lausanne, den *15 Sept.* 19*57*
le

Unterschrift: *Beau-Rivage Palace*
Signature: *E. Ringgerberg*
Sous-Directeur

69. Certificado do Hotel Beau-Rivage Palace, Lausanne, 1957.





Novamente Bad Gastein e Viena (1957-1958)

Conforme já fazia parte do meu modo de agir, eu já tinha me programado e assegurado um emprego para o inverno. Esta nova colocação previa que, em **20 de dezembro de 1957**, eu deveria começar meu trabalho no **Grand Hotel de l'Europe**, em **Bad Gastein**, no qual eu já havia estagiado, e voltava para assumir, agora, como *Chef d'Étage* (garçom chefe do serviço de quarto de um ou mais andares). Enquanto passei alguns dias em casa, logo não aguentava muito sem ter alguma atividade, situação que se agravava ainda mais porque a comunicação com minha mãe não era das melhores. Em função disso, procurei logo um emprego intermediário e assumi o cargo de *Chef d'Étage* no Hübner's Parkhotel Schönbrunn, em **Viena**, no qual trabalhei de **14 de outubro a 10 de dezembro de 1957**.

Uma experiência de que me lembro neste hotel é que, enquanto um famoso ator alemão (seu nome era Curt Jürgens) estava hospedado lá, tive que levar o café da manhã para o quarto dele e de sua linda esposa. Eu era muito tímido e certamente estava mais envergonhado do que os dois, que ainda estavam na cama.

Em outra ocasião, em uma situação semelhante, também tive que levar o café da manhã para o quarto de um hóspede. Bati na porta, alguém mandou entrar; entrei no quarto totalmente escuro e alguém murmurou algo ininteligível de debaixo das cobertas. Quando eu ia colocar a bandeja do café da manhã em uma cadeira perto da cama, removendo o que estava sobre ela, o hóspede deu-me uma grande "bronca", porque eu lhe havia dirigido a palavra.. Mais tarde, descobri que o hóspede era judeu e eu, sem saber, devo ter contrariado algum preceito religioso dele e, assim, ele estava me repreendendo. Bem, eu não levei isso muito a sério; afinal, eu não poderia adivinhar o que ele queria de mim.

Dez dias depois, voltei para Bad Gastein, onde fiquei de **20 de dezembro de 1957 a 28 de fevereiro de 1958**. Depois que retornei para





Viena em 8 de março de 1958, aconteceu o falecimento da minha mãe.

Devido às muitas situações difíceis no período pós-guerra, minha mãe, infelizmente, não mais conseguia lidar com a vida e acabou se auto asfixiando.

Foi, obviamente, um choque enorme para todos nós, ainda mais para mim e para o papai, já que, eu havia retornado alguns dias antes, em 2 de março de 1958, de Bad Gastein, onde eu havia trabalhado como *Commis d'Étage* durante o inverno. Sempre tive problemas de comunicação com minha mãe e isso não estava sendo diferente nesta minha visita de férias. Papai também já havia reconhecido a situação, isto é, que ela estava de novo mais dependente do álcool. Em função disso, ele decidiu viajar para a casa da sua sogra (minha avó) em Baden, perto de Viena, para pedir que minha mãe pudesse ficar com ela por alguns dias, talvez para tê-la melhor sob supervisão, já que a vovó não estava trabalhando e, portanto, poderia controlá-la e estar constantemente com ela. Isso já havia sido feito algumas vezes antes, geralmente com sucesso, mas não duradouro. Perguntei ao papai se eu poderia ir com ele (eu tinha uns vinte anos) e ele concordou. Então partimos. Quando chegamos à casa da vovó em Baden, perto de Viena (naquela época, havia apenas telefones fixos), recebemos uma ligação interurbana de Mödling com a mensagem de que deveríamos voltar imediatamente, pois algo terrível havia acontecido.

Ainda lembro que a vovó "teve um surto" naquele momento, lançando a culpa sobre o papai, o que, é claro, ela não pensava seriamente. Mas é compreensível, pois, quem não se assusta quando recebe a notícia de que a filha tenha morrido prematuramente? Então, nos apressamos para pegar o trem de volta para Mödling – eram cerca de quinze quilômetros –, onde só pudemos verificar o fato de que mamãe havia cometido suicídio. Ilonka, que havia ficado em casa, brincando com o filho dos vizinhos, que moravam no apartamento abaixo do nosso, subiu por um momento, pois queria preparar um lanche, um pão com manteiga, e encontrou a nossa mãe depondo





na corda. Isso foi terrível. Ilonka estava perto de completar treze anos e também no início da puberdade. Deve ter sido um choque ainda maior para ela. Na verdade, nunca chegamos a conversar mais profundamente sobre como ela conseguiu lidar com esta fato.

Scheveningen, Holanda (1958)

Dois meses depois, parti para o meu próximo emprego, no Palace Hotel, em Scheveningen, Holanda. A partir de então, meu pai teria um fardo duplo, já que ele teria que ser pai e mãe para Ilonka. O quão difícil isso foi para ele pode ser lido nas cartas que me escreveu. Estas, porém, só estão disponíveis desde novembro de 1960, quando cheguei ao Brasil. Todo o restante que eu havia deixado em Mödling, ou seja, minha correspondência com meus pais, meus livros e outras pequenas coisas, foi perdido depois que meu pai morreu repentinamente em 4 de janeiro de 1970. Gostaria de salientar que minha mãe quase nunca me escrevia, exceto por um pequeno acréscimo às cartas de papai. Era sempre ele quem me escrevia me motivando e me apoiando com conselhos à distância. De outro lado, eu separava parte dos meus ganhos (sempre fui uma pessoa econômica) e enviava tanto quanto me era possível, para ajudar em casa, quando meu pai solicitava.

Desta forma eu podia, ao menos, ajudar meu pai a manter a casa razoavelmente arrumada com a ajuda da Sra. Kacz, que morava em um apartamento abaixo do nosso e limpava nossa morada uma vez por semana havia anos. Eu também cozinhava durante minhas breves visitas, pois meu pai ia cedo de manhã para o trabalho e Ilonka tinha que ir à escola.

Um dia desses, papai me pediu para que preparasse, para o jantar, um Gulasch de Paprika. Como eu sabia que, para isto a carne precisa cozinhar bastante tempo, cortei a carne em cubos e coloquei no fogo. Enquanto isso, fui me encontrar com uma amiga (quase namorada). Este encontro,



creio, deve ter demorado mais do que previsto, pois ao retornar para casa, verifiquei que na panela havia apenas uns cubos pretos, parecendo carvão. Toda a água tinha evaporado, e o jantar estava perdido. A panela também estava superaquecida e se tornou imprestável. O que eu contei ao meu pai,

HORECAF

**Nederlandse Bond van Werkgevers
in Hotel-, Restaurant-, Café- en aanverwante Bedrijven**
Association Néerlandaise des Exploitants d'Hôtels, de Restaurants, de Cafés et annexes

Hotel
Restaurant PALACE te Scheveningen
Café a

GETUIG'SCHRIFT
Certificat

Houder dezes Ekkhart Tamusinno
Le porteur du présent Certificat

geboren te Rostock Mecklenburg Dtsl. den 11. Mai 1938
né à le

is werkzaam geweest van 2. Mai 1958 tot 1. September 1958
a été employé du au

in bovengenoemd bedrijf als -- DEMI CHEF DE RANG --
dans cet établissement en qualité de

Er hat seine aufgetragenen Arbeitsamkeiten zu unserer
Zufriedenheit ausgerichtet und wir können ihn auch gerne
empfehlen. Grund des Austrittes: Saisonende.

Datum 30. August 1958
Date

Stempel van het bedrijf:
Estampille de l'établissement

Handtekening van den werkgever:
Signature de l'employeur

**PALACE HOTEL
SCHEVENINGEN (HOLLAND)**

J. Frank Directeur

No. 2340 *



Bij afschriften van dit getuigschrift wordt men verzocht het nummer te vermelden.
Avis au porteur: Prière d'indiquer toujours dans les copies le numéro du Certificat.

70. Certificado do Palace-Hotel, em Scheveningen, na Holanda, 1958.



justificando porque não havia Gulasch para o jantar, não lembro mais, mas certamente tivemos apenas umas fatias de pão com frios para jantar.

Em **2 de maio de 1958**, assumi a posição de *Demi Chef de Rang* (garçom subchefe no serviço às mesas) – existia até mesmo algo assim – no **Palace Hotel** em Scheveningen, desta vez na Holanda. Fiquei lá durante todo o verão, até **1º de setembro de 1958**.

Depois de alugar um quarto em Scheveningen numa casa de família, em sublocação – o hotel não fornecia acomodações – comprei uma bicicleta usada com a qual eu poderia ir ao trabalho e fazer passeios no meu tempo livre. Como a Holanda é completamente plana, explorei as redondezas nas minhas tardes livres, para conhecer um pouco mais desse país.

Scheveningen fica muito perto de Haia, e foi a primeira cidade que visitei e conheci. Também cheguei a ir para Roterdã – porém, de trem e não de bicicleta. Fora isso, mal consigo me lembrar daquela época, exceto que o clima era geralmente frio e tempestuoso. Com minha bicicleta, andava pelas praias com frequência, o que era muito agradável quando o vento forte soprava nas minhas costas; mas, para voltar, com o vento contra, era bastante cansativo. O hotel estava localizado diretamente na praia, mas para nadar ali era preciso ser muito corajoso, porque o Mar do Norte era e é sempre muito frio. O que me surpreendeu e que pude constatar pela primeira vez foi que os banhistas chegavam completamente vestidos e trocavam de roupa na praia, sem constrangimento. Tanto os homens quanto as mulheres traziam seus trajes de banho em uma sacola. É claro que também havia cabines que poderiam ser alugadas, mas, provavelmente eram caras e nem todos podiam ou queriam pagar essas quantias.

Aquele verão passou rapidamente, com muito trabalho e pouco tempo livre; assim, só pude fazer alguns passeios curtos. Uma coisa, no entanto, permaneceu em minha memória: quando em um de meus passeios eu estava pedalando na pista especial para bicicletas, sem colocar as mãos no guidão, um ciclista veio e pedalou ao meu lado. Eu pensei que ele iria





me ultrapassar, mas não, ficou na mesma velocidade que eu; quando olhei para o lado, vi que era um policial. Ele me pediu para parar, o que fiz na mesma hora e, quando perguntei o que estava acontecendo, ele disse que eu estava dirigindo sem apoiar as mãos, o que era proibido na Holanda! Pedi desculpas imediatamente, identifiquei-me como cidadão alemão e, quando ele perguntou se isso era permitido na Alemanha, respondi prontamente que sim (o que, certamente, não era verdade, mas eu não queria receber uma multa). Então, sob a promessa de que eu nunca mais voltaria a dirigir com as mãos livres na Holanda, ele me deixou ir, sem me multar.

Certa vez, quando depois do trabalho, à noite, eu ainda não estava querendo ir para casa, parei em um bar onde alguns de meus colegas jogavam bilhar. Como eu já estava familiarizado com este jogo, comecei a jogar contra esse grupo e venci três vezes seguidas. Estava combinado que a cada jogo vencido o ganhador receberia um copo de cerveja grátis, de modo que, de repente, eu tinha três copos na minha frente. Um dos colegas disse: "Se você beber todos os três copos de cerveja seguidos, te pago mais três". Dito e feito! Bebi os três copos e recebi três novos. Como voltei para casa de bicicleta não consigo me lembrar. Certamente com muito cuidado e devagar, ou talvez tenha ido para casa empurrando a minha bicicleta?

Quando a temporada de verão na Holanda terminou, viajei para casa, em Mödling, aos 2 de setembro, para tirar umas pequenas férias. Uma semana depois, tive que me por a caminho de Berlim outra vez!

Berlim (1958-1959)

Depois de uma curta estadia de apenas uma semana em Mödling com meu pai, eu teria que começar um novo trabalho em **11 de setembro de 1958**, no **Bristol Hotel Kempinski**, em **Berlim**, no Kurfürstendamm.

Essa foi a minha primeira chance de embarcar em um avião! Assim, assumi em Berlim o cargo de *Chef d'Étage*. Isso foi no inverno de 1958-1959 e aquele era considerado o melhor hotel de Berlim Ocidental. Era





complicado, na época, chegar até Berlin a partir da Alemanha Ocidental, pois seria preciso ir de trem atravessando a República Democrática Alemã, a RDA, ou Alemanha Oriental, o que só era possível com uma autorização especial. Mas ir de trem eu não queria arriscar, pois como eu havia nascido em Rostock, cidade reconhecidamente localizada na Alemanha Oriental, certamente eu estaria exposto a perguntas ou interrogatórios desagradáveis. Afinal, ainda era a época em que Walter Ulbricht era presidente da RDA e seu governo era uma ditadura comunista.

Em vista de todas estas implicações, decidi reservar um voo de Viena para Berlim: minha primeira viagem de avião! Existe, inclusive, uma foto (veja a seguir) do quadrimotor „Constellation“ com o qual aterrissei no aeroporto de Berlin-Tempelhof, procedente de Viena.

Em Berlim, depois de me registrar, recebi uma carteira de identidade local, o que contribuiu para que eu não fosse convocado para o serviço

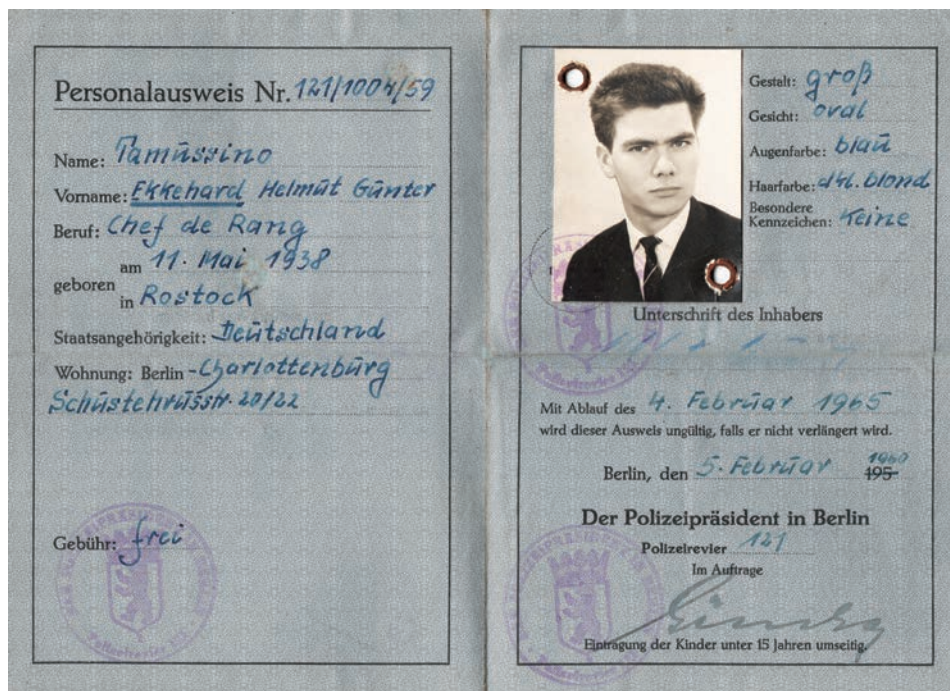


71. O quadrimotor "Constellation", com o qual aterrissei em Berlin-Tempelhof, procedente de Viena, em 1958.



militar. A classe militar de 1938 havia sido a segunda, depois da de 1937, para as quais o serviço militar se tornou obrigatório novamente, porém os berlinenses e os residentes desta cidade estavam excluídos! Minha sorte, porque até hoje não sou amigo do serviço militar.

O primeiro inverno, de 1958-1959, foi particularmente frio: menos 15 a 20 graus Celsius eram normais. Como eu não ganhava muito (em média, DM 340,00 de salário fixo por mês), aluguei um quarto no apartamento de uma senhora idosa, em uma das poucas casas que haviam sobrevivido à guerra sem sofrer danos. O prédio de três andares estava localizado no bairro Tiergarten, bem em frente à linha do metrô de superfície, a S-Bahn. Sempre que um trem passava, o prédio todo tremia. O quarto tinha uma cama, uma mesinha de cabeceira, um armário e uma pequena mesa com



72. Minha carteira de identidade berlinense. O meu nome está escrito erroneamente com "d" no final!



uma cadeira. O mais importante era o fogão à lenha para aquecimento. O carvão e a madeira para queimar eu tinha que providenciar. Assim, no início do mês, depois de pagar o aluguel de DM 55,00, eu comprava um saco de carvão (briquetes) e um pouco de madeira para começar o fogo.

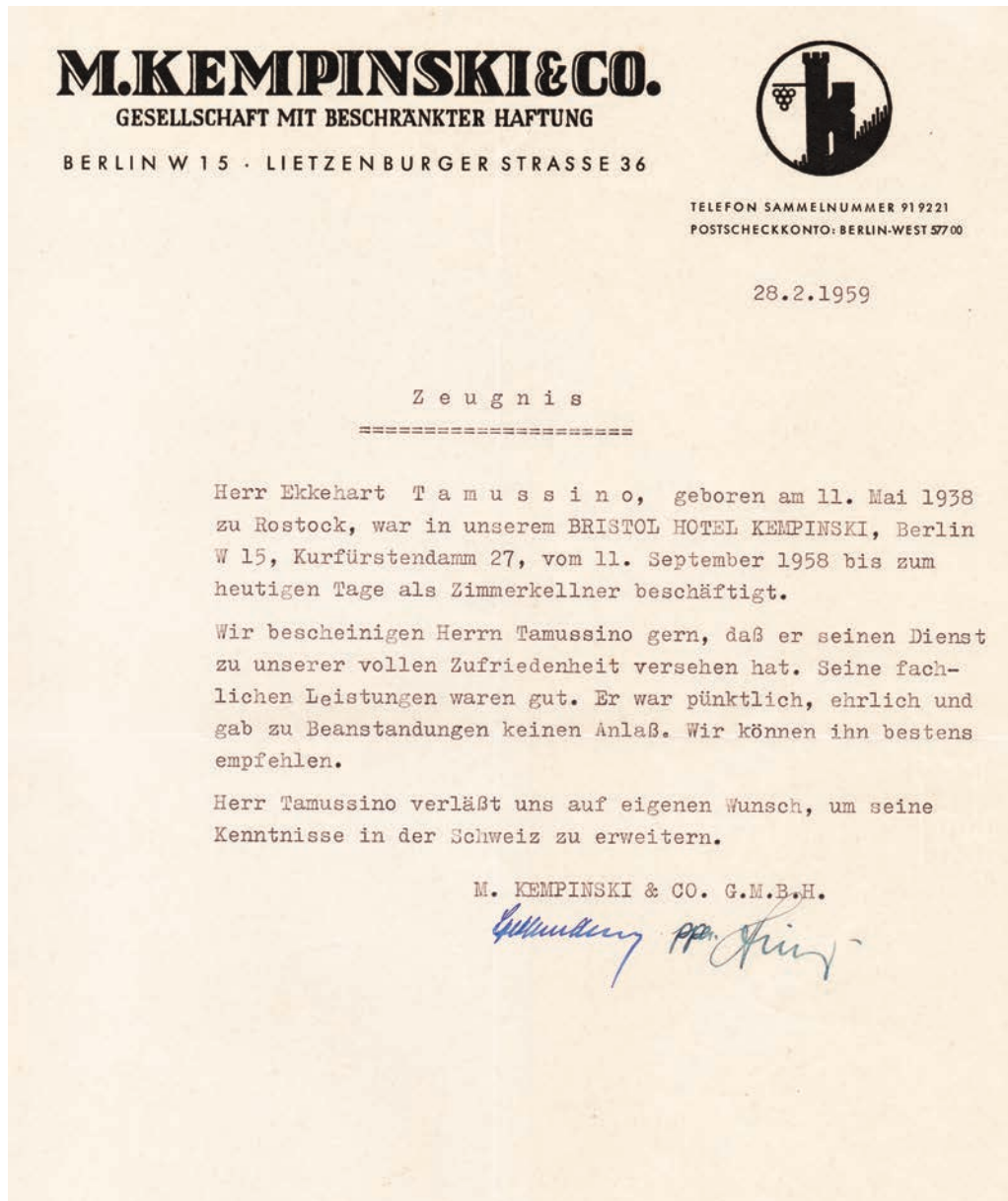
Meu expediente era das 6h às 15h, ou das 15h à meia-noite. Quando tinha que trabalhar no turno da manhã, eu chegava em casa por volta das 16h, depois de comprar, no caminho de casa, alguns pãezinhos, um pouco de queijo e patê de fígado para jantar. O Hotel oferecia, a preços especiais, alguns pratos para os funcionários, sendo que eu, normalmente, escolhia aquele mais em conta, e que consistia em um par de salsichas tipo Vienense, com salada de batatas. Acendia o fogo, saboreava meus pãezinhos preparados com o queijo e o patê e, se não estivesse muito frio, ia passear um pouco. Às vezes, quando estava cansado dos pãezinhos, ia para o restaurante Aschinger, onde se recebia um prato de sopa de ervilha por DM 0,50 e se podia comer quantos pãezinhos quisesse. Mas não se podia levá-los para casa! Se estivesse muito frio, eu acendia o fogão à lenha e deitava na cama, geralmente com um bom livro. Como mencionado, o inverno de 1958-1959 foi particularmente frio, de modo que meu suprimento de carvão já estava esgotado perto do dia 15 de cada mês. Então, não tinha outra opção a não ser passar frio. Às vezes, uma amiga de Berlim Oriental vinha me visitar e nos aquecíamos sob a cobertura de penas. Com certeza, era uma compensação realmente agradável em relação ao carvão, mas infelizmente acontecia raramente.

O serviço de *Chef d'Étage* não era muito cansativo, pois só tinha que esperar até que um hóspede ligasse e fizesse um pedido para o quarto. Naquela época – éramos dois *Chef d'Étage*, cada um tinha três andares completos para atender – nos ocupávamos jogando xadrez. Era um jogador entusiasmado, mas não muito experiente – meu pai havia me ensinado xadrez em casa, quando menino. Meu colega de trabalho, já perto dos cinquenta e cinco anos, havia levado um tiro na cabeça durante a guerra e,





como ele me mostrou, tinha um buraco na parte superior do crânio, que havia sido fechado com uma placa de platina. Ele era um excelente jogador. Perdi regularmente nas primeiras semanas. Quando empatei pela primeira



73. Certificado do Hotel Kempinski, em Berlim, Alemanha, 1959.





vez, me senti um verdadeiro mestre de xadrez. Mais tarde, acabei ganhando um ou outro jogo.

Muitas vezes tivemos que interromper o jogo para servir os hóspedes. Certa vez, tive o famoso cantor de ópera Mario Lanza no meu andar. Ele veio a Berlim para representar no cinema o papel do grande cantor de ópera Enrico Caruso. Quando voltava ao hotel no final da noite, ele me pedia uma lata de um quilo de caviar russo, marca Molossol e meia dúzia de garrafas de cerveja, todas bem geladas e servidas no gelo. Geralmente, mais tarde, ele pedia mais meia dúzia de cervejas. Quando ele já estava meio alterado, começava a cantar árias em seu quarto, em voz bem alta. Certa vez, talvez porque isso não fosse suficiente, para ele, abriu a porta do quarto e caminhou pelo corredor do hotel cantando alto, vestido apenas de camiseta e cueca, até que outros hóspedes reclamaram na recepção e Mario Lanza foi gentilmente convidado a, enfim, ir para a cama, o que ele fez com boa vontade. Sempre me dava uma boa gorjeta, que eu imediatamente transformava em carvão para o fogão, em casa.

Embora o inverno de 1958-1959 tenha sido muito frio, só me lembro de bons momentos. Como não ganhava muito dinheiro, não podia dar grandes saltos! Mas uma ou outra noite eu me permitia ir a um bar onde – naquela época – se podia desfrutar de um bom jazz clássico.

Depois de deixar Berlim, passei umas curtas férias em Mödling e e, em seguida retornei para Lausanne.

Outra vez Lausanne (1959)

Fiquei em Berlim até 28 de fevereiro de 1959 e, depois de curtas férias em Mödling, fui pela segunda vez para o **Hotel Beau-Rivage Palace**, em **Lausanne**, novamente para aprimorar meus conhecimentos de francês e para continuar com meu projeto de economizar para a Faculdade de Hotelaria de Lausanne. Fiquei lá de **20 de março a 12 de setembro de 1959**.



SCHWEIZER HOTELIER-VEREIN
SOCIÉTÉ SUISSE DES HÔTELIERS

Zeugnis  *Certificat*

..... bezeug, daß
Nous attestons que

..... Monsieur Ekkehard TAMUSSINO

vom 20 mars 1959 bis 12 septembre 1959
a servi du au

als Demi-Chef de Rang
en qualité de

in Dienste gestanden ist
dans notre établissement

Monsieur Tamussino nous a donné entière satisfaction par sa conduite et son zèle. Il nous quitte pour fin de saison, libre de tout engagement, et nous pouvons le recommander.

..... Lausanne, den 12 septembre 1959

le

Unterschrift: BEAU RIVAGE PALACE
Signature: 
Walter O. Schnyder
Directeur

74. Certificado do Hotel Beau-Rivage Palace, Lausanne, 1959.



De novo Berlim (1959-1960)

Depois que deixei Lausanne pela segunda vez, viajei em direção a Viena para visitar meu pai e minha irmã, Ilonka. Na época, meu irmão Ingo já estava trabalhando na Alemanha como jovem Engenheiro Têxtil.

Para assumir meu próximo emprego, no inverno seguinte, de **1959-1960**, retornei ao **Hotel Kempinski** em **Berlim**, onde trabalhei de 15 de outubro de 1959 até 15 de março de 1960, na mesma posição de *Chef d'Étage*.

Tenho algumas lembranças dos dois invernos em Berlim, que de alguma forma me marcaram.

No segundo, de 1959-1960, quando eu estava trabalhando novamente no **Hotel Kempinski**, mas então já morava com uma namorada, Karin Mauer, com quem noivei antes de deixar Berlim para trabalhar em Badenweiler. No entanto, terminei esse noivado no verão de 1960, depois que Karin veio me visitar nas suas férias, em Badenweiler. Naquele tempo, eu já estava convencido de que não queria ficar na Europa e já estava procurando um emprego nos EUA, na Nova Zelândia e na Austrália. No entanto, as coisas aconteceram de maneira muito diferente!

Estava claro para mim, que não teríamos como manter essa relação. Porém, foi um caso de amor muito intenso e tempestuoso. Depois que vim para o Brasil, nunca mais a vi, nem mais tive contato com Karin.

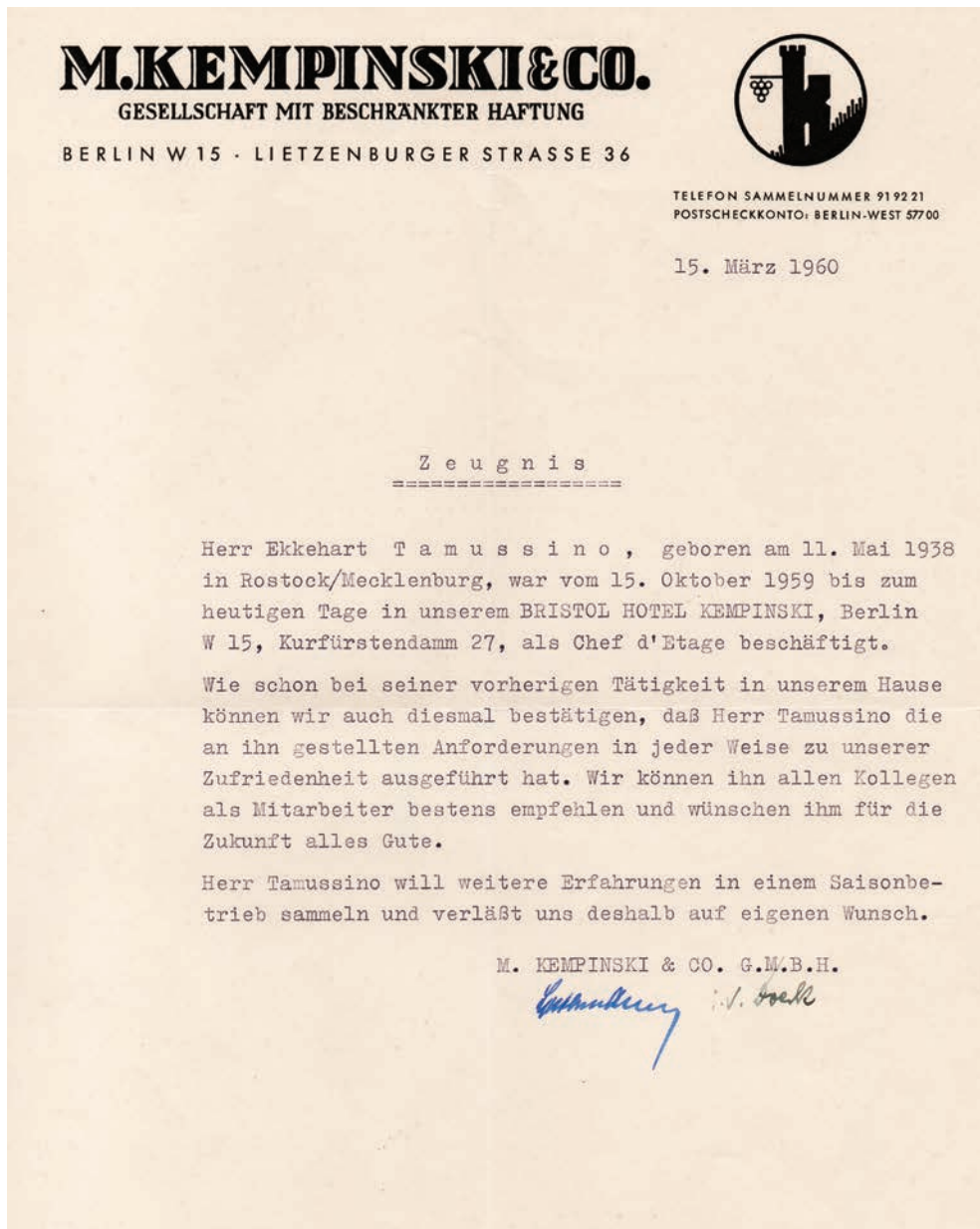
Badenweiler (1960)

Em **13 de março de 1960**, viajei de Berlim diretamente para **Badenweiler**, perto de Freiburg, no sul da Alemanha, onde, no mesmo dia, eu deveria assumir uma posição de *Chef de Rang* no **Park-Hotel Badenweiler**. No meu certificado do Hotel Kempinski está escrito que meu serviço teria durado até 15 de março de 1959, mas acho que houve um erro de digitação que ninguém notou, porque em 13 de março de 1960 eu já havia iniciado meu serviço no Park-Hotel Badenweiler. Já depois de algumas





semanas, fui nomeado maitre substituto (*stellvertretender Oberkellner*) no restaurante do hotel e, mais adiante, substituto da gerente (*Stellvertreter der Leiterin*) do "Park-Stüble", um Restaurante típico, anexo ao hotel.



75. Certificado do Hotel Kempinski, em Berlim, Alemanha, 1960.





Também em Badenweiler, o trabalho era contínuo durante todo o verão e raramente eu tinha um dia de folga. Porém, como tínhamos acomodações no hotel, pude economizar muito e aumentar bem minhas economias.

Embora o trabalho tenha sido ininterrupto no restaurante do hotel – sem um dia de folga (das 6h às 10h, das 12h às 15h e, também, das 18h às 22h) –, pude, muitas vezes, fazer minhas caminhadas exploratórias. Quando depois pude trabalhar no "Park-Stüble", eu tinha mais tempo livre, pois este só abria à noite, porém o serviço ia até tarde, por volta da meia-noite.

Deixei Badenweiler em 26 de outubro de 1960, e me dirigi para Viena. Quando cheguei lá, meu pai foi me buscar na Estação Ferroviária Oeste, o Westbahnhof. Ainda estávamos a caminho de casa, no bonde, quando ele me perguntou, como sempre: "Bem, e quanto tempo você vai ficar desta vez?". E eu respondi: "Duas semanas". "E para que direção estará seguindo, desta vez?", foi sua próxima pergunta. "Para o Brasil", foi a minha resposta. E ele disse: "Mas o que você quer no Brasil? Lá não há nada além de bananas e macacos!".

Meu pai era realmente um homem muito culto e de muita leitura, contudo sobre o Brasil não sabia quase nada. Na verdade, eu também não, mas havia lido algumas histórias, reportagens e até mesmo um romance em capítulos em uma revista durante aquele verão, o que de alguma forma me empolgou para conhecer o país. Eu não era o único que não sabia nada sobre o Brasil. De qualquer forma, o desejo de aventura havia sido despertado em mim. Isso iria mudar completamente minha vida. Ainda em Berlim, havia visto pela primeira vez o filme brasileiro *Orfeu Negro*, o qual instigou minha curiosidade por este país. Mais tarde, revi esse clássico mais duas vezes, mas aí quando já estava no Brasil.





International Hotel Association
DEUTSCHE SEKTION IM DEHOGA

Park-Hotel Badenweiler

ERNST GLOESER ERBEN

ZEUGNIS

Herr Ekkehart Tamussino

geb. am 11. 5. 38 in Rostock

ist in unserem Hause vom 13. 3. 60 bis 25. 10. 60

als Chef de rang

tätig gewesen.

Herr Tamussino hat zunächst in unserem Speisesaal gearbeitet und während dieser Zeit auch den Oberkellner an seinen freien Tagen vertreten. Später wurde er in unserem à la carte- und Grill-Restaurant "Park-Stüble" eingesetzt, wo er die Leiterin dieses Betriebes gleichfalls an den freien Tagen vertrat. Herr Tamussino hat uns mit seinen Leistungen zufriedengestellt. Er beherrscht sein Metier, hat Überblick und war durch gute Umgangsformen bei unseren Gästen beliebt, so dass wir ihn gern weiterempfehlen.

Seine persönliche Führung und sein charakterliches Verhalten gaben zu Beanstandungen keinen Anlass.

Herr Tamussino verlässt unser Haus mit Saisonschluss; für die Zukunft wünschen wir ihm alles Gute.

PARKHOTEL BADENWEILER

- Die Direktion -

H. Herse.

Badenweiler den 25. 10. 60

Das obige Zeugnis ist eine Urkunde und darf nur im Ganzen, ohne Kürzungen oder Änderungen, vervielfältigt, abgeschrieben und zu Bewerbungen benutzt werden.

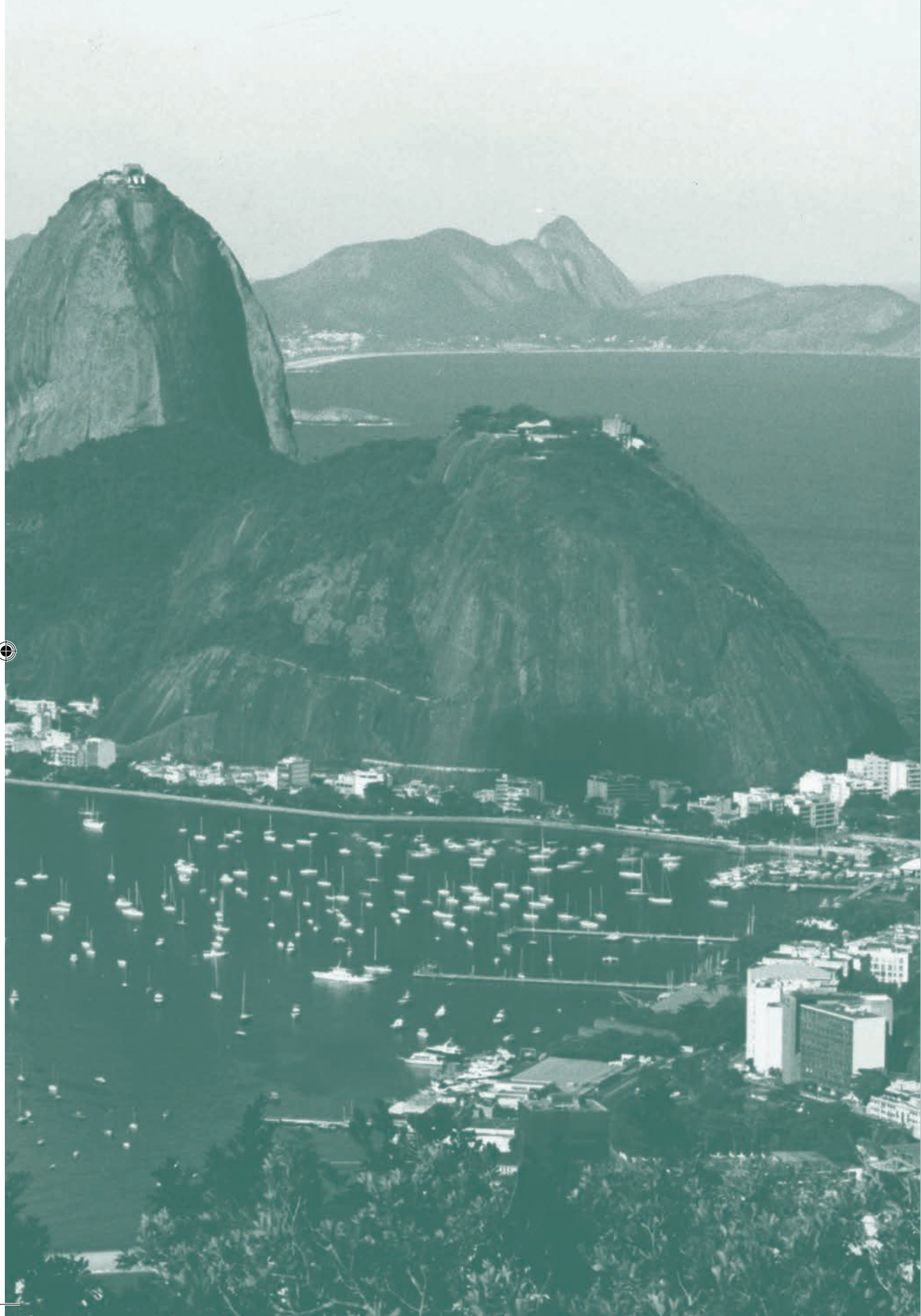
76. Certificado do Park-Hotel Badenweiler, Alemanha.





6

Chegada ao Rio de Janeiro e meu primeiro emprego (1960)





6. Chegada ao Rio de Janeiro e meu primeiro emprego (1960)

Como mencionado, em meados de 1960, quando ainda trabalhava em Badenweiler, comecei a procurar emprego nos EUA, na Nova Zelândia e na Austrália, mas sem sucesso. Naquele tempo, provavelmente ainda não se queria aceitar trabalhadores alemães. Descobri, então, um anúncio em uma revista especializada em hotelaria, no qual procuravam um *Chef de Rang* para trabalhar no Rio de Janeiro, Brasil, por um ano. Isso me entusiasmou.

Escrevi, me candidatando, enquanto ainda estava trabalhando em Badenweiler e logo recebi um telefonema. Me chamaram dizendo que um certo Sr. Mathys, de Zurique, estava ao telefone e queria falar comigo. Pensei, comigo mesmo, "não conheço nenhum Sr. Mathys, mas vou ver do que se trata". E, como eu havia tabalhado em Zurique por quase um ano, entre 1955-1956, decidi atender: "Bem, vamos ver quem quer algo de mim". Logo descobri que quem estava me ligando era o senhor Alfred Mathys, suíço, dono de um hotel no Rio de Janeiro. Combinamos que iria me encontrar com ele em Zurique, para uma entrevista e, logo na sequência, fui contratado como *Chef de Rang* no Hotel Ouro Verde (um hotel de quatro estrelas), no Rio de Janeiro, pelo período de um ano.

O começo no Rio de Janeiro

Na primeira entrevista em Zurique, disse ao Sr. Mathys que só estava aceitando o trabalho porque queria economizar para poder frequentar a





77. Vista do Rio de Janeiro, por volta de 1960, “a cidade mais bonita do mundo”!



78. Ekkehart “acima dos telhados de Copacabana”, visto do (telhado do) Hotel Ouro Verde.





Faculdade de Hotelaria em Lausanne, pois não queria permanecer garçom a vida inteira. Ele me enviou uma passagem de navio para o mesmo ano e embarquei no "MS Frederico C", em Gênova, chegando ao Rio de Janeiro tarde da noite do dia 21 de novembro de 1960. Fui recebido no porto pelo Sr. Hans Brandt, Gerente do Hotel Ouro Verde, cujo proprietário era o Sr. Mathys.

No dia seguinte, quando me apresentei para trabalhar, o Sr. Mattys me chamou para a sala dele e me disse que queria que eu trabalhasse no escritório da administração do hotel, o que me deixou extremamente satisfeito, pois este seria o primeiro passo em direção ao meu mais ardente desejo, que consistia no redirecionamento de minha carreira, afastando-me das funções de garçom. É óbvio que ele tinha segundas intenções ao me propor esta nova posição, ou seja, que ao assumir uma posição mais importante eu não quisesse retornar à Europa logo após o primeiro ano do contrato. Com efeito, acabei ficando nesta função por quase quatro anos, até abril-maio de 1964, quando então decidi voltar para o Velho Continente.

O tempo que eu já havia passado no Brasil até aquele momento, acabou sendo um período interessante e que me proporcionou muitas experiências. Antes de tudo, tive que ir descobrindo e me adaptando aos costumes e ao "jeito" brasileiros, à mentalidade completamente diferente, à pobreza, ao contraste entre ricos e pobres, sem a existência de uma grande classe média. Com um colega que conheci no primeiro ano de trabalho, Max Fraenkel, desenvolvi uma amizade de muitos anos, o que foi facilitado pelo fato de que ambos trabalhávamos na administração. Mantínhamos, principalmente, os registros de entrada e saída do hotel, mas o serviço era relativamente fácil e tínhamos muito tempo livre. Era um horário de trabalho sem interrupções, de oito a dez horas com meia hora de almoço e, depois, descanso. Diferente da profissão de garçom, em que se trabalhava por algumas horas, com uma pausas entre elas.

Nessa época, lembro-me de um incidente com o amigo Max: num de seus dias de folga, ele queria ir a São Paulo visitar amigos do Paraguai.



TELEGR.: OUVERHOTEL
RIO DE JANEIRO



TELEFONE
57-1880

AV. ATLANTICA — COPACABANA
RIO DE JANEIRO , 10 de Maio de 1964

A QUEM INTERESSAR POSSA

Certificamos que o Senhor

Ekkehart H. G. Tamussino

nascido em Rostock, Alemanha, em 11 de Maio de 1938
portador da carteira profissional nº. 19869, Série
nº.140, esteve em nosso serviço de 21 de novembro de
1960 a 28 de fevereiro de 1962, exercendo as funções de

Auxiliar de Escritório

e de 1º de março de 1962 à 10 de Maio de 1964, como

Chefe de Serviço

O Senhor Tamussino teve oportunidade de familiarizar-se com todos os trabalhos próprio em escritório de hotel de tradição continental. Comprovando-se empregado habil, diligente e consciencioso, foi promovido chefe de serviço e como tal sempre nos deu inteira satisfação, de modos que podemos recomendar o Sr. Tamussino a todos que podem valer-se dos seus serviços.

OURO VERDE HOTEL S/A.

O. Mathys
PRESIDENTE

79. Certificado do Hotel Ouro Verde, Rio de Janeiro, Brasil.



Max nasceu em Assunção, sendo que o pai era alemão e a mãe, argentina, mas de ascendência norueguesa, nascida Petersen. Como as estradas interurbanas ainda eram muito precárias e uma viagem de ônibus era cansativa e entediante, ele decidiu voar. Naquela época, voar ainda era muito caro, afinal, nós não ganhávamos muito dinheiro.

Quando ele voltou desta viagem, me disse que se apaixonara por uma aeromoça. No começo, não levei esse comentário a sério; mas, depois que ele desapareceu por várias vezes e sempre me pedia para cobri-lo e fazer seu trabalho junto com o meu, para encontrar sua namorada durante algumas horas no aeroporto Santos Dumont do Rio, entre os voos, percebi que ele estava falando sério. Depois de algumas semanas, ou já seriam meses (?), certo dia eu tive que dizer ao Max, quando ele voltou de uma de suas idas ao aeroporto: "Max, não dá para continuar assim: ou você termina o teu namoro ou casa, ou então procura outro emprego, mais próximo do aeroporto".

Bem, ele deve ter levado isso a sério e logo depois se casou. Sua esposa, uma carioca – natural do Rio de Janeiro – era uma mulher muito agradável, que logo depois eu teria a oportunidade de conhecer. Assim que se casaram em Assunção, se mudaram para o Recife, onde Max trabalhou primeiro como Gerente do Hotel Boa Viagem, diretamente na praia de Boa Viagem. Pouco tempo depois, mudou para o ramo industrial e trabalhou em uma fábrica de pneus de carros, também em Recife. Infelizmente, sua então esposa Ariadenes morreu de câncer após alguns anos. Eles não tinham filhos, mas adotaram três crianças na Costa Rica, onde viveram por vários anos antes de se mudarem para Nova York. Algum tempo depois, meu amigo Max casou com sua atual esposa Orietta, advogada, e vivem há alguns anos em Austin, USA. Nossa amizade persiste até hoje.

Mas, voltando ao Hotel Ouro Verde: depois de um ano e três meses no Escritório de Administração, fui promovido a Gerente de Departamento, sendo meu trabalho monitorar todos os departamentos do hotel e ajudar a Sra. Mathys nas compras necessárias. Um Gerente Assistente, recém-





contratado da Alemanha, acabou não satisfazendo os requisitos e não desempenhando a contento suas funções durante o período contratual de um ano, resultando que, por um tempo, eu tivesse que acumular o meu trabalho e também o dele, até que ele saísse para então eu assumir, oficialmente, o seu cargo. Mais tarde, depois que ele se desligou do hotel, mas resolveu permanecer no Brasil, acabamos nos tornando amigos, até o momento em que ele me "esfaqueou pelas costas", acabando com a nossa amizade. Mas, sobre isso, relatarei depois.

Durante meu período no Hotel Ouro Verde, também conheci rapazes e moças, em noites de dança, as quais aconteciam todos os domingos no porão de um prédio no bairro Glória. Lá conheci, entre outros, Eva e sua irmã Marli, nascidas Oppenheimer, as quais também eram frequentadoras dessas noites de dança. Não lembro como descobri estas noites dançantes mas



80. Da esq. para a dir.: Eva Schwarz, um amigo, Eva Oppenheimer (hoje Eva Haas), eu, Eleonora Gomma e seu amigo.





através delas conheci um grupo de jovens fora do círculo dos funcionários do hotel, e que pertenciam à classe média brasileira. Grande parte desses novos amigos eram judeus alemães e brasileiros. Por intermédio de Eva, conheci Eleonora Gomma, entre outros, e através dela, a seu pai, Heinz (Henrique), em cuja empresa de importação entrei em 1964, para trabalhar no escritório.

A imagem na página anterior mostra meus novos amigos, no Rio. Nesta foto, nosso grupo está em uma Noite de Gala, no Clube Botafogo e, como se pode ver, todos estão muito elegantes, de smoking e vestido de baile. Foi por esta época que me filiei ao Clube Botafogo de Futebol e Regatas, como sócio.

Hotel Ouro Verde, Rio de Janeiro (1960-1964)

Depois de quase quatro anos no Hotel Ouro Verde, decidi voltar para a Europa. Havia economizado o suficiente para que pudesse fazer meu primeiro ano na Faculdade de Hotelaria de Lausanne, caso não conseguisse um emprego na administração de um hotel no Velho Continente. Então, pedi demissão em 10 de maio de 1964 e reservei uma cabine em um navio a vapor para a Europa. Os móveis que havia comprado para meu pequeno apartamento, incluindo o contrato de aluguel, repassei a um colega. Vendi também meu Fusca (VW), ano de fabricação 1962, com motor modelo 1960, comprado parcelado em 1963, mas com a condição (restrição) de que antes faria uma viagem até Salvador, capital do Estado da Bahia. Entregaria o carro ao comprador, no Rio, quando voltasse de Salvador.

Cerca de um mês antes, conheci uma jovem carioca chamada Vania Marques Palmeira em um evento social no Rio, com quem iniciei uma amizade. Um amigo, Sérgio Castro, soube que eu iria para a Bahia e me pediu para levá-lo comigo. À minha pergunta se ele sabia dirigir, ele respondeu que sim. Então achei que seria vantagem para mim não ter que dirigir sozinho os 1.621 quilômetros até Salvador.





Sérgio certamente sabia dirigir, mas estava acostumado com o carro da mãe, um pesado Dodge ano 1952. Só percebi isso depois que ele pegou o volante pela primeira vez e, na primeira curva, teve dificuldade para manter o Fusca na pista. Mas, lentamente, ele se acostumou com o meu VW. Levamos três dias para cobrir os 1.621 quilômetros, porque só dirigíamos durante o dia, por razões de segurança. Embora a construção da estrada federal BR 116 fosse relativamente recente, muitas vezes tínhamos que evitar grandes buracos, difíceis de ver, principalmente à noite.

Salvador é uma cidade bonita, com inúmeras igrejas históricas. Meu amigo Sérgio queria rezar em todas as igrejas que visitamos, o que, depois da décima, começou a me irritar muito. No terceiro dia, cansado de tudo aquilo, decidi voltar para o Rio. Perguntei a Sérgio se ele toparia voltar sem parar, ou seja, sem pernoitar, voltando direto para o Rio, pois no dia seguinte minha amiga Vania, que eu tinha conhecido há pouco tempo, estaria festejando seu aniversário (22 de maio) e eu queria surpreendê-la com minha presença na festa. Sérgio concordou e saímos de Salvador, logo após o café da manhã.

Depois de cerca de uma hora e meia, tivemos um pneu furado, o qual mandamos reparar na borracharia mais próxima. Como resultado, entramos em Feira de Santana (aproximadamente a cem quilômetros de Salvador) quando já estava escuro. Aí notei que os dois faróis estavam mal direcionados: iluminavam tudo, menos a direção da estrada. Na viagem de ida, só dirigimos durante o dia, por isso não havia percebido essa falha antes.

Como todas as oficinas já estavam fechadas a essa hora, pois eram 8h da noite, estacionei o carro em uma rua lateral contra uma parede ou portão de entrada, para corrigir esse problema com uma chave de fenda. Sabia como, mas nunca tinha feito isso sozinho. Naquela época, algo assim era relativamente fácil, porque os parafusos para regular os faróis ficavam do lado externo. Perdemos, desta forma, muito tempo e quando





finalmente pudemos continuar a viagem, era por volta das 9h da noite. Nós nos revezávamos na direção a cada duas horas. Acordei um quarto de hora antes das duas da manhã. Sérgio estava dirigindo e perguntei se ele estava cansado. Ele disse que não e viu que faltavam apenas dez quilômetros para a próxima cidade (Vitória da Conquista) e falou que lá me entregaria o volante. Então, voltei a cochilar mais um pouco.

Acordei alguns minutos depois, porque o carro derrapou e, em consequência, capotamos três vezes. Mas, o que teria acontecido? O que teria causado este acidente? É que Sérgio ficou com frio – era junho, inverno, e estávamos dirigindo por um planalto, onde mesmo na Bahia pode esfriar – (frio na Bahia significa 16 a 18 graus Celsius positivos!). Então ele havia fechado a janela e girado o famoso registro que ficava entre os dois assentos da frente, por onde se podia deixar entrar o ar quente. Só que, com esse ar quente, entrou também o ar do escapamento do motor, de modo que Sérgio, com a janela fechada e sem a ventilação recomendada, ficou sonolento devido aos gases quentes, levemente tóxicos, e adormeceu ao volante. Ao acordar (apenas alguns segundos foram suficientes) ele percebeu que estava na faixa esquerda da estrada, se assustou tanto que girou o volante com força para o lado, o que fez o carro derrapar e capotar. Quando ele acordou, provavelmente pensou que estava no carro da mãe, o Dodge pesado de 1952, que estava acostumado a dirigir, e girou o volante com mais força do que o necessário.

Assim, acabamos no mato. Tivemos a sorte de que, justamente nessa parte da estrada as laterais serem planas, e cercadas por arbustos com aproximadamente 1,8 metros de altura, os quais amenizaram o impacto, o qual acabou sendo amortecido e não causou maiores traumatismos. No restante do percurso, a maior parte dessa rodovia é emoldurada ou por rochas ou por abismos que vão da estrada a uma profundidade de dez a vinte metros. Nos dois casos, certamente não teríamos saído ilesos tão facilmente! Nada aconteceu conosco, exceto algumas escoriações, mas o carro estava totalmente danificado.





O relógio mostrava pouco antes das duas da manhã. Estava escuro como breu, ligeiramente nublado, portanto, não se podia ver nem a lua ou as estrelas. Eu ainda estava no carro e chamei por Sérgio, que já havia saído. Perguntei como ele conseguiu isso, pois minha porta estava presa e a janela estava fechada. Sua resposta foi: "Pela janela do outro lado". Pelo impacto havia-se quebrado o vidro da janela do motorista e ele conseguiu sair, se esgueirando pela estreita passagem, além do que estávamos de cabeça para baixo. Também eu me arrastei para fora, examinei o carro e notei uma fumaça saindo pelo capô do motor. Para evitar um incêndio, joguei areia no motor, o que parou a fumaça, mas com isso o motor também se foi. Em seguida, tentei saber onde ficava a estrada. Depois de um tempo, ouvimos um ruído de motor e passou um caminhão; assim, pudemos ver em que direção tínhamos que andar para chegar à estrada.



81. Assim ficou o meu carro, pouco antes de Vitória da Conquista, Bahia, após o acidente, em junho de 1964.





Procuramos então, entre os arbustos, um caminho para a estrada e esperamos por um veículo que pudesse levar um de nós até a cidade, para obter ajuda. Naquela época, era junho de 1964, o tráfego de longa distância no Brasil ainda era muito limitado. A cada vinte ou trinta minutos passava um veículo em uma direção ou outra. Mas ninguém parou, apesar dos sinais de que precisávamos de ajuda. Já naquela época, as pessoas tinham medo de parar em uma estrada de pouco movimento. Finalmente consegui parar um ônibus, que vinha na direção oposta. Expliquei ao motorista o que havia acontecido e ele prometeu informar um caminhão que ia na mesma direção que nós, ou seja, para Vitória da Conquista. Ele lhe faria um sinal e lhe diria para levar um de nós para a cidade. De fato, isso funcionou. Depois de pouco tempo, um caminhão parou na beira da estrada, respondendo aos nossos sinais, e enviei Sérgio à cidade para pedir que a Polícia Rodoviária Federal nos mandasse um reboque.

Demorou sete horas para chegar auxílio. Enquanto isso, estava ficando cada vez mais claro – no Norte e no Nordeste do Brasil, mesmo no inverno, o sol nasce entre as 5h e as 6h da manhã – e me ocupei tirando nossa bagagem do carro e colocando-a na beira da estrada. Sentei sobre as malas e esperei por Sérgio, que apareceu às 9h da manhã com a Polícia Rodoviária. Enquanto eu estava sentado ali, alguns carros pararam para oferecer ajuda, pois agora eles podiam ver o carro a alguns metros de distância, no mato, e ver que, de fato, eu havia sofrido um acidente. Mas eu tinha que esperar o retorno de Sérgio.

Quando finalmente conseguimos chegar a um hotel em Vitória da Conquista, eu tinha que pensar em que providências tomar dali em diante. Primeiro, levei o carro destruído para uma oficina e em seguida voltamos ao Rio de ônibus – naquela época uma viagem de vinte e três horas.

A companhia de seguros teve que ser informada. Five que anular a venda do carro. Minha passagem de navio, para a qual já havia feito um pagamento de reserva, teve que ser cancelada. Descobri que a companhia





de seguros estava disposta a pagar, mas eu teria que transportar o carro acidentado até o Rio para que fosse efetuada a perícia. Assim, sentei de novo em um ônibus de longa distância e viajei as vinte e três horas de volta a Vitória da Conquista. Uma vez lá, mandei carregar o carro acidentado em um caminhão que transportou para o Rio, para onde estava indo.

De volta ao hotel em Vitória da Conquista, na manhã seguinte eu estava tomando café da manhã no último andar (era o único prédio da cidade com seis andares) e, de repente, vi um avião levantando voo. Chamei imediatamente o garçom e perguntei: "Diga-me, há um aeroporto aqui?". Sua resposta foi afirmativa. Assim, fui imediatamente ao escritório da empresa aérea, Cruzeiro do Sul, e comprei uma passagem para o Rio. O voo partiria um dia depois. É que para o Rio, só partia um avião a cada dois dias, mas pelo menos eu pude evitar outras vinte e três horas ociosas em um ônibus!

Agora, começaria uma época difícil para mim: havia pedido demissão do emprego, não tinha mais apartamento e nem carro. Tinha, é certo, minhas economias, mas estas, obviamente, não durariam para sempre e estavam reservadas e destinadas à Faculdade de Hotelaria de Lausanne. Durante os primeiros meses, eu morei com Sergio e sua mãe, sem pagar, e isto era o mínimo que ele podia me oferecer, para amenizar os meus prejuízos. Nessa situação, a amizade com Vania Marques Palmeira cresceu e nos tornamos namorados. Procurei outro emprego, o que consegui no Hotel Excelsior, em Copacabana, Rio de Janeiro, para trabalhar na recepção. No entanto, fiquei apenas três meses porque o hotel e sua gerência eram muito mal organizados. Saí de lá com problemas estomacais e gastrite. Assim, decidi procurar outra coisa, mas não mais no setor hoteleiro. Quanto a isso, é necessário mencionar que a indústria hoteleira no Brasil, naquela época, era bastante precária. Os diretores administrativos eram em sua maioria advogados e não hoteleiros e, portanto, inexperientes nessa profissão; além disso, não aceitavam nada que fosse recomendado por especialistas na área.





Enquanto eu ainda estava procurando desesperadamente por um emprego que fosse adequado para mim, meu relacionamento com Vania evoluiu a tal ponto que decidimos nos casar. Fui visitar o pai dela, Dr. João Soares Palmeira (advogado), o qual, na época, tinha um escritório no Instituto do Açúcar e do Alcool, IAA, no centro do Rio. Após uma breve saudação, expliquei que estava apaixonado por sua filha, que queríamos nos casar e que gostaríamos do seu consentimento. Ele fez algumas perguntas sobre mim, entre elas, onde eu estaria trabalhando. Quando respondi que, naquele momento, estava desempregado, ele entendeu isso com calma estóica e disse: "Bem, nesse caso vamos primeiro procurar um emprego para você!". Ele até se esforçou, ligando para alguns amigos, mas não conseguiu nada, exceto uma ou duas ofertas em hotéis médios de três estrelas.

Ao mesmo tempo, entrei em contato com meu amigo Max Fraenkel, aquele meu ex-colega do Hotel Ouro Verde, que trabalhava em uma fábrica de pneus para carros em Recife. Ele sugeriu que eu procurasse algo fora do setor hoteleiro, pois este ainda estava ainda pouco desenvolvido no Brasil. Isso, eu mesmo já havia percebido, pois, além do Hotel Ouro Verde do proprietário suíço, praticamente não havia hotel que fosse administrado de acordo com modelos europeus.

A busca por alternativas continuava, e se bem me lembro, foi em julho ou agosto daquele ano, quando uma amiga minha, Eleonora Gomma, promoveu uma festa de despedida para nossa amiga comum Eva Oppenheimer, que estava indo para os EUA por um ano, para um intercâmbio de estudantes. A festa aconteceu na casa dos pais de Eleonora, e lá acabei conhecendo o pai dela, o Sr. Henrique (anteriormente Heinz) Gomma e sua esposa Carlota.

Heinz Gomma era um judeu de Berlim, que teve que fugir para a Holanda, em 1938. Em 1939, emigrou da Bélgica para o Brasil, embarcando em um dos últimos navios a vapor que tiveram tempo de partir antes do início da guerra.





Casualmente, durante a festa no apartamento dele, parei em frente a uma mesa onde estava montado um jogo de xadrez. Por acaso ele passou por ali, também parou e, para puxar conversa, me perguntou se eu era um jogador de xadrez, ao que respondi afirmativamente. Passamos a entabular uma conversa, e em algum momento ele mencionou que estava procurando alguém para a sua empresa de importação, Henrique Gomma & Cia. Ltda., pois sua secretária de longa data e dona de 3% das cotas da empresa estava para se casar e iria morar em Porto Alegre. Obviamente, isto me interessou e, uma semana depois, em nova conversa, desta vez em um restaurante em Copacabana, acabei sendo contratado por 300,00 Cruzeiros por mês, para trabalhar no escritório da empresa, a partir de 1º de outubro de 1964. Enfim, eu tinha um emprego novamente! Depois de apenas seis meses de adaptação ao novo trabalho, fui nomeado seu procurador, o que permitiria que ele e sua esposa pudessem viajar para a Europa e assim eu, sozinho, pudesse assinar pela empresa e assumir sua gerência.

Deve-se mencionar, aqui, que ele havia escalonado os trezentos Cruzeiros ao longo de três meses, ou seja, me pagou apenas cem no primeiro mês, duzentos no segundo e somente no terceiro passou a me pagar os trezentos, o que não era exatamente muito dinheiro. Mas, eu estava feliz por ter encontrado um emprego em uma empresa de importação e exportação, e com isto me afastando do setor hoteleiro.

Todos esses incidentes, o acidente de carro, o relacionamento com Vania e as circunstâncias que adiaram minha viagem de volta foram, certamente, um indício "de cima" de que seria melhor que eu ficasse no Brasil. Claro, eu só percebi isso bem mais tarde. Afinal, eu tinha apenas 26 anos e, em muitos aspectos, ainda era bastante inexperiente.

— • —





7

**Chegada à empresa
Henrique Gomma e
nova família no Brasil**





7. Chegada à Empresa Henrique Gomma e nova família no Brasil

Conforme já relatei, conheci o sr. Henrique Gomma no apartamento dele, no qual sua filha Eleonora, a qual havia organizado uma festa de despedida para a nossa amiga comum, Eva Oppenheimer.

A empresa Henrique Gomma e o início da minha nova família

Henrique Gomma, na minha entrevista de apresentação, fez muitas perguntas, tais como: "Você entende alguma coisa sobre contabilidade, idiomas, correspondência estrangeira etc.?". Claro, respondi positivamente, mesmo que nem tudo estivesse 100% correto. Afinal, eu era fluente em alemão, inglês e francês e tinha alguma experiência em contabilidade, mas apenas na contabilidade de hotéis. Ainda assim, não havia muita diferença entre os dois sistemas. O Sr. Gomma me contratou no mesmo dia da entrevista.

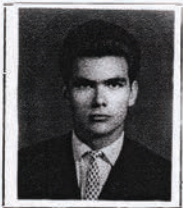
Na sequência, consta o meu registro na empresa de Henrique Gomma, já como procurador autorizado. Note-se que o registro somente foi efetuado 30 dias após o meu ingresso, ou seja após o período de experiência.

Após um ano, ou seja, em 1965, passei a ser sócio, com 7% de participação na empresa Henrique Gomma & Cia Ltda. Metade do valor que precisei para isso me foi emprestado pelo pai de Vania, o Dr. João





1:



31/8/65

Nome *Helmut Guntar TAMUSSINO*

Filiação { Pai *Stefan, Viktor, Thomas TAMUSSINO*
 Mãe *HEDWIG, FLORA, MARIA TAMUSSINO, ULLA POSCHENBURG-OKRÓTNY*

Carteiras { Profissional N. *14864* Série *140*
 Instituto *N*
 Reservista *N*
 Estrangeiro *1707.19* R.G. Nº *6.52.210* F.D. *Acie V-4444*
30022 V-4444

Sindicato a que pertence..... Matrícula n.

Estado Civil *solteiro* Instrução: *Completo* Idade *26* anos

Data do nascimento: *11 de maio de 1938* Nacionalidade *alemã*

Residência *R. Gal. Afonso Pena, 7 - Apto. 1108* Data da admissão *1/11/64*

Quando estrangeiro: { Data que chegou *11/11/60* É naturalizado? *não*
 É casado com brasileira? *não* Tem filhos brasileiros? *não*

Categoria e ocupação habitual *Procurador* Salário *Rs. R. 90.000,00*

Para trabalhar das *7.30* às *17.30* horas com intervalo de *2* horas para refeição e descanso;
 e aos sábados das *8* às *14* horas num total de *44* horas semanais.

Fórmula de pagamento *mensal* Nome dos beneficiários.....

Assinatura do empregado *Helmut Tamussino*

Data *1/11/64* Data da dispensa *31/8/1965* POLEGAR DIREITO

Folho do livro de anotações.....

82. Meu registro na empresa Henrique Gomma & Cia. Ltda., antecessora da E. Tamussino & Cia. Ltda., em 1964.





Soares Palmeira que, para juntar o dinheiro, vendeu sua Rural Willy's, um carro já com vários anos. Ele próprio não dirigia mais e, além disso, Vania e seu irmão Sérgio dividiam um Fusca (VW) que pertencia ao pai. Aos poucos, fui conseguindo pagar o saldo de 3,5% das cotas da empresa para o Sr. Gomma, retirando, mensalmente, parte do meu salário e, ao final, vendendo-lhe o nosso apartamento em Botafogo, depois de nos mudarmos para um novo, também financiado. Naquela época, a empresa era composta pelo casal Gomma, por um assistente de escritório (Nilson de Almeida) e por mim, ou seja, quatro pessoas, cada qual com sua função. A Sra. Gomma foi-se retirando aos poucos da empresa, principalmente depois que eu assumi o trabalho de secretaria, de forma especial o da correspondência internacional. Paralelamente, gerenciava o caixa e o estoque, além de controlar nossos ativos e passivos.

Em 5 de fevereiro de 1965, casei-me com **Vania Marques Palmeira** (nascida em 22 de junho de 1943, no Rio de Janeiro). O casamento foi realizado na pequena Igreja de Nossa Senhora do Brasil, na área residencial da Urca, no Rio. Moramos, durante o primeiro ano do nosso casamento em meu pequeno apartamento tipo conjugado, de um quarto, banheiro e kitchenette, em Copacabana. Vania tinha acabado de se formar em Direito e estava trabalhando como estagiária em um escritório de advocacia, no centro do Rio.

O nascimento de Stefan e Tatiana

Quando Vania e eu estávamos casados havia seis meses, fomos surpresos com a novidade de que Vânia estaria grávida. Embora não tivéssemos planejado isso tão rapidamente, a alegria foi enorme. E, em poucos meses mais, chegou a hora: em 11 de julho de 1966 nasceu meu primeiro filho, **Stefan Viktor Thomas Palmeira Tamussino**, no Hospital Samaritano, se bem me lembro. Era meio-dia quando fui notificado, no





83. Stefan e Tatiana, com a mãe Vania, em uma viagem pelo sul do Brasil, cerca 1972.



84. Stefan e Tatiana brincando de índios, no Parque da Cidade, no Rio, cerca 1972.





escritório, de que deveria ir ao hospital o mais rápido possível. Cheguei a tempo, mas, naquela época, não se tinha permissão para estar presente durante o nascimento, na sala de parto. Ainda me lembro bem quando segurei o garotinho nos braços – provavelmente de modo um tanto quanto desajeitado – e não sabia, realmente, como me comportar. Também meu sogro, Dr. João Soares Palmeira, estava muito orgulhoso de seu primeiro neto, a quem ele passou a amar muito.

Stefan Viktor Thomas recebeu seus três primeiros nomes, escolhidos por mim, em homenagem a meu pai – que seria agora seu avô – o qual tinha o mesmo nome, mas que, infelizmente, não chegou a conhecê-lo. Ele morreu em Mödling, na Áustria, em 1970. Stefan frequentou a Escola Cruzeiro, no Rio de Janeiro, interessou-se por jogar tênis e dirigir carros. Ao terminar o segundo grau, ingressou na PUC – Pontifícia Universidade Católica, no Rio de Janeiro, para cursar economia.

No outono de 1968, deve ter sido setembro ou outubro, Vania e eu fomos passar nossas férias na Europa por quatro semanas. Passamos alguns dias em Amsterdã e lá deve então ter acontecido, pois nove meses depois, em 2 de junho de 1969, nasceu **Tatiana Palmeira Tamussino**, às 10 h da manhã. Escolhemos esse primeiro nome porque amamos a literatura e a música russas e Vania, como muitos jovens naquela época, a política deles. Não lembro mais o nome da maternidade (Casa de Saúde), porque ela já não existe mais. Lembro apenas que ficava no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. Mais uma vez, fiquei muito orgulhoso de segurar a garotinha Tatiana nos meus braços. Naturalmente, os avós João e Alair Marques Palmeira também estavam presentes e muito felizes.

Apenas seis meses antes de Tatiana nascer, Vania e eu havíamos nos mudado para o nosso primeiro apartamento próprio em Botafogo. Era a primeira oportunidade de se conseguir um apartamento com financiamento de quinze anos. Para isso, tive que enfrentar uma fila às 5 h da manhã, onde me deram uma senha (recebi o número 5) para então ser chamado e poder





escolher um dos apartamentos que ainda estavam disponíveis. Consegui um de sala e dois quartos no 9º andar (era um prédio de dez andares) para onde pudemos nos mudar aproximadamente um ano depois. Até então, desde o nascimento de Stefan, morávamos por três anos no apartamento dos meus sogros no Humaitá, porque nosso apartamento de um quarto, em Copacabana, havia ficado pequeno demais para nós três.

Tatiana se tornou uma linda menina e depois também frequentou a Escola Cruzeiro no Rio de Janeiro com Stefan. Mais tarde, Tatiana se interessou muito por esportes e se especializou em vôlei.

Na página 242 estão duas fotos ilustrativas deste tempo maravilhoso! A infância de Stefan e Tatiana decorreu de forma muito harmoniosa, até que aconteceu a minha separação de Vania.

De volta a 1968

Em 1968, pela primeira vez, pude passar férias na Europa com Vania. Era junho e, pouco antes, o Sr. e a Sra. Gomma haviam estado de férias na Alemanha. Assim, ele ofereceu que eu ficasse com o carro que ele havia comprado lá para esse fim e, após cerca de quatro semanas de uso, o colocaria à venda. Dessa maneira, nós dois pudemos usar um carro, pagando menos do que se tivéssemos que alugar um. Nesta viagem, vindos de Berlim, pudemos visitar meu pai em Mödling. De lá, fomos a Munique, onde visitamos minha irmã Ilonka, que na época estava trabalhando em uma empresa de *catering* no aeroporto. Também visitamos meu velho amigo e colega da Escola Técnica de Hotelaria, Franz Bachner, que herdou um hotel e restaurante de seu pai em Mayerling (Baixa Áustria). Ele se alegrou muito com a nossa visita.

Esta foi a última vez que encontrei minha avó. Ela faleceu dois anos depois, em 1970, em Baden, perto de Viena. Também nunca mais vi meu pai, que havia nos acompanhado nessa viagem a Munique. Ele morreu em





4 de janeiro de 1970, em Mödling, devido a uma gripe severa, a qual lhe causou uma insuficiência cardio-respiratória. Papai já sofria de enfisema pulmonar naquela época, como consequência dos seus muitos anos como fumante.

Com Vania permaneci casado por doze anos, até que meu casamento, inicialmente muito feliz, terminou em 1977. Mesmo em processo de separação, conseguimos chegar a um bom acordo quanto à separação de bens, pelo qual transferei nosso apartamento no bairro residencial de Humaitá para ela e permaneci com minha participação na empresa Henrique Gomma & Cia. Ltda., que então já havia atingido cerca de 30%. Apesar da separação, pude manter contato constante com as crianças. Eu apanhava Stefan e Tatiana de manhã, na casa de Vania e os levava para o Colégio Cruzeiro, que ficava perto do meu escritório. Isso garantiu um contato curto, mas constante, com meus dois filhos. Também os finais de



85. Em visita a Franz Bachner, em Mayerling, Áustria. Da esq. para a dir.: minha avó, Flora Wilhelmine von Poschenburg-Okròtny, Vania Palmeira Tamussino, Franz Bachner e meu pai Stefan Viktor Thomas Tamussino, em 1968.

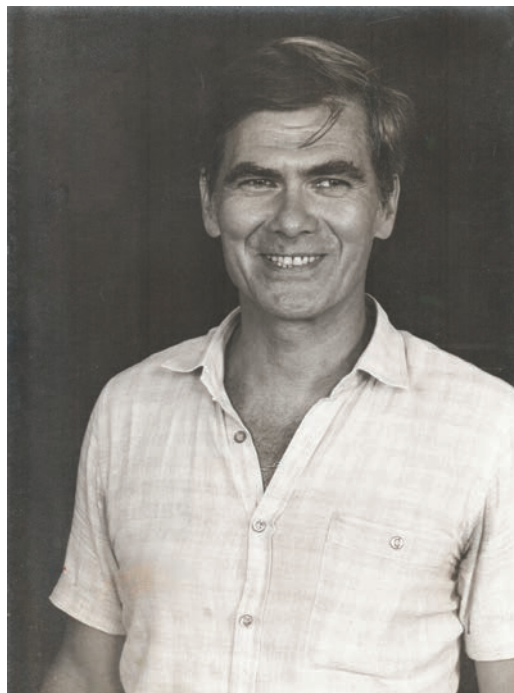




semana geralmente eles passavam comigo. Inicialmente aluguei uma pequena casa na Joatinga (a caminho para a Barra da Tijuca) e, um ano depois, um apartamento em Botafogo, onde morei por cerca de dois anos. O meu relacionamento com Vania se manteve em um nível sempre amistoso. As crianças tinham onze e oito anos quando nos separamos.

Primeiros anos na empresa Henrique Gomma (de 1965 em diante)

Quando entrei como sócio na empresa **Henrique Gomma & Cia. Ltda.**, em 1965, o carro chefe consistia na distribuição de **filmes para raios-X** da marca **ORWO**, da antiga Alemanha Oriental (República Democrática Alemã, RDA). Essa atividade foi a principal razão pela



86. Ekkehart, no Rio de Janeiro, nos anos 1970.





qual o Sr. Gomma precisou de ajuda, pois as vendas estavam crescendo constantemente. Naquela época, estavam disponíveis no mercado brasileiro somente as marcas Kodak e Agfa-Gevaert. Mais tarde, apareceram outras no mercado, como os filmes das marcas Fuji e Sakura. Assim, éramos os únicos a ofertar um produto a preços mais acessíveis do que os demais concorrentes. Embora a qualidade não fosse tão boa quanto a dos filmes da Kodak e da Agfa, com um pouco de esforço e boa vontade, este produto poderia ser muito bem utilizado e, assim, contribuir para a redução dos custos dos clientes.

Às vezes, tínhamos que resolver as reclamações dos clientes, especialmente no Rio, onde, como se sabe, as temperaturas podem subir no verão para mais de quarenta graus Celsius, fazendo com que os banhos de revelação e fixação na câmara escura subissem a uma temperatura muito elevada. Naquela época, não havia máquinas de revelação automática. Estas só chegaram ao mercado em finais dos anos 70 e inícios dos anos 80. Assim, tudo tinha que ser revelado manualmente. As câmaras escuras também não eram resfriadas, e conseqüentemente, ali reinava um calor imenso. Nossa solução, conforme sugestão de um técnico da fábrica de produtos radiológicos ORWO, em Rudolstadt (RDA), foi derramar gelo no banho de fixação para, assim, diminuir a temperatura da água. Com isso resolveu-se o problema e os clientes voltaram a ficar satisfeitos. Com as altas temperaturas no banho de revelação e fixação, o calor fazia com que a emulsão, isto é, o revestimento dos filmes simplesmente escorresse e assim o resultado, o contraste nos filmes de raios-X, se perdia. Pode-se, daí, imaginar a decepção e, frequentemente, a as reclamações dos clientes.

Apesar desses problemas, nossas vendas cresciam constantemente e, em conseqüência, começamos a montar uma rede de distribuição cobrindo todo o Brasil. Tínhamos sub-representantes – nós éramos os representantes gerais da fábrica da ORWO para o Brasil – os quais eram regularmente visitados e atendidos pelo Sr. Gomma e por mim. Como resultado, conheci praticamente todas as capitais de nossos hoje vinte e seis estados federais.





Tínhamos sérios problemas de logística uma vez que o nosso escritório no centro do Rio (Rua Teófilo Otoni, nº 15) ficava no terceiro andar. Isto nos obrigava a ter que buscar o volume certo da nossa mercadoria para as vendas de uma semana em pleno porto do Rio, onde ficavam armazenados em uma câmara frigorífica. Este trabalho era feito por Claudio Gomma, filho de Henrique Gomma, com seu Fusca-VW. Para isso ele colocava no bagageiro do seu carro uma caixa de cada vez, a qual chegava a pesar entre setenta e oitenta quilos, e a transportava para a rua Teófilo Otoni. Chegando lá, nós a retirávamos do carro, abríamos a caixa na calçada, pegávamos os pacotes de filmes de raios-X e os carregávamos pelas escadas até o terceiro andar. De acordo com as regras do edifício, não era permitido transportar cargas no elevador. Essa operação era repetida cinco a oito vezes, conforme necessidade do consumo, e sempre apenas aos sábados, porque não tínhamos permissão para transportar mercadorias pelo edifício durante a semana. Naquela época, o sábado ainda era considerado meio dia útil! Claudio Gomma era, ainda sócio da empresa, com 1% das cotas.

Mantivemos a representação da ORWO de 1964 até aproximadamente 1973, quando a gerência da fábrica – ou, então, alguma decisão política na RDA? – mudou a produção de filmes radiológicos da cidade de Wolfen para Berlim Oriental, onde havia outra fábrica de filmes de raios-X, da marca **SUPERVIDOX**. Para nós, isso se transformou em um desastre, levando nossa empresa para a beira do abismo. Dizia-se que a qualidade de ambas as marcas era igualmente boa e, quando recebemos as primeiras entregas, tínhamos bons motivos para acreditar nisso.

Infelizmente, não era bem assim. Logo após as primeiras entregas aos nossos clientes, fomos chamados por eles com a informação de que os filmes estariam "embaçados" ou "velados" e as radiografias ficavam cinza sobre cinza, o que impossibilitava o diagnóstico. Trocamos imediatamente os pacotes rejeitados por novos, do nosso depósito, mas o resultado foi o mesmo. Em outras palavras, descobrimos que todo o nosso estoque de então, que era de cerca de US\$ 165.000,00 em valor FOB, estava estragado.





Quando informamos a fábrica sobre isso, recebemos a resposta de que eles não tinham outra qualidade de produtos e, com isso, tivemos que parar de importar estes filmes. A conclusão a que se chegou a partir desta situação foi de que os filmes da fábrica SUPERVIDOX não eram "tropicalizados" e, portanto, não podiam suportar as altas temperaturas do Brasil. Isso, apesar do fato de o transporte por navio ser realizado em câmaras frigoríficas, e de que no Rio as mercadorias eram igualmente armazenadas em câmaras frigoríficas a temperaturas entre 8 e 10 graus Celsius.

Após longas negociações no Brasil e na RDA, que o Sr. Gomma conduziu com muita habilidade, recebemos uma compensação que foi dada à empresa na forma de liberação de obrigações de pagamento. Mas agora não tínhamos nada para comercializar, pois 95% das nossas vendas eram de filmes para raios-X. Todo o nosso estoque de filmes danificados foi enterrado nos arredores do bairro do Caju, onde está localizada a Universidade Federal do Rio de Janeiro, por recomendação do governo brasileiro e na presença de representantes da fábrica SUPERVIDOX, do Ministério das Finanças brasileiro, das autoridades aduaneiras e de mim, no ato representando a empresa Henrique Gomma. Afinal, havia sete toneladas de filmes não expostos.

Após essa catástrofe, o Sr. Gomma procurou imediatamente um produto substituto, pois tínhamos uma boa participação no mercado de filmes de raios-X no Brasil e queríamos mantê-la. Depois de algum tempo, ele conseguiu a representação da **ILFORD**, da Inglaterra, com uma qualidade muito boa, para que pudéssemos atender novamente nossos clientes. No entanto, os produtos dessa marca eram significativamente mais caros que os da RDA, cujo câmbio era fechado usando-se a compensação com os créditos das exportações de café, naquele momento de escassez de divisas no Brasil ("Dólar Convênio"). Apesar de tudo, conseguimos manter nossos negócios e alcançar novamente um volume de vendas aceitável. Infelizmente, após dois ou três anos, a fábrica da ILFORD foi vendida para a GESSY-LEVER a qual, como primeira medida, encerrou a produção dos





filmes radiológicos devido à falta de lucratividade desta operação. Agora estávamos novamente sem filmes, mas naquele momento já havíamos incluído outros produtos no nosso portfólio de vendas.

Quando a era dos filmes de raios-X chegou ao fim, na década de 1970, ficou claro para mim que este era um ponto de virada, ou seja, que deveríamos procurar incorporar a representação de novos produtos.

Então decidi procurar novos produtos, mas não mais filmes radiológicos. Escrevi para vários consulados e embaixadas, nos colocando à disposição nas áreas da radiologia e da tecnologia médica. Desta forma, conseguimos a representação de produtos da Itália (tubos para raios-X e acessórios para aparelhos radiológicos, como por exemplo seriógrafos), da Áustria (aparelhos de ultrassom), da Suíça (tubos para raios-X e estabilizadores de alta tensão), da Inglaterra (cabos para alta tensão), da RDA (também de tubos para raios-X) e dos EUA (cateteres e aparelhos de ultrassom).

Desta forma, nós conseguimos trazer a empresa de volta a um nível normal e lucrativo, o que, mesmo assim, levou alguns anos. Durante esse período, o Sr. Gomma decidiu afastar-se gradativamente e vender o restante das suas ações da empresa para mim. Eu já havia atingido o limite de 50% de participação e, para minha sorte, os filhos dele não estavam interessados. O Sr. Gomma nunca havia procurado outros produtos, exceto filmes radiológicos, e delegou a decisão e a inclusão de novos produtos inteiramente para mim.

Passar-se-iam quinze anos, desde 1965 até finais de 1979, para que eu me tornasse o único proprietário da empresa. Eu tinha apenas quarenta e um anos e era já dono de uma empresa em boas condições financeiras e de mercado. Mas, o que eu jamais poderia ter previsto era que, ao final do mesmo ano e devido à catastrófica situação econômica no Brasil, o governo militar tomaria a decisão de inibir as importações, liberando-as apenas por meio de permissões especiais. Todas as empresas de importação receberam uma cota anual. Depois que minha empresa tinha sido bem-





sucedida em 1979 – pois tivemos vendas equivalentes a um milhão de dólares – recebemos, em 1980, uma cota anual de importação de apenas US\$ 70.000,00.

Naquela época, vivia-se no Brasil sob um governo militar. Nossa oportunidade, no entanto, foi que o Brasil havia exportado uma grande quantidade de café para a Alemanha Oriental, o que resultou em créditos que poderiam ser compensados com as importações. Para isso havia o chamado "Dólar Convênio", o qual facilitou as importações como moeda de troca. Todas as outras importações, feitas com dólares fortes, só poderiam ser realizadas após uma demorada aprovação do Banco Central. O Brasil estava economicamente debilitado, na época, porque nossa balança de pagamentos estava continuamente negativa. Um ano depois (1980), o Brasil teve que declarar "Dèfault" – a inadimplência oficializada – situação esta que durou alguns anos e tornou todos os negócios internacionais muito mais difíceis.

Devido às movimentações de mercado, muitas daquelas novas empresas das quais consegui representações para o Brasil hoje já não existem mais, pois foram ou vendidas ou fechadas. Naquele tempo, porém, eu já havia atraído para cá várias representações novas. Além das mencionadas acima, contam-se também a **KRETZTECHNIK** da Áustria, a **ADR-Advanced Diagnostic Research** dos EUA, ambas fabricantes de aparelhos de ultrassom, além de ter conseguido a representação da **COOK**, de Bloomington, Indiana, EUA.

KRETZTECHNIK e ADR-Advanced Diagnostic Research

Motivado pela situação exposta acima, consegui duas novas representações: a da **KRETZTECHNIK**, da Áustria, e a da **ADR-Advanced Diagnostic Research**, dos EUA.





A respeito disso, um pequeno episódio:

Para entrar no mercado, já que, depois da Siemens, éramos a segunda empresa de importação no Brasil a trazer aparelhos de ultrassom para o mercado da tecnologia médica, decidimos importar e exhibir um aparelho completo durante um Congresso Brasileiro de Ginecologia em São Paulo de 1987. Conseguimos uma licença de importação temporária, recebemos um aparelho da empresa KRETZTECHNIK, o qual deveríamos tentar vender no Brasil. Se não obtivéssemos êxito, teríamos que enviá-lo de volta à Áustria. Esse aparelho era um dispositivo enorme que ocupava um espaço de cinco a seis metros quadrados.

A primeira dificuldade após a instalação do aparelho no estande do congresso partiu do próprio comitê médico do evento. Enquanto fazíamos as primeiras demonstrações "ao vivo", com a participação de uma mulher grávida durante o congresso em nosso estande, um médico da organização nos interpelou e nos pediu para interromper esses exames, porque isso „violaria a moralidade"! Hoje as pessoas até iriam achar graça desse tipo de atitude, mas naquela época este era um problema real. Atualmente, em todos os congressos e exposições são realizados procedimentos como aquele, com modelos reais. Com esta proibição, não pudemos fazer nenhuma apresentação naquele momento, mas conseguimos oferecer aos clientes interessados uma demonstração em uma clínica, após o evento. Fechamos um contrato com um cliente – até hoje tenho seu nome em minha memória: **Dr. Mario Dolnikoff** – segundo o qual ele, após um período de carência de seis meses, começaria a pagar suas vinte e quatro parcelas mensais, sem juros. Em troca, ele prometeu que, durante esse período, poderíamos trazer para sua clínica quantos clientes quiséssemos e assim tentar convencê-los da qualidade do aparelho e também oferecer treinamentos para a operação do mesmo, para somente então termos condições de convencer os clientes e fechar uma venda.

Quando eu fiz o relatório sobre tudo o que aconteceu para o Sr. Gomma, o diretor geral da empresa quando o mesmo retornou de uma viagem de





férias na Europa, ele questionou: "Mas Ekkehart, **você** concluiu esse negócio?". Depois que respondi afirmativamente e expliquei os motivos, ele apenas disse: "Para não desfazer o negócio, você assume a responsabilidade desse contrato por toda sua vigência e o garante com sua parte na participação da empresa (na época eu tinha 30%)?" Obviamente concordei, mas deveria ter pedido que o lucro resultante deste contrato fosse destinado 100% para mim. Claro que não o fiz! Por causa desse negócio e da ousada estratégia, vendemos bem mais que trinta aparelhos em cerca de dois anos, os quais, dependendo do modelo, custavam mais de US\$ 30.000,00. Infelizmente, jamais tive uma única palavra de agradecimento, por ter tomado a decisão correta.

O nosso principal vendedor desta linha era um ex-amigo e colega do Hotel Ouro Verde, o qual mencionei anteriormente. Ele passou apenas um ano no Ouro Verde como Assistente do Diretor do hotel, mas seu contrato não foi prorrogado porque, provavelmente, ele não atendeu plenamente às expectativas. Quando o golpe militar ocorreu em 1964, ele me pediu que o escondesse por alguns dias, porque ele trabalhava para um fundo financeiro americano que não estava registrado no Brasil e temia ser responsabilizado, mesmo que ele fosse apenas um simples vendedor. Assim que a agitação dos primeiros dias da revolução terminou, ele voltou à Alemanha com sua esposa Giesela, uma brasileira descendente de alemães, e seu filho Derek.

A propósito, seu segundo filho, Alec, é até meu afilhado. Após cerca de um ano, ele foi para o Chile, onde trabalhava para a mesma empresa. Mais uma vez, ele teve que deixar o país por causa de um golpe militar: o General Pinochet atacou o Palácio de La Moneda, o que resultou na morte do Presidente Allende e começou, no Chile, um governo militar prolongado, sob sua presidência. Meu amigo escreveu para mim daquele país e perguntou o que eu lhe aconselharia: emigrar para a Austrália ou voltar para o Brasil. Isso foi na década de 1970, quando o Brasil estava passando por um *boom* econômico. Eu o aconselhei a vir para cá, pois sua esposa havia nascido no Brasil e a família dela morava aqui.





Ele seguiu meu conselho e trabalhou novamente por algum tempo como corretor de uma empresa financeira, mas desta vez registrada. Infelizmente, a economia brasileira desacelerou alguns anos depois e ele ficou mais uma vez sem emprego. Eu me senti responsável, por assim dizer, porque lhe havia aconselhado a voltar ao Brasil e, assim, decidi contratá-lo para trabalhar em nossa empresa. Primeiro na administração, o que foi um fracasso (eu já deveria saber da sua incompetência desde os tempos do hotel Ouro Verde) e, depois, no comércio, onde ele demonstrou e provou sua competência, tendo sucesso na venda dos aparelhos de ultrassom.

Após cerca de dois anos de boas vendas, nos foi oferecida uma segunda representação, que trouxe para o mercado um novo procedimento para o ultrassom em diagnósticos: as imagens seriam dinâmicas, "ao vivo". Conseguimos vender três aparelhos com antecedência; então, voei para os Estados Unidos com o dinheiro no bolso (era 1977 ou 1978), o que garantiria exclusividade para nós. A empresa se chamava **ADR-Advanced Diagnostic Research** e estava sediada em Phoenix, Arizona. Voei para Los Angeles, onde tinha amigos e onde poderia me hospedar por um ou dois dias, e de lá para Phoenix.

Inesperadamente, no meu segundo dia em Los Angeles, eis que o Sr. Gomma, do Rio, ligou às 2 h da manhã, horário local, para a casa dos meus amigos e queria falar comigo. Naquela época, ainda não havia telefone celular, mas apenas um telefone fixo. Meus amigos acordaram com o toque do telefone e o trouxeram para mim. Achamos que algo de muito sério havia acontecido, pois, quem ligaria para alguém a essa hora e em outro país para discutir algo banal? Quando atendi, o Sr. Gomma me perguntou se eu sabia onde estava o tal vendedor, porque depois de um congresso em Petrópolis, perto do Rio, onde exibimos produtos da Kretztechnik, ele teria desaparecido, não mais voltando ao trabalho e ninguém sabia do seu paradeiro. Ponderei ao Sr. Gomma, como é que achava que eu poderia saber onde estava o tal vendedor, já que eu estava nos Estados Unidos. Também perguntei se ele tinha alguma ideia de que horas eram, o que ele





negou. Eu disse que eram apenas 2 h da manhã. Ele respondeu "Oh! Não!", pediu desculpas e desligou.

O final desta história foi que o ex-amigo havia voado para a Áustria um dia após a minha partida, para informar à **Kretztechnik** que eu, Ekkehart Tamussino, não queria mais representar essa empresa, porque eu estaria assumindo uma representação americana, da ADR. Isso não era verdade, porque naquela época a ADR era a primeira empresa do mundo a produzir o ultrassom dinâmico ("em tempo real") e, portanto, não competiria com a Kretztechnik. Ao contrário, a própria Kretztechnik representava e vendia aparelhos da ADR na Europa. Ele não apenas jamais voltou à nossa empresa, como também levou com ele todos os nossos registros e dados de potenciais clientes de aparelhos de ultrassom. Por isso, tivemos que reiniciar do zero as vendas destes aparelhos. Mas sua alegria durou pouco, porque alguns anos depois a Kretztechnik foi vendida para uma empresa coreana e ele perdeu a representação. Hoje, sua empresa trabalha com cateteres da Alemanha e de algumas outras pequenas representações no Rio de Janeiro. Mas, como mencionado anteriormente, isso encerrou nossa amizade.

Aprendi uma coisa com tudo isso: amizade e trabalho são duas coisas completamente diferentes e que não devem ser confundidas. Eu segui esse princípio desde então.

COOK Inc.

Todos os anos, eu visitava o maior congresso de radiologia do mundo, organizado pela Radiological Society of North America (RSNA), em Chicago, no final de novembro. Em 1975, fiz uma viagem a Nova York para fazer contatos pessoais e fechar novos contratos de representação com outras empresas. Lá, procurei me aproximar de firmas que apresentavam produtos recém-desenvolvidos. Inicialmente, encontrei uma pequena empresa de cateteres de diagnóstico, dos EUA, os quais eram muito pouco





usados no Brasil porque, na época, nossos médicos ainda eram pouco especializados nessa área.

Durante essa viagem, tive uma primeira conversa com o então agente de exportação da empresa **COOK**, um certo Sr. Oscar O'Neill, que era o único representante para a exportação de produtos desta marca em todo o mundo, exceto nos EUA. A empresa foi fundada por William Cook em 1964, em Bloomington, Indiana, onde se encontra até a atualidade, e começou a fabricar cateteres de diagnóstico e fios-guia.

O Sr. O'Neill, parente do então senador americano O'Neill, me recebeu muito bem em seu pequeno escritório em Nova York e me contou que era o único exportador de produtos COOK do mundo. Esta empresa adotava o sistema de vendas diretas da fábrica apenas nos EUA, enquanto para os demais países, usava o sr. O'Neill como seu representante. Antes de tudo, tive que perguntar que tipo de produtos eram, pois eles me foram apresentados como cateteres de angiografia para diagnóstico, acompanhados dos respectivos fios-guia, agulhas de punção etc., aplicáveis de acordo com o novo método Seldinger. Naquele tempo, todo o portfólio deles incluía uma gama de vinte e cinco a trinta diferentes produtos. Então, depois de conhecer o fundador, William Cook, no Congresso de Radiologia de Chicago, em seu estande de exposição de 3x3 metros, aceitei a representação dos seus produtos e voltei orgulhosamente para o Brasil. Em finais de 1975, consegui esta representação para todo o Brasil, com exclusividade!

No primeiro ano depois que assumimos a representação da COOK, atingimos um volume de vendas anual de cerca de US\$ 2.000,00 a US\$ 2.500,00 FOB, portanto, quase nada. Um dia, o Sr. Gomma me disse: "Ekkehart, essa linha não nos traz nada além de trabalho, deixe a representação cair". Bem, eu pensei o contrário e, alguns anos depois, essa linha se tornou nosso principal negócio – e ainda o é até hoje. Felizmente não segui o conselho dele.





Tentamos imediatamente encontrar alguns clientes, mas chegamos à conclusão de que no Brasil apenas alguns médicos, um radiologista aqui e outro ali, começavam a se interessar por essa nova especialidade. Para usar o cateter e poder obter uma imagem dentro do corpo, era preciso injetar um meio de contraste através do mesmo, para que pudesse ser visto em um monitor.

Tudo isso aconteceu entre 1970 e 1979. Fomos a segunda empresa a lançar aparelhos de ultrassom no mercado brasileiro, além de muitos outros produtos inovadores.

A esta altura, em 1979, eu já havia comprado quase 70% da participação da empresa e, em 1º de outubro de 1979, consegui comprar as cotas remanescentes do casal Henmrique e Carlota Gomma. Nesse meio tempo, já havíamos mudado o nome da firma para **Gomma-Tamussino & Cia. Ltda.** e, finalmente, em **1980**, após a aquisição total, a renomeei para seu nome atual: **E. Tamussino & Cia. Ltda.**

Devo relatar, aqui, situações relativas aos produtos COOK que acabaram se repetindo várias vezes: sempre que eu viajava para Chicago, para o Congresso Anual de Radiologia, eu fazia questão de trazer de volta comigo alguns produtos especiais da COOK, porque ou não recebíamos a licença de importação ou a recebíamos com um longo atraso. Mas os clientes não queriam esperar por tanto tempo! Assim, eu tentava socar na mala tantos desses produtos quantos fosse possível, e viajava na esperança de passar incólume pela alfândega. Frequentemente eu tive que usar de muita criatividade, pois eu precisava trazer algumas dessas amostras, as quais poderíamos, então, mostrar aos nossos clientes e assim divulgar, pois ninguém compra algo novo que ainda não conhece. Às vezes, eu precisava explicar às autoridades aduaneiras que esses eram dispositivos médicos que precisavam, primeiramente, ser conhecidos no Brasil, e que a forma encontrada era fazendo dessa maneira. Com essas explicações e considerando que seriam apenas "amostras sem valor comercial", sempre me deixaram passar sem maiores problemas.





O Sr. Gomma e eu trabalhamos muito bem juntos por quinze anos e mantivemos um ótimo relacionamento de trabalho, sempre com elevado respeito mútuo. Também nos encontrávamos em privado com bastante frequência, às vezes para jogar *skat*¹⁴ ou xadrez, outras vezes para jantar. Como relatei anteriormente, quando entrei na empresa, em 1965, ela consistia do Sr. e da Sra. Gomma, de uma secretária (que acabou se casando e se mudou para Porto Alegre) e de um office-boy. Funcionava em um escritório alugado na Rua Teófilo Ottoni, nº 15, salas 301-302, Rio de Janeiro. No final da década de 1970, já tínhamos o escritório principal no Rio de Janeiro e uma filial em São Paulo, com cerca de setenta funcionários!

— • —

¹⁴ *Skat* é um jogo de cartas tipicamente alemão e não tem tradução. Só é jogado e conhecido na Alemanha. No Brasil também é conhecido por descendentes germânicos.





8

**Uma nova fase da
minha vida: Helga e
a empresa E. Tamussino**





8. Uma nova fase da minha vida: Helga e a empresa E. Tamussino

Após minha separação e posterior divórcio de Vania Palmeira em 1982 -na época os divórcios somente eram concedidos após 5 anos de separação ou desquite – conheci, em 1979, Helga Wegermann, nascida em 11 de julho de 1951, em Panambi, Rio Grande do Sul. Ela é filha de Hermann Theodor e Annemarie Magdalena Wegermann. Naquela época, Helga era Diretora do Jardim de Infância da Escola Cruzeiro, no Rio de Janeiro, que era a única escola alemã no Rio. Ela teve que fechar durante a Segunda Guerra Mundial e só foi autorizada a reabrir alguns anos após o término daquele conflito.

Como conheci Helga (1979)

Quando já estava separado de Vania havia quase dois anos, um amigo, Ronald Althuon, ligou convidando-me para jantar. Ele estava comemorando o seu aniversário. Naquela época, eu tinha uma namorada com quem acabara de me desentender e estava deprimido. Por esse motivo, eu não tinha vontade de ir e não queria aceitar o convite; mas meu amigo insistiu e acabei me deixando convencer.

Era 18 de maio de 1979. Ronald havia se casado recentemente no Rio com Beate, natural do Rio Grande do Sul. Estávamos presentes ao todo três





casais, um casal de noivos, o casal Althuon, e eu e uma jovem chamada **Helga Wegermann**.

Já nos conhecíamos de vista, pois Helga, que dirigia o Jardim de Infância da Escola Cruzeiro, tinha Stefan e Tatiana sob seus cuidados. Simpatizamos imediatamente e, nesta noite, a faísca acendeu!

Quando o jantar terminou e íamos sair, Beate perguntou: "E quem vai levar a Helga para casa?". Eu respondi logo que a levaria, para garantir que teria essa chance. Ao mesmo tempo, no entanto, o noivo se prontificou (ele já havia tentado conquistar Helga durante a noite), o que resultou em uma briga entre o casal e que, como eu soube mais tarde, acabou com o noivado. Mas permaneci firme e venci a disputa! Fomos tomar ainda umas



87. Ekkehart e Helga, em 12 de março de 1982, no cartório no Rio de Janeiro, onde confirmamos oficialmente nosso compromisso, que já dura quarenta anos.





cervejas em um restaurante no Leme, perto do apartamento dela, e depois acompanhei Helga até sua casa – apenas até a porta, é claro!

Depois que conheci Helga, em 18 de maio de 1979, não demorou muito e já em setembro do mesmo ano nos mudamos para o meu apartamento alugado, em Botafogo. Estes primeiros anos juntos foram de trabalho árduo, pois Helga dirigia o Jardim de Infância e a primeira série da Escola Cruzeiro e eu trabalhava na empresa, agora já renomeada para E. Tamussino & Cia Ltda. Íamos frequentemente para passar um fim de semana nas montanhas perto do Rio, ou para o sul, para visitar seus pais, em Panambi, no Rio Grande do Sul. Somente depois de termos todos os documentos é que pudemos nos casar no registro civil em 12 de março de 1982. Na época, o divórcio e um novo casamento só eram permitidos após cinco anos de separação, sendo que eu estava separado de Vania desde 1977.

A partir de agora, começaria um tempo maravilhoso para mim e para Helga.

A família de Helga

Helga descende de pais alemães. Seu pai veio da região de Wuppertal e a mãe, de Helgoland. O texto a seguir foi extraído e condensado de uma homenagem, elaborada por um grupo de ex-alunos da Faculdade em que seu pai, Hermann Theodor Wegermann, havia sido professor e diretor.

Hermann Theodor Wegermann nasceu em 10 de abril de 1910 em Barmen-Wichlinghausen, na Alemanha. Era o filho mais velho do casal Hermann Wegermann e Elfriede Luise Wegermann. Seu pai, ex-combatente da Primeira Guerra Mundial, era contador e, em seu tempo livre, dirigente de coral. Sua mãe morreu quando Hermann tinha apenas onze anos.

Hermann entrou na Escola Primária em 1916. Seu pai lhe ensinou música muito cedo. Ele aprendeu a tocar violino, harmônio





e a como dirigir um coral. O pai se casou com Meta Richardt em segundas núpcias.

No início dos anos 1920, a Alemanha atravessava uma grande crise econômica e política, como resultado da Primeira Guerra Mundial. O tio de Hermann, Emil, havia emigrado anos antes para o sul do Brasil e vivia na Colônia Neu-Württemberg, agora chamada Panambi. As notícias mandadas pelo irmão eram tão animadoras, que a família decidiu vender tudo e também emigrar para essa terra tão promissora.

Em 14 de maio de 1924, eles chegaram ao porto de Rio Grande, a bordo do navio a vapor Vila Garcia. De lá, foram para Porto Alegre, onde pernoitaram e, no dia seguinte, partiram de trem para a Estação Belizário. Depois de dois dias de viagem, seguiram com uma carroça puxada por cavalos para a casa do tio Emil, que morava perto de Neu-Württemberg, conhecida como Elsenau. A viagem foi emocionante para os meninos Hermann e Siegfried, mas seus pais ficaram chocados com as condições da Colônia. Eles haviam imaginado um lugar bem melhor e mais desenvolvido. Um retorno à Alemanha era impossível. Então, compraram uma pequena casa na margem direita do rio Palmeira, perto da ponte que ligava Panambi e Condor.

Por alguns anos, eles cultivaram a terra para sua subsistência. A fim de melhorar o padrão de vida da família, eles se mudaram para a Colônia co-irmã de Neu-Württemberg, a Colônia Meyer, agora Erval Seco. Lá, Hermann e seu filho começaram a produzir erva mate, que eles comercializavam em uma venda, na qual também forneciam utensílios domésticos e mantimentos. Ao mesmo tempo, retiravam toras da floresta exuberante da região, que eram serradas e, em seguida, enviadas pelo Rio Guarita até o Rio Uruguai, de onde seguiam em balsas para a Argentina e o Uruguai.

A atividade ervateira e madeireira era muito difícil e de alto risco. Por isso, pai e filho, algum tempo depois, decidiram que o filho retornaria à vila de Sete de Setembro, hoje Condor, para assumir o coro liderado pelo pai, enquanto se preparava para ser professor na comunidade.





O jovem Hermann foi então enviado a São Leopoldo para estudar no Seminário de Formação de Professores. Graças ao ensino na Alemanha e às lições de música do pai, ele passou, depois de alguns meses, no exame final para o exercício do magistério. Em dezembro de 1934, dez anos após a chegada da família ao Brasil, ele foi recebido com elogios pelos professores do seminário. O recém-formado professor Wegermann logo recebeu uma ótima proposta de trabalho, para lecionar no Colégio Evangélico Augusto Pestana, em Ijuí, onde iniciou sua carreira docente.

Após dois anos ensinando matemática, música e ginástica no Colégio Evangélico Augusto Pestana, transferiu-se para o Colégio Católico Cristo Redentor, em Cruz Alta. Lá, no início de 1938, conheceu dois irmãos maristas franceses que o convidaram para acompanhá-los a Europa, o que ele imediatamente aceitou. Na França, ele estudou na École Polytechnique, em Paris. Mudou-se depois para a Alemanha, onde se formou como professor na Universidade Cristian Albrechts, em Kiel.

Durante um estágio na ilha de Helgoland, no Mar do Norte, conheceu Annemarie Magdalena Diedrich, com quem se casou em 8 de setembro de 1942. O casal teve quatro filhos: Dietgard, Horst, Sigrid e Helga.

Sua vida acadêmica na Universidade de Kiel foi interrompida pela Segunda Guerra Mundial, quando ele foi incorporado à Força Aérea (Luftwaffe) como comandante de uma estação móvel de rádio. Durante uma terrível batalha com unidades russas, que estavam em número muito maior e à qual apenas seis dos seus cento e cinquenta comandados sobreviveram, uma granada o feriu gravemente. Foi transferido então para o norte da Alemanha para tratar seus ferimentos. Lá, ele foi preso por soldados aliados e levado para um campo de concentração para prisioneiros de guerra do exército inglês, segundo ele, extremamente desumano. Após a guerra, concluiu seus estudos universitários e foi convidado para dirigir a Abendrothschule, colégio masculino com mais de mil meninos, em Cuxhaven, perto de Hamburgo.





Em 1949, foi convidado por um grupo de panambienses liderados pelo pastor luterano Alfred Simon para retornar a Panambi, onde moravam seu irmão Siegfried e seu pai, já com idade avançada e viúvo pela segunda vez. Deixou então seu bom emprego como professor na Alemanha e voltou ao Brasil para dirigir o recém-fundado Ginásio Evangélico. Foi co-fundador e responsável pela construção do projeto moderno das atuais instalações do Colégio Evangélico Panambi - CEP. Com uma grande visão de futuro para a cidade, começou a organizar e a transformar o atual perfil tecnológico e educacional do CEP com voluntários alemães que atuavam como técnicos para o desenvolvimento. Ao mesmo tempo, promoveu o intercâmbio de professores do CEP com professores de importantes instituições de ensino alemãs.

Em 1957 e 1958, com o apoio de vinte e duas pessoas influentes de Panambi, fundou a Sociedade da Escola Técnica Agrícola (SETAP), na antiga Colônia Modelo. Nesta escola, os filhos dos colonos eram acolhidos e treinados em novas e modernas técnicas agrícolas. Como membro da Sociedade Brasileira de Botânica, participou de várias expedições de pesquisas na Amazônia brasileira. Em 1964, ele promoveu um congresso de ciências botânicas em Panambi, ao qual compareceram botânicos e cientistas de todo o Brasil e um grande número de delegações estrangeiras. Em 1968, o Professor Wegermann idealizou e fundou o Museu e Arquivo Histórico de Panambi (MAHP) no Colégio Evangélico Panambi. Em 1979, o museu e o arquivo foram transferidos para a Secretaria de Educação e Cultura do município de Panambi. Na área empresarial, ele foi fundamental na implementação de uma estrutura turística para a cidade, com a construção do Hotel Elsenau, em estilo bávaro, e do restaurante "Moinho Velho - Die alte Mühle", que ficava perto do hotel. O casal Wegermann reformou meticulosamente este moinho e o transformou em uma atração turística.

Ele atuou por muitos anos como cônsul honorário e representou o Consulado Alemão de Porto Alegre na região. Para desenvolver





Panambi e a região, ele intermediou a elaboração, o encaminhamento e a aprovação de recursos financeiros junto a entidades filantrópicas alemãs para projetos de construção ou ampliação de inúmeras entidades assistenciais na área da educação, da saúde e de associações culturais, recreativas e religiosas. Este cargo consular foi ocupado por sua viúva Annemarie Magdalena até os seus 75 anos de idade, em 1996. Hermann Theodor faleceu em 24 de setembro de 1984. Sua esposa Annemarie Magdalena, em 3 de fevereiro 2001.

O professor Wegermann tinha uma enorme capacidade de liderança e uma conduta muito dinâmica. Seus antigos alunos o descrevem como um grande professor e ao mesmo tempo um ousado empreendedor. A sua obra certamente permanecerá conhecida, admirada e lembrada. O povo de Panambi e principalmente os seus antigos alunos lhe fizeram uma homenagem muito especial no ano do centenário do seu nascimento.



88. O pai de Helga,
Professor Hermann Wegermann

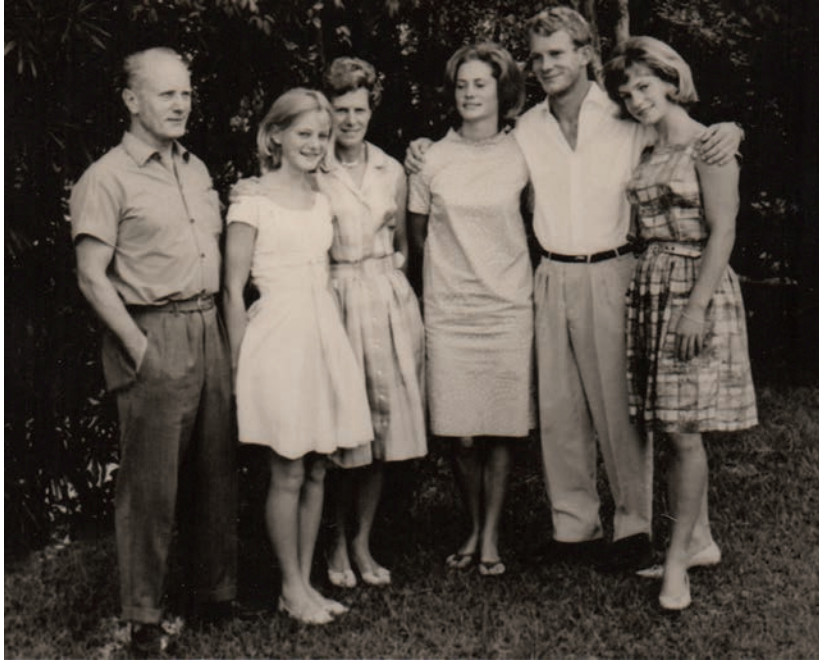


89. A mãe de Helga,
Annemarie Wegermann





E esta é uma foto de toda a família Wegermann, provavelmente em 1964 ou 1965.



90. Hermann Wegermann com sua família. Da esq. para a dir.: Helga, a esposa Annemarie (Diedel), Dietgard, Horst e Siegrid. Data estimada, 1964-1965.



91. Os pais de Helga: Annemarie e Hermann Wegermann, 1980, em Panambi, Rio Grande do Sul, no seu 70º aniversário.





92. Helga e Ekkehart com sobrinhos e com os sogros Hermann e Diedel (Annemarie) Wegermann em Gramado, Rio Grande do Sul, ca. 1982.



93. Annemarie Wegermann, a mãe de Helga, cumprimenta um leão por entre as grades, em Gramado, ca. 1983.





94. As três irmãs Wegermann. Da esq. para a dir.: Dietgard Knorr, Helga Tamussino e Sigrid Lützenrath. Curitiba, ca. 2000.



95. Horst Wegermann, irmão de Helga, em Gramado, Rio Grande do Sul, ca. 2000.





Sempre tive um bom relacionamento com toda a família Wegermann e continuo a mantê-lo.

Michaela

Helga e eu queríamos ter um filho. Assim, tive que desfazer a vasectomia que havia feito alguns anos antes, cirurgia a que me submeti no Hospital Albert Einstein, em São Paulo. Embora o médico tenha me avisado de que a operação não era garantia de ter filhos novamente, estávamos esperançosos. E então, após cerca de seis meses, Helga compartilhou comigo as boas notícias de que estava grávida. Isso foi no início de 1985. Infelizmente, seu pai, que faleceu em setembro de 1984, não chegou a conhecer a nova neta.



96. Helga, Michaela e eu, no Corcovado, com o Rio de Janeiro ao fundo, 1992.





Nossa filha, Karen Michaela Tamussino, nasceu em 10 de outubro de 1985. Minha sogra, Annemarie Wegermann, veio de Panambi para o nascimento de Michaela, para ajudar Helga nos primeiros dias. Eu tinha que voltar ao trabalho, pois agora era o único proprietário da empresa. Mas, desta vez, pude participar do nascimento, ou seja, pude segurar a mão de Helga e esperar com ela até que a menina visse a luz do dia. Nós dois gostávamos do nome Karin e, por isso, nos decidimos por Karen (com “e”); e Michaela, que ambos apreciávamos também, nomes este que, combinados, se transformaram no nome pelo qual a chamamos.

Nós nos divertimos muito com Michaela, a quem chamamos de Micky desde o primeiro dia. Ela foi inicialmente ao Jardim de Infância do Colégio Cruzeiro, dirigido por Helga, no Rio de Janeiro e, no primeiro ano, foi para a Escola Alemã Corcovado. Quando nos mudamos para Curitiba em 1993, a matriculamos na Escola Suíça de Curitiba, para que ela continuasse a ter aulas de alemão. Hoje, Michaela é fluente em alemão e inglês, além do português.

Até nos mudarmos para Curitiba, Helga trabalhou primeiro no Colégio Cruzeiro, no Rio de Janeiro, mais recentemente como Vice-Diretora e, nos últimos dois anos, no Colégio Corcovado (Escola Alemã) como Diretora do Jardim de Infância. Nós nos mudamos do Rio para Curitiba no final de janeiro de 1993.

A aquisição da empresa Gomma Tamussino e sua mudança para E. Tamussino

Com Helga começou para mim um período muito agradável e equilibrado, mas também cheio de trabalho e muito movimentado, principalmente porque até o final de 1979 o Brasil experimentou um "boom" econômico. O ano de 1979 foi particularmente bom para o comércio. Então eu disse a Helga no final de setembro: "Querida, já temos





o dinheiro que ainda devo ao fundador da empresa, Henrique Gomma, e vou pagar-lhe". Naquela época, eu devia ainda cerca de 30% das cotas de participação, 15% de Henrique e 15% de Carlota Gomma. Meu acordo com o Sr. Gomma era de que eu pagaria a ele uma parcela a cada seis meses, calculada de acordo com o dólar americano. A última parcela venceria no final de 1980. Ele estava de férias na Europa e, quando voltou no final de setembro, eu lhe propus quitar a minha dívida e adquirir logo o restante das quotas da empresa. Ele ficou bastante surpreso e me lembrou que eu teria ainda mais de um ano de prazo. Mas eu insisti e lhe disse que já tinha todo dinheiro para isso e ele (é claro) não disse não. Mas eu não queria impor que o Sr. Gomma se separasse fisicamente da empresa assim de imediato e, por consideração, lhe ofereci que mantivesse seu espaço no escritório pelo tempo que quisesse. No entanto, ele não se utilizou dessa oferta por muito tempo.

Posso dizer com todas as letras que esta foi uma das minhas decisões mais acertadas, a de juntar todas as nossas economias – tanto as de Helga quanto as minhas – e assim quitar antecipadamente minha obrigação. A propósito, cerca de três meses depois, ainda antes do final de 1979, o governo decretou uma desvalorização de 30% da moeda brasileira. Caso eu não tivesse tomado aquela decisão ousada, aconteceria que todas as minhas economias em moeda nacional teriam sido desvalorizadas na mesma porcentagem. Caso eu não tivesse liquidado o pagamento em setembro, levaria, certamente, muito mais tempo para pagar minha dívida. Foi pura intuição, inspiração ou como se queira chamar. Ainda me lembro muito bem de que tanto Helga quanto meu irmão Ingo tentaram me impedir de fazer o pagamento antecipado. Mas quando resolvo tomar uma decisão e coloco um objetivo na cabeça, faço-o de qualquer maneira. Alguns chamam isso de "teimosia". Mas, não acho que eu seja assim tão teimoso; ou sou ...?

— • —







9

**A grande crise dos anos 1980
e novos produtos**



MAMÓGRAFO

ETL 500MK



E. TAMUSSINO & CIA. LTDA.
FABRICAÇÃO PRÓPRIA DE APARELHOS E ACESSÓRIOS PARA RADIOLOGIA • CATERRES PARA ANGIOLOGIA E UROLOGIA

ETL 300



CARACTERÍSTICAS DO APARELHO "ETL-300"

- 1. Mesa de comando 300mA - 125kVp, com as seguintes características:
 - Instrumento de medição de tensão, mA e kV, por escala analógica.
 - Selector de KV com regulagem de 2 em 2kV (100V fino) e de 10 em 10 kV (100V grosso), abrangendo a faixa de 20 a 125 kVp.
 - Escala de mA com leitura analógica nas escalas 10 x 100 mA (100 mA) e 50, 100, 150, 200 e 300 mA (300 mA).
 - Filtro e sistema de corte protegido por dispositivos de bloqueio automático, que torna o equipamento "inoperante" automaticamente, caso de superaquecimento da lâmpada de Raio-X.
 - Timer mecânico, regulável de 0,01 seg a 9 segundos, com 11 diferentes posições.
- 2. Transformador de alta tensão, com potência máxima de 500 mA, 125kVp, com ventoinha de resfriamento por refrigeração de água. Sonda de alta tensão para 1" ou 2" porta, incorporada tipo "Vascular Standard".
- 3. Mesa de exame "ETL-90-18", motorizada, movimento 18°. Transportadora, dupla radiométrica, sensor de STRAZZA, com grada 0 a 70 graus, vidro alumínico e escala fluorescente. Cortes de 18 x 24cm em 4 exposições, 24 x 30cm em 8 exposições, 30 x 40cm em 8 exposições e 33 x 33 cm autoalinhada.
- 4. Coluna lateral articulada, sobre trilhas, com freio anti-rotacionário. Movimento da braço giratório.
- 5. Uma ou duas cassetes com ampolas produtoras de Raio-X de vários gradientes, tipo 133-20-80, 100-80 de 1,5-2,0mm, ou optional tipo 155-10-80, foco de 1,2-2,0mm.
- 6. Um ou dois pares de cabos de alta tensão, na medida padrão de 4,47m, com terminal tipo "Federal Standard".
- 7. Dois compressores, sendo 01 um modelo de 17" com motorização por levas de mesa, optional.

ETL 300



PADRÃO INTERNACIONAL DE QUALIDADE
PADRÓN INTERNACIONAL DE CALIDAD
INTERNATIONAL STANDARD QUALITY

E. TAMUSSINO & CIA. LTDA.
FABRICAÇÃO PRÓPRIA DE APARELHOS E ACESSÓRIOS PARA RADIOLOGIA • CATERRES PARA ANGIOLOGIA E UROLOGIA

ETL

RAIO-X TRANSPORTÁVEL



E. TAMUSSINO & CIA. LTDA.
FABRICAÇÃO PRÓPRIA DE APARELHOS E ACESSÓRIOS PARA RADIOLOGIA • CATERRES PARA ANGIOLOGIA E UROLOGIA





9. A grande crise dos anos 1980 e novos produtos

Com o "défaut", ou seja, a desvalorização da moeda, decretada em 1º de janeiro de 1980 pelo então governo militar, essa "inadimplência" ou insolvência teve, conseqüentemente, como já mencionado, uma proibição, ou melhor, a imposição de severas restrições às importações. A partir de então, todas as empresas de importação receberiam uma cota anual, o que no meu caso – agora minha empresa já estava renominada para E. Tamussino & Cia. Ltda. – ficou estabelecida em US\$ 70.000,00.

Desse modo, eu havia assumido uma empresa de importação que não tinha permissão para importar mais do que aquela ínfima cota determinada. Felizmente, a empresa se encontrava, então, em uma posição financeira muito boa; possuíamos boas reservas e um grande estoque, o que me proporcionou, portanto, alguns meses para respirar. Minhas poupanças privadas estavam esgotadas com o pagamento ao casal Gomma, mas minha política de negócios, como, também, a do Sr. Gomma, era: primeiro a empresa e depois nós. E assim, tínhamos reservas na firma.

Durante esse período, Helga sempre me ajudou a cobrir as despesas da casa. Como Vice-Diretora da Escola Cruzeiro, ela ganhava muito bem, o que foi a minha sorte. Além dos pagamentos mensais a Vania, para a





pensão dos meus filhos, não havia dinheiro e, às vezes, até mesmo nisso Helga tinha que ajudar. Vania Palmeira Tamussino, minha primeira esposa, é claro, não sabia disso e entrou com duas ações judiciais contra mim para obter ainda mais dinheiro, o que eu não tinha como cobrir. Um dia, quando Helga estava grávida de nossa filha Michaela e estava saindo para trabalhar de manhã cedo, um oficial de justiça bateu à nossa porta e trouxe uma intimação em meu nome, por causa de um processo.

Embora tivéssemos que lutar muito, pois a crise dos anos 1980 estava a todo vapor, eu tive ainda que contratar um advogado caro para me defender. Foi só quando Tatiana, bem mais tarde, quis trabalhar comigo na empresa, que esse problema pôde ser resolvido.

Algum tempo depois, quando Tatiana já estava atuando no departamento financeiro, ela frequentemente vinha até mim no final do mês para dizer: "Papai estão faltando apenas alguns dias até o final do mês e ainda não temos dinheiro para os salários dos funcionários". Eu sempre pude assegurar-lhe que, se algo estivesse faltando, eu pagaria a todos com o dinheiro disponível na empresa. Meu salário, o chamado "pró-labore", só me era pago depois que todos recebessem seus salários mensais e que os impostos e outras obrigações fossem liquidados. Continuamos a manter este princípio e procedimento até hoje.

O fato de meu casamento com Helga Wegermann ter ocorrido durante esse período talvez tenha sido minha salvação, principalmente quanto ao apoio moral. Quantas vezes, nesses tempos, Helga me ajudou, já que eu não podia pagar meu salário a mim mesmo, tudo isso para manter a empresa funcionando. Mas posso afirmar, com orgulho, que nunca ficamos devendo um centavo sequer aos nossos funcionários e sempre conseguimos cumprir, de alguma forma, nossas obrigações. Meu lema era (e permanece até hoje): primeiro os funcionários recebem seus salários, depois devem ser pagos os impostos e depois os fornecedores. Por último, recebe o proprietário – e somente se houver dinheiro em caixa.





A criação da fábrica de aparelhos de raios-X

Devido à proibição de importação, eu pensava em como manter, desenvolver e expandir a empresa no futuro. Minha primeira consideração foi a seguinte: "Se não se pode mais importar, pois só se obtinha uma permissão de importação para artigos de uso pessoal e de peças para substituição em manutenção, os equipamentos usados tenderiam a se valorizar, criando um mercado paralelo. Então, aluguei um barracão industrial de cerca de quinhentos metros quadrados em Bonsucesso, um subúrbio do Rio, e com a ajuda de um engenheiro mecânico que contratei, passei a comprar equipamentos radiológicos usados, os quais eram desmontados, cromados, pintados e cuja parte eletroeletrônica era totalmente renovada.

Depois disso, calculei que poderíamos continuar vendendo os aparelhos reformados por um valor relativamente baixo, mas com um bom lucro. Infelizmente, esse cálculo não deu certo porque o mercado não reagiu como eu imaginava. Além disso, as ações econômicas do governo militar mergulharam o Brasil em uma profunda crise econômica e em recessão, tornando quase impossíveis as vendas de dispositivos que tivessem maior valor agregado. Nossos principais itens de venda passaram a ser, então, peças de reposição para aparelhos de raio-X, como Écrans, tubos para raios-X, cabos de alta tensão, retificadores de alta tensão, seriógrafos e muitas outras peças. Felizmente, tínhamos muitas peças em estoque no final de 1979. Esta condição nos ajudou a segurar as vendas por alguns meses.

Portanto, tive que continuar procurando uma maneira de sobreviver. Nesse meio tempo, havíamos comprado várias máquinas para a renovação dos aparelhos antigos, como furadeiras, dobradeiras de ferro, tornos, soldadores de metais e, finalmente, um novo sistema de pulverização da Devilbis. Eu também havia contratado dois ex-técnicos da Siemens, que que haviam sido demitidos por causa da crise econômica.





Um pequeno fabricante em São Paulo – a COIMEX, cujo proprietário Sr. **Pedro Passos** me procurou com a oferta para vendermos os seus dispositivos portáteis de raios-X de 30, 50 e 100 mA (miliampéres) e 100 KV, pois ele, assim como nós, estava tendo problemas para vender. Achei a ideia boa, principalmente porque já tínhamos uma rede de representantes espalhados por todo o Brasil. Sugeri que fabricássemos na nossa fábrica as colunas, os tripés sobre rodas e o suporte para os cabeçotes (que contêm o tubo de raios-X), pois já estávamos preparados para produzir estas partes em metal, e apenas compraríamos dele as duas partes principais: o cabeçote e o painel de controle eletrônico. O Sr. Passos concordou, e fechamos um contrato no final de 1981, segundo o qual a **E. Tamussino e Cia Ltda.** compraria vinte dispositivos (cabeçote e painel de controle eletrônico) por mês. Em contrapartida, teríamos exclusividade sobre os seus aparelhos para todo o Brasil.

Contudo, cometi um erro: esqueci – pois éramos completamente novos e inexperientes na venda de aparelhos radiológicos – e desconhecíamos que devido ao verão e às férias escolares, os meses de janeiro, fevereiro e março não são meses para a venda de novos, no Brasil. Em outras palavras, vendemos apenas um aparelho nos primeiros três meses. Mas, de acordo com o contrato, tínhamos que comprar vinte por mês; portanto, no final de março, mandei interromper as entregas, pois tinha cinquenta e nove kits em estoque (cabeçotes e painéis de controle eletrônico).

Naturalmente, o bom homem (eu não podia fazer nada em relação a ele) nos retirou a exclusividade e agora competíamos um contra o outro. A isso se somou um novo problema: depois de as vendas subirem lentamente a partir de abril – comercializamos em torno de cinco aparelhos de raios-X por mês –, após algumas semanas os clientes começaram a reclamar que o cabeçote de raios-X vazava. Este cabeçote estava equipado com um suporte interno, ao qual o tubo de raios-X de anódio fixo era conectado. Em seguida, o cabeçote era preenchido a vácuo com um óleo especial e selado, para que nenhuma gota escapasse, mesmo que o tubo aquecesse e o óleo esquentasse





e, portanto, se expandisse. No entanto, se ocorresse algum vazamento, se formariam bolhas de ar e, assim, logo que uma delas se desprendesse e entrasse no trajeto da emissão do raio-X, o tubo poderia estourar. Eu não queria e não podia me expor a esse perigo. O fabricante em São Paulo, o Sr. Passos, reconheceu cada reclamação imediatamente e pediu para enviar os cabeçotes defeituosos para São Paulo, pois ele os selaria novamente.

Depois que isso aconteceu várias vezes e descobri que mais de 60% de todas os cabeçotes de nosso depósito tinham o mesmo defeito, perguntei ao nosso técnico em radiologia (seu nome era Rodolfo Schmaelter) se esse problema não poderia ser resolvido em nossa fábrica. Ele respondeu que "sim", se tivéssemos uma bomba de vácuo. Dito e feito! A bomba foi comprada da empresa suíça **COMET**. Além disso, o processo de transporte de ida e volta para São Paulo acabou se tornando muito caro. Para economizar nas despesas, eu dirigia meu carro pessoalmente, saindo do Rio às 3h da manhã para estar na empresa do São Paulo às 8h, onde ele recebia os cabeçotes de raios-X e eu os buscava no final da tarde ou no dia seguinte, dirigindo os quatrocentos quilômetros de volta ao Rio. Geralmente retornava entre meia-noite e 1h da manhã, completamente exausto.

Como isso se repetia com frequência e eu, com o tempo, me cansei de dirigir, nos reunimos na empresa e discutimos a situação, principalmente porque as vendas aos poucos estavam aumentando. Por isso, perguntei aos nossos técnicos se eles seriam capazes de fabricar esse dispositivo integralmente, mas com melhor qualidade, o que ambos confirmaram.

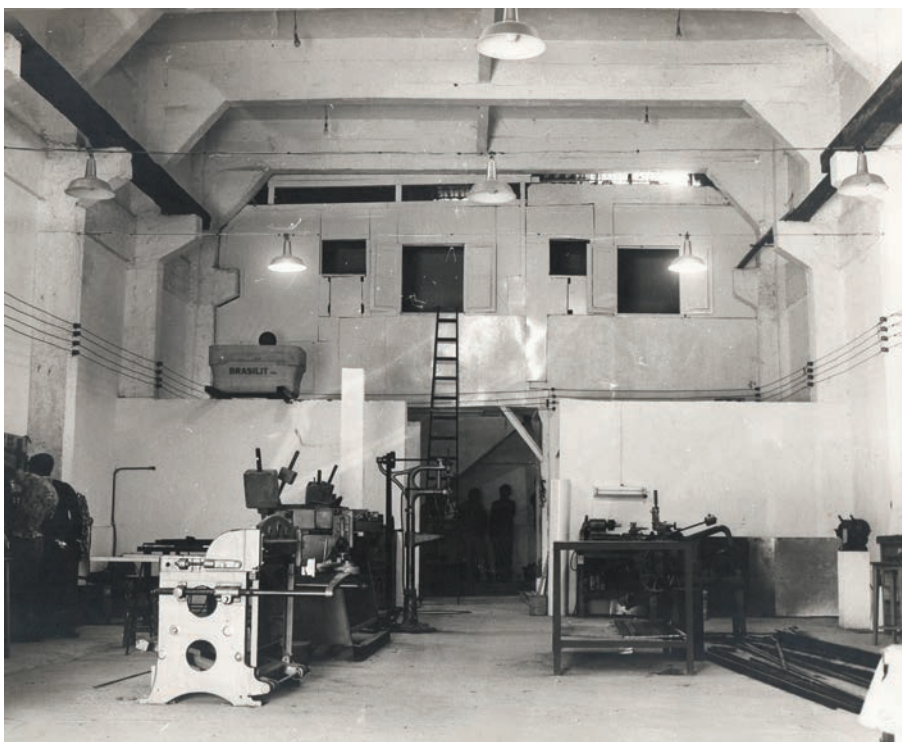
Portanto, começamos a desenvolver e a fabricar um dispositivo semelhante em três versões diferentes, que receberam os nomes ETL-30, ETL-50 e ETL-100, de acordo com a sua capacidade de 30, 50 ou 100 mA (miliampéres). Mais tarde, adicionamos à linha um aparelho de raios-X para a realização de abreugrafias para controle da tuberculose. A seguir, um aparelho de raios-X de 300mA e 125KV com mesa para diagnóstico e, finalmente, um mamógrafo, o primeiro já fabricado no Brasil!

A seguir estão fotos da planta no Rio de Janeiro (1980-1992).





97. Galpão da fábrica, no Rio, onde os aparelhos de raios-X eram produzidos.



98. Vista dos tornos no galpão da fábrica.





99. Galpão da fábrica, onde eram construídas e montadas as máquinas de raios-X.



100. Vista do Departamento de Engenharia Elétrica da fábrica do Rio.





101. Aparelhos de raios-X completamente embalados (ETL-100), aguardando transporte.



102. Avental protetor flexível de chumbo para proteção contra raios-X no Brasil.





Além da fabricação de equipamentos de raios-X, fomos os primeiros no Brasil a produzir aventais de chumbo flexíveis para proteção contra raios-X.

Naquela época, os aparelhos de raios-X para a realização de abreugrafias eram muito procurados no Brasil, porque, de acordo com a lei, todo funcionário tanto de empresas privadas quanto de órgãos públicos para ser contratado tinha que apresentar seu Exame de Abreugrafia. Mais tarde, isso foi alterado para um método de controle mais moderno. Certa vez, vencemos uma concorrência para vender esses aparelhos para o Exército Brasileiro. Acho que eram dez aparelhos, que seriam montados em trailers, que, por sua vez, deveriam ser pintados na cor verde e mostrar o brasão de armas do exército. Naquela época, fui a São Paulo comprar esses trailers de uma empresa e os mandei transportar para o Rio.



103. Aparelho para abreugrafias, montado em trailer, para o Exército Brasileiro.





A seguir, equipamentos de nossa fabricação, produzidos entre 1980 e 1992.



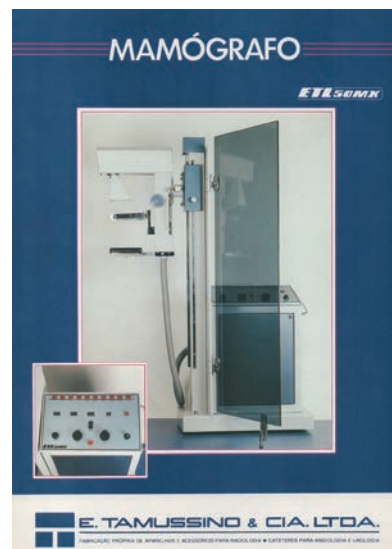
104. Aparelho de raios-X Modelo ETL 100/90.



105. Aparelho de raios-X Modelo ETL 300.



106. Aparelho de raios-X Modelo ETL 300, com mesa basculante.



107. Mamógrafo ETL 50MX.





108. Aparelho de raios-X odontológico ETL 70/10.

Passamos a ofertar e a exportar todos os nossos produtos para vários países da América-Latina, inclusive unidades móveis como, por exemplo, aqueles instalados e montados em Kombis e trailers.



109. Uma Kombi-VW, com um aparelho de raios-X para abreugrafias instalado por nós, chamado Kombi-ETL-200, exportado para o Peru.





110. Aparelho de raios-X para abreugrafias, instalado em uma Kombi-VW.

Obtivemos os tubos fixos de raios-X de anódio fixo da empresa **IAE** de Bolonha, na Itália, e os tubos giratórios de raios-X de anódio da **COMET**, de Berna, Suíça, e da **RÖRIX**, de Rudolstadt, na Alemanha Oriental, esta última, uma antiga fábrica de tubos de raios-X da Siemens. Compramos todos os acessórios para a construção e a manutenção de equipamentos radiológicos na Europa e, entre os anos de 1970 a 1980, conseguimos, lentamente, a representação destas empresas para o Brasil, uma após a outra. O Sr. Gomma nunca havia se interessado por novas linhas, apesar de estas nos garantirem uma renda muito boa entre 1971-1972 e 1979.

Além dos tubos de raios-X, importamos cabos de alta tensão da Inglaterra (**BICC**), folhas amplificadoras de raios-X (Écrans) da Inglaterra (**ILFORD**) e folhas amplificadoras fluorescentes para aparelhos de abreugrafia da Alemanha Oriental. Também obtivemos seriógrafos para aparelhos de raios-X da Itália, retificadores de alta tensão e alguns tubos especiais da Suíça (**COMET**). Enquanto isso, assumimos a representação de aparelhos de ultrassom da **KRETZTECHNIK**, da Áustria, para uso em ginecologia e obstetrícia, bem como em oftalmologia.

Ao mesmo tempo, para não perder a representação do fabricante de cateteres, nos anos 1980 nós passamos a importá-los sob a rubrica "materiais



Vital-Port auxilia o tratamento de câncer

A Etamussino e Companhia — firma especializada na fabricação e venda de aparelhos médico-hospitalares — está lançando um produto inédito no Brasil: o Vital-Port, que auxilia pacientes com câncer no tratamento quimioterápico. Segundo o proprietário da empresa, Ekkehart Etamussino, trata-se de um dispositivo subcutâneo que evita o uso freqüente de injeções nos doentes.

Ekkehart Etamussino disse que o Vital-Port foi importado dos Estados Unidos e custará à empresa investimento de quase US\$ 1 milhão, contando com a comercialização e publicidade. Este produto já começou a ser ofertado aos hospitais que trabalham com pacientes com câncer e o hospital da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) mostrou interesse em comprá-lo.

Etamussino também tinha planos de importar produtos novos na área de radiologia da Chirana — uma empresa tcheca. Mas, em função da atual situação do mercado, foi obrigado a adiar este investimento. "Os produtos da Chirana apresentam boa tecnologia e têm preços competitivos. Acho que os hospitais devem se preocupar menos com sofisticação tecnológica e adquirir aparelhos acessíveis em quantidades que atendam às necessidades internas", afirmou.

No ano passado, a Etamussino e Companhia (Rua Washington Luis, 97, fone 224-3236) atravessou momentos difíceis e, a partir de



Ekkehart Etamussino

julho, sua situação econômica piorou. Ekkehart Etamussino explicou que isto se deveu ao atraso dos pagamentos dos hospitais da rede do Inamps, seus principais clientes. "O Inamps comprou meus produtos a preços defasados, em setembro último, e só pagou a dívida no final do mês passado, sem pagar juros", reclamou.

— Não tive outra saída este ano, a não ser suspender as vendas para o Governo. Prefiro mudar de ramo a deixar minha empresa ir à falência. Atualmente, só vendo para hospitais particulares — disse Ekkehart.

A Etamussino e Companhia teve suas vendas reduzidas a 10% do que era registrado há cinco anos. O faturamento da empresa, no ano passado, ficou em torno de US\$ 2 milhões. Segundo Ekkehart, este valor foi menor

do que se esperava, em função do atraso nos pagamentos do Inamps.

Ekkehart Etamussino "tende recuperar o prejuízo com exportações. De acordo com ele, sua empresa vende equipamentos para a América Latina, mas, atualmente, esta atividade não é feita com tanta freqüência, por isso, Etamussino deseja intensificá-la e visitará países sul-americanos no próximo mês. "Já que o mercado interno vai mal, eu tenho que incentivar o externo, países como Argentina e Chile poderão resultar em boas exportações", afirmou.

A Etamussino e Companhia está há 33 anos atuando no mercado médico-hospitalar, especializada na área de radiodiagnóstico, abrangendo a radiologia intervencionista, pulmonar e pneumologia. Ekkehart disse que foi o primeiro fabricante brasileiro a desenvolver um aparelho de mamografia, mas, não tem consumidores, porque os hospitais particulares preferem os importados e o Inamps compra e não paga.

Além disso, segundo ele, não há campanhas na área de saúde, alertando a população feminina para a prevenção do câncer de mama. "Cerca de 10% das mulheres brasileiras, após os 50 anos, apresentam essa doença", informou.

Segundo Ekkehart Etamussino, a empresa é a única que atua neste ramo no mercado carioca. Ele informou, também, que tem uma filial em São Paulo e vende para todo o Brasil através de distribuidores.

111. Entrevista sobre um novo produto, Vital-Port, lançado pela COOK no Brasil. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1992.

RECURSOS

E. Tamussino tem "know-how" checo para produzir equipamento hospitalar

por Costábile Nicoletta
de São Paulo

A E. Tamussino, fabricante de equipamentos de raios X e mamógrafos, do Rio de Janeiro, assinou um acordo de cooperação tecnológica com a Chirana, estatal da Checoslováquia que produz equipamentos médico-hospitalares. O contrato foi fechado na semana passada, em Praga, e possibilitará à empresa brasileira a fabricação e representação dos produtos da companhia checa no Brasil e na América Lati-

na. De acordo com o presidente da E. Tamussino, Ekkhart Tamussino, a empresa brasileira pretende investir cerca de US\$ 10 milhões na construção de uma nova fábrica, em Friburgo (RJ), para a produção desses equipamentos, possivelmente com financiamento da própria Chirana.

Serão produzidos equipamentos de diagnóstico de radiologia por imagem, tomógrafos computadorizados, máquinas de ressonância magnética e de raios X em arco. Alguns exempla-

res serão importados pela empresa brasileira para exposição em uma feira do setor que acontecerá em novembro, em São Paulo.

"Há planos também de produzir, com tecnologia da Chirana, produtos de esterilização em geral, equipamentos de terapia por isótopos para tratamento de câncer e várias linhas na área de cirurgia", afirma Tamussino.

O acordo com a empresa checa, segundo o presidente da Tamussino, implica também a intermediação de créditos da Checoslová-

quia para financiar a construção de hospitais no País, além da compra de equipamentos médicos. A Checoslováquia, diz Tamussino, compra muito minério de ferro da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e investe cerca de US\$ 100 milhões anuais na construção de hospitais — sobretudo à população de baixa renda — em troca do minério da CVRD.

A E. Tamussino já revende no País cateteres importados dos Estados Unidos e fatura US\$ 5,5 milhões por ano.

112. Artigo sobre os planos para o futuro da empresa E. Tamussino. Gazeta Mercantil, São Paulo, 10 de outubro de 1991.

coletivos para industrialização". A seguir, eram esterilizados, empacotados em embalagens hospitalares, e depois vendidos como "Indústria Brasileira". Este estratagema nos permitiu continuar importando esses produtos como sendo "matéria-prima" básica, indispensável para a produção, com o que conseguíamos contrar as cotas limitadas de importação. Na segunda metade da década de 80, a área de produção da nossa fábrica havia sido expandida para dois mil metros quadrados.

A seguir, uma carta de felicitações da COOK por ocasião do nosso 45º aniversário de existência e pela cooperação de longo prazo entre a **COOK Inc.** e a **E. Tamussino & Cia. Ltda.**, assinada pelo fundador Bill (William) Cook e por todos os seus chefes de departamento.

COOK[®]

Cook Critical Care

P.O. Box 489
Bloomington, IN 47402-0489
Phone: 812 339-2235
Toll Free: 800 468-1379
Fax: 812 355-6204
www.cookgroup.com

August 16, 2004

E. Tammussino & Cia. Ltda.
Matriz- RJ
Rua Washington Luiz, 97
Bairro de Fatima- CEP 20.230-021
BRAZIL

Dear Ekhardt, Tatiana, Stefan and the entire Tamussino organization:

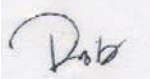
Building a successful business that has meant so much to so many patients and employees for 45 years is a remarkable achievement and the Cook Group companies offer our profound congratulations to you on this significant milestone. Over the years you have been like a sister company to us in Brazil. We all wish you even more success in the years ahead as we enjoy the adventure together.

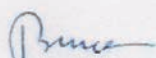
With our very best wishes,

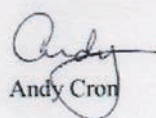

Bill Cook

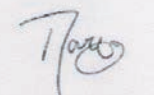

Kem Hawkins


Steve Ferguson


Rob Lyles


Bruce Gingles


Andy Cron


Barry Thomas

113. Carta de reconhecimento da COOK Inc., por ocasião do 45º aniversário de existência da empresa E. Tamussino e pela cooperação entre a COOK Inc. e a E. Tamussino & Cia Ltda., em 2004.

A empresa E. Tamussino recebeu, ainda, vários prêmios pelos seus produtos e pela sua excelente liderança. A seguir, estão fotos de algumas dessas solenidades de premiação.



Três prêmios conferidos à empresa E. Tamussino, no Rio e São Paulo, nos anos 1980.



114. Cerimônia de premiação da empresa E. Tamussino, em São Paulo, como uma das melhores na sua área, na década de 1980.



115. Helga, Tatiana e Ekkehart Tamussino por ocasião de uma cerimônia de premiação da empresa E. Tamussino, em São Paulo, por sua excelência na fabricação de equipamentos radiológicos, nos anos 80.





116. Recebimento de um prêmio em nome da empresa E. Tamussino, como sendo um dos melhores fabricantes de equipamentos na área médica do país, no Rio de Janeiro, década de 1990.



117. Recebimento do prêmio “TOP-10” para empresas da área de produtos de tecnologia médica no Brasil, ca. 2005.





Durante esse período, participamos anualmente de diferentes exposições, apresentando tanto aparelhos de nossa fabricação, quanto produtos da COOK.

Assim se encerrou um período de muita atividade e sucesso, com prêmios como os acima, os quais foram frutos de muito trabalho.



118. Nosso estande com materiais da COOK, em um Congresso de radiologia, em 1987.



119. Estande de exposição com nossos aparelhos de raios-X e com materiais da COOK em um congresso de radiologia, por volta de 1980.





10

Fogo e recomeço
(1992-1993)

COOK®

Cook Critical Care

P.O. Box 489
Bloomington, IN 47402-0489
Phone: 812 339-2235
Toll Free: 800 468-1379
Fax: 812 355-6204
www.cookgroup.com

August 16, 2004

E. Tammussino & Cia. Ltda.
Matriz- RJ
Rua Washington Luiz, 97
Bairro de Fatima- CEP 20.230-021
BRAZIL

Dear Ekhardt, Tatiana, Stefan and the entire Tamussino organization:

Building a successful business that has meant so much to so many patients and employees for 45 years is a remarkable achievement and the Cook Group companies offer our profound congratulations to you on this significant milestone. Over the years you have been like a sister company to us in Brazil. We all wish you even more success in the years ahead as we enjoy the adventure together.

With our very best wishes,


Bill Cook


Kem Hawkins


Steve Ferguson


Rob Lyles


Bruce Gingles


Andy Cron


Barry Thomas



10. Fogo e recomeço (1992-1993)

Em 1992, o fim da crise brasileira já estava à vista, assim como também o fim da produção de nossos equipamentos de raios-X.

Um aparelho de raios-X odontológico foi o último equipamento que desenvolvemos, mas ele não chegou a ser vendido em grandes quantidades. O principal motivo foi que nosso engenheiro de produção não conseguia criar uma estativa contrabalanceada, que sustentasse o cabeçote do aparelho de raios-X em qualquer posição. Naquela época, conheci através da Schlaraffia, no Rio, aquele que seria depois muito meu amigo, Karoly Karvaly, um engenheiro húngaro altamente talentoso, que só pensava em novas invenções e que, com certeza, investia muito dinheiro em ótimas ideias, mas que nunca as realizava comercialmente. Pedi-lhe ajuda e ele logo resolveu o problema de montagem do nosso aparelho de raios-X odontológico. Ele imediatamente notou que a mola de aço estava instalada incorretamente no braço giratório e, portanto, não fornecia a tensão necessária. Óbvio que aquele outro engenheiro não ficou mais por muito tempo em nossa fábrica.

Isso aconteceu em mais um período turbulento, pelo qual o Brasil novamente estava passando. Fernando Collor de Mello tinha assumido a presidência do Brasil no início de 1991 e, finalmente após 10 anos, reabriu o país ao comércio internacional. Assim, se podia importar outra vez, livremente. Contudo, isso significava também que não seríamos competitivos continuando a fabricar no Brasil, já que nossa tecnologia





estava ultrapassada em relação ao mercado mundial. Afinal, haviam-se passado doze anos amargos e difíceis de protecionismo no país em relação ao mercado internacional, sem que inovações técnicas pudessem ser importadas.

O Regime Militar havia chegado ao fim antes disso, em 1985, mas levaria mais alguns anos para que a economia brasileira se recuperasse, aos poucos. O primeiro governo democrático após o Governo Militar foi o do Presidente Sarney, que, Vice-Presidente do Presidente eleito Tancredo Neves, assumiu o cargo após a morte deste. Mas ele foi incapaz de deter a recessão e, depois, de conter a inflação galopante. Seriam, assim, outros sete anos até que o Brasil, sob o Presidente Itamar Franco, conseguisse controlar a inflação, a qual já havia atingido um patamar de desvalorização de mais de 80% ao mês, portanto, mais de 3% por dia útil.

Diante da nova situação, decidimos imediatamente retornar à nossa principal atividade anterior, isto é, focar na importação, que, aliás, sempre havia sido o nosso negócio. Pudemos expandir rapidamente as representações que, durante a crise e com muitas dificuldades conseguimos "segurar", incluindo a COOK Incorporated¹⁵ a qual continuamos mantendo desde 1975-1976, e desta forma consegui recuperar o equilíbrio financeiro e comercial. A decisão sobre o que fazer com a fabricação dos aparelhos de raios-X me foi facilitada em função de um inesperado incidente, o qual será relatado a seguir.

Fogo

Voltando de uma viagem de negócios pelos países do norte da América do Sul, onde tentei vender nossos equipamentos (eu visitava uma

¹⁵ A firma COOK mudou de nome várias vezes nesses cinquenta anos. Começou como COOK Inc. e hoje a principal empresa do grupo, a COOK Medical, é uma das dez ou doze empresas que compõem o COOK GROUP, que é como se chama a holding na atualidade.





vez por ano a Venezuela, Colômbia, Equador e Peru, Chile, Paraguai e Argentina, Helga foi me buscar no aeroporto. Quando perguntei como estavam as coisas, ela disse: "Tenho uma notícia boa e uma ruim; qual você quer ouvir primeiro?". Quando respondi: "Primeiro a ruim", Helga falou: "A fábrica pegou fogo e queimou". "Oh, Deus!", e qual é então a boa notícia?", perguntei a Helga e ela disse: "A boa notícia é que ela não queimou completamente". Depois desse choque inicial, vieram então os detalhes do que havia acontecido.

O sinistro havia ocorrido em um domingo, o único dia em que não empregávamos um vigia diurno (durante todo o resto da semana havia sempre um vigilante na fábrica, 24 horas por dia). Um balão, como lamentavelmente é comum em junho, especialmente no Rio de Janeiro e no norte do Brasil, caiu no telhado de nossa fábrica e o fogo do querosene deste balão caiu justamente sobre uma grade de ventilação. O fogo se alastrou por entre essa abertura no galpão, vindo a cair exatamente onde estava armazenado nosso material de embalagem. Daí esse material pegou fogo e o calor provocou a queda do telhado, que era de Eternit.

A brigada de incêndio foi chamada, mas como não se tinha a chave, foi preciso derrubar o portão. De alguma forma, um vizinho conseguiu avisar um dos chefes de produção da nossa fábrica, chamado Sérgio. Este ligou para Helga, tarde da noite, e se ofereceu para ir com ela até a fábrica, para avaliar os danos. Ela também não tinha chave, mas, de qualquer maneira, o portão já estava derrubado. Não havia muito a fazer, a não ser constatar o que havia acontecido e determinar quais seriam os próximos passos.

De acordo com Helga, quando Sérgio ligou e combinou com ela um ponto de encontro a caminho da fábrica, ela perguntou: "E como eu o reconheço no ponto de encontro?" (isso foi na Tijuca), então ele disse: "Eu sou alto, moreno e meio barrigudo". Foi engraçado ouvir isso, porque no Rio praticamente um terço da população é morena ou marrom-café e, de cada dois, um homem tem barriga. Mas, mesmo assim, eles se reconheceram e foram juntos para a fábrica.





O fogo deixou um grande buraco no telhado, o qual tivemos que cobrir primeiro com uma lona plástica, para proteger o interior da fábrica da chuva. Como se viu depois, o proprietário do galpão (um português) não havia atualizado o seguro da construção (havia duas entradas e dois endereços diferentes) e, como sempre, nesses casos, a companhia de seguros atrasou ao máximo e tentou não compensá-lo. Por sua vez, isso significava que não podíamos mais produzir normalmente. Parte do prédio da fábrica, onde ficava o departamento de montagem de geradores, foi seriamente danificado pela água dos bombeiros e não era mais possível continuar trabalhando lá. Esse trabalho, então, transferimos para terceiros.

Por causa dessa situação, tomei uma decisão importante: como o proprietário não podia consertar o telhado (ou não queria fazê-lo) enquanto não resolvesse sua situação com o seguro, cancelei o contrato de aluguel sem multa e assim conseguimos fechar a fábrica. Colocamos à venda tudo o que era de alguma forma vendável: as máquinas usadas, muitas infelizmente apenas pelo preço da sucata, e encerramos. O escritório foi transferido de volta para a Rua Washington Luis, nº 97, já que a casa era nossa propriedade e nos concentramos outra vez nas importações, principalmente de produtos da COOK. Apesar de todas as dificuldades, continuamos a representar essa empresa desde meados da década de 1970 e conseguimos mantê-la mesmo em tempos de crise, como já mencionado.

MEDRAD

Depois que paramos a produção de aparelhos radiológicos, em 1992, conseguimos nos dedicar totalmente à importação, que finalmente havia sido liberada no Governo Collor. Várias representações foram adicionadas, por exemplo, a empresa **MEDRAD**, que produzia bombas de injeção de contraste, de Pittsburg, nos EUA. Há alguns anos, tínhamos a representação dos aparelhos de diagnóstico por ultrassom da marca **KRETZTECHNIK**, da Áustria, que naquela época usava uma nova técnica de ondas estáticas





de ultrassom. Seus aparelhos foram utilizados com sucesso, principalmente na ginecologia e na obstetrícia, mas também na oftalmologia. Já tínhamos começado a desenvolver essas linhas enquanto ainda produzíamos os equipamentos de raios-X e, após algumas dificuldades iniciais, tivemos bastante sucesso com elas.

No final de 1993 (ou foi no início de 1994?), o diretor de vendas John Tedeschi, da MEDRAD Inc., Pittsburgh, EUA, me ligou para marcar um encontro em algum lugar nos Estados Unidos. Como já relatei, já vínhamos representando também essa empresa desde meados da década de 1970. Quando perguntei do que se tratava, ele disse apenas que gostaria de discutir o desenvolvimento de um projeto comigo. Assim, marcamos um encontro em Miami, onde nos encontraríamos durante vinte e quatro horas. No decorrer da conversa, ele me fez uma oferta para que eu atuasse como diretor de vendas da MEDRAD para toda a América Latina, do México à Argentina, incluindo o Caribe. São mais de vinte e cinco países, sem contar individualmente as muitas ilhas caribenhas.

Pedi a ele um tempo para pensar e voltei para o Brasil. Primeiro, contei para Helga sobre esta oferta, a qual nos proporcionaria nossa independência financeira, principalmente porque a situação no Brasil estava longe de ser positiva e nós, em nossa empresa, estávamos apenas começando a sair pouco a pouco de uma crise relacionada com o encerramento da produção, e com vendas exclusivamente de produtos importados. Estava claro para Helga e para mim, que nessa atividade eu teria que viajar muito e, portanto, a educação de Michaela, que tinha, então, apenas oito anos, e tudo o que dizia respeito à administração de nossa casa, ficaria sob a responsabilidade dela. Depois de algumas idas e vindas, decidimos que eu aceitaria a proposta, mas não por mais de cinco anos.

Consultei Stefan e Tatiana, que já trabalhavam na administração da empresa e eles concordaram em dirigir a E. Tamussino, sozinhos, por cinco anos, sendo que eu permaneceria disponível como consultor, a qualquer momento. Considerei esta oportunidade como sendo um desafio pessoal e,





quando Stefan e Tatiana concordaram, empenhei-me neste novo trabalho com entusiasmo e energia. Outro argumento da minha parte foi que esse novo emprego nos traria alguma independência financeira, já que eu estaria ganhando em moeda americana.

Os cinco anos acabaram se transformando em nove anos e meio, mas nunca me arrependi. Claro que foi um trabalho bastante desafiador e estressante, porque tive, primeiramente, que construir uma rede completa de vendas e serviços em toda a América Central e na América do Sul. O fato de minha vida familiar ter sofrido com minhas longas ausências, já que eu tinha que viajar por seis ou sete meses por ano está fora de questão, mas acho que posso afirmar que Helga conseguiu administrar esse tempo com maestria. É claro que para nós dois a separação foi muito difícil: Helga estava sozinha com nossa filha Michaela em Curitiba e eu, sozinho em algum hotel em uma cidade qualquer da América do Sul ou da América Central, além das muitas viagens a Pittsburgh para o escritório central da MEDRAD.

Uma grande vantagem foi que nunca chegávamos a brigar, porque, quando havia algum atrito - o que realmente era muito raro - eu logo tinha que viajar de novo. E, quando voltava, aquele assunto já havia sido esquecido ou resolvido. Outro fato é que, durante esses nove anos de trabalho na MEDRAD, nos tornamos financeiramente independentes, pudemos usar o dinheiro que ganhamos para construir a casa em que vivemos ainda hoje e fazer reservas que, de outra forma, só teríamos conseguido muitos anos depois.

Quando atingi o patamar de vendas correspondente ao primeiro milhão de dólares, para a Medrad, recebi um prêmio. Infelizmente não ganhei o milhão de dólares, apenas havia conseguido vendê-lo!

Além da MEDRAD e das novas representações, pudemos nos dedicar totalmente à linha COOK e experimentar um período de intensa atividade e grande sucesso, não sem mencionar o apoio de Helga e dos meus três filhos.





11

**Nossa mudança para Curitiba (1993)
e o crescimento da empresa
E. Tamussino & Cia. Ltda.**





11. Nossa mudança para Curitiba (1993) e o crescimento da empresa E. Tamussino & Cia. Ltda.

A partir de 1992, ou seja, após o fechamento da nossa fábrica de equipamentos radiológicos, e com a liberação das importações, as vendas aumentaram constantemente, o que continua até hoje (2020). Note-se que tínhamos um total de cerca de quinhentos aparelhos de raios-X de nossa marca ETL espalhados por todo o Brasil. Nossa principal representação, a COOK, cresceu enormemente e agora está dividida em vários setores: diagnóstico por imagens, hemodinâmica, laparoscopia, endoscopia, cirurgia cardiovascular, unidade de terapia intensiva, ginecologia, obstetria e urologia, sendo que apenas os três últimos não são distribuídos por nós. Hoje podemos dizer, com orgulho, que a E. Tamussino e Cia. Ltda. alcançou e ocupa uma posição de liderança no mercado brasileiro.

O certo é que meus dois filhos do primeiro casamento, **Stefan** e **Tatiana**, por meio de seus esforços, e mais tarde também **Michaela**, do meu segundo casamento, com Helga, contribuíram em grande parte com o fato de a empresa ter crescido tanto e estar indo muito bem.

Stefan cursou a antiga escola alemã chamada Colégio Cruzeiro, no Rio de Janeiro, até se formar no Ensino Médio e, depois, foi para a Pontifícia Universidade Católica, PUC-RJ, onde concluiu com êxito o curso de Economia. Este curso era oferecido durante o dia.

Quando se formou, tentou primeiro conseguir um emprego em um banco. Ele também queria um emprego em um órgão do governo, já que





seu avô (Dr. João Soares Palmeira, advogado) era um representante de longa data dos plantadores de açúcar do Nordeste do Brasil, no Instituto do Açúcar e do Alcool, IAA, no Rio de Janeiro. Finalmente, um dia, Stefan veio até mim (deve ter sido em 1988 ou 1989) e perguntou se havia uma vaga para ele na empresa. Aqui, devo mencionar que, desde 1988-1989, o Brasil estava novamente em uma recessão que durou até 1992.

Coincidentemente, o chefe de nosso Departamento Financeiro tinha acabado de pedir demissão; assim, ofereci esse cargo ao Stefan – que não tinha nenhuma experiência prática. Devo dizer, com orgulho, que ele se desempenhou muito bem, considerando que o coloquei nessa posição sem nenhuma experiência. Seu antecessor o havia orientado brevemente; mas, o que é que se pode transmitir em poucas semanas ou poucos dias? De minha parte, o apoiei e o instruí da melhor maneira possível. Stefan continua a ocupar esse cargo até hoje, tendo assumido toda a administração e a gestão financeira da empresa. Também deve ser mencionado que, quando ele ingressou na firma, tínhamos cerca de setenta funcionários e hoje existem mais de quatrocentos, e que nosso volume de negócios aumentou proporcionalmente na mesma medida. Até a atualidade, ele continua sendo responsável pelo nosso Setor Financeiro, agora como Vice-Presidente de Finanças.

Com **Tatiana** foi um pouco diferente. Como Stefan, ela frequentou a antiga escola alemã, o Colégio Cruzeiro, no Rio de Janeiro, até se formar no Ensino Médio. Depois, ela também estudou na Pontifícia Universidade Católica do Rio, a PUC-RJ, para cursar Direito. Quando Tatiana entrou na universidade, ela me informou que passaria a estudar à noite e que gostaria de trabalhar durante o dia. Isso ocorreu em 1987 quando ela tinha apenas 18 anos, e eu lhe disse que ficaria feliz em ajudá-la a encontrar um emprego. Naquela época, eu já era membro da Câmara de Comércio Brasil-Alemanha e conhecia muitos empresários. Em resposta, Tatiana apenas disse que não era necessário, pois ela já tinha um emprego. Quando perguntei onde, ela disse: "Com você, na sua empresa!". Então minha resposta foi: "Isso pode





ser feito, mas tenho duas condições". Primeiro, ela teria que começar com um Salário Mínimo por mês (na época, equivalente a cerca de US \$ 70,00) e, se ela mostrasse um bom desenvolvimento no trabalho, na posição que eu tinha para ela (no Departamento Financeiro, a posição de caixa tinha acabado de ficar disponível), após três meses ela poderia receber três salários mínimos. Este era o salário do trabalhador que tinha deixado aquele cargo.

Tatiana imediatamente concordou e perguntou: "E qual é a segunda condição?". A segunda, respondi, era que ela falasse com sua mãe, Vania, e convencê-la a abrir mão dos dois processos contra mim, já que não faria sentido que fossem levados adiante. Diante desta condição para que ela pudesse vir para este emprego, ela deve ter convencido a mãe dela pois, cerca de duas semanas depois, os processos foram arquivados. Tatiana pôde, assim, assumir seu emprego, enquanto eu, aliviado, voltei a recuperar o fôlego.

Quando Tatiana tinha mais ou menos vinte e um anos, ela achou que tinha que sair da casa da mãe e queria casar. Foi quando se casou com Roberto Martins Costa. Tanto eu quanto sua mãe, Vania, tentamos convencê-la a esperar, mas nossos esforços foram em vão. Ela não se deixou convencer. Como resultado, depois de pouco tempo, o casamento terminou, porque Tatiana era simplesmente muito jovem e inexperiente. Felizmente, eles não tiveram filhos, assim a separação ocorreu de modo relativamente tranquilo.

Cerca de um ano depois Tatiana mudou do Departamento Financeiro para o Departamento de Importação e, depois de mais dois anos, o cargo de Gerente do Departamento de Vendas ficou vago e ela se candidatou a esta posição. Nessa ocasião eu lhe disse: "Tatiana, você tem apenas vinte e um anos e eu realmente me preocupo que você consiga liderar um grupo de vendedores experientes, sendo que são todos muito mais velhos que você". Ela pediu um prazo de experiência de seis meses, após o qual entregaria o cargo se não conseguisse dar conta. Hoje tenho que admitir que, em quarenta anos, nunca tive um Gerente de Vendas melhor do que ela.





Como Helga e eu nos decidimos por Curitiba

Depois de viver harmoniosamente com Helga por quarenta anos, nossa vida a dois se aprofundou cada vez mais e só posso dizer que não me arrependo de nada. Ao contrário, só posso agradecer pelo fato de, um dia, ter encontrado Helga.

Helga e eu nos mudamos para Curitiba com nossa filha Karen Michaela em 1993, porque simplesmente não aguentávamos mais a agitação e a insegurança do Rio.

Mas, como e por quê Curitiba?

Aconteceu assim: Passamos os dias de carnaval de 1992 na praia de Bombinhas, Santa Catarina, onde a família Knorr (Dietgard, uma das irmãs de Helga, e seu marido Eugenio) tinham uma casa de praia. Os filhos de Dietgard e nossa filha Karen Michaela (a chamamos de Michaela



120. Helga e Ekkehart nos anos 1990, em Curitiba.





ou, simplesmente, Micky) ainda eram pequenos e desfrutavam da praia. Um dia, surgiu a conversa de que estávamos pensando em nos mudar do Rio devido à crescente falta de segurança. Então meu cunhado Eugenio disse: "Então, se mudem para perto de nós, em Porto Alegre". Não gostei muito dessa sugestão, porque Porto Alegre está localizada no extremo sul do Brasil e muito longe do centro comercial e econômico do país. Mesmo seu argumento de que São Paulo poderia ser alcançada de avião de Porto Alegre, em cerca de uma hora e meia, não me convenceu. Afinal, nosso principal mercado fica no sudeste, no triângulo Rio-Belo Horizonte-São Paulo. A distância entre Rio e Porto Alegre é de 1.600 quilômetros. Então ele disse: "Neste caso, por que não Curitiba? Isso fica exatamente a meio caminho entre o Rio e Porto Alegre". Isso já nos agradou mais.

Quando voltamos ao Rio, Helga e eu discutimos essa sugestão com mais detalhes e achamos que valia a pena fazer uma viagem exploratória. Então, planejamos ir de carro a Curitiba durante as férias escolares de julho do mesmo ano, por duas semanas, e ficamos em um hotel para "descobrir" a cidade.

No segundo dia, Helga mencionou que, havia cerca de vinte anos, ela tinha uma amiga com quem estudou no sul, mas que morava em Curitiba. Eu perguntei qual era o nome dela. "Christiane Isenberg", respondeu Helga, mas ela certamente teria um sobrenome diferente, porque já devia estar casada. Peguei a lista telefônica – que naquele tempo ainda estava disponível em todos os quartos de hotel – e verifiquei. Isenberg estava lá e havia um "C" maiúsculo atrás desse sobrenome. Então eu disse a Helga: "Só pode ser sua amiga, vamos ligar". E era ela. Ela não estava em casa naquele momento, mas alguém pegou o telefone e deixamos uma mensagem. Logo depois, ela ligou de volta e perguntou: "É você, Helga? Porque eu só conheço uma Helga e ela é de Panambi!" Bem, nos conhecemos logo depois e, com a ajuda de Chris, fomos apresentados a muitos de seus amigos na cidade.

As duas semanas em Curitiba foram caracterizadas por um clima maravilhoso: névoa e ar fresco cedo de manhã, um sol lindo e





agradavelmente quente por volta do meio dia e, à noite, novamente fresco. Depois das férias, voltamos ao Rio e decidimos nos mudar para Curitiba no início de 1993. É compreensível que isso não tenha sido tão simples quanto se escreve.

Antes de tudo, perguntei novamente a Stefan e a Tatiana se eles enfrentariam o desafio de administrar sozinhos a empresa (ou seja, a Sede no Rio) – pois eles já trabalhavam na firma havia alguns anos – e se concordavam que eu abrisse uma filial em Curitiba, depois que tivesse me instalado nessa cidade. Naquela época, além do escritório no Rio, só tínhamos uma filial em São Paulo, desde 1977. Eles concordaram, pois seria um certo desafio para ambos e a chance de mostrar que seriam capazes de administrar a empresa por conta própria, ou seja, sem a minha presença diária; mas eu sempre estaria disponível por telefone. Foi bem nesse tempo que surgiu o fax, o que beneficiou muito a comunicação.

Assim, Helga, Michaela e eu nos mudamos para Curitiba em 29 de janeiro de 1993. Antes, alugamos a terceiros e por um ano nosso apartamento no Rio e ao mesmo tempo alugamos um apartamento para nós na nova cidade, também por um ano. Depois desse período, decidimos vender nosso apartamento no Rio e comprar um em Curitiba. O fato de nosso inquilino no Rio não ter pago o aluguel por nove meses, num período de um ano, não nos deu escolha a não ser deixá-lo ir para termos o apartamento de volta.

Nós nos adaptamos a Curitiba rapidamente, graças ao fato de termos conseguido matricular Michaela na Escola Suíça, na qual, todos os pais que se interessam em ensinar alemão aos seus filhos, os matriculam. Também para Micky não foi um grande problema de adaptação. Assim, pudemos construir um novo círculo de amigos com os colegas de classe de Micky e seus pais, que hoje (depois de vinte e sete anos) é muito maior do que nos trinta e dois anos em que vivíamos no Rio.

Nunca lamentamos essa mudança. Em uma pequena sala do novo apartamento montei um escritório, de onde comecei a ligar para os clientes





e a visitá-los. Depois de mais ou menos seis meses de trabalho, eu já tinha tanto a fazer, que Helga me deu um ultimato: eu precisaria alugar um escritório de verdade imediatamente ou ela me deixaria sentado à porta (isso foi só uma brincadeira), porque as ligações não paravam mais e ela não conseguia fazer seu trabalho, pois na maior parte do tempo eu estava visitando clientes. Bem, levei isso a sério e, já no ano seguinte, aluguei um escritório e abri a filial da E.Tamussino & Cia. Ltda. em Curitiba. Como havíamos fechado, um pouco antes, a nossa fábrica no Rio, que até então era a Filial nº 2, esta referência foi passada para a unidade de Curitiba, a qual recebeu no CNPJ o nº de filial 2. Isso aconteceu em 1994.

Agora, começava uma nova era para a empresa, com o crescimento e a expansão da nossa principal linha, a COOK, e com o estabelecimento



121. Meus três filhos e eu: Michaela, Stefan e Tatiana comemoramos juntos os quarenta anos da empresa, em 1999.





122. Minha visita à empresa COOK Inc., em Bloomington, Indiana, EUA, com meu filho Stefan, ca. 2009.



123. COOK: Uma vista do imponente edifício da COOK Inc. em Bloomington, Indiana, EUA.





de novas filiais do norte ao sul do Brasil. Em 1999, comemoramos o 40º aniversário da empresa E. Tamussino & Cia. Ltda.

Após o Ensino Fundamental, matriculamos Michaela no Colégio Santa Maria, onde ela se formou no Ensino Médio. De lá, foi diretamente para o Centro Universitário Curitiba, onde estudou Relações Internacionais e recebeu seu diploma quatro anos depois.

Desde que **Michaela** iniciou seus estudos universitários, ela começou a trabalhar na Filial Curitiba. Nesse meio tempo, ela fez um estágio de seis meses na empresa Gemü, em Künzelsau, perto de Stuttgart, na Alemanha, e depois finalizou seus estudos em Curitiba. Logo depois, mudou-se para o Rio para montar e gerenciar o Departamento de Marketing na nossa sede. Além disso, concluiu o MBA em Economia de Mercado e Marketing na Fundação Getúlio Vargas, FGV. Desde então, Michaela trabalha tão bem que gerencia perfeitamente todo o Departamento de Importação e Marketing, com cerca de vinte funcionários. Hoje, Michaela dirige os Departamentos de Marketing e Importação em nossa sede, no Rio, como Vice-Presidente da empresa, junto aos seus dois irmãos.

Agora, atuo apenas como Presidente do Conselho Familiar da Empresa. Mas, com mais de cinquenta anos de experiência, ainda posso dar bons conselhos para que meus três filhos possam administrar a empresa praticamente por conta própria.

Por mais de quinze anos, os três me acompanham em viagens ao exterior para os vários congressos, exposições e empresas que representamos no Brasil.

Na página anterior, uma foto minha com meu filho Stefan, quando visitamos a empresa COOK, em Bloomington, Indiana, EUA.

Agora é assim: que todos os três viajam sozinhos e às vezes eu posso acompanhá-los!

Enquanto isso, sob a liderança de Tatiana, continuamos a expandir nosso Departamento de Vendas, o qual continua funcionando muito bem até hoje. Como a filial de São Paulo cresceu lenta mas constantemente,





Tatiana se mudou para lá em 1996 ou 1997. Lá ela conheceu o Dr. Sérgio Roll, conhecido cirurgião por laparoscopia (hoje também nosso cliente). Dessa relação nasceu meu neto Rodrigo Tamussino Roll, em 24 de janeiro de 1998. Tatiana ainda ficou em São Paulo por cerca de três anos, antes de voltar para o Rio. Voltar foi, certamente, sua melhor decisão, porque tanto o menino quanto ela viveram novamente no círculo familiar da avó e mãe, até que ela pudesse montar seu próprio apartamento.

Demoraria mais alguns anos, antes que ela encontrasse um novo parceiro: Dr. Marcelo Ferreira, também médico, cirurgião e especialista vascular. Agora eles já estão juntos há mais de doze anos. Eles se casaram em 29 de setembro de 2007. Em 25 de março de 2009, no Rio de Janeiro, nasceu seu filho Thiago. Marcelo também tem três filhos de seu primeiro casamento (Bernard, Marcela e Felipe) e assim eles cuidam de cinco filhos ao todo. Os filhos de Marcelo moram a maior parte do tempo com a mãe, só vêm de visita no fim de semana, pois já são maiores. Felipe é cerca de um ano e meio mais velho que Rodrigo e os dois acabaram se tornando bons amigos.

Atualmente, Tatiana é a Diretora Comercial da empresa e gerencia a compra e a venda de todos os produtos que comercializamos. Afinal, hoje ela lidera um grupo de aproximadamente cento e cinquenta pessoas, divididas entre vendedores e gerentes de produtos, espalhados por todo o Brasil.

Stefan também trabalha muito bem como Diretor Financeiro e mantém o controle financeiro da empresa firmemente em suas mãos, com cerca de 30 pessoas sob seu comando.

Desde março de 2008, Michaela está no Rio, em nossa sede, como Diretora do Departamento de Marketing e Importação e assessorando Tatiana no departamento de importação. Assim, Helga e eu agora moramos sozinhos em Curitiba.





12

**Sobre a matriz e as
atuais nove filiais
da empresa**





12. Sobre a matriz e as atuais nove filiais Da empresa

Quanto à empresa, muita coisa aconteceu desde 1992, tanto na economia brasileira quanto em nossa firma, que nesse meio tempo cresceu e hoje tem sua sede no Rio e nove filiais (São Paulo, Curitiba, Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte, Florianópolis, Ribeirão Preto, Salvador e Brasília). Atualmente, empregamos cerca de quatrocentas pessoas.

A matriz, no Rio de Janeiro (1959)

Como mencionado, nossa sede ficava no centro do Rio de Janeiro, na Rua Teófilo Otoni, pois foi por lá que a empresa Henrique Gomma teve seu início. A empresa foi fundada em 1959 com o nome Henrique Gomma e Cia. Ltda. A partir de 1979 foi renominada para E. Tamussino e Cia. Ltda., a nossa marca atual.



124. Logomarca da empresa E. Tamussino.





125. Inauguração do prédio na Rua Washington Luis, nº 4, com placa comemorativa, 2008.



126. Inauguração do novo prédio, em 2008: Ekkehart, Dr. Marcelo Ferreira e Tatiana Tamussino Ferreira.



127. Inauguração do novo prédio na Rua Washington Luis, nº 4.

Na frente, da esq. para a dir.: Ekkehart, Michaela e Stefan Tamussino; atrás Dr. Marcelo Ferreira, Tatiana Tamussino Ferreira e Helga Tamussino.





Já nos mudamos três vezes: a primeira em 1969, para a Rua Washington Luis, nº 97; depois para a mesma rua, nº 4, e, finalmente, em 2018 para a Rua do Senado, nº 260, também no centro da cidade. Enquanto isso, foram criadas várias filiais.

A seguir, fotos da inauguração do nosso prédio à Rua Washington Luis, nº 4, para o qual nos mudamos em 2008 e onde permanecemos até 2018.

Neste edifício de aproximadamente 1.500 metros quadrados, só podíamos acomodar os setores de administração e de vendas. O depósito permaneceu no antigo prédio da Rua Washington Luis, nº 97, demolido em 2019.

Por esse motivo, tivemos que construir um novo prédio na Rua do Senado, que, finalmente, nos provê o espaço necessário, 4.000 metros quadrados de área útil, divididos em três andares. Foi concluído e inaugurado em 2018.



128. Os dois prédios no Rio de Janeiro: à esquerda, a nossa nova sede desde 2018 e à direita o da Rua Washington Luís, nº 4, de 2008 a 2018.





A filial nº 1: São Paulo (25 nov. 1979)

Após nossa experiência com filmes para radiografias, adicionei ao nosso portfólio algumas linhas de acessórios para radiologia, incluindo, entre outros, tubos de raios-X das marcas **RÖRIX** (da Alemanha Oriental) e **COMET** (da Suíça). Para mim estava claro que só seria possível entrar no mercado de São Paulo, o principal do país, se eu abrisse um escritório de vendas nesta cidade. Mas, primeiro, eu queria conquistar alguns clientes para garantir esse investimento. Os principais clientes de tubos de raios-X e de acessórios radiológicos eram técnicos em radiologia, e tinham suas empresas principalmente em São Paulo.

Meu maior concorrente era uma empresa de importação no Rio, cujo proprietário era um suíço conhecido como Fritz. De todos os clientes com quem entrei em contato e aos quais ofereci meus produtos, recebia a mesma resposta: "Eu já recebo esses produtos do Sr. Fritz". Para combater isso, decidi visitar os clientes pessoalmente. Assim, arrumei no carro tudo o que tinha para oferecer – eu dirigia então uma Variant-VW – e saía do Rio às 3h da manhã para chegar a São Paulo entre as 8h e as 8h30. Já no primeiro cliente, ouvi a resposta bem conhecida: "Encomendei tudo do Fritz, que também me fornece condições de pagamento etc.". Quando perguntei: "E do que você precisa nesse momento?", recebi a resposta: "Um tubo de anodo fixo, modelo tal e tal". Pedi a ele cinco minutos, fui ao meu carro, peguei o modelo desejado e o trouxe para ele. Portanto, "entrega imediata!". Dessa forma, ficava difícil para o comprador dizer não. E quanto ao seu comentário sobre a forma de pagamento, minha resposta foi: "Vou lhe dar as mesmas condições que o Sr. Fritz". E assim eu já havia conquistado o meu primeiro cliente. Dessa maneira, consegui lentamente angariar alguns compradores para os produtos da empresa.

Quando, em 1976, meu irmão Ingo Tamussino decidiu se mudar de Mödling para São Paulo, montei em seu apartamento primeiramente um





pequeno depósito dos tubos de raios-X mais procurados. Toda a vez que um cliente ligava e perguntava sobre o preço e a disponibilidade de um desses tubos, eu tinha condições de atendê-lo, pedindo que ele fosse ao apartamento de meu irmão, depois das 19h, e retirasse o tubo. Ingo teve a gentileza de, à noite, depois de chegar em casa da Fábrica de Tapetes Bandeirante, onde trabalhava, entregar esses tubos aos clientes, com um recibo de confirmação de retirada. Em seguida, eu enviava a fatura ao cliente, por correio.

Dessa forma, nosso círculo de compradores aumentou aos poucos e eu pude pensar em abrir uma filial em São Paulo. Isso aconteceu quando meu irmão decidiu se mudar do seu apartamento na Alameda Santos para uma casa no bairro da Moóca, na Avenida Paes de Barros. Concordamos que ele usaria o andar superior para sua moradia e que eu montaria meu escritório e um pequeno depósito, no térreo.



129. Ingo Tamussino, em pleno trabalho na nossa recém criada filial em São Paulo, ca. 1980.





Este foi o início da nossa primeira filial, em 1977, com quatro ou cinco funcionários. Hoje, são mais de cento e vinte, entre vendas e administração.

Depois de nos mudarmos também três vezes em São Paulo, compramos um prédio de quatro andares na Avenida Paes de Barros, há uns cinco ou seis anos atrás, onde pudemos acomodar todos os nossos funcionários e nosso depósito. Hoje, como já relatei, nosso principal negócio é a linha COOK, com cateteres para diagnóstico e acessórios em vários campos de aplicação, bem como aparelhos para uso em laparoscopia da marca Richard Wolf e para endoscopia da marca ERBE, os quais importamos da Alemanha.

Por fim, gostaria de mencionar que o Sr. Gomma nunca chegou a visitar a filial de São Paulo, e jamais perguntou sobre o sucesso da mesma, até o momento em que deixou a empresa. Afinal, o Estado de São Paulo tem 45,5 milhões de habitantes e é um dos Estados mais densamente povoados do Brasil, com 248.209 quilômetros quadrados e estima-se que represente 40% de todo o nosso mercado.

Filial nº 2, fábrica no Rio de Janeiro (4 dez. 1908); depois, filial Curitiba, Paraná (1994)

A filial nº 2: era, inicialmente, a fábrica que tínhamos no Rio de Janeiro (4 dez. 1980), a qual depois se transformou na filial de Curitiba, Paraná (1994)

A segunda filial era, na verdade, o galpão da fábrica que aluguei pela empresa no bairro de Bonsucesso, no Rio, em 1980, e onde construí passo a passo toda a nossa produção de equipamentos radiológicos. Depois que tivemos que fechar a fábrica, já com 2000 m² em 1992, usamos a mesma indicação fiscal para abrir uma filial em Curitiba. Sobre os motivos desse fechamento já relatei anteriormente.





Nosso representante no Paraná, na época, não era muito ativo, e depois que Helga e eu decidimos nos mudar para Curitiba em 1993, era lógico que tínhamos que testar o mercado antes de abrir ali uma filial. Inicialmente, como já contei anteriormente, alugamos nosso apartamento no Rio a terceiros e alugamos para nós um correspondente em Curitiba.

Logo após os primeiros seis meses, tornou-se evidente que havia ali um bom mercado, com espaço para expansão. Abrimos, assim, a Filial nº 2, no início de 1994. Até então, eu tinha gerenciado todos os contatos e vendas a partir do nosso apartamento alugado. Embora Curitiba, para os padrões brasileiros, seja uma "pequena" cidade grande, com quase dois milhões de habitantes, a filial se desenvolveu bem. Apesar de ser a menor filial em termos de volume de vendas, ela atende a um mercado cada vez mais importante, com boas perspectivas para o futuro. Afinal, o Estado do Paraná tem 11,4 milhões de habitantes.

A filial nº 3: Recife, Pernambuco (8 nov. 2000)

Durante vários anos, ficava gradativamente mais claro para nós, que o nordeste do Brasil é um mercado importante, difícil de atender e conquistar, levando em conta uma distância de 3000 a 4.000 quilômetros do Rio de Janeiro. Através do contato com uma empresa com a qual trabalhamos por alguns anos, contratamos a Sra. Marcia Nigro como Gerente da Filial de Recife. Ela ocupa esse cargo desde 2000. Logo depois, contratamos a Sra. Ana Lúcia Cavalcanti como Gerente de Vendas, sendo que hoje trabalham ali quase trinta pessoas. Ao olhar o mapa do Brasil, pode-se ver toda a extensão da área do Nordeste. Afinal, ela compreende nove estados, com uma população de aproximadamente 53 milhões de pessoas. Depois, mais ao norte, começam o Estado do Pará e toda a Região Amazônica, mas ambos têm uma densidade populacional relativamente baixa.





**A filial nº 4: Porto Alegre,
Rio Grande do Sul (25 nov. 2004)**

O sul do Brasil, que fica igualmente a cerca de 1.600 quilômetros (ao sul) do Rio, logo demonstrou a necessidade de um escritório local. Em novembro de 2004, abrimos a Filial nº 4, em Porto Alegre, uma cidade com cerca de 2 milhões de habitantes. O Estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil, com cerca de 9 milhões de habitantes, faz fronteira com o Uruguai ao sul e com a Argentina a oeste. Ali, também, ficou cada vez mais evidente que seria preciso instalar uma filial, considerando a extensão deste Estado, comparável à do Paraná, e que, como todas as outras, se desenvolveu muito bem.

**A filial nº 5: Belo Horizonte,
Minas Gerais (22 fev. 2013)**

Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, é um Estado de quase 40 milhões de habitantes e que, durante o domínio português, fornecia principalmente ouro aos governantes. Hoje, esse Estado é particularmente importante para a economia brasileira, com a mineração de minério de ferro. Devido à sua população relativamente densa, este mercado também é muito interessante para a nossa atividade.

**A filial nº 6: Florianópolis,
Santa Catarina (23 jul. 2013)**

Como Florianópolis fica a apenas 300 quilômetros de Curitiba, eu estive pessoalmente muito envolvido na preparação e no estabelecimento desta filial. Embora o Estado de Santa Catarina seja relativamente pequeno, com apenas 6,7 milhões de habitantes, é um estado economicamente





bem desenvolvido. Depois que os portugueses se estabeleceram na costa, sobretudo na Ilha de Santa Catarina, este estado passou por uma imigração muito forte de alemães, suíços e austríacos, além de italianos a partir de 1827-29. Esta filial também se desenvolveu bem desde então e está em constante crescimento.

A filial nº 7: Brasília (Capital Federal) (20 out. 2014)

Esta cidade está localizada no centro do Brasil. Brasília, capital do país desde 1960, tornou-se importante para nós, já que o governo federal e tudo o que está relacionado a ele está lá, bem como muitos novos hospitais. Também esta filial se desenvolveu muito bem nesse meio tempo.

A filial nº 8: Ribeirão Preto, São Paulo (início de 2020)

Ribeirão Preto, no interior do Estado de São Paulo, está localizada a 314 quilômetros da capital. Possui uma importante universidade de medicina e uma população de mais de setecentos mil habitantes! Decidimos abrir uma filial lá, devido à sua grande distância da cidade de São Paulo e à necessidade de entrega imediata dos nossos produtos.

A filial nº 9: Salvador, Bahia (início de 2020)

Outra filial, de número 9, foi aberta em Salvador, no Estado da Bahia, no início de 2020, para atender a uma população de 14,8 milhões. Somente a capital Salvador possui 2,86 milhões de habitantes. Também ali esperamos ter muito sucesso.





130. Os três Vice-Presidentes de E. Tamussino, 2019.



131. Encontro dos gerentes dos departamentos das filiais, em Curitiba: pode-se reconhecer, além de mim, Michaela que é a quinta do meu lado direito (ca. 2010).





Com essas duas novas filiais, cobrimos cerca de 70% da área total do Brasil, mas cerca de 90% da população, pois, como mencionado, a Região Amazônica e o Norte do país são escassamente povoados.

Feliz e bem!

Falta futuramente abrir uma filial no oeste do Brasil para cobrir os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Aqui está uma foto de um encontro dos gerentes das nossas filiais. É um grupo que, não apenas é feliz, mas que também trabalha bem em equipe.

Hoje, estamos em 2020 e meu filho e minhas filhas se tornaram Vice-Presidentes da empresa. Transferi minhas ações para os três e agora recebo apenas como usufrutário a minha renda. Sou também Presidente do Conselho Familiar da Empresa. É muito gratificante que eles se entendam tão bem e que trabalhem tão bem juntos.








13

A Schlaraffia®
e a AMIG




1858
WURDE IN PRAG
DIE HEUTE WELTWEITE VEREINIGUNG
SCHLARAFFIA
GEGRÜNDET MIT DEM ZIEL,
KUNST, HUMOR UND FREUNDSCHAFT
ZU PFLEGEN. AN DIESER STELLE
BEFAND SICH BIS ZUR DAMALS
ERZWUNGENEN AUFLÖSUNG
IM JAHRE 1909 DIE BURG DER
ALLMUTTER PRAGA,
DEREN PFORTE DER NACHWELT
ERHALTEN BLEIBEN MÖGE.

I. P. 1909
BYL V PRAZE ZALOZEN SPOLEK
SCHLARAFFIA,
JEHOZ SMYSLEM BYLO KULTIVOVAT
UMENI, HUMOR A PRATELSTVI
JEHO PUSOBNOST
JE DNES CELOSVETOVA,
NA TOMTO MISTE STAVALO
AZ DO VYNUCENEHO ZRUSENI
ROKU 1939 JEHO PRAZSKE SIDLO
BRANA JEHO BUDĚ ZACHOVANA
GENERACIM BUDOUCIM.





13. A Schlaraffia® e a AMIG

Mas não é apenas o trabalho que traz satisfação. O homem não vive apenas de pão. Amigos são muito importantes na vida.

Como relatado, desde 1985 entrei na Schlaraffia® no Rio, um grupo de homens de língua alemã – mulheres só podem participar uma vez ao ano – o que me trouxe muita alegria e amigos. É uma associação fundada em Praga em 1859, dedicada à arte, à cultura, à música, ao humor e à amizade, e onde não se pode falar de política, religião e negócios.



132. Vista de Praga com o castelo Hradshin (símbolo da cidade), ao fundo, sobre a colina.





Em Praga, cidade que significa tanto para mim, foi fundada em 1859 a Schlaraffia®.

O que é a Schlaraffia®?

É difícil explicar a Schlaraffia® em poucas palavras. Ela foi fundada em 10 de outubro de 1859, em Praga, por um grupo de atores de teatro liderados pelo então diretor do Deutsches Theater zu Prag, Franz Tomé, e pelo cantor de ópera Albert Eilers. A ideia básica era formar um grupo de pessoas que compartilhassem pensamentos afins, que se mostrassem rebeldes em relação à "aristocracia" nos círculos da arte, terminando por inventar um tipo de brincadeira na qual fosse exposta e ridicularizada toda a sua arrogância.

O primeiro passo foi retroceder no tempo em pelo menos quinhentos anos, ou seja, para a época da cavalaria e da Idade Média. Mais tarde, o calendário foi alterado, sendo que a contagem começa agora no ano em que a Schlaraffia® foi fundada: o "ano Uhu" 1 é igual ao ano de 1859; assim, hoje estamos no a.U. 161. E, assim como na Idade Média, se entra na Schlaraffia® como escudeiro de armas (*Knappe*), isto depois de passar por um período de testes de cerca de dois meses como peregrino e em experiência (*Pilger und Prüfling*). Após cerca de um ano e da realização de um exame, se é elevado a escudeiro (*Junker*); e, depois de outro ano ou mais e de mais outro exame, se pode ser elevado a cavaleiro (*Ritter*). Este é o nível mais alto da Schlaraffia®, mas também carrega muitas obrigações, já que só então se é admitido para ocupar certos cargos ou, mesmo, ou ser designado para assumi-los.

Apesar dos tempos modernos de hoje, a Schlaraffia® tem atualmente cerca de dez mil membros em todo o mundo e ainda traz alegria às suas vidas.





Como é fundado um novo Reino?

Para fundar um novo Reino (Povoação), é necessário o seguinte:

1. Pelo menos dois cavaleiros de um Reino distante se estabelecem em uma cidade onde ainda não há um Reino da Schlaraffia (cidade das trevas UHU).

2. Os dois cavaleiros procuram homens de língua alemã entre os residentes que possam se entusiasmar pela ideia de Schlaraffia® e fundam uma Mesa de Reuniões - uma espécie de „Mesa de Honra“ da Schlaraffia.

3. Assim que um grupo de pelo menos dez a doze membros passa a se reunir ao redor dessa Mesa de Reuniões, os fundadores pedem ao seu Reino-Mãe, isto é, ao Reino onde eles mesmos se tornaram Schlaraffen, ou “Schlaraffianos”, é quando obtém sua designação como Acampamento.

4. Depois de aprovada, continua a busca por membros. Assim que o número mínimo atingir dezoito integrantes, estes „cavaleiros fundadores“ solicitam ao seu Reino-Mãe a admissão oficial na Schlaraffia®.

5. Isso tudo precisa ser reportado ao Conselho Mundial da Allschlaraffia®, em Berna, na Suíça, e aprovado em uma reunião desse Conselho. Na sequência a esta aprovação, é definida uma data de fundação da Colônia.

6. Como última etapa, acontece a fundação da Colônia (no nosso caso, escolhemos o nome "Curitibana") pelo Conselho da Allschlaraffia®, cujos componentes comparecem em sua quase totalidade para esta celebração, pois se trata de um evento importante, inclusive para a organização. Na época da fundação da Curitibana, no a.U. 137 (1996), todos os quinze membros do Conselho da Allschlaraffia® estiveram presentes em Curitiba. Recebemos, então, o número de Reino 414.

7. Depois de pouco mais de um ano como Colônia, esta pode ser elevada à categoria de Reino.

8. Após dez anos como Reino, o mais proeminente membro de todo o





Reino - o Oberschlaraffe - recebe a AHA¹⁶ que é o símbolo da Schlaraffia – um UHU (uma coruja, símbolo da inteligência).

Esta é, em poucas palavras, a descrição de como surge um reino da Schlaraffia.

A fundação da Schlaraffia Curitibana (1994)

Quando já morávamos em Curitiba havia meio ano, Helga me perguntou, certo dia: "Diga,-me, o que há de errado com você, afinal? Você anda tão nervoso e tenso...". Depois de pensar um pouco, ela mesma – obviamente já tendo refletido sobre o meu caso – concluiu: "Sei o que está te faltando, está te faltando a Schlaraffia!".

Além disso, eu soube, através dos relatos do meu irmão, Ingo, que meu avô, o Barão Ladislaus Julius von Poschenburg-Okròtny, também havia sido um Schlaraffe. Isso, junto com o que Helga quis dizer, me inspirou a fundar uma filial da Schlaraffia® em Curitiba. Dito e feito! Tive que admitir para mim mesmo e para Helga que ela estava certa em seu diagnóstico.

A partir de então, passei a procurar pessoas afins, em Curitiba, para dar início a uma Mesa de Reuniões, o que aconteceu antes do final de 1993.



133. Logomarca da Schlaraffia Curitibana.





A logomarca da Schlaraffia Curitibana mostra à esquerda o Cavaleiro, ao centro o nome e o número do Reino e à direita o seu brasão. Sobre este brasão vemos o UHU, uma coruja. Atravessam-no as armas do Cavaleiro, isto é, a espada e a flexa. Na sua parte superior há uma Araucária (árvore símbolo de Curitiba) com outra coruja sentada num dos seus galhos sobre um fundo azul. Na parte inferior, sobre um fundo vermelho, veem-se um alaúde (instrumento dos trovadores), um elmo e o brasão do Reino Original de Praga (amarelo e azul escuro).

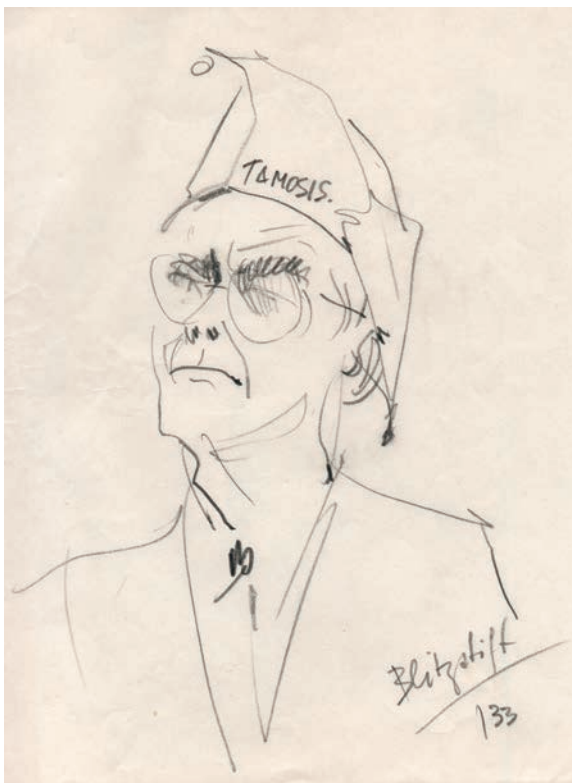
Levaria ainda um ano até que essa Mesa de Reuniões se transformasse em um Acampamento, com dez ou doze membros; e mais dois anos até que fosse aceita como Colônia, em 1996, com dezoito membros; e mais um ano, para que fosse aceita oficialmente como Reino nº 414, na Associação Schlaraffia®. Desde então, tivemos momentos maravilhosos. O número de nossos integrantes aumentou de zero para cerca de quarenta membros ou Confrades – Sassen - , como designamos a nós mesmos. Os fundadores do nosso Reino Curitibana 414 foram o Cavaleiro Ranchero, o Alegre Franke, cujo nome profano era Georg Bussinger, que acabou vindo até nós originalmente dos EUA, via Londrina, e eu, o Cavaleiro Tamosis, o Semelhante a um E.T. Não perco por nada estas duas a três horas em que nos encontramos uma vez por semana. Entre os anos de 2002 e 2007, fui eleito Líder da Associação Regional da América Latina da Allschlaraffia® (Schlaraffia® Mundial) e, por cinco anos, dirigi os rumos da Schlaraffia® na América do Sul.

Quando, no ano profano de 2009 (a.U. 145), um novo representante da Associação Regional da América Latina foi procurado pelo Conselho Allschlaraffia® (ASR) em Berna, eu, Rt. Tamosis, me candidatei e fui eleito por unanimidade para o período de cinco anos. Meu período como ASR foi de 2004 a 2009 (a.U. 145 a 150). Meu trabalho era cuidar dos nove Reinos na América Latina que eram: Caracas, Bogotá (que nesse meio tempo fechou), Quito, Buenos Aires (havia dois Reinos em Buenos Aires, dos quais um foi fechado), Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba.





134. Cavaleiro Tamosis como "Oberschlaraffe", no Conselho da Allschlaraffia® em 2009, com o UHU pendurado ao pescoço por uma fita vermelha.



135. Uma caricatura do Cavaleiro Tamosis, desenhado pelo Cavaleiro Blitzstift.





A Allschlaraffia® é a organização da Schlaraffia® em termos globais e une as cinco associações nacionais: Alemanha, Áustria, Suíça, América do Norte e América do Sul. A sede fica em Berna, na Suíça. Esse foi igualmente um trabalho interessante, que exigia que eu fosse à assembleia geral das cinco associações duas vezes por ano. Uma foi realizada na América do Norte, uma na América do Sul e as demais na Europa. Agora sou de novo um membro bem normal da Schlaraffia®, da qual faço parte há mais de trinta e três anos, dos quais vinte em Curitiba. Na Schlaraffia®, brincamos que, como muitos dizem: "A criança dentro de nós ressurgue quando nos encontramos em reuniões". Ou como muitos dizem: "Você não precisa ser louco para se tornar um Schlaraffe, mas isso ajuda"!



136. Placa comemorativa da fundação da Schlaraffia® (Praga, 1859), com texto em alemão e tcheco.





A seguir, uma foto da visita a Praga, em 2009, em frente à placa do lugar em que a Schlaraffia® foi fundada, em 1859, com o portão original do então antigo castelo.

Em 1938, a Associação Schlaraffia®, com sede em Praga, foi banida pelo Governo Nacional Socialista da Alemanha. Por esse motivo, ainda antes da intervenção do governo, a Associação de Praga transportou seus documentos e objetos mais importantes de lá para Berna, onde a nova sede da Allschlaraffia® existe até hoje. A casa e o castelo foram posteriormente demolidos e apenas o portão de ferro (veja a foto) foi redescoberto e embutido no seu antigo lugar na parede do prédio atual, com uma inscrição bilíngue sobre a Schlaraffia®.



137. Ekkehart ao lado da placa comemorativa da Schlaraffia®, e em frente ao Portão de entrada – preservado - em Praga, onde a Schlaraffia foi criada, em 1859, e onde havia sido instalada a sede do Reino Original da Schlaraffia.





Der Schlaraffen Zeitungen



Die Redaktion wünscht
eine heitere Sommerung!

Ostermond a. U. 139

126. Jahrgang · Numero 4

16. April 1998

Sanktions-Feyer am 9. des
Wonnemondes a. U. 139:

Curitibana

Uhus jüngstes Nest unter dem
Wendekreis des Steinbocks



Wie ein großes, helles Licht auf dunkelgrünem Lüster – so senkt sich allabendlich die Sonne über den breiten Wipeln der Araukarien nieder. „Core-e-tyba“ nannten einst die Eingeborenen die dichten Nadelbaumwälder auf der 930 m über dem Meer gelegenen Hochebene, acht Tageswanderungen südlich von Sao Paulo. Daraus entstand, als sie von Europäern besiedelt wurde, „Curitiba“, der heutige Name der Stadt.

Zuerst waren es Goldsucher und Abenteurer, die vergeblich nach dem edlen Metall schürften; dann wurde das Dorf Curityba zum Umschlagsort für Viehherden und für die auf Maulesel-Rücken vom Seehafen Paranagua heraufgeschafften Waren aus Europa.

Im Laufe von drei Jahrhunderten siedelten sich Einwanderer aus aller Welt auf der Hochebene an – hauptsächlich aus Portugal und Spanien, aber im letzten Jahrhundert auch aus Deutschland, Italien, Polen, der Ukraine und aus vielen anderen Ländern. Das etwa hundert Kilometer vom Meer entfernte Hochland bot vornehmlich den Einwanderern aus Nord- und Zentraleuropa ein gemäßigtes Klima und einen fruchtbaren Boden, auf dem sie ihre vertraute Landwirtschaft betreiben konnten.

Sehr bald begannen hauptsächlich deutsche Einwanderer und deren Nachkommen, Industrie und Handel aufzubauen, damit teure Importgüter nun vor Ort hergestellt und vermarktet werden konnten. Mit dem Wohlstand wuchsen die deutschstämmigen Bewohner auf die stattliche Zahl von 400 000 an.

1853 wurde Curitiba zur Hauptstadt des damals jüngsten brasilianischen Bundestaates Paraná und damit auch bevorzugter Ansiedlungsort für moderne Industrien. Heute ist Curitiba eine wohlhabende Handels- und Industriestadt, die unter anderem auch mehreren Tochtergesellschaften namhafter deutscher Unternehmen als Standort dient.

Ideale Bedingungen also, um über den grünen Araukarien auch Uhus Licht leuchten zu lassen! A. U. 135 gründeten die Ritter Tamosis der E. T. ähnliche (331) und Ranchero der fröhliche Franke (302) einen Stammtisch, der schon am 14. 9. 137 zur Colonie erhoben wurde und nun am 9. des Wonnemondes als Reich 414 „Curitibana“ seine Sanktionsfeyer erleben soll – im Kreise vieler Freunde aus dem ganzen Uhuversum.

Ingraban

138. Criação e admissão da Schlaraffia Curitibana na Associação Mundial Allschlaraffia®, 1998.





139. Reunião da Associação dos Países-Membros da Schlaraffia® da América Latina, em Curitiba, ca. 2015.



140. O coro dos meninos da Curitibaana canta!



141. Disputa entre os Reinos Curitibaana e Bonaerensis (Buenos Aires), tema: campeonato mundial de futebol. Eu sou o Pelé, quase irreconhecível.





Desde a fundação da Mesa de Reuniões da Schlaraffia® Curitibana em 1994, da sua promoção a Acampamento em 1995, da sua fundação como Colônia em 1997 e sua elevação a Reino em 1998, muitos novos membros aderiram a estes ideais e chegaram até nós, onde todos se integraram e se tornaram verdadeiros amigos.

Associação Pró-Memória da Imigração Germânica, AMIG (2008)

Quando Helga e eu saímos novamente de férias para o Chile e viajamos pelo sul desse país maravilhoso, notei que em praticamente toda a cidade menor ou maior do sul do país existe um museu referente à sua fundação e quase sempre remontam aos imigrantes de língua alemã e suas histórias.

Desde que descobri, depois de viver em Curitiba por mais de 27 anos, a grande quantidade de famílias que têm antepassados de língua alemã, me surgiu um pensamento: "E por que não há aqui um museu ou pelo menos uma associação que se ocupe da história dos imigrantes?". Um grupo de Schlaraffianos acatou esta minha ideia, de fundar uma associação que pesquise a história de imigrantes de língua alemã e, se possível, um dia possa construir um museu com muitos relatos, objetos, materiais, fotos, quadros, etc.



142. Logomarca da AMIG, com as cores das bandeiras brasileira e alemã, idealizada pelo associado Romeu Rössler Telma.





Na sequência, juntamente com um grupo de oito curitibanos, foi fundada, em 2008, a **Associação Pró-Memória da Imigração Germânica, AMIG**. Eles mesmos, descendentes de alemães, austríacos e suíços buscam aprofundar e analisar as histórias dos imigrantes e procuram registrá-las e preservá-las para a posteridade.

A seguir, alguns amigos e co-fundadores da AMIG em uma agradável reunião social.

Meu maior objetivo é, oportunamente, encontrar uma casa antiga onde possamos montar um Museu de Imigrantes de Língua Alemã. Um dia até mesmo isso ainda será possível. Nós, os fundadores da AMIG somos oito amigos: Ekkehart H. G. Tamussino (Presidente), Romeu Rössler Telma (Vice-Presidente), Ulf Gregor Baranov (Diretor Científico), Carlos Werner Ribeiro Horwitz (Diretor Financeiro e Administrativo) e Ingo Heinrich Hübert (Diretor de Patrimônio), os quais apoiaram minha ideia.



143. Um encontro entre amigos da Schlaraffia® no castelo-morada do Rt. Tamosis (Ekkehart Tamussino), cada um com um charuto na mão. Da esq. para a dir.: os Cavaleiros Ingraban, Biblorum, Edel-Quell, Astral, Chant-y-ly e Tamosis, ca. 2013. Entre eles estão alguns co-fundadores ou membros da AMIG, ca. 2013.





Com novos membros, esperamos um dia expandir e concretizar esse ideal.

Atualmente, estamos coletando documentos, biografias, livros de história e outros materiais relativos aos imigrantes de língua alemã. Em 2019, o Estado do Paraná comemorou cento e noventa anos da história da imigração alemã. Nestes doze anos, já realizamos vários eventos em nome da AMIG, como, por exemplo, uma exposição sobre a vida de Fritz Müller (biólogo), concertos como o da Schlaraffisches Symphonie Orchester e da Langenhagener Blasorchester e, mais recentemente, uma exposição sobre a viagem para o Brasil dos naturalistas bávaros Johann Baptist von Spix (zoológico) e Carl Friedrich Philipp von Martius (biólogo).

A Associação Pró-Memória da Imigração Germânica (AMIGBrasil), através da sua diretoria, tem a honra de convidá-lo (a) para a exposição itinerante

200 ANOS DA VIAGEM DE *Spix e Martius* PELO BRASIL

Local:
Clube Curitibano
Espaço Cultural Presidente David Carneiro
Av. Presidente Getúlio Vargas, 2857
Água Verde, Curitiba, PR

Visitação:
De 23 de outubro a 20 de novembro de 2019
Diariamente, das 11h às 20h

Curadoria:
Profª. Dra. Karen Macknow Lisboa
Prof. Dr. Willi Bolle

Esta exposição foi gentilmente cedida pelo Instituto Martius-Staden de São Paulo

APÓIO:

REALIZAÇÃO:

144. Convite para a abertura da exposição "200 anos da viagem de Spix e Martius pelo Brasil", 2019.





Por meio desses eventos, conseguimos atrair a bastante dispersa colônia de língua alemã e receber alguns dos seus integrantes como membros. Ao fazer isso, esperamos que não se percam as muitas das histórias dos imigrantes. É surpreendente que alguns membros tenham reencontrado antigos amigos e conhecidos por nosso intermédio.



145. Programa do Concerto Beneficente da Orquestra Allschlaraffen, em abril de 2011, em Curitiba.





14

**Outros acontecimentos,
um olhar para o futuro**





14. Outros acontecimentos, um olhar para o futuro

Logo que o ano de 2016 acabou, e havia sido um ano muito movimentado, aconteceu o seguinte: em março, Helga e eu voamos com meu grupo de amigos jogadores de tênis, do Clube Duque de Caxias, para os EUA para assistir ao Miami Open. Logo que voltamos, depois do meu primeiro dia de trabalho, Helga de repente comentou: "Você está falando meio estranho...!" e eu disse: "Sim, também não consigo manter minha saliva na boca". Ela olhou para mim e notou: "Sua boca está torta"! Em seguida, medimos minha pressão arterial e descobrimos que ela havia aumentado para dezenove por dez (meu normal era sempre doze por oito).

Imediatamente nos dirigimos para o hospital – já eram cerca de 8h da noite. Lá, além de vários exames, foi feita uma tomografia e foram diagnosticados dois tumores no lado direito da minha cabeça. O neurocirurgião de plantão queria marcar uma cirurgia para o dia seguinte. Mas Helga ligou imediatamente para minha filha Tatiana, que estava justamente em São Paulo para uma conferência médica com seu marido, o Dr. Marcelo, e recebeu a resposta: "Espere até amanhã, eu vou já para aí". Tatiana conversou com o marido que, por sua vez, ficou de entrar em contato com o Cirurgião em Curitiba, o que fez logo em seguida e recebeu os exames pelo celular. Após isso, iniciou os preparativos para realização da cirurgia no Rio. Na manhã seguinte, Tatiana apareceu no hospital





em Curitiba, já munida das passagens e ordenou a nossa transferência para o Rio.

Chegando lá fomos direto para o Hospital Samaritano, onde meu genro Dr. Marcelo Ferreira e seu amigo e colega, o neurocirurgião Dr. Gustavo Adolpho de Carvalho, nos receberam. Fui direto para a tomografia e para a ressonância magnética, que confirmaram o diagnóstico de dois tumores no lado direito interno da cabeça. E foi agendada uma cirurgia para dois dias depois.

Felizmente, tudo correu conforme o planejado e a biópsia mostrou que se tratava de um melanoma. Então, veio um especialista (também amigo de Marcelo) Dr. Carlos Gil Ferreira, oncologista, que me disse que este era um tumor muito perigoso, mas que havia um novo método de tratamento: a imunoterapia. O medicamento, Nivolumabe, já havia sido aprovado pela autoridade sanitária no Brasil, a ANVISA, mas ainda não estava disponível no mercado brasileiro, o que poderia levar algumas semanas. Como alternativa, ele me ofereceu uma importação direta desse medicamento, de Berlim via Lisboa, o que aceitei imediatamente. Isso garantiu as oito primeiras infusões. Posteriormente, foi possível obter o medicamento no Brasil. Recebi uma dessas infusões a cada duas semanas, no Rio, e todos esperávamos que o tratamento pudesse estar concluído até abril de 2017.

Após a operação, tive que passar por outra cirurgia três dias depois, por causa de uma trombose que se havia formado na perna direita. A descoberta de que algo estava errado com minha perna devo também à Helga, que percebeu isso e imediatamente informou ao Dr. Marcelo. Ele introduziu um filtro de sangue e um stent na veia cava e, assim, esse perigo foi eliminado. Como consequência, fiquei dez dias no hospital. Cerca de três meses depois, quando recebi uma nova infusão daquele medicamento, no Rio, fiquei tonto à noite e meu lado esquerdo ficou dormente. Depois que eu – erroneamente – esperei passar a noite, tive que ser internado novamente, pois tratava-se de um leve Acidente Vascular Cerebral, AVC, e agora eu tinha que ser tratado disso.





Para minha sorte, foi um AVC leve e, depois de fisioterapia intensiva e anticoagulantes, estou totalmente recuperado. Nesse meio tempo, retomei meu ritmo normal: jogo tênis duas ou três vezes por semana e vou ao escritório todos os dias. Terminei a série de infusões em meados de 2017 e, desde então, faço um check-up a cada três meses, todos até agora negativos.

Nossa vida em Curitiba

Nossa vida em Curitiba se tornou muito tranquila, porque meu trabalho para a empresa E. Tamussino é cada vez menos necessário e se limita mais à consultoria e ao monitoramento dos resultados gerais. Uma vez por mês, viajo para o Rio, onde realizamos a reunião mensal da nossa Diretoria, para nos dedicarmos ao planejamento e à discussão de questões em aberto. Além disso, viajo, se possível, uma vez por ano, para cada uma das filiais, para verificar se tudo está indo bem.

Agora Helga e eu temos mais tempo para viajar, principalmente depois que nossos dois cães, Pucky e Oswaldo Alfredo, morreram há alguns anos. Nesse meio tempo, adquirimos dois novos amigos de quatro patas: dois Dachshunde, eles são irmãos e chamam-se Willibald-Cornelius e Scarlett-Olivia. Foi Micky quem escolheu esses nomes – e como poderia ser diferente? Mas quando viajamos, os dois vão para um hotel de cães, onde se sentem muito confortáveis.

Embora a empresa já seja administrada por Stefan, Tatiana e Michaela, faço ainda algumas viagens para visitar nossos contatos na Europa e nos EUA, bem como para atender a eventos da Schlaraffia®, como por exemplo, em Berna em 2019, por ocasião das comemorações do 160º aniversário de fundação desta Associação Mundial.

Como sempre, a cada dois anos, visitamos a Medica, a maior exposição de produtos e aparelhos médicos do mundo. Antes eu ia sozinho, mas agora meus filhos Stefan, Tatiana e Michaela se alternam para me acompanhar.





Por ocasião destas exposições, eu pude fazer novos contatos e depois obtive novas representações para o Brasil. Do mesmo modo, participei por mais de vinte e cinco anos do Congresso Norte-Americano de Radiologia, o RSNA, em Chicago e, como resultado, tenho sido representante da COOK Inc. e da MEDRAD para todo o Brasil desde 1975.

Apenas alguns anos depois que eu saí da MEDRAD, em 2002, a E. Tamussino cresceu a tal ponto que nós três proprietários (Michaela ingressou apenas em 1998) pudemos ter um pró-labore adequado. Hoje, cada um de nós quatro tem 25% das ações e todos estamos indo muito bem. Como mencionado, cerca de três anos atrás, transferei minha parte para os meus três filhos com cláusula de "usufruto" vitalício para mim e para Helga.

Ao mesmo tempo, nós quatro participantes da E. Tamussino & Cia. Ltda. fundamos uma holding com o nome **Poschenburg**, que recebeu e gerencia todas as propriedades da empresa e também as minhas pessoais. Os recursos provenientes das propriedades da empresa, como aluguéis e receitas de vendas, bem como os aluguéis e recursos provenientes de meus imóveis, vão para a holding e são distribuídos aos proprietários. Fundei uma segunda holding chamada **Helgoland** para Helga e Michaela, na qual estão ancoradas suas propriedades e através da qual os aluguéis são recebidos e pagos. Eu mesmo administro isso e minhas ações na empresa Poschenburg. O motivo da criação dessas duas holdings é puramente uma questão fiscal.

Em 2019, comemoramos o 60º aniversário da fundação da nossa empresa E. Tamussino & Cia. Ltda. Durante todo esse tempo, foi a linha COOK, com a qual trabalhamos desde 1975, que nos ajudou a alcançar até hoje um enorme crescimento. Dos então talvez vinte ou vinte e cinco funcionários, crescemos para mais de quatrocentos, comercializamos de três a quatro mil diferentes produtos COOK e, como mencionado, temos filiais em São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte,





Brasília, Florianópolis, Ribeirão Preto e Salvador, além da nossa sede no Rio de Janeiro. Se eu tivesse cedido ao pedido do Sr. Gomma, a empresa E. Tamussino talvez não existisse mais ou, certamente, teria tomado um rumo diferente.

Minha alegria maior

Minha maior alegria é minha família. Durante todo esse tempo ela cresceu, embora eu tenha que mencionar que sou o único de nós, três irmãos, (Ingo, Ilonka e eu) que tenho descendentes.



146. Ekkehart e Helga em uma viagem de férias no norte da Itália (Tirol do Sul).





147. Meus três filhos e eu. Da esq. para a dir.: Stefan, Michaela, eu e Tatiana.

Minha vida com Helga, desde 1979, só tem coisas positivas a mostrar e, como diz o ditado: "Há uma mulher forte por trás de todo homem de sucesso". Eu posso confirmar isso em todos os aspectos.

A família Ekkehart Tamussino é composta por Ekkehart e Helga, três filhos, seus cônjuges e, até o momento, quatro netos.

Stefan, Renata, João Viktor e Beatriz

Stefan Viktor Thomas Tamussino se casou em 17 de outubro de 1996, no Rio de Janeiro, com sua namorada de longa data, **Renata Bompert**, que vem de uma família antiga do Estado do Piauí.

Ainda me lembro muito bem da grande alegria que tive quando Helga, eu e Michaela estávamos viajando de barco de Passau a Budapeste, em 2004, e paramos em Viena por um dia. Queríamos aproveitar bem o tempo e explorar Viena, porque nem Helga nem Michaela conheciam a cidade.





No caminho para o metrô, meu telefone tocou (naquela época já havia telefones celulares). Era Stefan, que ligou para dizer que seu primeiro filho, meu neto, havia nascido, em 13 de outubro de 2004, no Rio de Janeiro, com o nome de **João Viktor Bompét Tamussino**. Nossa alegria foi incomensuravelmente grande e comemoramos esse evento à noite, no navio.



148. Família Stefan Tamussino no Rio: Renata e Stefan com os filhos Beatriz (Bia) e João Viktor.





149. João Viktor,
o velejador.



150. Beatriz, com
seu novo teclado.





Quando pegamos o metrô do porto para o centro da cidade e descemos na estação Stefansdom, a primeira coisa que vimos foi uma placa em um canteiro de obras com o nome **Empresa Thomas Tamussino**, que havia sido fundada por meu bisavô. Fiquei muito orgulhoso em mostrar a Helga e a Michaela que o nome Tamussino também é conhecido em Viena.

João Viktor tem agora quinze anos e é um velejador entusiasmado, seu esporte favorito, está na categoria 420, um miniveleiro com três velas, muito parecido com os veleiros oceânicos que conhecemos, mas também é um muito bom aluno. Neste ano de 2020, ele já está no Ensino Médio.

A filha de Stefan e Renata, **Beatriz Bompét Tamussino**, nasceu em 5 de julho de 2012, no Estado do Piauí, onde vive a família de Renata. Ambos queriam uma filha havia muito tempo e, com o nascimento de Beatriz – nós a chamamos Bia –, esse desejo se tornou realidade. Ela já tem sete anos e é uma alegria para a família. Mostra muito interesse pela música e acaba de ganhar um teclado.

Stefan e sua família se desenvolveram maravilhosamente. Ele e Renata são excelentes pais e garantem uma vida familiar harmoniosa.

Tatiana, Marcelo, Rodrigo e Thiago

Tatiana Tamussino Ferreira e Marcelo Ferreira se encontraram há treze anos e agora formam uma família extremamente feliz e harmoniosa.

Quando Tatiana se mudou para São Paulo para organizar e gerenciar as vendas em nossa filial, nasceu seu primeiro filho (meu primeiro neto), **Rodrigo Tamussino Roll**, filho de Sérgio Roll, em 24 de janeiro de 1998, em São Paulo. Rodrigo tem agora vinte e dois anos, atualmente estuda Direito na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, e é um entusiasmado cavaleiro. Participou de vários torneios de salto, até o início da faculdade, e já conquistou algumas medalhas.

Em 29 de setembro de 2007, Tatiana se casou, pela segunda vez, no Rio, com o **Dr. Marcelo Ferreira**, cirurgião cardio-vascular. Este é um





casamento muito feliz. Tatiana sempre gostou muito de praticar esportes. Como adolescente, jogou vôlei por um longo tempo no Clube Botafogo. Hoje ela anda principalmente de bicicleta, as vezes com o marido Marcelo, as vezes sozinha ou ainda com um grupo de amigos. Além disso, Tatiana acompanha o marido em suas viagens profissionais como cirurgião a vários países.

Em 25 de março de 2009, no Rio de Janeiro, nasceu seu filho **Thiago Tamussino Ferreira**, agora com onze anos de idade, um garoto igualmente inteligente, atento e promissor. Ele também se interessa por esportes, atualmente por ciclismo, e já acompanha os pais.



151. Família de Tatiana Tamussino Ferreira de férias em Paris, 2019. Da esquerda para a direita: Rodrigo, Thiago, Tatiana e Marcelo.





152. Rodrigo, como seus bisavós Poschenburg-Okròtny, adora cavalgar.



153. Thiago, nosso ciclista.





Michaela e Bernardo

Nossa filha **Karen Michaela Tamussino Soares** mora desde 2016 com seu parceiro, **Bernardo Soares Silva** no Rio, depois de se mudar de seu apartamento em Ipanema para o Leblon. Ele nasceu em Recife e sua família é de Salgueiro, no Estado de Pernambuco. Bernardo estudou Engenharia Civil no Rio e, em 2018, fundou uma empresa na área de energia solar, a qual ele atualmente dirige.



154. Karen Michaela Tamussino Soares e Bernardo Soares em uma visita a Curitiba, 2018.





Estava nos planos deles se casar algum dia. Em 2017, Micky nos ligou de Natal (ela estava de férias por três dias) com a notícia de que eles estavam noivos. Que bom, ficamos todos muito felizes e agora estávamos ansiosos pelo casamento, que aconteceu no dia 27 de outubro de 2018, no Rio (Itaipava).

Quando ainda estava para encerrar minha narrativa, eu soube que minha filha Michaela estava esperando um filho. Ela estava no terceiro mês e já havia informado que seria um menino.

Agora, que esta versão em português está efetivamente sendo finalizada, posso incluir, com alegria redobrada, a notícia de que Mathias Tamussino Soares nasceu, aos 12 de Novembro de 2021, no Rio de Janeiro, e veio para conferir um fecho de ouro à minha narrativa, a qual, agora, posso considerar completa.



155. Karen Michaela Tamussino Soares, Bernardo Soares e o mais recente membro do clã: Mathias Tamussino Soares.





Este é mais um descendente da família Tamussino que está assegurado, embora ele ostente o nome de família Tamussino Soares, já que o nome de seu pai é Bernardo Soares.

De todo modo, segue adiante a saga dos Tamussino.

Toda a família Ekkehart Tamussino

No meu aniversário de 70 anos, em 2008, os três irmãos Ilonka, Ingo e eu estávamos, mais uma vez e depois de longo tempo, juntos, em Curitiba.

E dez anos depois, no meu aniversário de 80 anos, em 2018, tive o grande prazer de reunir toda a família em Curitiba. O único que faltava era o meu neto Rodrigo, que infelizmente estava fora do país.

Estavam conosco também minha irmã, Ilonka, e meu irmão, Ingo, e ainda a irmã de Helga, Dietgard Knorr e seu marido, Eugenio Carlos Knorr.

Foi uma grande experiência ver (quase) toda a minha família unida, o que me enche de muito orgulho. Nem todo mundo tem a sorte de ter uma família tão fantástica.



156. Os três irmãos Tamussino: Ekkehart, Ilonka e Ingo, por ocasião do meu aniversário de 70 anos em Curitiba, 2008.





156. Reunião de (quase) toda a família em Curitiba, em 2018. Da esq. para a dir.: Dr. Marcelo e Tatiana Ferreira, Stefan, Helga e Ekkehart Tamussino, Karen Michaela Tamussino Soares, Bernardo Soares e Renata Bompert Tamussino.



158. Por ocasião do meu 80º aniversário, em 2018: toda a família (faltava só Rodrigo). Da esq. para a dir.: Na frente: meus netos João Viktor, Thiago e Beatriz. Atrás: Ingo Tamussino, Helga Tamussino, Dr. Marcelo Ferreira e Tatiana Tamussino Ferreira, Ilonka Tamussino, Ekkehart Tamussino, Karen Michaela Tamussino Soares, Bernardo Soares, Renata Bompert, Stefan Viktor Thomas Tamussino, Dietgard Knorr e Eugenio Carlos Knorr.







15

Por quê o Brasil?





15. Por quê o Brasil?

No começo, era para ser apenas uma aventura viajar para o Brasil por um ano, para depois retornar à Europa e continuar meus estudos na Faculdade de Hotelaria de Lausanne – Administração Hoteleira – e, assim, prosseguir na minha formação para gerente de hotel.

Mas tudo aconteceu de maneira muito diferente.

Todos aqueles incidentes que ocorreram quando eu estava prestes a voltar – o acidente de carro, meu relacionamento com Vania e as circunstâncias que me fizeram adiar o retorno à Europa – foram uma "dica de cima" de que seria melhor eu permanecer no Brasil. Isso eu percebi muito mais tarde. Afinal, eu tinha apenas vinte e seis anos e, em muitos aspectos, ainda era inexperiente. Tudo o que aconteceu nesses quase sessenta anos em que estou no Brasil seria impossível inserir nesta história de vida. Isso renderia mais dois volumes.

Aqui fundei uma família nova e harmoniosa, construí uma empresa, tenho um casamento muito feliz e encontrei um novo lar. Também a Schlaraffia® e a AMIG contribuíram para o estabelecimento de muitas amizades.

Finalmente, tenho que reconhecer quanta sorte eu tive e ainda tenho, pelo fato de meus três filhos Stefan, Tatiana e Michaela, se interessarem desde o início pela empresa **E. Tamussino & Cia. Ltda.** e a administrarem





hoje perfeitamente, sem a minha intervenção. Agora tenho uma família feliz, plantei uma árvore e escrevi um livro! E, com isto, termino este relato.

Este registro

A ideia central deste escrito é a de manter viva a memória da família para aqueles que vierem depois de nós. Talvez, um dia, um dos meus filhos possa continuar esta história, para que os acontecimentos não sejam esquecidos. Em contraste com o fim não tão glorioso da história da família dos Poschenburg-Okròtny, espero que, um dia, algum dos meus descendentes a possa continuar, e assim, quem sabe, o "clã" Tamussino se espalhe pelo Brasil, cresça e se desenvolva cada vez mais.





Referências Bibliográficas

AGOSTINIS, Enrico. *Le anime e le pietre. Storie e virte di case e casate, di uomini e famiglie Piccolo grande zibaldone della villa di Culina in Cargna*. Milão: Sagep, 2001.

AGOSTINIS, Enrico. *Le anime e le pietre. Nuclei familiari, 1590-1900*. Milão: Sagep, 2001. CD.

GRIGNANI, L. *Cividale*. [?]: Tipografia G. Zavagna, 1868.

POSCHENBURG, Karl mp. Mjr.; POSCHENBURG, Viktor mp. Mjr.; POSCHENBURG, Ladislaus mp. Oberst. *Geschichte der Familie von Poschenburg-Okròtny*. Wien, 27. Sept. 1919. Handschrift. Von Hedwig Flora Maria Poschenburg-Okròtny Tamussino abgeschrieben.

RITTER HORMON über Ritter Attalus. Brief an Ekkehart Tamussino, erhalten am 10.12. ano Uhu 127 (profan 10. Dezember 1986).

SCHLARAFFIA, BADEN BEI WIEN. Dokument über Ladislaus Julius von Poschenburg-Okròtny als Schlaraffe. Aus einem alten Archiv der Schlaraffia in Baden bei Wien (Stammrolle Seite 205). Baden bei Wien.

STADTGEMEINDE MÖDLING. *Mödling, Landschaft, Kultur und Wirtschaft*. Herausgeber und Verleger: Stadtgemeinde Mödling, 1975.

SVOBODA, Johann. *Die Theresianische Militärakademie zu Wiener Neustadt und ihre Zöglinge von der Gründung der Anstalt bis auf unsere Tage*. Drei-Bändiges Werk. [?]: [?], [?].

TAMUSSINO, Ernst. *Erinnerungen*, Bonn, 1984.

TAMUSSINO, Fritz. *Kriegstagebuch 1914*. Handschrift. Von Ernst Tamussino abgeschrieben.

TAMUSSINO, Ingo. E-mail an Ekkehart Tamussino, 2019.

TAMUSSINO, Ursula. E-mail an Ekkehart Tamussino, 2019.

WALDNER, Ilse und Georg; KUCERA, Heide. *1100 Jahre Mödling – Die Geschichte einer Stadt*. Mödling: Stadtgemeinde Mödling, 2003.





ANEXO

Árvores Genealógicas das famílias
Poschenburg-Okròtny e Tamussino





PÁGINA ESPECIAL
COM 1 DOBRA

árvore genealógica
família
Poschenburg-Okròtny





VERSO DA PÁGINA ESPECIAL





PÁGINA ESPECIAL
COM 2 DOBRAS

árvore genealógica
família Tamussino





VERSO DA PÁGINA ESPECIAL







IMPRESSO EM
PAPEL AVENA 80 g/m²
400 EXEMPLARES

